ABEL GOMES

BRAZ PIRES

Subsidios para a História da
Colonização em Minas Gerais

PONGETTI

BRAZ PIRES

de

ABEL GOMES

"Não há dúvida, porém, que ao pintar o caráter altivo e generoso do seu heróico antepassado, Abel Gomes haja involuntariamente retratado suas próprias qualidades morais de espírito superior que foi. Quem conviveu íntimamente com o Autor dêste livro durante quarenta anos, como nós, não pode deixar de ver, nesse Braz Pires, a imagem e semelhança de Abel Gomes, embora realizando trabalho diferente do que nos legou seu talento biógrafo. Braz Pires foi um desbravador da mata virgem e um catequista; seu ilustre tetraneto foi moralista, educador, primoroso poeta. O primeiro deixou seu nome indelevelmente escrito num povoado de Minas Gerais; o segundo o tem em diversas instituições culturais, em obras de assistência social, em muitos lugares do país. Um semeou sôbre a terra virgem do sertão; o segundo edificou na alma sensível da juventude de sua pátria.

Na mocidade, Abel Gomes exerceu o magistério em Viçosa e Cataguazes, mas bem cêdo foi atacado de uma paralisia progressiva, nas pernas, que o forçou a abandonar a profissão e a recomeçar a vida de modo muito mais modesto, como alfaiate, com oficina em seu pró-

Ao meu filho Lauro,

Neste livro encontrarás a vida romanceada de nosso avoengo Braz Pires de Farinho e nossa avoenga Sebastiana Cardosa.

É o terceiro volume que publico êste ano e tenho mais quatro obras em preparação para aparecimento breve; mas sòmente "BRAZ PIRES" poderá te interessar presentemente. Os outros só te poderão interessar muito mais tarde, quando o teu espírito houver feito uma evolução muito maior.

Um abraço de teu pai.

18.10.51.

ABEL GOMES

BRAZ PIRES

Subsidios para a História da Colonização em Minas Gerais

1951
Irmãos PONGETTI — *Editores*
RIO DE JANEIRO

ABEL GOMES

Conta-se que os antigos finlandeses já possuíam longos poemas épicos que passavam de geração em geração, recitados pelos seus bardos à beira do fogo, em suas intermináveis noites de rigoroso inverno, antes de ser introduzida a escrita em seu país; e, mais tarde, muitos dêsses poemas foram colhidos da bôca do povo e publicados em livros.

Igualmente tôda a bela coleção de contos dos Irmãos Grimm foi colhida nos campos, dos lábios das velhas contadoras de histórias, embora analfabetas. Tais histórias passavam oralmente de geração em geração na antiga Germânia.

Também nas antigas fazendas do interior do Brasil, em noites de inverno, havia essas reuniões em volta do fogo, e os velhos contavam, com certa eloquência, as histórias de seu tempo e outras ouvidas dos antigos moradores do lugar.

Ésses contos orais formavam a tradição, a história viva de cada lugarejo. À custa de ouví-los repetidamente, muitas pessoas os aprendiam de cór e os passavam de geração a geração, transmitindo história, biografias, lendas, porque de tudo havia misturado naquela literatura.

A minha geração ainda alcançou restos dêsses hábitos na velha fazenda de meu avô.

Abel Gomes pertenceu à geração de meus pais e soube colher naqueles ambientes os dados para confecção dêste opulento livro que tenho a fortuna de passar às mãos dos meus contemporâneos, dezessete anos depois da morte do Autor.

Abel Gomes, tetraneto de Braz Pires de Farinho, nasceu no dia 30 de dezembro de 1877, em Conceição do Turvo que era então, como Braz Pires, um dos distritos

da cidade do Piranga. Passou a infância e a mocidade em convívio com pessoas que conheciam bem as tradições regionais. Em seu próprio lar era muito carinhosamente cultivada a memória de Braz Pires de Farinho, êsse ilustre desbravador do sertão, nosso antepassado, que se tornou uma figura semilendária, porque fundou uma colônia que se tornou um distrito e até hoje conserva o nome de seu bravo fundador.

Não há dúvida, porém, que ao pintar o caráter altivo e generoso do seu heróico antepassado, Abel Gomes haja involuntàriamente retratado suas próprias qualidades morais de espírito superior que foi. Quem conviveu intimamente com o Autor dêste livro durante quarenta anos, como nós, não pode deixar de ver, nesse Braz Pires, a imagem e semelhança de Abel Gomes, embora realizando trabalho diferente do que nos legou seu talento biógrafo. Braz Pires foi um desbravador da mata virgem e um catequista; seu ilustre tetraneto foi moralista, educador, primoroso poeta. O primeiro deixou seu nome indelèvelmente escrito num povoado de Minas Gerais; o segundo o tem em diversas instituições culturais, em obras de assistência social, em muitos lugares do país. Um semeou sôbre a terra virgem do sertão; o segundo edificou na alma sensível da juventude de sua pátria.

Na mocidade, Abel Gomes exerceu o magistério em Viçosa e Cataguazes, mas bem cêdo foi atacado de uma paralisia progressiva, nas pernas, que o forçou a abandonar a profissão e a recomeçar a vida de modo muito mais modesto, como alfaiate, com oficina em seu próprio lar, onde se locomovia numa cadeira provida de rodas.

Viveu paralítico durante os últimos trinta anos de sua utilíssima existência. A paralisia não o tornava menos util nem menos feliz: prestava relevantes serviços a quantos dêle necessitavam e vivia sempre alegre, numa roda de amigos muito dedicados que lhe frequentavam a casa, para os quais êle era orientador e conselheiro paternal, resolvendo inteligentemente todos os seus problemas, pelos quais tomava o máximo interêsse.

Não cursou escola superior; foi autodidata e adquiriu preciosos conhecimentos só no convívio constante com os livros. Possuía bem o português, o italiano, o francês e o

Esperanto. Dêste último idioma foi cultor e propagandista entusiasta.

Viveu solteiro, em companhia de uma irmã mais velha que lhe sobreviveu, e duma sobrinha, cujo marido era seu associado na alfaiataria.

Faleceu em 16 *de agôsto de* 1934, *deixando três livros inéditos: "A Felicidade", publicado em* 1940, *"Pérolas Ocultas", editado em* 1943, *e o presente volume, além de numerosos trabalhos em prosa e versos, publicados em jornais e revistas do Brasil e de Portugal, durante mais de trinta anos.*

ISMAEL GOMES BRAGA

Rio de Janeiro, 16-8-1951.

PREFÁCIO

Escrevendo esta narrativa, não me passava pela idéia o projeto de imprimi-la em forma de livro, mas apenas o de fazê-la publicar em qualquer dos jornais de que na ocasião eu fôsse colaborador.

Desde 1899, *isto é, há mais de trinta anos, até* 1930, *tenho colaborado, quase ininterruptamente, em diversos jornais do interior, nos municípios de Cataguazes, Ubá, Viçosa, Juiz de Fora e outros, e algumas vêzes em revistas do interior, do Rio de Janeiro e do Recife, sem ter jamais publicado livro algum, nem haver disto cogitado.*

Afeito à vida laboriosa de operário pobre, eu aproveitava, para a literatura e para o estudo de problemas da ocasião, os minutos, não numerosos, que me sobejavam do afanoso trabalho, e publicava uma parte de quanto escrevia, mas apenas na imprensa periódica, assim perdendo, com o desaparecimento dêsses impressos e dos originais, cêrca de 90 % *dos meus escritos em prosa, e mais de* 70 % *dos meus versos.*

Compondo ùltimamente a narrativa BRAZ PIRES, que eu projetava não perder, resolvi escrevê-la em cadernos de formato de livro, com o intuito de conservar o original, dêle tirando cópias em tiras para a imprensa periódica, e tencionava adquirir uma duzia de exemplares de cada número do jornal ou revista em que fôsse publicando, parceladamente, a narrativa, a fim de remeter essas publicações às pessoas que pela mesma narrativa mais se interessam.

Terminada esta, porém, tantos foram os pedidos que me vieram para que a fizesse imprimir em um livro, que eu me rendi aos desejos dêsses meus amigos e parentes, mau grado o receio, que sempre experimentei, de ver o meu nome no frontispício de um livro. (1)

---

(1) — Seja por êsse ou outros motivos, nenhum dos livros de Abel Gomes foi publicado durante sua vida. — *O Editor.*

Aqui está, portanto, o meu humilde trabalho.

Atirando-o à publicidade, absolutamente não temo a crítica, porque os profissionais das letras e os grandes sabedores, vendo-lhe na primeira página, como Autor, um nome desconhecido, não lerão êste insignificante trabalho, e porque os amadores da literatura, como os leitores que não comparticipam da VIDA VERTIGINOSA *dos grandes centros, compreendem quanto esfôrço é necessário a um operário pobre que alguma coisa quer produzir nos seus raros lazeres dedicados à literatura, e dirão:*

"Se é dever de todo cidadão dar à terra onde nasceu, na medida das próprias fôrças, uma prova do seu amor e do seu devotamento, o Autor dêste livro cumpriu o seu dever".

E eu não ambiciono maior elogio.

ABEL GOMES

I

O NOME

Não deveríamos dar a pessoa alguma o direito de dizer, como um estrangeiro já disse, que nós, os brasileiros, somos um povo sem patriotismo e habitamos um país sem história. Por diversas vêzes, verbalmente e pela imprensa periódica do interior, tenho censurado atos que dão motivos a assim sermos falsamente julgados.

A história do Brasil-colônia funde-se, por trezentos anos, na história de Portugal, e sessenta dêsses anos, em parte, na história da Espanha. Os nossos amigos e inimigos eram os amigos e inimigos da metrópole; as relações comerciais que poderíamos manter com o estrangeiro, como todos o sabem, sòmente poderiam existir por intermédio da metrópole. Mesmo assim, porém, nós temos, desde aquêles tempos, coisas inteiramente nossas em abono do nosso patriotismo.

Não me refiro ao patriotismo, dando a êste vocábulo a acepção vulgar. Ser patriota, como o vulgo o compreende, é crer a nossa terra superior às outras; é conspurcar, em nosso benefício, os direitos de outros povos; é pensar em guerras, em vitórias, no engrandecimento militar do país, e sonhá-lo tripudiando sôbre as riquezas alheias, destruindo vidas, aniquilando cidades, retardando civilizações.

Falo de patriotismo referindo-me à nobre emulação entre os filhos de um país em relação aos de outro, entre os próprios concidadãos, uns para com os outros, pelas conquistas da ciência, pelo progredir da instrução, no desenvolvimento das indústrias, no aformoseamento das cidades, no melhoramento e aumento da produção em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Ser patriota, penso, é amar o trabalho, o estudo, a liberdade, o pro-

gresso; é render culto à verdade, à razão e à justiça; é trabalhar pela grandeza da pátria sem desconhecer os direitos de outrem, e estendendo, sempre que for possível, mão amiga e protetora aos retardatários, sem distinção de raças nem de nacionalidades. Ser patriota é ainda desejar a pátria tão livre e tão bem governada, que no seu seio sintam-se tranquilos os filhos de tôdas as terras, para que também nessas terras possa um brasileiro penetrar como estando entre irmãos.

Ocorrem-me estas considerações, que procurei resumir quanto me foi possível, por estar em presença de mais um fato que demonstra falta de patriotismo. Êsses fatos, infelizmente, não são raros entre nós, e por vêzes os tenho já reprovado, na imprensa periódica, como atentados contra a história, e como frutos às vêzes de verdadeiros êrros administrativos, de uma visão errônea quanto ao passado e até quanto aos homens e às coisas da atualidade.

Refiro-me às mudanças de nomes de localidades; falo dos decretos que arrancam nomes que têm uma história, e que eram conservados com amor pela gratidão dos povos, substituindo-os tais decretos por nomes inexpressivos, sem nada de comum com tais lugares, nomes que o povo aceita tristemente, por obediência apenas, algumas vêzes por medo, e não raro com veementes protestos.

Reporto-me a um dêsses fatos de mudança de nome.

Lendo um número do órgão oficial do Estado, (1) deparou-se-me o nome *Rosário da Aliança* como o de um dos distritos do Piranga, município de que fazia parte, até poucos anos antes, também o distrito de Conceição do Turvo, (2) onde nasci.

O nome *Rosário da Aliança* é novo. Com êle *batisaram* o velho povoado e distrito de Braz Pires, que traziam o nome já quase bi-secular do seu fundador, do homem empreendedor e ousado que lutara, entre numerosos perigos, pela criação, alí, daquêle núcleo de lavoura e de comércio, tendo levado aos selvícolas a paz do trabalho honrado de que tanto necessitavam os habitantes primitivos destas terras, até então perseguidos como feras, e escravizados, iludidos, espancados, esbulhados nos seus direitos, e afinal mortos em grande parte, com tribos inteiras exterminadas, nessa clamorosa injustiça de dominadores nem sempre dirigidos pela consciência e pela religião verdadeira.

(1) — Compreenda-se, Estado de Minas Gerais, onde escrevia o Autor.

(2) — Presentemente Senador Firmino — *O Editor*.

Mas o fundador de Braz Pires tinha seguido uma norma de conduta bem diferente da dos antigos bandeirantes, e mais criteriosa e digna do que a da grande maioria dos conquistadores lusos da época.

O homem laborioso e digno que se chamou Braz Pires mereceu, portanto, a homenagem que o povo, agradecido e saudoso, prestou à sua memória, ligando o seu nome àquele lugar. E' o nome do fundador do povoado, isto é, do construtor dos primeiros prédios do local, do instalador das primeiras fazendas da zona, do benfeitor dos primitivos habitantes, do homem sob cuja direção ruiram, naquêle local, como nas circunvisinhanças, as inúmeras florestas seculares, abrigo, até então, de feras e de selvagens, e se construiram numerosas casas, e se organizaram lavouras, e se estenderam pontes, e se espalhou a confiança, prova inconcussa de que um povo caminha a passos rápidos para a civilização.

Êsse homem chamou-se Braz Pires de Farinho, e o distrito de Braz Pires honrava-lhe a memória conservando seu nome.

II

A MINHA VIAGEM

Conheci o povoado de Braz Pires, sede do distrito do mesmo nome, em 1887, quando eu ainda era menino. Tinha anteriormente passado por alí, mas à pressa, em companhia de outros viajantes. Nessa ocasião, porém, vinhamos, meu pai e eu, menos apressados. Devíamos transpor, em dois dias, a distância de 10 léguas, que separa o velho povoado do Lamim, do município de Queluz, do não menos velho povoado de Conceição do Turvo, então

no município do Piranga (hoje de Ubá), e sede, como também o Lamim, de grande e populoso distrito.

Cavalgando dois fortes animais, partimos do Lamim, em um dia quente de dezembro, justamente quando o sol estava a prumo, ao ouvirmos as doze marteladas do meio dia em um relógio próximo.

As alimárias, ansiosas pela partida, que para elas era o regresso à terra onde tinham nascido e onde viviam, queriam sair ràpidamente, e mal permitiam que eu me detivesse por instantes, aqui e alí, para algumas despedidas rápidas aos amiguinhos e companheiros que eu ia encontrando em tôda a extensão da rua, e na praça onde aquela termina, praça espaçosa a plana, tôda coberta de verde e macia grama. Ainda à subida do morro que esconde o povoado ao viajor, dois amiguinhos fizeram-me deter para os últimos apertos de mão.

Nas janelas de duas ou três casas uns lenços brancos, muito alvos, acenavam, e antes de encetarmos a subida, em frente à última casa do plano, esquina do largo, tinham assomado à porta da frente uma jovem, muito morena, que me disse — *boa viagem!* — e uma senhora idosa, em roupas de serviço doméstico, que nos disse — *Deus os acompanhe!*

O sol desaparecia entre nuvens espêssas, mas o tempo ainda parecia firme, sem motivos de receio quanto a chuva próximas.

Eu seguia meditando. Pensava na família, que 24 horas depois eu iria rever, após quase um ano de ausência, e nos meus companheiros de infância, nos sócios dos meus folguedos, entre os quais estaria eu no dia seguinte, quando meu pai exclamou:

"Que construção estranha!"

Falando, designava com o indicador um sobradinho construido toscamente sôbre uma grande pedra, a cavaleiro do morro que nos ficava à esquerda, e rodeado de grandes árvores, e de luxuriante vegetação menor, que faziam da casa uma vivenda agradável e bela.

Fiz ver a meu pai que aquêle prédio, com as terras adjacentes, pertencia a uma viuva, senhora distinta, e oriunda de família bem conceituada, pesando entretanto sôbre esta uma grande tristeza. E' que o filho mais velho

daquela senhora, num momento de desvario, tivera a desgraça de causar a morte a seu próprio pai, e estava, havia anos, cumprindo a pena, — prisão perpétua, — que lhe havia sido imposta. Debalde a pobre mãe recorrera à clemência imperial. Tinha havido atenuantes; havia mesmo motivos justos.

O mocinho era fraco, e tinha apenas 17 anos. A arma tinha sido um instrumento da lavoura, e o mocinho não poderia ter agido de outro modo, tentando evitar maior mal, e sem prever as lamentáveis consequências, isto é, a morte de seu pai. Tudo isto era alegado pela inconsolável mãe, em seus diversos pedidos verbais e escritos, até que, recentemente, tinha obtido de D. Pedro II a promessa de perdão do delinquente para dois anos depois. (1)

Assim conversando, eu e meu pai tínhamos deixado para traz as últimas fazendas de meu conhecimento, e ora atravessávamos extensas campinas, quase planas, ora subíamos elevações com pastagens verdejantes, de onde avistávamos, muito ao longe, extensas serranias azuis. Os terrenos eram cobertos, em alguns trechos, e de ambos os lados, apenas de samambaia, que semelhava, mais ao longe, um campo coberto de grama bem cuidada; mas em outros trechos eram os terrenos ocupados por vastas plantações de milho ou de arroz, ou ainda povoados de árvores muito altas, em meio de longos "capoeirões" que ameaçavam obstruir os caminhos, entrelaçando os seus galhos acima da cabeça do caminhante.

Pelos pastos, à margem da estrada, pastavam tranquilamente vacas leiteiras, acompanhadas pelos bezerros, alguns dos quais corriam e saltavam, erguidas as caudas formando grandes pontos de interrogação...

De espaço a espaço, quando o sol declinava a três quartos de seu trajeto visível, encontrávamos rapazinhos, quase todos caboclos, que levavam o jantar à roça, — uma grande "gamela", de madeira, carregada sôbre a cabeça, e coberta por uma toalha branca, de algodão grosso, que geralmente é fiado e tecido no local.

---

(1) — Êsse perdão foi efetivamente concedido, após dois anos, nos primeiros tempos do regime republicano, sob o govêrno de Cesário Alvim; pois êste grande mineiro fôra testemunha da promessa do imperador, e quis honrar-lhe a palavra. — *Nota do Autor.*

Natural de Pinheiros Altos distrito de Piranga 1º governador de MG (Republica

Encontrávamos às vêzes outros viajantes, e passámos por duas tropas, cada uma das quais composta de quatorze burros de carga, a passo, levando o da frente os arreios enfeitados de lã vermelha, com campainha e diversos guizos a tilintarem.

Passámos também por algumas fileiras de trabalhadores rurais, que cantavam alegremente, em côro, enquanto suas enxadas, cadenciadamente, cintilavam ao sol daquela segunda-feira quente de dezembro.

Devíamos pernoitar na fazenda do Coronel João Soares Ferreira Franco, a seis léguas do Lamim e a menos de um quilometro de Braz Pires, e seriam quase 6 ½ horas da tarde quando o abastado fazendeiro subia conosco as escadas da sua encantadora vivenda.

Esperavam-nos. Na sala das refeições, para onde fomos sem demora conduzidos, foi-nos servida delicada ceia. Finda a refeição e servido o café, regressámos à sala da frente, onde meu pai e o fazendeiro falavam de negócios.

Ficando assim isolado em um dos ângulos do salão, eu observava algumas curiosidades da casa, e ao mesmo tempo ouvia os sons do piano, coados pelas paredes dos compartimentos interiores do prédio. No começo era uma valsa muito suave o que era executado, mas em seguida ouvi umas pequenas árias. A música simples, mas impressionante e original, entrava-me na alma com um mixto de alegria e de tristeza, nela deixando como que uma doce saudade de coisas mal definidas, uns vagos desejos, uma triste mas suave nostalgia.

Dois relógios de parede marcavam as horas no seu *tic-tac* contínuo. Em um deles via-se, vultosa e em relevo, a representação do busto e do rosto de uma mulher prêta, de um puro e brilhante prêto africano, cujos olhos grandes deslizavam ràpidamente, acompanhando o pêndulo, para a direita e para a esquerda, e cujos lábios grossos e vermelhos, separavam-se com ruido, e se tornavam a juntar, quando a bôca se abria e fechava, fazendo soar ruidosamente as horas. Atraía-me a infantil atenção aquela figura bizarra.

À direita do salão, isto é, à frente da entrada, ficava o altar, consagrado a São João, o Batista. Aberto o altar,

transformava-se o salão em uma ermida, pequeno templo onde certamente os crentes algumas vêzes se reuniam.

Nesse tempo existia ainda a escravidão, que cinco meses mais tarde deveria ser banida para sempre do Brasil, pelo célebre decreto da princeza D. Izabel de Bragança. Nesse tempo, porém, ainda uns homens eram escravos de outros homens, embora nascidos uns e outros na mesma terra. Duas classes existiam tendo entre si um abismo; a dos livres e a dos escravos.

Eram *senhores* os individuos que compravam ou herdavam outros indivíduos, e eram *cativos* os infelizes que tinham nascido de mãe escrava. Para os primeiros, todo o conforto, todos os gozos possíveis; para os últimos, o trabalho afanoso da lavoura, o desconfôrto, o sol, as chuvas, o frio, a miséria, os mais atrozes suplícios. Para os filhos dos primeiros, o luxo, os passeios, a escola, as festas; para os filhos dos últimos, uns trapos como vestuário, a senzala esburacada como residência, o terreiro por menagem, e as trevas como garantia de submissão e dependência no futuro.

A muitos filhos de escravos, nos tempos que decorreram desde a lei do "ventre livre", faltava algumas vêzes até o leite materno, pois as mães estavam no eito, ou nos pesados trabalhos domésticos, enquanto os filhinhos choravam famintos, faltos de asseio e de carinho.

Nesse tempo, dezembro de 1887, ainda existia, portanto, a nefanda instituição. Saltei da cama ao ouvir os primeiros ruidos na casa, muito cedo ainda, e vi a partida dos escravos para a roça. Subiam silenciosamente as escadas, um a um, chapéu debaixo do braço esquerdo, calças escuras, camisa branca com o peito descoberto, pequeno bornal pendente do cinto de couro. Vinham para a revista matinal, como voltariam ao anoitecer, e a todos o fazendeiro, assentado junto a uma mesa de centro, respondia à humilde saudação com as mesmas palavras, mas sempre delicadamente.

Eu sabia, entretanto, que o Coronel João Soares era um homem consciencioso e bom, e que tratava os seus servidores com humanidade, coisa não comum entre os possuidores de escravos. Mais tarde confirmou-se-me essa informação com a minha observação pessoal.

mulato

Às oito horas da manhã entrávamos no povoado de Braz Pires. Tínhamos deixado a fazenda logo após a ligeira refeição especialmente preparada para nós, porque devíamos percorrer mais quatro léguas e chegar a Conceição do Turvo pouco depois de meio dia.

Detivemo-nos em frente à casa do Sr. Augusto Vieira, o qual desceu ràpidamente as escadas, a receber-nos, e, mal acabávamos de apear, entregou os nossos animais aos cuidados de um menino, e conduziu-nos à sua sala de visitas.

Boa casa, assobradada e grande, tôda branca e bem conservada, à direita e bem próxima da igreja, que era um belo e espaçoso templo, ao fundo da praça, e em bom estado de conservação, não longe do rio Chopotó, cujas águas, avolumadas pelas grandes chuvas, corriam sussurrantes e escuras, fazendo trepidar ligeiramente a sólida ponte de madeira.

Recebidos amàvelmente pelo Sr. Augusto Vieira e sua família, eu me dirigi a uma janela, de onde observava parte do povoado e os transeuntes raros e raros veículos, enquanto ouvia a palestra dos dois homens, que me pareciam velhos amigos.

Era o Sr. Augusto Vieira nesse tempo um homem de meia idade, cabelos um pouco grisalhos, barba cuidadosamente raspada, bigodes quase ausentes. Português de nascimento, constituira o Brasil sua segunda pátria, e ali residia, desde muitos anos antes, casado com uma filha de um fazendeiro do distrito, e era o pai de diversos menores. Dedicava-se também êle à lavoura, tendo até trazido para cá, cultivando-a com esméro em Braz Pires, uma planta ainda hoje pouco usada entre nós, — a uva, — de que fazia abundante e excelente vinho.

Depois de alguns minutos de permanência na sala do Sr. Augusto Vieira, retirei-me para conhecer o lugar, conservando-me nessa pequena excursão cêrca de meia hora.

Eram umas sessenta casas, ou pouco mais, quase tôdas confortáveis, bem conservadas, algumas envidraçadas, diversas com dois pavimentos.

Via-se que o povoado tinha sido, em outros tempos, um pouco maior e bastante mais habitado. Alguns claros notavam-se entre as casas, e o observador atento poderia

reconhecer vestígios de antigas construções, destruidas pelo tempo e pelo abandono, e no final de uma rua, e como em continuação, observei os vestígios de antigos muros destruídos, demonstrando a existência, em tempos idos, de uns prédios grandes e um não pequeno jardim, vestígios que hoje devem estar quase apagados à vista do viajor. Foram talvez propriedades de ricos lusitanos que, constituindo família no país, preferiam viver alí, à beira daquêle formoso rio de águas mansas, e respirando aquêle clima ameno e saudável, e desfrutando aquelas terras então ubérrimas, a voltar à velha pátria, enfraquecida e depauperada pelas guerras, pela relativa escassez de solo cultivável no reino, e ainda pela inércia dos representantes da dinastia bragantina.

Falecidos êsses proprietários primitivos, e divididas pelos herdeiros as propriedades agrícolas e as do povoado, diversos dêsses herdeiros tinham, a pouco e pouco, abandonado a terra de seu nascimento, depois de passarem os seus direitos a outros lavradores, que geralmente residiam fora do povoado, ficando êste menos habitado, com diversos predios desocupados — origem provável da decadência observada, ainda mais sensível devido à diminuição dos produtos da lavoura nas terras circunvisinhas, que, cultivadas sem os auxílios da arte moderna, tinham-se tornado menos férteis, a ponto de ser necessário o aproveitamento de numerosos trechos de terrenos para as vastas pastagens então existentes na zona.

Em uns muros meio destruidos, em uns restos de esteios, em uns madeiramentos carcomidos pelos insetos e as intempéries, via-se claramente que por alí existiam testemunhos de certa grandeza passada.

Todavia não era Braz Pires um lugar de todo decadente. Tinha e tem algum comércio, e alí se observa, em certas ocasiões, não pequena aglomeração de pessoas. Rodeada a sede do distrito de fazendeiros abastados, emprestam êstes bastante vida e animação ao lugar.

* * *

Voltei à casa do Sr. Augusto Vieira quando meu pai, de pé no umbral da porta, acenava-me, a chamar-me, a fim de prosseguirmos a viagem.

Chegando, ouvi ainda o final de um diálogo.

— Pois é assim, Sr. Antônio Gomes, — dizia o Sr. Augusto; — o nosso Braz Pires está um pouco decadente, e isso é triste. A velha terra de seus antepessados é digna de melhor sorte.

— O seu fundador, — respondeu meu pai, era meu bisavô, e era bisavô de minha mulher. Êle tinha grande afeição a êste lugar, por êle construido, e pelo qual muito fêz. O povo, dando espontâneamente êsse nome à fazenda, mais tarde ao núcleo de indígenas e portugueses, e ainda mais tarde ao povoado e distrito, rendeu merecida homenagem àquele trabalhador infatigável que se chamou Braz Pires de Farinho, e, mesmo por isso, êste lugar merece melhor sorte.

* * *

E partimos, caminho de Conceição do Turvo, a cerca de quatro léguas, saindo da sede do distrito pela ponte de madeira, obra antiga e sólida, sob a qual passava, sussurrante, o Chopotó, rio não pequeno, cujas águas alí deslisavam mansas nos meses sem chuvas, mas corriam então com um ruído surdo, aumentadas como estavam pelas abundantes chuvas de dezembro.

Atravessando o rio, passamos pela frente de mais duas casas, ambas de comércio, e em pouco tempo desapareceu-nos da vista o povoado de Braz Pires, sede do distrito do mesmo nome, com as suas casas brancas, as suas belas parreiras, as suas antigas ruínas, o seu clima ameno e salubre, a sua população hospitaleira e pacífica.

III

UM AMIGO VELHO

Decorreram alguns anos.

Em uma formosa noite de primavera, iluminados os campos em derredor pelo disco de prata da lua cheia, e ainda iluminada a estrada por lâmpadas toscas de petró-

leo, colocadas em tubos de bambú erguidos em ambos os lados da estrada, ligando as sedes de duas fazendas, na extensão de quase meio quilômetro, estava eu, a sós, contemplando o rio Turvo, que a poucos passos deslisava brandamente entre as margens de relvas, e vendo a pequena distância o grande prédio da fazenda, onde se festejava um casamento, e onde havia animado baile ao som de duas filarmônicas que se revezavam. À direita e a esquerda, o campo, extenso, coberto de capim, mas ostentando algumas árvores copadas, aqui e alí, que durante os rigores do sol abrigavam mansos bovinos; em minha frente, o rio, silencioso e calmo, atravessado por uma estreita ponte de madeira, e pelo lado de traz o prédio da festa, o bulício do baile, o clarão da fogueira, os segredos de amor, o crepitar das luzes, o calor das bebidas estimulantes, o entusiasmo das danças. De lá saíra eu, alguns minutos antes, cansado, desejando aspirar por algum tempo um ar mais puro, com o intuito de me isolar por algum tempo daquêle ruído, daquela confusão.

Ao longo do caminho, junto de um estaleiro de serrar, grandes madeiras lavradas pareciam próprias ao repouso e à meditação para quem, como eu, estivesse cansado daquela confusão e daquêle bulício. Cômodamente assentado sôbre uma dessas madeiras, estive pensando longamente sôbre assuntos os mais variados, e talvez terminasse por entregar parte de minha série de cogitações, em forma de versos, às páginas de um caderno de bolso, como era meu costume nos tempos já longínquos de minha juventude, se a minha atenção não fôsse chamada por um vulto de homem que se aproximava.

Era realmente meu costume escrever, à luz da lua, nos lugares ermos, e eram êsses os versos mais legíveis que eu atirava à publicidade pela imprensa periódica. Em minha residência, entre as quatro paredes do meu humilde gabinete de estudo e de trabalho, havia numerosos impedimentos, contratempos em demasia. Interrompiam-me frequentemente quando eu tinha no pensamento uma estrofe mais legível, ou pendentes da pena umas ponderações em prosa menos incolor, ou o fecho menos frio de um soneto. Desde o tempo, para mim bem desagradável, em que uma enfermidade de nervos, progressiva, principiou a dificultar-me essas excursões à

noite ou à tardinha, e mas tornou depois impossíveis, minha prosa tornou-se menos firme, e meus versos fizeram-se mais frios, até que perdi quase inteiramente o vício de fazer versos, e tornou-se-me menos notado o mau costume de escrever prosa. Apenas fazia-o com facilidade quando a pena reproduzia, sôbre a mesa, o que o lápis delineara em traços à vêzes rápidos, à luz crepuscular, ou à claridade argêntea da lua, sôbre as páginas de pequeno caderno de bolso, em lugares silenciosos e calmos, onde às vêzes se ouvia apenas o murmúrio dos ventos ou de um rio, ou o chilrear de insetos ocultos à margem dos caminhos.

Conheço ainda hoje, nas produções que conservo, impressas ou manuscritas, os trechos compostos em lugares isolados, onde eu não era interrompido, e os compostos em lugares onde minha atenção era quase sempre desviada para assuntos inteiramente alheios a cada escrito.

Mas volvamos à figura que vinha interromper minhas locubrações.

Era o Sr. Francisco Nogueira, pequeno fazendeiro no distrito, velho amigo de meu pai, e chefe de estimada família. Talvez fôsse oriunda da antiga amizade à minha família a delicada consideração com que sempre me tratou.

Era um homem de cêrca de 60 a 62 anos, mas robusto e forte, aparentando ter uns 10 anos menos. Pelo seu gênio, verdadeiramente juvenil, e devido à sua inteligência e certa graça natural, era o Sr. Francisco Nogueira muito desejado e estimado em quaisquer reuniões festivas. Sentira-se cansado, porém, no borborinho dos salões, e vinha, como eu o tinha feito, respirar um ar mais puro, no sossêgo do campo, à margem do Turvo, que deslizava mansamente em seu leito de relvas, iluminado pelo disco de prata da lua cheia em um céu sem nuvens.

Chegando ao local onde eu estava, assentou-se cômodamente sôbre uma peça de madeira lavrada, dizendo-me:

— Admira-me, meu jovem amigo, vê-lo por aqui, no meio dêste sossêgo, dêste silêncio, quando dois salões estão cheios de pares que dançam alegremente, doidamente, ao som de suas bandas de música que se revezam a encher os ares daquelas músicas saltitantes e estonteadoras. Aos 20 anos, como você está atualmente, o moço só encontra felicidade naquêle borborinho, onde estão as maiores belezas de nossa terra...

— De lá cheguei, Sr. Nogueira, — respondi eu; — de lá cheguei, não há muito, em procura desta solidão. Uma longa permanência no seio duma multidão não me agrada muito excepto se de tempos a tempos posso sair a respirar outro ar...

— Também a mim, — confirmou o Sr. Nogueira, — é desagradável ficar largo tempo no meio de qualquer multidão. Sinto de espaço a espaço imperiosa necessidade de alguns minutos de isolamento. A minha idade...

— Mas o Sr. está ainda muito forte e sadio.

— Sim, — disse o Sr. Francisco Nogueira; — sinto-me ainda robusto, e tenho alguma saúde; mas mesmo assim não me agrada senão por algum tempo a permanência no seio de grandes reuniões. Vêm-me a saudade da paz e da calma do lar, naquela serra onde finquei o meu rancho, ao redor do qual germinam os meus legumes, e algumas árvores vergam os ramos ao pêso dos frutos. Você não faz uma idéia, moço como é e ainda solteiro, de quanto amor tomamos nós, os velhos, pela casa onde moramos, e onde se abrigam os nossos, e pelas terras que a rodeiam, das quais tiramos a subsistência própria e a da família. Cada pequena depressão do terreno é uma beleza, cada elevação é um adôrno, cada árvore é um ser onde pensamos haver um coração que nos ama. E' quase sempre com uma certa tristeza que nós, os velhos, passamos uma noite fora do lar, e é quase sempre com o coração alvoroçado que avistamos ao longe, ao regressarmos à casa após alguns dias de ausência, a porteira que demarca o início da nossa modesta propriedade.

Mas frequentemente, — continuou ainda a dizer o Sr. Francisco Nogueira, — sou forçado a deixar a calma do meu lar roceiro pelas festas ruidosas do povoado, como a desta noite. A esta, principalmente, eu não poderia deixar de comparecer sem cometer uma falta. As vêzes são velhos amigos as pessoas que me procuram e convidam, ou parentes estimados, ou pessoas a quem a

gente deve finezas... Ainda hoje, querendo assistir ao casamento da filha dêsse nosso velho amigo e seu ilustre parente, regressei à pressa de Braz Pires, onde devia decidir uns pequenos mas urgentes negócios.

— Então veio hoje de Braz Pires? — perguntei, assegurando-me.

— Cheguei de Braz Pires, — confirmou o Sr. Nogueira.

— Continua decadente o povoado? — perguntei.

— Não, respondeu o Sr. Nogueira; — um pouco desanimado, mas decadente não podemos dizer que esteja. As terras estão um pouco cansadas, necessitando de novos métodos de cultura. E a passagem da via-férrea por lugares não muito distantes, como Ubá, Rio Branco, Viçosa, Buarque de Macedo e outros, chama para as suas proximidades grande parte da população rural, devido à dificuldade de transportes dos lugares não favorecidos pela passagem da via-férrea. São essas as causas do desânimo atual de diversos povoados distantes das estações ferroviárias. Há entretanto esperanças de que o distrito de Braz Pires continue a prosperar logo que termine a crise atual.

— A propósito, — continuou ainda o Sr. Nogueira; — sabe você que êsse lugar foi construido por um dos seus antepassados?

— Ouvi falar sôbre isso ligeiramente, — respondi, — há cerca de dez anos, em um diálogo entre meu pai e o Sr. Augusto Vieira, mesmo em Braz Pires, e obtive algumas informações que pretendo escrever para a imprensa.

— Pois eu vou contar-lhe ràpidamente os principais episódios acêrca da fundação de Braz Pires, o distrito e povoado do seu tetravô paterno e materno. Quer ouvir?

E o Sr. Francisco Nogueira, concertando-se sôbre a madeira que lhe servia de assento, encetou a sua pequena mas bem curiosa narração.

E' a mesma que eu passo, nas linhas abaixo, sem o colorido do original, aos meus amigos e leitores.

IV

AS DUAS JANGADAS

Corria o segundo quarto do século dezoito, mais de 190 anos antes do dia de hoje.

Em uma das tardes plácidas de abril, em geral muito amenas em nosso clima do centro de Minas Gerais, deslizavam, rio abaixo, duas grandes jangadas. Tripulavam a primeira dois homens robustos, ainda muito moços, empunhando varas, e a segunda, a poucos metros de distância, era dirigida por dois outros moços, também empunhando varas, e postados, como os primeiros, à direita e à esquerda da jangada.

Essa última embarcação, porém, não conduzia sòmente remadores: mais um viajante descia, sôbre ela, pelas águas mansas do rio, assentado sôbre uns sacos na parte do centro da grade horizontal.

Êsse último viajante, conquanto homem cheio de fôrça e da saúde, aparentando a idade de 36 anos, demonstrava em sua fisionomia uma certa contrariedade, uma espécie de apreensão e de tristeza. Tinha entretanto o rosto expressivo, a fronte larga de pensador, o olhar perscrutador e agudo. Uma barba espêssa e preta cobria-lhe parte do rosto, aparada e tratada com cuidado pouco comum naquela época nesta terra. Vestia calças e jaqueta de algodão escuro, calçava grossas botinas de couro preto, e tinha na cabeça, bastante pendido para traz, um chapéu preto de abas largas. Parecia seguir com atenção e interêsse as manobras das duas toscas embarcações que os homens das varas conservavam sempre no meio do rio, e olhava, de instante a instante, para ambas as margens, talvez com o receio de ver surgir das florestas virgens alguma fera mais ousada, ou alguns selvagens que por alí se aventurassem, filhos de alguma daquelas tribos quase indomáveis do centro de Minas Gerais, ou oriundos de quaisquer outras tribos menos sanguinárias, mas habitantes de florestas onde ainda não tivesse sido ouvida a voz da civilização.

Para qualquer eventualidade tinha o viajante, entre os seus joelhos, um mosquete, do qual entretanto bem desejaria não se servir, tão pacífica era sua atitude e tão simpática a sua fisionomia.

Um dos dirigentes da primeira jangada era alto e claro, tipo de europeu, e seu companheiro, num verdadeiro contraste, era de pura raça preta, de estatura abaixo da mediana, tronco volumoso, membros grossos e reforçados.

O mesmo sucedia na segunda embarcação: um dos dirigentes era preto e ainda moço, e o outro era um mocinho claro e rosado, ainda imberbe, aparentando a idade de cêrca de dezoito anos. Todos quatro vestiam calças escuras e camisas brancas, de algodão, usavam chapéus de palha de indaiá e traziam à cinta grandes facas de mato.

O centro de ambas as jangadas era ocupado por sacos de algodão, uns amarrados de ferramentas de lavoura e alguns utensílios, tudo sòlidamente ligado ao lastro de tábuas por meio de cordas de cânhamo.

* * *

Como é bastante conhecida, a jangada, muito empregada pelos indígenas da América e pelos primitivos colonos das terras do Novo Mundo, e ainda pelos descendentes dêstes, é uma embarcação tosca, sem coberta, rasa, composta de madeiras leves, algumas vêzes cruzadas, e sempre sòlidamente pregadas, e, quanto às mais toscas, fortemente amarradas com taquara lascada ou cipó, de modo a ficarem alguns dêsses paus na direção do comprimento, — os de baixo, — e outros em sendido contrário, sendo sôbre êstes últimos colocado o assoalho, de tábuas ou de ripas lascadas. Eram dêsse formato as duas jangadas que então sulcavam as águas mansas do rio Guarapiranga, em uma tarde amena de abril, entre os anos de 1734 e 1739, levando sôbre o dorso cinco homens e diversos fardos de ferramentas.

Cada uma dessas embarcações media mais de seis metros de comprimento e cêrca de 3 de largura, e era

bem construida, com o assoalho de tábuas bem unidas, pregado sôbre o lastro superior, e todo o conjunto formado de madeiras leves, — imbaúba no lastro e cedro no assoalho.

Outras vêzes tem a jangada uma forma um pouco mais elegante: é construida sôbre uma base de três peças de madeira paralelas, sendo a do meio mais longa do que as laterais, o que permite ficar a embarcação com a forma de um hexágono com dois lados bastante maiores, e ter a frente de forma a vencer mais fàcilmente a resistência das águas.

As duas que desciam o Guarapiranga, há cêrca de cento e noventa anos, eram feitas do formato de paralelogramo, e eram grandes e reforçadas, aptas para o transporte de pesados volumes.

* * *

O dia não estava ainda no fim. Mais de uma hora decorreria sem que o sol desaparecesse sôbre os cumes das serras do ocidente. Mesmo assim, porém, estendiam-se por sôbre as águas mansas do rio numerosas sombras espêssas, semelhantes a estranhos e negros gigantes, ou a silhuetas de féras colossais, emprestando à paisagem uma tristeza indefinida, um mixto, ao mesmo tempo encantador e horrendo, de beleza agreste, de mistério e de pavor. Essas sombras eram projetadas por elevações bruscas do terreno, e por árvores enormes, erguendo-se acima das outras, e estendendo em tôdas as direções os seus galhos robustos, açoutados pelo vento, e deixando entre si coar-se a luz do sol em declínio.

Na maior parte do percurso os viajantes viam, em ambos os lados do rio, árvores gigantescas, cujas copas, próximas umas das outras, e em numerosos lugares unidas, emaranhadas, cobriam aquêle solo opulento com uma espécie de docel imenso, mal permitindo ao sol a passagem de estrias luminosas, que desciam a banhar de luz, no chão, a espêssa camada de folhas secas, ou os arbustos e musgos raros que conseguem vejetar sob as grandes florestas.

Nas margens do rio, porém, em duas longas faixas de alguns metros de largura, com exceção de um ou outro ponto onde a floresta se banhava no próprio rio, não existiam árvores, mas apenas canavieiras, sapé, vegetação rasteira afinal, demarcando-se assim o limite aproximado das enchentes periódicas, nas épocas das grandes e continuadas chuvas, enchentes que tornavam o volume das águas o dobro ou o triplo do normal.

* * *

As duas jangadas desciam, pois, por sôbre as águas puras e transparentes do Guarapiranga, quando o rapaz que empunhava uma das varas de direção da segunda jangada, fazendo-a parar, com o auxílio do companheiro, voltou-se para o homem que segurava o mosquete, dizendo-lhe:

— Meu tio, acho bom determo-nos por aqui, pois o lugar oferece boas condições de desembarque, e a vargem que além se estende parece segura para alí passarmos a noite. E o sol já vai baixo...

— Tens razão, Domingos, — respondeu o homem, parecendo ter sido arrancado a profundo cismar. — Fiquemos por aqui.

A um sinal feito aos dois homens da embarcação da frente, esta recuou alguns metros, e, unidas as duas, e sòlidamente amarradas à margem direita, como se formassem uma secção de uma larga ponte flutuante, o homem do mosquete saltou em terra, inspecionando com o olhar agudo os arredores, enquanto seus companheiros desembarcavam uns instrumentos de lavoura, alguns sacos e outros objetos.

Em poucos minutos os dois pretos, a fouce e enxada, apresentaram limpo e plano o espaço necessário para o aposento daquela noite, e os dois moços armaram uma barraca, em frente à qual um dos viajantes fêz fogo, com o auxílio de uma pederneira, e sôbre êle começou a fazer a refeição da tarde.

Enquanto assim agiam os quatro moços, o homem que parecia o chefe da expedição conservava-se calado, a pequena distância do grupo, inspecionando os arredores.

As labaredas envolviam o fundo do caldeirão, pendente pela asa, e por um arame, do ponto de junção de três varas, cujas pontas superiores estavam amarradas com cipó, e cujas extremidades inferiores feriam o solo, como demarcando os vértices de um triângulo equilátero. A fumaça desprendida em espêssas espirais, subia aos ares, ligeiramente soprada pela fresca brisa da época, enquanto os quatro moços faziam os últimos preparativos para o jantar e para o descanso, mas todos armados, prevenidos contra qualquer surprêsa.

O sol desaparecia no poente, lançando sôbre as copas das árvores mais altas os seus últimos ráios, e descia, calmamente, o crepúsculo da tarde, sôbre a natureza virgem daquêle pedaço ainda desconhecido da terra brasileira.

V

A NOITE

Como foi noticiado no capítulo anterior, um dos viajantes fizera fogo com o auxílio de uma *pederneira*.

Era assim chamado um aparelho rudimentar de ferir lume, composto de uma pedra duríssima, — *silex pirômaco*, — que, aproximada à abertura de um *isqueiro*, — recipiente cheio de algodão meio queimado, — é alí batida fortemente por qualquer objeto de aço, tendo preferência o *fusil*, feito especialmente para isso. Com o atrito voam faiscas sôbre o algodão, que se inflama, sendo então fácil, com o sopro, propagar a chama a outras substâncias bem sêcas.

O isqueiro primitivo era, geralmente formado com um pedaço de chifre de boi, e ainda hoje encontram-se tais pederneiras entre pessoas pobres do campo.

Foi assim formado o fogo, em tôrno do qual, assentados sôbre folhas amontoadas no solo, os nossos viajantes ceavam, conversando sôbre as peripécias da viagem e sôbre a exuberância da vegetação local, iluminados pelo próprio fogo e por uma candeia de azeite pendente da entrada da barraca.

Concluindo o repasto, recolheram-se os viajantes à barraca, depois de feito desaparecer o fogo, e, recolhidos, fizeram desaparecer a chama da candeia, colocando sôbre esta uma espécie de fogareiro de cobre, invertido, de modo a dar entrada ao ar, e assim alimentar-se a chama dando apenas meia claridade ao interior da barraca. Nessa semi-escuridão julgavam-se mais seguros os viajantes, que tinham de um lado o rio, a poucos passos, de onde poderiam vir jacarés ou outros animais daninhos, e até indígenas selvagens, e por outro lado a floresta extensa e misteriosa, de onde poderiam surgir perigosos inimigos.

Era cedo ainda para o sono, mas os cinco homens, nessa semi-escuridão, assentados cômodamente em couros de bois, descansavam das fadigas e das apreensões do dia, e então o mais velho dos viajantes, que parecia ser o chefe da expedição, recostando-se sôbre um volumoso saco cheio de roupas ou pano, começou a falar pausadamente.

— E' noite, e escura, — disse êle; — e é necessário descansarmos e vigiarmos. Dividiremos a noite em quatro partes iguais, cada uma dessas partes correspondendo a um de nós para sentinela cuidadosa e ativa. Meu sobrinho Domingos, ainda muito jovem, e necessitando por isso de dedicar mais tempo ao sono, fica dispensado dessa vigília. Eu velarei no primeiro quarto, durante o qual ficarei de pé, do lado de fóra da barraca, com o mosquete na mão e a faca na cinta. Terminado o meu quarto de vigília, entrarei na barraca e despertarei o João, — indicando um dos pretos, — e êle fará o mesmo que eu houver feito, e, calculadamente, pelo mesmo espaço de tempo. Findas as horas de sentinela do João, êle voltará para a barraca, a dormir novamente, e caberá a ti, Fernando, o terceiro tempo de vigília. Findo o teu tempo de sentinela, voltarás para a barraca, despertando o Manoel para êste vigiar o nosso acampamento durante o último quarto da noite. Calculará, cada um de nós, sem dificuldade, o seu tempo. Eu farei a sentinela das 7 ½ até às 10 horas (ou pouco mais ou menos), João fará o mesmo das 10 horas até meia hora depois das 12, Fernando velará desde essa hora até às 3 da madrugada, e Manoel fará

a sentinela das 3 horas em diante, todos com a maior atenção.

— Perfeitamente, Sr. Braz Pires, — respondeu, por todos, o moço português a quem o chefe da expedição chamara de Fernando; — está perfeitamente combinado. Se alguma fera se aproximar, o vigia chamará os companheiros, e, sendo preciso, descarregará sôbre ela o mosquete. Se for algum indígena, o vigia bradará pelos companheiros, e o intimará a retroceder, e sòmente atacado ferirá o índio. Mesmo aparecendo um animal, não deve a sentinela fazer fogo senão quando muito preciso, a fim de não chamarmos a atenção quanto à nossa presença. Resta-nos agora combinar o plano a ser executado amanhã.

— Amanhã, — respondeu o chefe, a quem Fernando chamara de Braz Pires — ficaremos por aqui até às 11 horas, pouco mais ou menos, e apenas partiremos, rio abaixo, depois da refeição da manhã, e depois de feitos alguns reconhecimentos por estas cercanias, de um e do outro lado do rio, durante os quais procuraremos matar alguma caça que nos aumente a provisão de carne. Temos sal em abundância, e temos diversos alimentos que nos asseguram o sustento por mais de um mês, independente do produto esperado da caça e da pesca, e de muitos vegetais conhecidos que fàcilmente encontraremos. A caça será uma variante da alimentação e uma provisão preciosa para os dias seguintes.

"Devo agora, — continuou o homem, — falar aos meus companheiros e amigos acêrca de minha retirada da povoação de Guarapiranga, e sôbre os meus projetos futuros.

"Como sabem, surgiu entre mim e meu antigo sogro, e, consequentemente, entre mim e alguns patrícios meus e alguns indígenas, naquela povoação, a desavença grave e irremediável que conhecemos. A razão e o direito estiveram do meu lado, mas eu, embora, apoiado por vocês, por meus primos e por alguns outros amigos, não queria e não devia abrir conflito, e de modo algum consentiria em comprometer em uma temeridade os meus parentes e amigos. A sós, mesmo que eu o quisesse, não poderia enfrentar os meus inimigos, que são diversos e poderosos. Alguns possuem já grandes lavouras, e outros fazem for-

tuna no comércio e no transporte de cargas, sendo eu um principiante pobre, embora tenha feito os meus 36 anos de idade, com quase 20 passados no Brasil, em perigos constantes e trabalhos árduos.

"Possuo a modesta casinha e a pequena lavoura da Vargem, e poderia prosperar com meu trabalho e o dos meus quatro escravos, que são outros tantos amigos meus; mas para isso seria necessário haver paz, e esta não é desejada pelos meus inimigos. Com a minha permanência na Vargem, junto ao povoado de Guarapiranga, a minha vida correria perigo, ou eu teria de manchar de sangue as minhas mãos.

"Português que sou, eu poderia apelar para o governador da capitania; mas o capitão-general D. Lourenço de Almeida é um homem indeciso, e, não querendo desgostar patrícios nossos, deixaria afinal a querela ao governador geral. Ora, se de Guarapiranga a Vila Rica temos um trecho de 15 léguas a andar, e eu o acho longo para lá ir fazer minha reclamação, como apelaria eu para o governador geral, na Bahia, com uma viagem de cêrca de 100 léguas por terra e perto de 15 dias de mar?!

"Consta-me, em mensagem vinda do reino, que é projeto de D. João V dividir o Brasil em dois govêrnos distintos, um dos quais, o nosso, terá como sede o Rio de Janeiro, e como primeiro governador o Sr. Gomes Freire de Andrade; mas eu, mesmo que pensasse fazer tal reclamação, não poderia esperar tão longo tempo.

"Voltar para o reino, pobre como estou, pouco menos pobre do que de lá saí, absolutamente não o farei. Restava-me, pois o alvitre de sair de Guarapiranga, e fundar, em ponto bem distante, uma fazenda, para cuja criação, manutenção e prosperidade conto com vocês, com dois primos meus, com os outros dois escravos, e com alguns índios goitacazes que vivem por essas matas sem a sua antiga ferocidade, pois já trabalham, já falam um pouco de nossa língua, e já sentem horror à antropofagia. Os jesuitas, com um trabalho extraordinário, têm conseguido converter tribos inteiras nesta capitania das Minas Gerais.

"Resolvi, portanto, retirar-me para sempre de Guarapiranga, o que hoje fiz, antes de ter raiado o dia, trazendo comigo dois amigos e os dois servidores mais moços,

mais ativos e mais dedicados, e para isso eu e êles construimos ontem essas duas jangadas, com as quais creio podermos interpor umas trinta léguas entre mim e os meus inimigos, os quais, mesmo sabendo mais tarde do meu paradeiro, não me perseguirão jamais, pois ficarão satisfeitos sabendo-me afastado dos sítios por êles frequentados. A minha retirada é uma concessão...

"Como para essa emprêsa eu contava com vocês, — continuou o homem dirigindo-se sempre de preferência a Domingos e Fernando, — fiz antecipadamente provisão de quanto nos será mais necessário, de mantimentos, roupas, mantas e ferramentas, como também de armas defensivas.

"Escolhido o local onde deveremos fundar a fazenda, dois de vocês voltarão a Guarapiranga, de lá trazendo os outros dois trabalhadores, as ferramentas mais precisas, roupas, mantimentos, etc.

"Como não há estradas, nem em trânsito nem projetadas, senão para Vila Rica e para o Rio de Janeiro, esta com uma ramificação para Paraíba do Sul, lembrei-me de empreender esta viagem pelo rio Guarapiranga abaixo, o qual entretanto abandonaremos se à direita encontrarmos algum afluente navegável, o que me disseram haver.

"Escolheremos um sítio de boa água e bom clima, sendo êste fàcilmente reconhecível pela ventilação, à margem dêste ou outro rio, e aí iniciaremos nossos trabalhos construindo uma casa para centro da futura propriedade agrícola. Oportunamente iremos erguendo outras moradas, para os empregados da fazenda e respectivas famílias, e, mais tarde, construiremos novas casas, a distância, de uma a outra, de cêrca de meio quarto de légua, nas quais faremos centro de outros tantos pequenos sítios de cultura.

"Eu prefiro o estabelecimento central à margem de outro rio, mais para o interior, devido à possibilidade futura de navegação por êste, do povoado de Guarapiranga para os lados da capitania do Espírito Santo, pois os rios serão o meio de se transportarem mercadorias, e mesmo de viagens, se os govêrnos continuarem a seguir a sua política exclusivista de compressão proibindo a abertura de estradas.

"Tenho a certeza de sermos felizes nessa emprêsa, pois não nos faltará o amparo de Deus.

"Resta-me agora saber se, feliz ou infeliz, bem ou mal sucedido, poderei sempre contar com o auxílio de vocês"...

— Esteja meu tio rico ou pobre, feliz ou desditoso, bem ou mal colocado, eu estarei sempre a seu lado, — respondeu o jovem Domingos, — Além da amizade que consagro a meu tio, eu tenho amor a esta terra, de futuro tão promissor, e aqui pretendo ficar, e estabelecer-me, mas para sempre a seu lado e sob seus conselhos.

— Faço minhas as palavras do meu amigo Domingos, — declarou o outro moço. — Sempre estarei ao lado do Sr. Braz Pires, nos trabalhos ou nos perigos, na alegria ou nos revezes que Deus lhe der. Ser-lhe-ei sempre um amigo e companheiro tão certo como o Sr. Braz Pires o foi para meu pai, tanto no reino como no Brasil.

— Mas eu experimento uma certa relutância em fazê-los comparticipar de minha sorte. Eu já tenho 36 anos, e vejo finda, portanto, a quadra das esperanças côr de rosa da mocidade; mas você, Domingos, conta apenas 18 primaveras, e Fernando, meu bom amigo, tem sòmente 23 anos...

— Não se preocupe com isso, — interrompeu Fernando; — eu e Domingos somos moços, como também são moços João e Manoel, os dois escravos aqui presentes, que mais o consideram pai do que senhor, mas todos nós compreendemos que a mocidade trabalhosa é prenúncio de velhice descansada, e estamos dispostos a todos os trabalhos e a todos os perigos, agindo sob as ordens do Sr. Braz Pires, com a esperança firme de concorrer para a sua prosperidade, e, assegurada esta, de firmar a nossa felicidade relativa e a nossa independência, o que sòmente poderá ser alcançado de verdade no trabalho honrado e no cumprimento do dever.

— Para a frente, portanto! — concluiu Domingos, enquanto os dois pretos diziam, satisfeitos: "E' isso mesmo! E' isso mesmo!"

João e Manoel, durante as últimas palavras de Domingos, tinham-se deitado, um ao lado do outro, sôbre um couro de boi, tendo como travesseiro um saco de roupas, e, havendo os outros homens ficado em profundo silêncio durante alguns momentos, êsse silêncio foi suavemente interrompido, poucos instantes depois de finda a conversa, pelo ressonar tranquilo dos dois fieis servidores. Estavam dormindo.

O Sr. Braz Pires de Farinho, levantando-se, apertou com reconhecimento e afeto as mãos de Domingos e Fernando, lançou um olhar de simpatia sôbre os dois pretos adormecidos, e, colocando o chapeu sôbre a cabeça, e concertando na cinta o facão, empunhou o pesado mosquete, e saiu da barraca, comovido e vagaroso, para o primeiro quarto de sentinela.

VI

BRAZ PIRES DE FARINHO

Vêm a propósito, como necessárias, algumas considerações sôbre êsse nome, isto é, acêrca do nome de Farinho, entre nós inteiramente desconhecido.

As pessoas por mim consultadas sôbre a origem do distrito de Braz Pires, e acêrca do nome do fundador, diziam-me — *Braz Pires de Farinho* ou *Braz Pires Farinho*, e alguém dizia *Braz Pires Farinha.*

Seria *Farinho* um patronímico? E onde encontrar-se-iam outras famílias com êsse patronímico? Ou seria um engano das pessoas que tal me asseveravam, ou pouca clareza na pronúncia?

Fiquei por algum tempo em dúvida quanto ao modo de grafar êsse nome, pois *Farinha,* e não *Farinho,* era consagrado pelo uso como antigo patronímico em Portugal e aqui.

As primeiras informações datam de 1896. Muitos anos depois, consultando eu diversas obras sôbre geografia e história do Brasil, e especialmente de Minas Gerais, deparou-se-me curiosa notícia, na "História Média de Minas Gerais", do erudito Dr. Diogo de Vasconcellos, que mais me induziu a crêr que era acertado preferir *Farinha* e não *Farinho.*

Diz, em resumo, o venerando autor, que "em dezembro de 1791 uns índios do Chopotó, em número de 11,

receberam, como dádiva, conforme determinação do govêrno real, ferramentas, roupas, alimentos e outros objetos, e que dêsses índios sòmente dois tinham sido batisados na *aldeia de Francisco Pires Farinha* (Origem do arraial dos Pires").

Mais adiante diz textualmente:

"O governador Luiz Diogo, desde 1763, resolveu fundar, na zona do Pomba, um grande aldeamento central, em que fôssem recolhidos os índios coropós e coroatos, da raça dos puris, alí dominantes, e para govêrno civil dos mesmos foi nomeado o capitão Francisco Pires Farinha, homem prático e entendedor da língua dêles, e para reitor geral o padre Manoel de Jesus Maria . (1)

Nessa relutância, não chegando por mim mesmo a uma conclusão, escrevi ao meu primo e amigo Honório Felipe de Souza Lima, homem inteligente, instruido e criterioso, de Conceição do Turvo, o qual, após ponderadas pesquizas, respondeu-me às várias consultas em diversas longas cartas, de uma das quais transcrevo os trechos seguintes:

"O nome do meu tetravô era realmente Braz Pires de Farinho. Era sòmente a tradição verbal que o asseverava, mas esta merecia crédito, porque vinha de várias fontes. O teu sobrinho e nosso amigo Antonio Baptista Gomes, conforme o cartão anexo, nada encontrou no cartório antigo da cidade, mas eu escrevi ao Sr. Joaquim Teixeira Gonçalves, de Alto Rio Doce, homem ilustradíssimo e dedicado pesquizador e colecionador de coisas antigas referentes à história de nossa terra, e êle me respondeu afirmando que o nome é efetivamente *Farinho*. O mesmo me foi declarado, em diversas ocasiões, por numerosas pessoas por mim interrogadas.

"Agora não é apenas a tradição verbal quem afirma ser *Braz Pires de Farinho* o fundador do povoado e distrito onde residi, pois encontrei provas escritas em uns papeis velhos que se acham, como documentos de família, em poder do Sr. Antonio Lino de Castro e da viuva do

(1) — No Seminário de Mariana concederam-se ordens sacras ao índio Pedro da Mota, discípulo do padre Manoel. — *Nota do Autor.*

Sr. Antonio Dias Antunes, netos de José Carlos de Castro, primeiro escrivão de paz do distrito de Braz Pires. Nesses papeis há também referências a Pedro Pires *de Farinho* e Simão Pires *de Farinho*, o que me leva a crêr que êsse Francisco Pires Farinha, citado pelo erudito Dr. Diogo de Vasconcellos, pode ter tido como verdadeiro nome Francisco Pires *de Farinho.*

"Conheço a "História Média de Minas Gerais", e sempre pensei que *arraial dos Pires,* de que trata ela, se referia à nossa Conceição do Turvo, pois a data, 1797, coincide com a época em que foi fundado êste povoado de Conceição do Turvo, por Simão Pires e Pedro Pires, nossos tios, e Quintiliano de Souza Lima, teu tio e meu bisavô, os quais, poucos anos depois, fizeram doação das terras e casas à capela existente. Hoje penso, porém, que a expressão *arraial dos Pires* é referente ao próprio povoado e distrito de Braz Pires, pois está provado que no local existiam diversos parentes de Braz Pires de Farinho, com o mesmo patronímico, homens ativos e empreendedores, e por isso o povoado foi chamado *arraial dos Pires,* mas antes de receber o nome oficial de Braz Pires, como me foi possível reconhecer em minhas recentes pesquizas.

"Falando eu, sôbre o nosso caso, a um português instruido, disse-me êle ser muito provável que o nome *Farinho* seja um diminutivo de *Faro,* província e cidade de Portugal, como o patronímico *Souza Lima* foi talvez oriundo do rio Lima, no Alentejo. Disse-me ainda o mesmo cavalheiro conhecer diversos patrícios seus com o sobrenome de *Faro,* — fato não raro que é do costume de tomarem nomes de rios, cidades, etc.

"Pode ter sucedido, portanto, como eu creio, ter sido o nome em questão oriundo do nome Faro, terra natal de Braz Pires de Farinho".

Êsse capitão Francisco Pires Farinha (ou *de Farinho*), de quem fala o Dr. Diogo de Vasconcellos, na citada obra, era certamente da família de Braz Pires, como o eram Pedro Pires, Simão Pires e Quintiliano de Souza Lima, os fundadores de Conceição do Turvo, pois os dois primeiros eram sobrinhos e o terceiro era primo de Braz Pires de Farinho, e casados, os três, com três netas do mesmo. Quintiliano era filho do alferes José de Souza

Lima, tronco da família Souza Lima, a maior família entre nós conhecida.

Também é provável que Francisco Pires, forçado pelo modo como era tratado, passasse a assinar-se *Farinha*, assim modificando ligeiramente o nome, como temos visto, não raro, com os patronímicos Domingos e Domingues, Tostes e Tosta, Duques e Duque e outros.

Deixemos, porém, maiores divagações, e voltemos aos cinco ousados viajantes que sulcavam as águas do Guarapiranga, em procura de novas terras para seu labor e sua atividade. Volvamos aos viajantes intrépidos que assim se aventuravam, sôbre duas toscas jangadas, por aquela zona desconhecida e cheia de perigos.

Voltando a acompanhá-los, deve ser-me permitido dar algumas notícias do passado do chefe dessa pequena mas ousada expedição.

VII

ALGUNS PRECEDENTES

Braz Pires de Farinho era um dêsses homens que nascem para a prosperidade, nascem para o êxito, não pela herança, ou pelo acaso, mas por meio do trabalho, do esfôrço, da perseverança e do método.

Estatura um pouco acima da normal, rosto oval, cabelos e barbas pretos, olhos negros e expressivos, fronte larga, corpo cheio, mas sem gorduras flácidas, demonstrava energia, atividade, inteligência e tenacidade não comuns. De côr amorenada tinha-lhe ficado o rosto, o colo e as mãos, denunciando a passagem de anos sob o sol brilhante das terras quentes de diversos pontos do Brasil. Fizera longas viagens, sem receios às intempéries, e também nos trabalhos da lavoura não se poupara jamais à inclemência do sol, mesmo nos longos dias das estações mais quentes.

Era descendente, em Portugal, de amigos do Brasil, e sobrinho de alguns dos defensores desta terra.

Tendo sido o Rio de Janeiro atacado pelos piratas de Duguay-Trouin, e faltando ao governador Castro Morais o preciso ânimo para a resistência a êsses assaltantes,

organizara-se na capitania de Minas Gerais, à pressa, uma expedição de voluntários que devia marchar, como de fato marchou, para a defesa daquela cidade, e, embora não chegasse a expedição a tempo, pois Castro Morais concluiu de afogadilho uma paz vergonhosa com os piratas, ficou demonstrado o valor dessa plêiade de moços que concorreram para sua organização, como também o valor de seu chefe, Antônio de Carvalho, então governador de Minas Gerais.

Faziam parte dessa expedição, e prometiam relevantes serviços, alguns parentes de Braz Pires de Farinho, no tempo em que êste, ainda infante, pensava já em deixar o velho reino por uma nova pátria, que êle mais tarde devia vir encontrar nas terras da América portuguêsa.

Retirando-se os francêses, aos quais o governador fizera a população pagar pesados tributos, dissolveu-se o grupo dos voluntários, e pouco depois os tios de Braz Pires de Farinho, voltando às ocupações costumeiras, providenciaram para que seu jovem sobrinho viesse para o Brasil, onde pouco depois fazia êle parte das *bandeiras* que, partindo de Vila Rica, dirigiam-se para as margens do Guarapiranga e outros rios, em procura de ouro e pedras preciosas, tendo explorado, em companhia de experimentados bandeirantes, uma parte não pequena da capitania, seguindo as margens dos rios Pomba, Doce, Paraíba, Paraibuna e outros.

O jovem Braz Pires era atraído para o desconhecido. Fascinava-o o desejo de conhecer terras virgens, com as suas árvores gigantes, os seus rios longos e misteriosos, a sua flora opulenta, a sua fauna extraordinária, e as tribos humanas que habitavam o país, algumas já modificadas um pouco em seus usos e costumes pela catequese, mas outras dominadas ainda por essa horrenda selvageria que constituía uma ameaça constante a todos os viajantes nas imensas florestas de então.

Por diversas vêzes a sua vida correra sérios riscos durante essas viagens e estudos, ora porque penetrava em territórios onde existiam tribos ainda inteiramente selvagens, ora porque, mesmo nos territórios de Minas Gerais e das capitanias visinhas, onde os goitacazes e tamoios aceitavam sem grande relutância a catequese,

incorria, mau grado seu, no desagrado dêsses indígenas, cuja desconfiança se tornou proverbial.

Em uma de suas excursões, procurando o jovem Braz Pires examinar, com demasiada minúcia, os usos e costumes dêsses selvícolas, de tal modo se tornou a êles suspeito, que ficou prisioneiro em uma das *tabas* da tribo, tendo os indígenas agido com tanta arte, que os companheiros do moço não o supunham prisioneiro, mas avançando, com outros bandeirantes, para o ponto de junção adrede escolhido para todos os viajantes.

Conquanto essa tribo já não fôsse antropófaga, nem houvesse probabilidade de matarem um prêso por simples suspeita, Braz Pires temia ver-se ali detido indefinidamente, ou ver-se conduzido para o interior, inteiramente inculto, das florestas do norte, de onde ser-lhe-ia quase impossível a volta, restando-lhe por isso resignar-se à vida miserável dos infelizes índios, perseguidos por tantos e tão diversos inimigos.

Êsses receios empolgavam-no, pois, e por isso, embora muito bem tratado pelos goitacazes, durante os poucos dias de prisão, alimentava o veemente desejo de fuga, o que fàcilmente conseguiu com o auxílio de uma jovem índia que, condoendo-se da sorte do moço branco, guiou-o certa noite até a estrada que conduzia a uma aldeia cristã, onde 24 horas depois entrou êle com segurança.

Êsse fato exerceu extraordinária influência sôbre a vida do ousado viajante. Pouco depois entregava-se êle aos trabalhos da lavoura em umas terras próximas a Guarapiranga, em cuja capela, alguns meses mais tarde, contraia núpcias com a jovem indígena que lhe servira de guia em sua fuga da tribo goitacaz, tendo conseguido êsse consórcio com o auxílio dedicado de um amigo indígena, que se dirigiu àquela aldeia, onde, em nome do amor e da gratidão, pediu a mão da jovem e o consentimento da família, conseguindo também que esta se transferisse para Guarapiranga, passando a residir em um sítio próximo ao povoado.

Casado com a simpática e dedicada Maria das Dores, — o jovem Braz Pires iniciou uma nova vida, uma vida de calma, de sossêgo, de paz e de progresso. Tendo deliberado abandonar a sua vida de aventuras, assim procurava a felicidade na paz do lar e nos trabalhos do

campo. Derribou alguns "alqueires" de mata virgem, onde plantou de todos os gêneros alimentícios a que os terrenos pareciam aptos, e formou pastagens fartas e seguras, onde viviam pacatamente as suas vacas leiteiras e o seu pequeno bando lanígero. Construiu uma casa de morada, na qual não havia luxo mas havia confôrto, e ali se instalou com sua espôsa — ambos jovens e cheios de afeto e de esperança, à procura da verdadeira ventura na crença em Deus, no amor e no trabalho.

Sua mulher, oriunda embora de uma raça propensa à indolência, era laboriosa e ativa, não sòmente devido ao amor dedicado ao marido, e ao desejo de seguir-lhe os exemplos e de lhe ser agradável, como também porque as mulheres indígenas, consideradas em geral como escravas dos homens, e não suas consócias nos prazeres e nas dores da existência, são sempre muito mais laboriosas ou muito menos indolentes do que os homens. A êstes cabiam as lides da guerra, — a mais importante de suas ocupações, — e da caça e da pesca, ao passo que às mulheres cabiam todos os outros trabalhos da *taba*, serviços relativamente duros, da criação dos filhos, do cultivo de algumas plantas (raras), da colheita de alguns vegetais nativos, para alimentação, e das bebidas, e do preparo de todos os artefatos usados entre os indígenas.

Devido a êsses costumes as mulheres eram em geral mais laboriosas.

* * *

Braz Pires e sua mulher viviam, pois, na melhor harmonia, na mais perfeita concórdia, na sua pequena propriedade agrícola e pastoril denominada Vargem.

Os seus celeiros enchiam-se de gêneros, nas suas pastagens progrediam os gados, e em sua vivenda habitava a abastança. Os tropeiros profissionais, em caminho de Vila Rica, ou de lá voltando, passavam-lhes junto à casa, e com êsses tropeiros negociava Braz Pires, exportando para Vila Rica, dos produtos de seu sítio, quanto excedia o necessário ao seu consumo, e de lá importando quanto lhe era preciso.

Estava escrito, porém, que a época definitiva de tranqüilidade não tinha ainda chegado para o ativo lavrador. Uma grande desdita, inteiramente inesperada, cobriu de luto o lar.

Seis anos após o casamento, quando pela segunda vez sua espôsa ia ser mãe, deixou ela de existir entre os sofredores dêste mundo de incertezas. Faleceu depois de uns dias de insidiosa moléstia, levando consigo êsse segundo rebento do seu consórcio até então tranquilo e feliz, e deixando seu marido prêsa de vivíssima dôr.

Ficara ao viuvo o primeiro filhinho, então com cinco anos de idade.

Viuvo aos 28 anos de idade, pouco mais ou menos, começou Braz Pires a concentrar em seu filho todos os seus ideais, dêle fazendo o alvo de todos os seus desvelos. Mas uma tristeza imensa pairava sôbre o seu lar, onde faltava a ordem, onde não se observava o método de direção que sòmente a mulher sabe dispor em uma casa, e faltava o carinho maternal para com a pobre criança, pois mãos mercenárias não podem substituir, senão deficientemente, os trabalhos desvelados de espôsa e mãe.

Negócios vários levaram o inconsolável viuvo a empreender algumas pequenas viagens, e a falta da mulher amada, e, com essa, a falta de atrativos no lar, fizeram-no, durante o decorrer de mais cinco anos, dedicar-se mais ao comércio do que à lavoura, e, consequentemente, passar mais tempo em viagens do que em sua propriedade.

Devido a êsse seu gênero de vida, foi forçado a ir por diversas vêzes a Vila Rica, Ribeirão do Carmo e outros lugares, e algumas vêzes ao Rio de Janeiro, resultando, embora inconscientemente, ferir interêsses de outros, que nele viam um concorrente a temer-se, e que o invejavam, talvez, vendo-o dirigir-se ao capitão-general, e a outros altos funcionários do vice-reino, com o desembaraço que caracteriza em geral os homens honrados e independentes.

Originaram-se assim descontentamentos que em pouco tempo a ambição e a intriga, auxiliadas pela indolência de alguns portuguêses, índios e mestiços, converteram em profunda divergência entre alguns moradores

de Guarapiranga e o lavrador e comerciante Braz Pires, achando-se o ex-sogro dêste entre os seus mais ferrenhos inimigos.

Perturbada dêsse modo a paz, contra Braz Pires houve até ameaças de perseguição e morte.

* * *

Quase seis anos tinham decorrido desde o dia do falecimento de Maria das Dores, e o pequeno Luís tinha-se desenvolvido bastante quanto ao corpo e à inteligência. Era então um rapazito de cêrca de onze anos, alto, moreno, de olhos pretos e vivos, cabelos negros e duros, e de uma simpatia notável, que participava da correção dos traços lusos e da beleza natural dos tupi-tingas, aparentados com os pacíficos indígenas aracís, pois sua mãe era da sub-raça dos goitacazes.

Um velho parente de seu pai iniciara o pequeno nas primeiras letras, e o menino já lia e escrevia com relativa facilidade, conhecia rudimentos de contabilidade, e demonstrava aptidão para qualquer estudo mais desenvolvido.

Nessa ocasião devia seguir para Portugal um cunhado de Braz Pires, casado com uma das irmãs dêste. Homem empreendedor e ousado, o Sr. Manoel Corrêa da Cunha tinha vindo para o Brasil, anos antes, apenas trazendo consigo o seu filho mais velho, e ùltimamente pretendia voltar, a reunir-se à família, levando uma fortuna modesta, aqui adquirida no comércio com esfôrço e honradez.

Afagando então a idéia de ver seu único filho em uma carreira científica, ou pelo menos adquirindo alguns conhecimentos no mundo das letras, conhecimentos que tornassem apto o jovem mestiço para aqui exercer uma profissão menos rude do que a da lavoura, dirigiu-se Braz Pires à casa do seu cunhado, e pediu a êste que levasse para Portugal o pequeno Luís, educando-o e velando por êle com o máximo cuidado.

— Eu velarei por teu filho Domingos, — disse Braz Pires, — e com êle partilharei os prazeres e as dores que aqui no novo mundo se me depararem. Êle se aproxima

dos dezesseis anos, já sendo, portanto, um homem. Sei que êle é meu amigo, e eu o estimo como se estima a um filho. Ficará, portanto, comigo, como é desejo teu e dêle, e juntos trabalharemos, e de tôdas as minhas emprêsas será êle interessado, velando eu pelos seus lucros e pelo seu futuro, com o amparo de Deus. Em compensação levarás meu filho Luís, que conta agora onze anos incompletos, e lá no reino farás dêle um homem instruído, correndo as despezas por minha conta. Para isso levarás uma quantia em ouro, e creio que essa quantia bastará para os gastos de meia dúzia de anos.

— Combinado, — declarou o Sr. Cunha. — Teu filho será meu filho, e tenho a certeza de que sua tia, tua irmã, o receberá com o maior prazer. Como sabes, iremos residir em Lisboa, e lá, nos primeiros tempos, frequentará êle o colégio dos jesuitas. Mais tarde veremos, de acôrdo com as aptidões do pequeno, o rumo que se lhe deve dar.

Durante uma hora ficaram os dois homens conversando sôbre êsse assunto, tendo ficado compreendido que a partida seria pelo excelente veleiro "Príncipe D. José", que devia zarpar do Rio de Janeiro um mês depois, conforme missivas havia pouco chegadas.

* * *

Um mês depois dessa conversação, em uma clara e quente manhã de novembro, um homem vestido de preto apertava, num longo abraço, um menino de cêrca de onze anos de idade, junto à grade do portaló de um grande navio, cujas brancas velas começavam a enfunar-se à espera de ser erguida a âncora.

Após êsse longo e amoroso abraço, o homem entregou o rapazito a outro homem, também vestido de preto, e desceu ràpidamente a escada do transatlântico, saltando sôbre uma pequena lancha, que à fôrça de remos o conduziu, e a outros, ao cáis em construção, onde desembarcaram.

Era Braz Pires, que acabava de despedir-se de seu filho Luís, entregue aos cuidados do tio, Sr. Manoel Corrêa da Cunha, em viagem para Portugal.

Regressando à terra, Braz Pires de Farinho volveu o olhar ao navio, e apoiou-se, tristemente, a sós, sôbre um alto rochedo próximo à praia, de onde podia ver a abertura da baía, e ao longe, muito ao longe, o céu, de um azul puríssimo, a confundir-se com o verde esmeraldino das ondas do mar, banhadas pela luz viva do sol.

Nesse momento o "Príncipe D. José", desprendida e levantada a âncora, moveu-se vagarosamente, mudou lentamente de posição, e em seguida foi partindo, pesado, velas pandas, em direção à abertura da barra, enquanto os passageiros agitavam lenços e chapéus, lenços de certo úmidos das lágrimas dos que partiam para aquela longa e perigosa travessia, entregues à inconstância dos ventos e das ondas.

De alguns navios ancorados na Guanabara, do litoral e de algumas ilhas mais próximas, agitavam-se sinais de despedidas à gente de bordo da nau em partida, enquanto esta cortava pesadamente as águas mansas da baía, deixando após si um rastro de espumas e de saudades, bem diferentes entre si, pois as primeiras desapareciam, no fim alguns instantes, entre as ondas verdes e impassíveis das águas, e as últimas continuavam a dominar os corações, e continuariam a crescer, a avolumar-se, ao perpassar dos anos de ausência.

Na amurada do "Príncipe D. José", um homem vestido de preto, e um menino trajando sarja azul com gola branca, agitavam lenços brancos em direção a um ponto do litoral, onde Braz Pires acenava, em sinal de despedida, o seu chapéu grande de viajante, enquanto com a mão esquerda protegia os olhos contra os raios do sol.

Mais alguns minutos decorreram, e eis que desaparecem inteiramente, além das ondas, tôdas as velas, todos os mastros do navio que seguia para o velho reino.

Por mais alguns minutos conservou-se Braz Pires no mesmo local, o chapéu na mão direita, o busto curvado, o olhar fixo no ponto onde vira desaparecer a nau. Afinal ergueu o busto, cobriu-se, olhou em derredor, e reconheceu achar-se, a sós, inteiramente a sós, naquêle litoral deserto, que o sol brilhante da primavera enchia de luz estonteante e de extraordinário calor. Nem mais uma pessoa perambulava então por aquêles lugares.

Retirou-se a passos lentos, para o centro da cidade, em busca da hospedaria onde o aguardavam os companheiros e empregados, com os animais de condução, e, caminhando pelas ruas da cidade, ocultava de espaço a espaço uma lágrima rebelde, que teimava em lhe cair dos olhos, e ia perder-se nas dobras irregulares do seu grande lenço de linho, constituindo cada lágrima uma prova mais da dor que lhe dilacerava a alma de pai amoroso.

E foi assim, tristemente apreensivo e cheio de saudades, que partiu no dia seguinte com a caravana, de regresso às terras mineiras.

Eram uns vinte cavaleiros, com alguns animais de cargas leves, e tinham que vencer cêrca de seis léguas por dia, devendo chegar a Guarapiranga e outros pontos dentro de quinze dias.

Naquela época as viagens longas eram quase sempre empreendidas por grupos, às vêzes de 4 ou 5 cavaleiros, e às vêzes de 20, de 30, de 40 pessoas. Dêste modo poder-se-iam proteger os viajores, não sòmente quanto às moléstias que nêsse tempo eram endêmicas em diversas regiões, como também quanto aos perigosos ataques de feras e aos possíveis assaltos do gentio.

Entre Guarapiranga e o Rio de Janeiro, mesmo pelas estradas abertas desde 1700 por Garcia Rodrigues Paes e Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, numerosos perigos ameaçavam os viajantes, perigos geralmente conjurados ou neutralizados pelo número dos viajantes e pela suas armas. Na maior parte dessa distância, os caiapós, índios bravos e nômades, faziam terríveis correrias, e as hordas selvagens dos perversos abaíbas, que tinham na zona numerosas *malocas*, deixavam os abrigos das suas fortes caiçaras, e atacavam os viajantes menos previdentes, os quais eram ferozmente devorados nos horripilantes banquetes dêsses canibais. Mesmo os tamoios, a sub-raça feroz dos tupis, e os gês, ou tapuias, vinham da capitania do Espírito Santo e do norte de Minas Gerais, às correrias pela zona cortada por essa estrada, fazendo concorrência aos não menos ferozes abaetés, que do Alto São Francisco passavam, em bandos, para o sul da capitania, por tôda parte causando horror pela sua malvadez e extraordinária fealdade.

Nas florestas ou campos incultos, o homem é em geral o maior dos inimigos que outro homem pode encontrar. O viajor horrorisa-se mais ante um homem desconhecido, de outra raça, do que na presença de uma fera; pois esta não ataca senão perseguida, ou acossada pela fome, e o homem inculto o faz por mêdo, por ambição, por egoismo, por maldade.

A estrada que ligava Vila Rica ao Rio de Janeiro, além dêsses perigos, e dos perigos das feras, era às vêzes percorrida por bandos de mestiços que se ocupavam do assalto aos transeuntes.

As grandes onças, de diversas espécies, eram sutis e traiçoeiras, mas apenas atacavam indivíduos isolados. A ameaça mais permanente dessa viagem, além dos ataques dos selvagens, era constituída pelas enormes serpentes, pelos possantes jacarés, e pelas pequenas mas venenosas víboras.

Devido a êsses perigos, era comum reunirem-se assim os viajantes, protegendo-se mùtuamente na grande jornada. Foi entre diversos cavaleiros, amigos, empregados, conhecidos e visinhos, que Braz Pires de Farinho empreendeu a volta à sua propriedade de Guarapiranga.

* * *

Mais dois anos, ou pouco menos, conservou-se ainda Braz Pires na sua propriedade agrícola da Vargem, perto de Guarapiranga. Mas os ódios recrudesciam, as apreensões se multiplicavam, e as ameaças de um conflito armado tornavam-se cada vez mais claras, por isso era urgente que uma distância de algumas léguas separasse, durante muitos anos, êsses adversários irredutiveis do homem por êles tão cruelmente perseguido.

Com a firme resolução de afastar-se dêsses lugares, de interpor entre si e êsses inimigos algumas léguas, Braz Pires, não querendo ir firmar sua residência em lugares muito habitados e já bem explorados, como eram as proximidades de Vila Rica, ou a zona que margeava a estrada real, formou o projeto de retirar-se pelo rio Guarapi-

ranga, assim penetrando em terras inteiramente desconhecidas à civilização.

E assim, como vimos nos capítulos anteriores, empreendeu essa temerária viagem, com seu sobrinho, um amigo e dois dedicados servos, e alí, à beira do referido rio, e junto às duas jangadas, sòlidamente amarradas, nós os iremos novamente encontrar, aos cinco companheiros de viagem, no capítulo seguinte desta verídica narração.

VIII

A CAÇADA

Surgia o sol. A noite havia corrido sem incidentes, tendo feito sentinela, sucessivamente, os viajantes Braz Pires, João, Fernando e Manoel.

Os viajantes, refeitos das fadigas do dia anterior por algumas horas de sono reparador, faziam reconhecimentos, uns, pelas imediações, enquanto outros preparavam a refeição da manhã. Os primeiros tencionavam obter na caça algumas provisões de carne, e eram Braz Pires, Domingos e Manoel que se embrenharam pela floresta, armados de dois mosquetes, um chuço, uma resistente machadinha e facas de mato. Nessa ocasião já Fernando se dispunha a ir guarnecendo as jangadas de seus variados volumes, firmados a cordas, e João se ocupava, a sós, dos arranjos do almoço.

Sigamos os três caçadores.

A floresta permitia andar, em diversos trechos, com relativa facilidade, havendo dificuldades em outros trechos, devido ao emaranhado de galhos, de cipós, de troncos sêcos, de arbustos espinhosos.

No cimo das altas copas de frondosas árvores seculares trinavam pássaros.

Dois melros, pequenos e negros, vivos e valentes, voaram rápidos do ninho, suspenso do vigoroso galho de um jacarandá, a cêrca de 25 metros do solo, em perseguição a um enorme gavião, o seu eterno inimigo, e expulsaram a bicadas, para longe, para muito longe, a possante ave de rapina, e alguns minutos depois, chilreando alegremente, voltavam ao ninho, onde os filhinhos osperavam pipilando.

Grandes aves, de vôo curto, elevavam-se às vêzes dentre folhas sêcas do chão, e desapareciam por entre as árvores, e outras vêzes, inopinadamente, corria um lagarto, assustado, espadanando as folhas do solo e os arbustos, e desaparecendo entre as moitas escuras dos lugares baixos.

Andaram os três caçadores durante mais de duas horas, sem se disparar um tiro, pois não tinham encontrado caça que lhes chamasse a atenção. Mesmo as grandes aves encontradas não constituíam prêsa muito desejada ou fàcilmente atingível por tiros, em seu vôo.

Subiram um outeiro, de onde a vista abrangia um círculo não pequeno, e alí se conservaram por algum tempo examinando a pujança daquela flora admirável, onde tudo empolgava a atenção, onde tudo era grandioso e belo.

Havia na encosta oriental do outeiro, até à beira do rio, uma extensa clareira, medindo talvez 150 braças de comprimento e umas 80 de largura, vestígio de antiga habitação de indígenas, poucos anos antes abandonada, e por essa clareira podiam os caçadores olhar, ao longe, aquela vastidão, ocupada por árvores imensas, cujas copas se uniam a considerável altura.

Jequitibás enormes erguiam-se junto a cedros colossais, a altíssimas perobas, a gigantescos vinháticos. De espaço a espaço surgia a fronde amarela de uma baraúna, ou a verde-clara de um pinheiro, de tronco reto como a pilastra de uma torre, abria seus galhos espaçados, semelhantes a guarda-chuvas enormes, superpostos em tôrno de uma coluna. Palmeiras esguias baloiçavam, ao sopro do vento, os seus leques gigantescos, como se desafiassem a fúria dos vendavais.

Do cimo de numerosas dessas árvores desciam, aqui e alí, estranhas vegetações parasitárias, enlaçando troncos e galhos, formando ninhos aos pássaros, adornando os claros da floresta, desprendendo folhas e flores.

E, sôbre tudo isso, um belo sol de abril, irradiando luz, e inspirando às inúmeras aves canoras as mais interessantes melodias selváticas, — umas cheias de uma alegria intensa, e impregnadas outras de uma espécie de

tristeza indefinida, de uma como que profunda nostalgia oriunda de um coração que ama e sofre.

Os caçadores, reunidos, olhavam absortos as belezas daquela natureza virgem, pensando talvez os dois portuguêses na diferença entre aquela flora, exuberante, maravilhosa, admirável, e a do velho reino, já naquêle tempo depauperada pelo excesso de população, pelas guerras, pela cultura contínua. Talvez pensassem, admirados, naquela fauna variadíssima, incomparável, que nenhum outro país do mundo apresentava, e talvez vissem novos motivos de encanto no próprio inesperado, no próprio mistério da floresta imensa.

Braz Pires e seu sobrinho, unidos, de pé, no cimo do outeiro, olhavam tôdas aquelas maravilhas, e contemplavam ao longe as sinuosidades do rio, sem dizer uma palavra, enquanto Manoel, brasileiro, mas oriundo de um casal de filhos da ardente Líbia, de cuja natureza tropical muito ouvira de certo falar aos seus genitores, admirava menos e menos se comovia, mas respeitava o silêncio dos dois filhos da velha Lusitania.

Num instante, porém, o instinto da própria conservação chamou-os, a todos três, ao prosaismo da vida.

E' que um fato inesperado acabava de despertá-los, de alarmá-los: não a grande distância, mas exatamente na direção do ponto onde tinham ficado Fernando e João, junto às jangadas, acabava de soar um tiro!

Ouvindo aquêle estampido, e vendo longe, à beira do Guarapiranga, elevar-se a fumaça, os três caçadores, que nada tinham matado, retrocederam, a correr, em direção à barraca, supondo os seus companheiros empenhados na defesa contra um ataque de índios ou de feras.

Dados os primeiros passos, ouviram mais dois tiros, quase simultâneos, e antes de chegarem soaram mais dois, todos em menos de um quarto de hora.

Supondo em perigo os companheiros, Braz Pires, Domingos e Manoel corriam em seu socorro com a maior ligeireza que lhes era possível entre os múltiplos impedimentos da floresta.

O primeiro a surgir em frente da barraca foi Domingos. Chegava cansado, coberto de suor, sem chapéu, com alguns arranhões pelo rosto e pelo corpo, com o seu mosquete na mão esquerda e o facão na direita, pronto para entrar em luta, ou a sacrificar-se pelo seu amigo, se tanto fôsse necessário.

Saltando dentre a fileira de árvores para o pequeno espaço que na véspera tinha sido limpo, viu Fernando e João, cômodamente assentados sôbre a relva à margem do rio, e, circunvagando o olhar, num momento viu e compreendeu tudo. Depositando no chão o mosquete, e embainhando o facão, não pôde reprimir uma gargalhada juvenil, espontânea, e dispunha-se a voltar ao encontro do tio, a fim de lhe informar o verdadeiro motivo de tão grande alarme, quando chegava Manoel, cheio ainda de susto, mas pronto para a resistência, e começaram a ouvir os passos pesados e rápidos de Braz Pires, o qual pouco depois surgia, sobraçando o seu mosquete, e sorria discretamente ao defrontar o quadro que tinha como fundo a barraca, com o qual compreendia quão infundados eram os seus temores de terem sido agredidos Fernando e João.

Com um mixto de alegria e de vexame, reconheciam os recenchegados que diversas peças de caça tinham sido abatidas pelos seus companheiros, junto à barraca, ao passo que êles, os três caçadores, nada traziam após sua demorada excursão.

Os tiros tinham sido disparados por Fernando e João com os dois mosquetes, que com êles tinham ficado, matando uma paca, uma cotia, um grande jaó e duas gordas pombas.

Almoçaram com apetite, e em seguida, salgadas e enfardadas as novas carnes, desmanchada a barraca, e preparadas as duas jangadas, partiram novamente os viajantes para a continuação da sua estranha viagem, continuando a descer pelo Guarapiranga, que serpeava calmamente entre florestas desconhecidas.

Seriam onze horas do dia. O sol estava quase a pino.

Empunhadas as varas por Fernando e João, na primeira jangada, e por Domingos e Manoel na segunda, na qual seguia, assentado, o chefe da expedição, seguiram, rio abaixo, e à mercê das águas claras do Guarapiranga, em demanda de um lugar oculto, afastado, desconhecido, inabitado, onde deviam os ousados itinerantes firmar a sua residência, alí exercendo a sua atividade na luta sagrada pela paz e pelo pão.

IX

CONTINUANDO A DERROTA

Desciam as jangadas uma após outra, à vontade das águas transparentes do Guarapiranga. Em cada uma ficavam de pé, de um e outro lado, e com as varas de prontidão, os dois homens encarregados de sua direção, os quais se limitavam a desviá-la das margens, quando pendia para qualquer lado, e a fazê-la deslisar mais ràpidamente nos pontos em que a marcha das águas é demasiado morosa, ou a tornar-lhe a marcha mais suave nos lugares onde, devido ao declive, do leito do rio, é mais rápida e irregular a descida das águas. Também serviam as varas para se desviarem as duas embarcações, não raro, de pedras encontradas em saliência das águas.

Nenhuma cachoeira de importância tiveram de vencer, e nenhum incidente digno de nota tiveram os nossos viajantes de registrar nas seis horas em que êles se entregaram, nesse segundo dia de viagem, à marcha suave sôbre as águas do Guarapiranga, como outrora fôra Moisés confiado às águas volumosas do Nilo.

Aos nossos itinerantes, porém, não surgiria, a deter-lhes a marcha, a dextra compassiva da filha de Faraó, mas deter-se-iam êles próprios, guiados certamente pela Divina Providência, no local onde deveriam pisar definitivamente a terra, e aí fundar o seu núcleo de trabalho, a nova fazenda onde dedicariam à agricultura, à pecuária, à indústria, ao comércio, ao progresso enfim, belas planícies e formosos montes e vales da terra ubérrima do novo mundo.

Mas Braz Pires desejava interpor entre si e seus adversários uma distância não pequena, umas trinta léguas, se possível, firmando-se em um lugar onde pudesse progredir sem causar inveja, onde pudesse assegurar alguns recursos para sua velhice, nas incertezas do futuro, sem ser, pelos seus desafeiçoados, considerado um concorrente, um ambicioso, um protegido dos dirigentes, como sucedera anteriormente. Êle era apenas um homem laborioso, para quem a liberdade e a independência mereciam verdadeiro culto, e que era considerado e estimado pelos dirigentes que o conheciam, os quais o recebiam com o agrado e o respeito que deviam tributar à inteligência, à distinção e à seriedade nele fartamente observadas.

Braz Pires fôra sempre um homem não vulgar.

Ensinando a seu filho, a seu sobrinho, a seus fâmulos e a alguns visinhos a religião de seus antepassados, com as mãos sôbre o *Velho Testamento,* aberto sôbre a mesa, dizia algumas vêzes frases semelhantes a estas:

"Diversas passagens da Bíblia necessitam de melhor interpretação. Não creiam, por exemplo, que nossos primeiros pais, expulsos do Paraíso, tivessem como castigo o trabalho. Não! Mil vêzes não! O trabalho não foi instituído como um castigo do gênero humano. Ao contrário, o trabalho é uma das provas da bondade infinita de Deus. Se a expulsão de Adão e Eva não é uma alegoria, cujo fundo de verdade ainda não compreendemos, nosso Pai Celeste foi tão misericordioso, que, podendo deixá-los inativos, e, por isso, sujeitos a todos os êrros e vícios, e prêsas de muito maiores contrariedades, deu-lhes o trabalho para amenizar-lhes as agruras do destêrro, para suavisar-lhes o remorso pelos êrros anteriores, para predispô-los à salvação por meio do sacrifício no cumprimento do dever.

"A vida sem o trabalho não teria atrativos. O fruto que nada nos custo é muito menos saboroso do que o adquirido com nosso esfôrço. A herança entregue a quem não lhe sabe o valor, a quem ignora quanto de esfôrço custou, é um legado que se esbanja, que desaparece no decorrer de pouco tempo.

"O trabalho é tão necessário à humanidade, — aos pobres e aos ricos, aos humildes e aos potentados, — como o ar é preciso à vida, como a água é necessária aos peixes.

"Cada dia de trabalho assíduo e útil, em benefício de nós próprios, de nossas famílias, da sociedade que nos circunda e da terra que nos abriga, corresponde a um hino de amor elevado à glória infinita de nosso Pai Celeste.

"O trabalho é uma bênção de Deus. Quem não trabalha produz o mal. Quem trabalha se aproxima de Deus".

* * *

Quando os viajantes se detiveram para a segunda noite de repouso, o sol, em declínio, parecia não conceder mais uma hora de luz, e como o crepúsculo de abril entre nós é rápido, apressaram-se êles, mais do que no dia anterior, nos preparativos para o descanso e a segurança da noite.

Como na tarde anterior, saltaram em terra, amarraram sòlidamente as jangadas, limparam e aplainaram o terreno na superfície de algumas braças quadradas, e alí armaram a barraca.

Em seguida fizeram lume e iluminaram o interior da barraca com a candeia de azeite de mamona, e transportaram para terra os objetos necessários ao repouso e à defesa da casinha provisória.

Enquanto Domingos, Fernando e João executavam êsses serviços de instalação, Manoel, um sofrível cosinheiro, preparava a refeição da tarde, à qual fizeram a devida honra todos os viajantes.

No primeiro dia tinham-se limitado os itinerantes a coser sòmente num caldeirão, suspenso, pela alça de arame, a um pedaço de cipó que pendia da junção de três varas, um pouco maiores do que bengalas comuns, as quais, com as extremidades inferiores fortemente apoiada no chão, como se demarcassem os vértices de um triângulo equilátero, a quatro palmos de distância um ponto de cada um dos outros, uniam-se encima, a uma altura de quase um metro, segurando entre si o caldeirão.

Nêsse segundo pouso, porém, Manoel, destacado exclusivamente para êsse mister, quís aumentar às iguarias e variar o repasto.

Tendo cortado e apontado duas varas de cêrca de cinco e meio palmos, firmou-as no solo, a prumo, batendo-as com um machado, à guisa de malho, à distância de mais de um metro uma da outra, e sôbre essas duas estacas firmou um travessão, no qual dependurou, pelas res-

pectivas alças, dois caldeirões pequenos e um maior, assim podendo os viajantes comer sopa, arroz, pirão e carnes de duas espécies, — um verdadeiro banquete naquêle êrmo, — havendo como sobremesa chá e bolachas (*)

A noite, como a anterior, decorreu sem incidente algum, tendo sido também repartida por quatro sentinelas, que vigiaram sucessivamente o acampamento.

No espaço do terceiro quarto, que coubera a Fernando, constatou êste uns ruidos suspeitos na visinhança, mas pareceram-lhe afinal produzidos por animal de pequeno porte ou algum felino receioso.

* * *

A jornada seguinte, isto é, a viagem do terceiro dia, foi iniciada quando o sol demonstrava nove a dez horas. Partiram após a refeição da manhã, depois de feitos alguns reconhecimentos pelas circunvisinhanças, em um e outro lados do rio.

A viagem prosseguia sem incidentes, pelo Guarapiranga abaixo, quando Fernando exclamou: "Outro rio!"

— E' um afluente, — declarou Domingos examinando de longe a embocadura daquela corrente dágua.

E todos olhavam atentamente a foz daquêle rio desconhecido, quase tão volumoso como o Guarapiranga, e que despejava sôbre êste as suas águas pela margem direita, descendo de uma pequena elevação, e alargando-se mansamente, em forma de delta alongada, amortecido o ruido da queda pelas areias acumuladas em ambas as margens do rio desconhecido, e mesmo no Guarapiranga, no lugar da confluência.

— E' o Chopotó, — disse Braz Pires. — Sei, há muito, da existência dêsse rio, e sabia ser êle afluente do Guarapiranga. Desde 1573 é conhecido o rio Doce, pois Sebastião Fernandes Tourinho, com alguns companheiros, fêz nêsse ano as primeiras explorações em Minas Gerais, subindo pelo rio Doce, desde a capitania do Espírito Santo, e descendo pelo Jequitinhonha. Essas explorações, seguidas pelas de Antônio Dias Adorno, Manoel de Azevedo, Antô-

(*) Nêsse tempo o café ainda era desconhecido em Minas Gerais. — *O Editor*.

nio Rodrigues e outros, encontraram provas da existência de minas de ouro e de esmeraldas, e fizeram convergir numerosos bandeirantes às margens do rio Doce. Alguns dêsses, os mais ousados, fizeram reconhecimentos em direção às origens do mesmo rio, e declararam ser êle formado pela junção dos rios Guarapiranga e Chopotó, junção que se efetua cêrca de dezoito léguas de Vila Rica. E', portanto, o Chopotó. Mas eu posso quase asseverar que os bandeirantes não vieram até aqui, sendo oriundas de alguns índios diversas notícias referentes a êsses rios.

Enquanto falava o chefe, as jangadas estavam paradas, à fôrça de varas, quase em frente à foz, e os viajantes examinavam curiosamente os arredores.

O sol, já um pouco além do zênite, demonstrava uma hora da tarde. Por todos os lados a tranquilidade, o sossêgo, o mistério. O majestoso silêncio das matas apenas era cortado pelas aves canoras, e a folhagem das árvores seculares era levemente embalada pela aragem branda daquêles vales amenos.

De espaço a espaço saltava um peixe na superfície dos rios, espadanando as águas, e parecia que verdadeiros cardumes, vindos de três diferentes direções, alí se encontravam, quase a salvo dos seus múltiplos inimigos.

Sôbre as águas boiavam folhas, desprendidas das árvores pela influência da estação e dos ventos, e sôbre essas folhas saltavam frequentemente, aqui e alí, numerosos pequenos peixes.

Uma grande árvore, talvez multissecular, debruçava sôbre as águas, no ponto da entrada do Chopotó, um enorme galho, quase horizontal, terminado em miríades de folhas formando uma espécie de luxuoso caramanchão pênsil, que a brisa balouçava com doçura.

* * *

— Fiquemos hoje por aqui, — disse afinal Braz Pires, — e depois discutiremos se devemos seguir a nossa viagem por um ou por outro rio.

Prêsas as jangadas à margem esquerda do Guarapiranga, e armada a barraca, como nas duas tardes anteriores, os viajantes fizeram reconhecimentos pelas cercanias, mataram alguma caça, e preparavam-se para o repouso da noite, com as mesmas precauções das noites antecedentes, quando, na palestra noturna, que entre êles era já um hábito necessário, surgiu o debate sôbre a direção a ser escolhida.

— Descermos mais pelo Guarapiranga, — dizia Fernando, — é aproximarmo-nos de terrenos já cultivados, onde numerosos núcleos já estão formados, pela maior parte pertencentes a portuguêses, por êles dirigidos, fartamente habitados por índios catequisados e é provável que três dias de marcha, semelhantes aos três vencidos, sejam suficientes para chegarmos aos primeiros postos.

— Isso absolutamente nos não convem, — disse Braz Pires. E' preferível estabelecermo-nos por aqui, ou a uma légua, pouco mais ou menos, dêste lugar, do que seguirmos para baixo mais um dia.

— E se subíssemos pelo Chopotó? — interrogou Domingos.

— Assim nos aproximariamos de Vila Rica, Ribeirão do Carmo e outros velhos núcleos, — disse Fernando.

— Não, — declarou Braz Pires; — mesmo que subíssemos muitas léguas, enquanto o rio fôsse navegável a embarcações *de tão grande calado* como as nossas, não chegaríamos às proximidades de Vila Rica e Ribeirão do Carmo, pois a nascente do Chopotó não é situada nessa direção.

— Continuemos então a viagem subindo pelo Chopotó, — propôs o jovem Domingos. — Assim ficaremos mais afastados da povoação que ante-ontem abandonamos...

— Eu desejo tomar posse de terras inteiramente incultas, — disse o chefe, — e por isso opino seguirmos êsse alvitre, e assim ficaremos afastados dos pontos já colonizados.

Subamos pelo Chopotó! — exclamaram ao mesmo tempo os dois moços.

E no dia seguinte, de manhã, após a refeição, as quatro varas caíram ao mesmo tempo ao fundo arenoso do

rio Chopotó, e começaram as duas grandes jangadas a sua marcha ascendente por êsse rio desconhecido.

* * *

A viagem tornara-se desde então mais vagarosa e difícil. As jangadas já não desciam, como até então, mas subiam, lutando os homens contra a fôrça das águas. Em cada uma das toscas e pesadas embarcações, os dois homens que a dirigiam, colocando a extremidade inferior das varas em terra firme, no fundo do rio ou em alguma das margens, caminhavam ao mesmo tempo para o lado de traz, ao longo das bordas da jangada, dando assim, firmados nas varas, um vigoroso impulso à mesma jangada, que seguia algumas braças para a frente, enquanto duravam os efeitos dêsses impulsos, os dois homens voltavam novamente para a frente da embarcação, pisando os dois pranchões que formavam as duas bordas laterais, e, firmando outra vez as varas, um novo impulso era dado.

Nêsses esforços, que os cansavam, que os estenuavam, passaram os viajantes cêrca de oito horas nêsse quarto dia de viagem, até que à tarde saltaram em terra, à margem direita, onde repousaram, instalados como nas noites anteriores, com as mesmas precauções, favorecidos por uma temperatura agradável e magnífico luar.

X

A ÚLTIMA JORNADA

Cinco dias de viagem contavam Braz Pires, Domingos, Fernando, João e Manoel, tendo passado três dias no rio Guarapiranga, marcha descendente, e dois no rio Chopotó, marcha ascendente e trabalhosa, que em diversos pontos exigia grande esfôrço e tenacidade, a fim de serem vencidas as pequenas correntezas.

Nessa última etapa, a mais acidentada, foram os

viajantes surpreendidos por um bando de capivaras que se atiravam ao rio.

Pouco afeitas às perseguições, pois por aquêles lugares, na ocasião, havia poucos indígenas em estado inteiramente selvagem, achando-se numerosos naturais, já meio civilizados, entregues, em outros pontos, ao trabalho pacífico, as capivaras, em vultoso bando, nada temendo, pastavam tranquilamente à margem esquerda do Chopotó, não ouvindo nenhum ruído suspeito devido certamente ao ruído feito por elas mesmas.

Assim chegaram os viajantes à frente do local onde estavam as capivaras, sem estas os perceberem nem serem vistas por êles, colocados, como estavam êles, bastante abaixo do campo onde se achava o bando, pois um barranco de quase dois metros de altura erguia-se a prumo à margem esquerda.

Em certo ponto, porém, a vara de um dos guias, de bambú maduro e resistente, chocou fortemente um arbusto à margem, e despendeu-se em consequência um galho sêco, que caíu sôbre os pranchões da primeira jangada. Ao duplo ruido, acrescido ainda pelo das varas caindo cadenciadamente nos águas. os possantes anfíbios, assustando-se, correram em direção do rio. Tinham sido êsses inesperados ruídos um verdadeiro e fragoroso sinal de alarme para as capivaras que, do alto do barranco, às dezenas, começaram a saltar desordenadamente sôbre as águas, com extraordinário sussurro, soltando gritos agudos, e alagando os viajantes com os jactos dágua que na queda faziam desprender-se do rio, dêste modo molhando ambas as jangadas e assustando os viajantes.

Com o susto, pelo inesperado do acontecimento, e pelo grande ruído, desgovernaram-se as jangadas, e as varas desprenderam-se das mãos dos guias, na jangada da frente, voltando esta a abalroar-se com a segunda. As duas varas boiavam no rio e tendiam a descer e desaparecer, quando um dos guias conseguiu apanhá-las, com o auxílio de outra vara.

Terminado o incidente e remediadas as suas consequências, prosseguiram os homens a sua viagem, por alguns momentos interrompida, continuando as jangadas a subir, vagarosamente, dificilmente, pesadamente,

pelo rio Chopotó, para êsse lugar desconhecido e inculto onde desejava Braz Pires fundar o novo núcleo de civilização e de trabalho.

* * *

Às quatro horas da tarde, pouco mais ou menos, saltavam os viajantes em terra, à margem esquerda, e, como nas tardes anteriores, uns aplainavam e limpavam um pequeno espaço de terra, e aí erguiam a barraca e preparavam a refeição, enquanto os outros firmavam as jangadas, conduziam à terra os objetos mais necessários, e vigiavam o local.

Tinham viajado durante cinco dias, a sete ou oito horas por dia e iam passar sob aquêle frágil abrigo de pano a quinta noite, como as anteriores, dividida em quatro partes iguais, em que faziam sentinela, sucessivamente, e com o mesmo método, Braz Pires, João, Fernando e Manoel.

Essa quinta noite foi-lhes entretanto menos calma.

Alguns pequenos ruídos suspeitos, na visinhança, e alguns maiores ao longe, e mesmo o vulto de um animal que as sombras não permitiram ser reconhecido, causaram sobressalto aos vigias, que entretanto acharam prudente não disparar tiro algum.

Êsse animal, — o vigia da ocasião o asseverava, — parecia uma onça de grandes proporções, uma espécie tigre americano, muito feroz e traiçoeiro. Vigiava na ocasião um dos servos, mas o chefe da expedição ainda assomou à entrada da barraca a tempo de ver o vulto desaparecendo, vagarosamente, por entre as árvores mais próximas, enquanto o escravo apontava calmamente a arma a êsse perigoso visitante, sem no entanto dispará-la.

Durante os quartos de sentinela destribuidos a João e a Manuel, os outros viajantes, para maior segurança vinham, um a um, reforçar a vigilância. No segundo quarto, que coubera a João, e no qual foram ouvidos os primeiros rumores suspeitos, Domingos, tendo-os ouvido, saiu a reforçar a vigilância, e no último quarto, pertencente a Manoel, velaram com êste Braz Pires no começo,

e Domingos e Fernando do meio para o fim, tempo em que a lua já não era visível, devido a algumas núvens, e em que os ruídos se repetiam e parecia aumentarem-se os perigos.

Rompendo afinal o dia, extinguiram-se os receios.

Deixando João e Manoel junto à barraca e às jangadas, Braz Pires, acompanhado por Domingos e Fernando, internou-se na floresta, fazendo reconhecimentos, e poucas horas depois, voltando ao acampamento, declarou:

— Está terminada a nossa viagem fluvial, e é provável não ser preciso empreender nenhuma viagem terrestre. Êste local nos serve, prestando-se perfeitamente ao fim que o destinamos. Se, no entanto, os meus companheiros acharem mais seguro retirarmo-nos do rio, poderemos empreender umas viagens pequenas, de um e outro lado do Chopotó, procurando um ponto mais apropriado ao nosso núcleo.

— Eu penso que poderemos ficar mesmo aqui, — declarou Fernando.

— Eu entendo que a proximidade do rio nos será de grande vantagem, — opinou Domingos.

— Estamos então chegados ao termo da jornada, — concluiu Braz Pires.

* * *

As duas jangadas, descarregadas, foram retiradas do rio e conduzidas para a sombra das primeiras árvores.

Logo em seguida, os novos moradores do local, com o auxílio de diversas ferramentas, dirigiram-se a uma pequena elevação do terreno, e alí, enquanto uns abriam uma larga clareira de muitas braças quadradas, outros cortavam madeiras, tiravam cipós, escolhiam varas resistentes, e faziam outros preparativos para se erguer a casinha para morada permanente daquêle grupo de homens decididos e ousados.

Em tôdas as emprêsas a divisão do trabalho sempre foi e é a base principal da prosperidade. E' o princípio de ordem sem o qual falham os mais úteis empreendimentos, e se desmoronam os mais perfeitos planos.

A emprêsa dêsses homens, porém, obedeceu, desde o seu início, à mais escrupulosa ordem, à mais perfeita divisão do trabalho, quer durante a viagem fluvial, quer em terra, nas construções, na caça, na lavoura, em tudo enfim, e a isso deveram grande parte dos sucessos obtidos.

Nessa ordem principiaram a primeira construção. Braz Pires aplainou o terreno com o maior cuidado, e, com uma trena de carpinteiro, improvisada em uma estilha de bambú, determinou as dimensões da *casa,* com as suas divisões, iniciando, com uma cavadeira, os furos para os esteios e os regos para as paredes, furos e regos que eram feitos por João, enquanto Manoel auxiliava a Domingos no preparo das madeiras, e Fernando ia erguendo e aprumando os esteios menores.

A morada teria quatro compartimentos, — uma sala à esquerda, com duas braças de largura por duas de comprimento; dois quartos, à direita, tendo cada um dêles uma braça de frente por mais uma e meia de fundo, e um compartimento, por traz, ocupando tôda a largura da casa, com cêrca de braça e meia de largura, destinado a cosinha e provisões. Assim ficaria a casa quadrada, com cêrca de 7 ½ metros em cada face.

Nessa segunda noite ainda os nossos colonos dormiram na barraca, com as mesmas precauções. Na seguinte noite, porém, estavam prontas as paredes exteriores da casa, e os cinco homens puderam repousar tranquilamente entre aquelas paredes, mas ainda sem coberta. Iluminava-os um luar belíssimo, e nessa noite a alegria entre aquêles homens foi mais comunicativa, e a palestra mais longa, embora estivessem cansadíssimos.

Em mais dois ou três dias ficou a casa completamente acabada, em feitio de *chalet,* com quatro esteios, nos quatro cantos, de mais de três metros de altura, e mais dois esteios de cêrca de quatro metros, formando o ponto da coberta. Tôdas as paredes eram de tacuara-açú, madura, muito grossa e resistente, e a coberta de sapê, vedando perfeitamente a chuva ou o sol.

Com as tábuas grossas de uma das jangadas fizeram êles a porta da frente e uma janela, rodando ambas sôbre gonzos de madeira sólidos e bem feitos, e as portas interiores, comunicando ou separando da sala os dois quartos e a cosinha, eram de esteira de taquara, dupla, artisticamente trançadas pelos dois servos, que em tais trabalhos tinham a sua especialidade.

O primeiro dos quartos pertencia a Domingos e Fernando, e o segundo a Braz Pires. No primeiro havia duas camas, e no segundo uma cama e uma mesa, tôdas de bambú e taquara, mas tendo a mesa o tampo de tábuas.

Na sala havia, ao fundo e à direita, dois largos bancos de bambú, que durante o dia constituiriam assentos, mas à noite, recebendo os respectivos enxergões, transformavam-se em duas excelentes camas onde dormiam João e Manoel.

Fechadas a porta e a janela da frente, e as duas pequenas janelas da cosinha, não havia a menor probabilidade de serem os moradores atacados por animal algum, e mesmo contra o frio, que se aproximava com a chegada do mês de maio, a casa era já abrigo razoável.

Para cada cama tinham feito um colchão com os panos da barraca e das colchas trazidas de Guarapiranga, cheio de vegetais macios a que chamam de "barba de páu", e pela mesma forma fizeram almofadas, servindo de linha os filamentos da piteira, e de agulhas os espinhos da laranjeira selvagem.

Também na cosinha havia provas da paciência e da habilidade dos moços Domingos e Fernando, no fogão que nela construiram, e nas prateleiras para vasilhame, e nas diversas cordas para ficarem pendentes do teto os sacos de carnes e outros comestíveis.

XI

PLANOS E REALIZAÇÕES

Seis dias tinham decorrido. Durante seis dias tinham os homens trabalhado na casa, que no sábado à noite ficara concluida.

Era uma construção quadrada, de cêrca de 7 ½ metros em cada lado, à margem do rio, para o qual voltava o lado esquerdo, o da sala, e tinha um pouco mais de 3 metros de altura.

As paredes, construidas de tacuara-açus maduras e retas, cuidadosamente escolhidas e limpas, e perfeitamente aparadas à altura da trave, deixariam interstícios à chuva e ao vento, mas pelo lado de dentro eram as paredes exteriores reforçadas com esteiras de taquara, cuidadosamente entrelaçada por mãos hábeis.

Pendente da parede dos fundos da sala, uma candeia de óleo de mamona iluminava frouxamente tôda a habitação, mas dando luz suficiente para algumas pessoas lerem ou escreverem sôbre a mesa da sala, fixa, tosca, mas prestando-se muito bem aos fins a que era destinada.

Além dos assentos fixos no solo, constituidos pelas camas, já havia na sala dois assentos portáteis, feitos com tábuas da segunda jangada, e pelas paredes já se viam cabides, formados por forquilhas naturais, de madeiras leves, de onde pendiam chapéus e peças de vestuário.

Assim estava a primeira construção da nova colônia, aparelhada a servir de seguro abrigo àquêles e outros moradores durante alguns anos.

Nêsse trabalho tinham êles passado seis dias completos, agindo desde o raiar do dia até desaparecer o sol no poente, e aproveitando ainda umas horas da noite, à luz da candeia, para os trabalhos de melhoramentos internos da casa.

Sem prejuizo, porém, dêsses trabalhos, Braz Pires e Domingos tinham dedicado quase dois dias à construção duma canôa, para isso aproveitando a conformação natural de um grosso tronco, que tinham abatido a machado e cavado a fogo, aperfeiçoando a cavidade e as extremidades a serrote e machadinha. Ao anoitecer de sábado tinha sido atirada ao rio a canôa, que ficara sòlidamente amarrada à margem.

Sòmente depois de iniciada a canôa, concordaram os novos colonos em despregar as tábuas da segunda jangada, que foram aproveitadas para os trabalhos do interior da casa.

Ao anoitecer de sábado balouçava, pois, uma larga canôa sôbre as águas do Chopotó, à margem esquerda, próximo e à esquerda da casa.

À direita e por traz da casa, num terreno de pequeno declive, por onde corria uma *telha* dágua limpida e fresca, estava demarcada uma cêrca, já iniciada e a concluir-se na semana seguinte, a fim de no terreno cercado ser plantado quanto mais necessário fôsse. Seria a horta da colônia.

Terminara o dia, e a noite prometia ser escura e fresca. Os cinco homens recolheram-se à casa, cuja porta fecharam com cuidado, e reuniram-se na sala, para a palestra e o descanso, à luz suave da candeia de azeite. Mais tarde tomariam o chá do costume, após o qual entregar-se-iam ao sono reparador dos corpos cansados pelo trabalho, a fim de continuarem a agir, inteiramente refeitos das fadigas da véspera, quando no dia seguinte o sol dourasse com seus raios de luz as cumiadas longínquas das serras fronteiras.

* * *

Braz Pires, rompendo o silêncio, começou a falar aos seus companheiros, assentados, como êle, à borda das camas ou sôbre os dois assentos móveis:

— Terminamos hoje a semana, — a primeira semana da colônia, — com seis dias de trabalho bem executado.

— E bem dirigido, — atalhou Fernando.

— Amanhã, domingo, dedicaremos o dia ao repouso, que bem merecemos pelos nossos esforços, e, se para isso estivermos dispostos, pescaremos durante algum tempo, experimentando estas águas. O Chopotó parece ser bastante piscoso.

"Os perigos afastaram-se, — continuou Braz Pires. — As numerosas e ferozes onças nestas matas não se animam a aproximar-se, receiosas dos novos habitantes, que elas talvez considerem animais perigosos... As antas aparecem raramente nestes sítios, e são animais que apenas se defendem. Os raros jacarés que temos visto, aliás não muito grandes, apenas poderão ser temidos por nós quando tivermos criações de porcos, cabras e carneiros; mas então entraremos em guerra, nós e êles, e os

extinguiremos nas proximidades, ou os repeliremos para longe.

"De índios em estado inteiramente selvagem não há taba alguma nesta zona. Êsses indígenas ferozes foram expulsos desta região pelos diversos *bandeirantes* dos anos anteriores, e sòmente passam de tempos a tempos, em maltas pouco temíveis, pelas proximidades de Guarapiranga, Espera, Rosário, Destêrro e alguns outros núcleos, sem se deterem, temendo serem perseguidos. Nas proximidades dêsses centros, e mesmo um pouco mais longe, mas bem conhecidos, existem diversas aldeias habitadas, mas por indígenas já meio civilizados, entregues ao trabalho sob a direção de portugueses ou descendentes dêstes. Tais índios são menos perigosos, não sòmente pelo seu estado de meia-civilização, como porque são de tribos mais pacíficas e dóceis. No caso, impossível aliás, de por êles sermos hostilizados, contaríamos, no futuro, até mesmo com o auxílio de outros indígenas. Mas eu creio que nada teremos a temer da parte dêles, e que, pelo contrário, poderemos contar com êles, ou pelo menos com os mais visinhos, para a nossa emprêsa agrícola.

"Nenhum perigo, portanto, nos ameaça, e agora já temos morada segura para alguns anos, conquanto seja meu desejo construir sem demora melhores casas para moradia dos auxiliares que aqui esperamos. Já podemos, pois, separarmo-nos por alguns dias.

"Eu e dois companheiros ficaremos aqui, prosseguindo os nossos trabalhos de cêrca e plantio, e, se possível, construindo mais algumas cabanas, e dois de vocês voltarão a Guarapiranga, e à minha casa, na Vargem, de lá trazendo quanto nos é ainda preciso, e o pessoal necessário ao desenvolvimento da lavoura na fazenda em projeto. Não escolho os que devem ir".

— Irão Fernando e Manoel, — interrompeu Domingos, — e eu e João ficaremos com meu tio.

— Combinado, — afirmou Fernando.

— Muito bem lembrado, — confirmou Braz Pires; — mesmo porque meu sobrinho e João têm mais prática de serviços de carpinteiros, e por isso, de segunda-feira em diante iremos nós três principiando a construção de algumas casinhas simples, mas bem seguras, para agasalhar o pessoal esperado.

"Já temos para o estaleiro algumas *tóras* de boas madeiras, e, como trouxemos conosco uma serra, tiraremos algumas tábuas, armaremos a tenda para o ferreiro, e iremos agindo de tal forma que, no fim de 15 dias, que é o lapso de tempo necessário à viagem de ida e volta, Fernando e Manoel, ao regressarem, encontrarão abrigo para o pessoal esperado.

"A viagem nas jangadas, grandes, cheias, pesadíssimas, foi bastante penosa, de cinco dias, a mais de sete horas por dia; mas agora dispomos duma canôa, e esta, muito mais leve, andando a remos em vez de varas, poderá fazer o mesmo trajeto em menos de quatro dias. Como os dois rios, nos trechos percorridos, são-nos já bem conhecidos, pois fizemos cuidadosas observações na viagem, nem sequer será preciso retirarem do rio a canôa, afim de vencerem trechos de alguma correnteza, como sucedeu para com as jangadas, com grande esfôrço nosso. O que será menos agradável é passarem duas ou três noites na canôa; mas esta pode ficar amarradas no meio do rio, em lugar onde a água seja mansa, e cada um dos remadores dormirá algumas horas, embuçado nas mantas que devem levar, enquanto o outro velar, tendo sempre o mosquete e o facão ao seu alcance, para qualquer emergência.

"Ou muito me engano eu, ou nós percorremos quase 25 léguas, e, como os dois rios formam um ângulo bem aberto, devemos estar a mais de 15 léguas de Guarapiranga, em linha reta. Estaríamos mais longe dessa povoação se tivéssemos seguido sòmente o curso do primeiro rio. Estamos entretanto à distância desejada.

"Fernando e Manoel partirão na próxima segunda-feira, e regressarão para aqui, com o pessoal e os objetos desejados, logo que o possam fazer, e eu penso que no fim de uns 15 dias podem aqui estar. Lá devem ser vendidas tôdas as minhas criações e objetos pesados. As ferramentas precisas, e os outros objetos que desejamos, podem vir em canôas, que serão compradas com facilidade no povoado.

"Neste ano não poderemos ter aqui criação alguma, exceto galinhas, e destas devem vir alguns especimes, que aqui já encontrarão cercado o preciso terreiro, com galinheiro forte, resistente aos animais da mata.

"E' mais acertado construirem algumas jangadas, para os materiais, jangadas que podem ser comboiadas pelas canôas a remos".

— Disporemos as coisas como as circunstâncias o exigirem, — disse Fernando, — e de qualquer forma, com o auxílio de Deus, cá chegaremos sem novidades desagradáveis.

Por mais algum tempo conversaram ainda os homens sôbre a próxima viagem, sôbre os trabalhos a executar, e sôbre o futuro da novel colônia, opinando diversas vêzes, sôbre vários assuntos, também os dois escravos, que para com Braz Pires eram muito mais do que simples servos, pois que a ambos tinha-os êle adquirido quando êles eram meninos, e tinha-os criado com cuidado e afeto.

Recolheram-se tarde aos leitos, dispostos a não se erguerem cedo na manhã seguinte, e, mesmo deitados, continuaram a trocar idéias, em voz mais baixa, Domingos e Fernando em seu quarto, e João e Manoel na sala, enquanto Braz Pires, a sós no seu pequeno quarto, e repousando dos labores árduos do dia, cismava sôbre o passado e acumulava planos para o futuro.

* * *

Enganava-se entretanto Braz Pires em seu cálculo acêrca da distância percorrida. O meio usado para sua locomoção não era quase nunca usado para viagens pròpriamente ditas. A jangada, muito usada aliás, era apenas empregada na travessia dos rios e nos trechos pequenos.

Supunha êle terem percorrido quase 25 léguas, quando apenas tinham caminhado 69 quilômetros, — 11 ½ léguas, — pois verificou-se posteriormente que de Guarapiranga (atual cidade do Piranga) até à confluência do Chopotó, seguindo a direção do rio Piranga, há 41 quilômetros, e dessa confluência, seguindo-se o curso do Chopotó, até a sede do atual distrito onde Braz Pires fundara a colônia, há 38 quilômetros.

Também havia êrro quanto à sua suposição de estarem separados de Guarapiranga por umas 15 léguas, pois era bastante menor a distância.

Não precipitemos, porém, os acontecimentos, e passemos ao novo capítulo desta simples e verídica narração.

XII

O IMPREVISTO

O sol começava a surgir, iluminando todo o vale, e já refletindo diretamente os seus raios de luz sôbre os altos cimos das serras, e entretanto todos dormiam na casinha rústica da margem esquerda do Chopotó.

E tinham razão para isso. Era o primeiro domingo que iam passar na colônia, e tinham deliberado ser êle de repouso, e por isso nem sequer se tinham apressado a procurar o sono na noite anterior.

Tinham partido de Guarapiranga em uma quarta-feira, viajando durante cinco dias sôbre as águas dos dois rios, e aportado àquêle local no domingo anterior. Ficando então definitivamente escolhido o lugar para a fundação da colônia, os trabalhos tinham sido atacados aos primeiros raios de luz de segunda-feira, e interrompidos na noite de sábado, após seis dias de extraordinários, de exaustivos esforços.

Era o primeiro domingo da jovem colônia, e todos tinham adormecido tarde, e tarde despertaram, quando o sol já banhava de luz a casinha e seus arredores.

Os primeiros a deixar os leitos foram os dois servos e Braz Pires. Domingos e Fernando dormiam ainda profundamente. Os dois primeiros tratavam já dos arranjos da cosinha, enquanto o chefe, tendo saído pela porta posterior da casa, lavava o rosto pacatamente, junto à bica de madeira, a poucos metros da casinha, quando sua atenção foi sùbitamente despertada por um vulto, semelhante a um homem, a um indio, meio encoberto pelos arbustos e pela cêrca da direita, onde começava o declive do morro que terminava próximo da casa.

Braz Pires voltou imediatamente para o interior da habitação, para onde chamou rápido os dois servos, fechando a porta após si, e em seguida deu-lhes comunicação de suas suspeitas quanto à presença de indígenas.

Despertando sem demora os dois moços, com êstes dirigiu-se à porta da frente, que Fernando abriu, todos convenientemente armados, como medida de precaução deixando fechadas as janelas.

Olharam, e apenas viram um vulto de homem semi-oculto pela folhagem de uma árvore.

Sairam então os três homens para o terreiro da futura fazenda, e deram alguns passos em direção ao vulto.

Um ligeiro estremecimento perpassou então por Fernando e Domingos ante a surprêsa que os esperava: um homem estava assentado, a uns trinta metros da casa, sôbre o barranco formado pelas escavações, no princípio da clareira. Mas a sua atitude era pacifica, não inspirando receios.

Braz Pires, à frente dos seus companheiros, deu mais alguns passos em direção ao homem, que continuava assentado, e encarou-o fixamente.

Era um índio, e olhava sorrindo para o grupo dos portugueses. Nêsse momento chegavam ao local João e Manoel, e o primeiro, vendo o indígena, disse baixo a Braz Pires:

— E' o Gregório...

— Gregório! — exclamou admirado Braz Pires.

O homem levantou-se, sempre sorrindo discretamente, e adiantou-se em direção ao grupo dos moradores da nova casa.

Era um índio de côr morena, mas fisionomia simpática, e parecia ter uns trinta anos de idade. Estatura abaixo da mediana, longos cabelos pretos e duros, barba escura e rala, era de certo um especime puro da raça dos croatas, família oriunda da grande nação dos tupitingas. Essa sub-raça se distinguia pela sua fidelidade e pelo seu gênio pacífico, e habitava grandes e populosas aldeias às margens dos rios Pomba e Paraibuna, mas nessa época era já atacada e perseguida pelos invasores, como também pelos guarás, índios maus, conhecidos pela sua voracidade, e pela ligeireza de sua marcha e rapidez de suas *igaras*.

Devido a essas perseguições contínuas por parte dos invasores e dos guarás, e ainda por parte de indígenas deslocados de suas *tabas*, muitos indivíduos da tribo dos

croatás, e até famílias inteiras, apareciam então em Guarapiranga, Vila Rica, Ribeirão do Carmo, e arraial dos Carijós, lugares onde hoje existem, respectivamente, as cidades de Piranga, Ouro Preto, Mariana e Queluz. Lafaiete

O índio a quem chamaram de Gregório era certamente um dêsses croatás expulsos de sua *taba*, talvez mais visinha das aldeias dos feros botocudos, que tinham os seus principais redutos, onde existem hoje os municípios de Palma, Muriaé e outros, e eram considerados os índios mais selvagens de todo o Brasil, indomesticáveis mesmo.

Gregório aproximou-se, pois, dos novos colonos.

Parecia estar em extrema pobreza, pois cobriam-lhe parte do corpo uma velhas calças, que mal chegavam aos joelhos, e uns restos de camisa, quase sem mangas, em ambas as quais havia tantas emendas, e tantos remendos, que não era possivel conhecer-se o pano primitivo. Sôbre a cabeça tinha êle uma espécie de chapéu sem abas, trançado de palha.

Chegando junto ao grupo que o esperava, parou, apoiou-se ao pesado bordão terminado em ponta de ferro, sua única arma, e disse:

— Eu vi fazer a casa, de longe, e cheguei, conheci o Sr. Braz Pires. Não cheguei, porque não queria que o companheiro soubesse. Eu vi sòzinho, e voltei. Hoje vim pedir serviço e roupa. Quero ficar aqui.

— Êle fala com certa dificuldade a nossa lingua, — disse Braz Pires a seus companheiros, — mas tem demonstrado inteligência, pois há pouco mais de um ano que lida com portugueses. E' um índio bom, duma tribo mansa. Os pais foram catequizados muitos anos antes, mas a família desapareceu da região, não se sabe porque, ficando apenas êste moço, cuja mulher estava enferma e sem recursos, tendo por isso aparecido a pedir auxílios em Guarapiranga. A mulher sarou e está empregada com o Rodrigues, mas para êle não houve serviço no povoado, e por isso êle desapareceu novamente, apenas voltando a ver a mulher de mês em mês. Eu não o conheci logo que o vi, e nem esperava vê-lo tão pobre. E' fiel como um cão, e por isso eu tenho certeza de que nada disse, a pessoa alguma, acêrca do seu encontro. E' necessário que o

amparemos, e pode-nos êle ser também de grande utilidade.

Enquanto Braz Pires assim falava, o recenchegado esperava pacientemente, sem mudar de posição, com a calma própria da sua raça.

— Como soube você que nós estávamos aqui, — perguntou Braz Pires.

— Vi o Sr. na caça, há três dias; — respondeu Gregório.

— E depois?

— Acompanhei o Sr., e vi a casa.

— E por que me não procurou antes?

— Porque eu tinha companheiro; — explicou o índio.

— E seu companheiro? — interrogou Braz Pires.

— Companheiro tinha ficado encima, e só ouviu tiro. Não contei nada.

— E de onde veio você hoje? — interrogou Braz Pires.

— Da Guarapiranga, — respondeu o índio.

— De Guarapiranga?! — interrogou Braz Pires. — Mas êsse lugar é muito distante daqui...

— Três léguas e meia, — disse o índio.

Êle pronunciava: *Trê légua mêa.*

— Não é possível, — objetou o jovem Domingos. — Você deve estar enganado.

— Três léguas e meia, — tornou a afirmar o índio.

— Nós calculávamos em 15 léguas, no mínimo, — disse Fernando.

— Três léguas e meia, — tornou a asseverar o índio.

— Será possível?! — exclamou Braz Pires, duvidando.

— Do alto daquêle morro eu mostro Guarapiranga, — disse Gregório apontando o cimo duma bela montanha quase fronteira.

— Vamos! — disse Braz Pires, convidando os dois moços.

— Vamos! — disseram ao mesmo tempo Fernando e Domingos.

E após uma ligeira refeição, partiram Braz Pires, Domingos e Fernando, guiados pelo índio Gregório. Êste caminhava na frente, seguido de perto pelos outros excursionistas, todos silenciosos, pela floresta a dentro. Subiram uma pequena encosta, caminharam por alguns minutos em um plano de algumas centenas de metros, e

começaram a galgar a montanha, sempre sob árvores frondosas, caminhando com relativa facilidade, sôbre as pegadas do índio, que entretanto esperava às vêzes os companheiros, e parecia conhecer verdadeiras veredas naquela mata secular, veredas não encontradas por pessoas de outra raça além da daquêles filhos das selvas, que alí vinham à luz, e alí viviam com verdadeiro amor à opulência da ubérrima região de seus antepassados, conheciam-lhe todos os segredos, sondando-lhe todos os arcanos.

De bom grado o jovem Domingos deter-se-ia algumas vêzes ante um vegetal curioso, ou para examinar umas frutas silvestres, ou atirar a um animal desconhecido; mas o receio de retardar a marcha, ou de desgostar o guia, fazia-o marchar para a frente, rápido, mosquete ao ombro, sem se vencer aos seus desejos.

Assim subiram durante mais de uma hora, e depois andaram mais algum tempo sôbre um planalto onde as árvores eram mais altas e menos frondosas, o que permitia haver mais luz no solo, mas ao mesmo tempo mais arbustos, que dificultavam a marcha.

Ao começar o declive contrário, o índio parou, com um gesto fêz que se detivessem os seus companheiros, de membros lassos pela rápida ascenção, e, estendendo o braço direito, disse:

— Guarapiranga!

— Guarapiranga! — repetiram ao mesmo tempo, como num éco, os três portuguêses.

Via-se realmente ao longe, bem ao longe, um amontoado de casas brancas, como que formando uma povoação em franca prosperidade, e de diversos telhados subiam colunas de fumo, que se elevavam sinuosamente aos ares. Os homens chegavam mesmo a distinguir a praça, e as duas ruas principais, — uma centena de casas, talvez, iluminadas pelo sol naquêle formoso dia de maio.

A povoação, naquêle tempo já florescente, estendia-se pela encosta de uma montanha verdejante, além da qual viam-se outras montanhas, longínquas, que a distância tornava azuis.

Em linha reta, dêsse ponto de observação ao povoado de Guarapiranga talvez não houvesse a distância de mais de 12 quilômetros, e dêsse ponto à casinha recencons-

truida devia haver a distância de uns três quilômetros, o que equivale, em veredas tortuosas, a cêrca de 3 ½ léguas.

Braz Pires, Fernando e Domingos, que se supunham arredados mais de 15 léguas do povoado de onde 12 dias antes tinham saído, estavam residindo, pois, sòmente a 3 ½ léguas dêle, separados por vasta e densa floresta, por onde jamais tinham os lavradores, arautos da civilização, lançado à terra as sementes com que cobriam os campos do norte e do nordeste, para os lados de Vila Rica, como ao longo da estrada nova que ligava as ricas terras em exploração ao porto do Rio de Janeiro, estrada poucos anos antes entregue ao trânsito.

E' que os rios por onde viajaram os novos colonos correm quase paralelos durante um certo espaço, e em trecho algum o curso de um toma direção que não haja, para com o outro, em ângulo agudo. Nascendo ambos no município de Barbacena, correm próximos um do outro por dois vales produzidos pelas ramificações da extensa Serra do Espinhaço (Cadeia da Mantiqueira), sendo sempre o então Guarapiranga mais volumoso do que o Chopotó, e percorrendo maior extensão, do que claramente se deduz ser êle o rio principal e o Chopotó ser um afluente, provado ainda pela conformação do terreno e dos respectivos leitos na confluência, acêrca de 11 quilômetros da sede do atual distrito de Calambáu, perto da fazenda denominada "Seringa", e a 20 quilômetros da sede do atual distrito de Conceição do Turvo.

A 11 quilômetros dêsse último lugar, e mesmo no terreiro da fazenda denominada "Barra do Turvo", há a confluência do rio Turvo com o Chopotó, a 9 quilômetros da foz dêste.

O Turvo é composto pela junção de dois pequenos rios de igual nome — um que banha o grande distrito de Conceição do Turvo, e outro que atravessa o não menos importante distrito de Dores do Turvo, ficando assim bastante volumoso êsse rio, o maior afluente do Chopotó.

Depois de receber as águas do Chopotó, assim engrossadas pelas do Turvo, continua o rio Piranga a ter o mesmo nome com o qual é conhecido em tôda a extensão que percorre no município dêsse mesmo nome e no de Ponte Nova, passando por Porto Seguro (Tapera), Guaraciaba e Ponte Nova, até a foz do ribeirão do Carmo, a 8 léguas abaixo da cidade de Ponte Nova, e apenas dêsse ponto em diante é que toma o nome de rio Doce, nome que conserva até entrar no oceano, no lugar denominado São Mateus, no estado do Espírito Santo.

Já é com o nome de Doce que o grande rio recebe as águas dos rios Casca, Matipó, Cuieté e Manhuassú, pela margem direita, e Piracicaba, Santo Antônio, Correntes, Suassaí Grande e Suassaí Pequeno, pela margem esquerda.

Mas voltemos, sem outras digressões: ao cimo da montanha, onde se achavam Braz Pires, Domingos e Fernando, conduzidos pelo índio Gregório, avistando ao longe a praça e as ruas do povoado de Guarapiranga (nome de então), e também avistando diversos trechos da linha sinuosa e brilhante das águas do rio, banhadas pela clara luz do sol, linha que demarcava o itinerário que 12 dias antes tinham iniciado êsses arrojados viajores.

* * *

Os índios são em geral pouco parladores. Gregório, vendo os três homens silenciosos e pensativos, acocorou-se mudamente, junto ao tronco secular de um cédro gigantesco, um pouco afastado do grupo, e alí aguardava qualquer resolução de seus companheiros.

No fim de alguns minutos, o jovem Domingos interpelou Braz Pires nestes termos:

— E agora, meu tio, qual a sua resolução? Que pensa sôbre o caso?

— Estamos mais próximos dos meus desafeiçoados do que eu desejava, — respondeu o tio, — mas isso não nos priva de fundarmos a fazenda no lugar escolhido. Continuaremos alí, naquêle aprazível, naquêle encantador lugar, onde o clima é ameno, a água pura, o terreno fertilíssimo, e boa a localidade, à beira do formoso rio Chopotó, cujas águas para alí nos conduziram. Daquêle lugar faremos nossa segunda pátria.

* * *

O sol marcava meio dia, e os quatro homens, tendo pouco antes regressado, discutiam à sombra da casa sôbre o futuro da projetada fazenda. Manoel, assomando à porta da sala, disse:

— O almôço está pronto.

E desde aquêle dia, desde aquêle alegre e claro domingo de maio, a colônia teve mais um homem, mais um valoroso auxiliar...

* * *

No dia seguinte, segunda-feira, partiram Fernando e Manoel para Guarapiranga, guiados pelo índio, já de novos trajes, mas por terra, e não pelos rios. Levavam ferramentas para ser aberta a picada, e levavam autorização escrita a fim de ficarem decididos todos os negócios de Braz Pires, inclusive a venda dos imóveis e a requisição das terras devolutas em ambas as margens do Chopotó.

As criações seriam conservadas na Vargem durante algumas semanas mais, e depois transportadas para a "Colônia", nome que começaram a dar à sua nova residência e imediações, até que outro nome fôsse escolhido.

Era projeto de Braz Pires firmar-lhe o nome quando, como pretendia, erguesse a capela a Maria, mãe santíssima de Jesus, com a invocação de Nossa Senhora do Rosário, em atenção à sinceridade com que em geral os pretos, com essa invocação, rendem culto à divina mãe do Redentor.

XIII

OITO MESES DEPOIS

Terminara a primavera. Tudo alegre e promissor na fazenda. Era ameno o outono.

Uma casa grande e confortável, e diversas casas menores, tôdas cobertas de telhas do estilo colonial, e tôdas caiadas, com as portas e janelas azuis, e os portais verdes, abriam-se alegremente para uma espécie de grande terreiro plano, e ocupavam, em dois alinhamentos perfeitos, os dois lados mais longos dêsse retângulo, fechado em um dos lados menores pela pequena capela, muito branca, com a sua cruz de madeira ao alto, na frente, e passagens laterais, e fechando o outro lado menor um vasto barracão, onde trabalhavam carpinteiros, deixando ver ao fundo dois "estaleiros", cada um dos quais sustentava uma grossa madeira que três serradores um encima da madeira e dois no chão, transformavam em tábuas.

Além dêsse barracão, a uma distância de umas 200 braças do mesmo, existiam cobertas, junto às quais trabalhavam oleiros, com crescido número de telhas de barro, lançadas sob as cobertas, ou em pé, já queimadas, prontas para o uso.

As duas encostas visíveis, das montanhas que ficavam por traz da casa maior e à direita da capela, já não estavam, como oito meses antes, cobertas de árvores seculares, mas de milharais em boneca, prometendo farta colheita. Viam-se ainda grossos troncos, das antigas árvores, que os lavradores não tinham podido arrancar e retirar, e outros troncos, ou árvores abatidas, que oportunamente os construtores retirariam, tendo sôbre essas madeiras passado impunemente o fogo das "queimadas" de agôsto.

Cêrca de 110 pessoas habitavam já aquêle lugar. Era uma turma de carpinteiros e pedreiros, dirigida por Domingos, uma turma de oleiros e outra de derribadores, capitaneados por Gregório, e diversas turmas de agricultores, sôbre os quais Fernando superentendia, abrindo lavoura nos pontos mais apropriados, de ambos os lados do rio, num espaço de mais de dois quilômetros, em tôrno do núcleo. Além dêsses operários, havia alguns tropeiros, que traziam gêneros, ferramentas e outros artigos de Guarapiranga, e um pequeno número de homens que se ocupavam em abrir e conservar estradas, e outros que guiavam bois para a condução de madeiras, e outros que faziam cêrcas, além de diversas mulheres, que se ocupavam dos arranjos das diversas cosinhas, lavavam roupas, costuravam e cuidavam das criações.

Dois terços dessa população eram compostos de indígenas, contratados por Gregório entre os seus patrícios mais pacíficos e assimiláveis aos costumes da gente civi-

lizada, havendo, na outra parte da população, mais alguns brancos (portuguêses ou descendentes dêstes, diversos mestiços e uns 20 pretos, de ambos os sexos).

A casa primitiva, de madeira e bambús, à margem esquerda do Chopotó, era então habitada por empregados, e o mesmo sucedia a mais duas menores, construidas nas proximidades da primeira, e era justamente dêsse lado que mais lavouras havia, e onde seria a sede da fazenda. Braz Pires passara a residir na casa maior, à margem direita, onde fôra construida a capela provisória, e onde devia ser a sede do futuro povoado.

A passagem do rio era feita por meio de canôas leves, a remos, havendo o projeto do lançamento de uma ponte de madeira, o que no primeiro tempo de estio seria efetuado.

Domingos e Fernando residiam na casa de Braz Pires, e Gregório e sua mulher, empregados do fundador da fazenda, e já decentemente vestidos, moravam em uma ala da mesma casa. Nas casinhas próximas habitavam os empregados e escravos casados.

A distância de um quarto de légua crescia, verdejante, um grande canavial, e para o fabrico do açucar, no ano seguinte, estava já projetada a construção de um engenho, junto à farta corrente dágua que, pouco acima, já acionava um moinho e um monjolo. Para o engenho já estavam no local numerosas e excelentes madeiras.

Uma estrada regular, dando passagem fácil a animais de sela e de carga, ligava a novel fazenda ao povoado de Guarapiranga, de onde os tropeiros traziam quanto era necessário ao lugar, e para onde levariam mais tarde o excesso da produção daquelas terras generosas.

Além das canôas que baloiçavam sôbre as águas, então bastante aumentadas, do Chopotó, haveria, no fim de mais uma quinzena, uma pequena barca, em ponto menos largo do rio, prêsa a um delgado mas resistente cabo fixo, facilitando-se assim o transporte de pessoas e de gêneros alimentícios, e principalmente de operários e agricultores, cujos trabalhos os chamavam ora a uma ora a outra margem. Por essa barca os habitantes da margem oposta fariam o seu abastecimento, até que a ponte fôsse construida, e por esta fariam, do ano seguinte em

diante, a exportação dos seus produtos, a qual, — se Deus o permitisse, — seria bem superior à importação.

Ao redor da casa primitiva, à margem esquerda, por fora do terreno da horta, havia pastagens, onde vacas leiteiras mugiam e bezerros saltavam, e viam-se mansas ovelhas, com grandes carneiros de chifres grossos e pendentes, encosta acima, à espera de lhes ser cortada a lã, à entrada do verão, para as mantas de frio do ano seguinte.

Estava legalizada a posse da fazenda, tendo sido doadas a Braz Pires cinco sesmarias, *equivalentes a* 1000 *elqueires de terra em planta de milho*, onde poderia êle abrigar mais de 100 famílias e numerosos fâmulos. A venda da sua propriedade da Vargem, com o dinheiro anteriormente obtido no seu trabalho, produzira a soma com que êle custeava as construções quanto ao operariado e sustento, pois as despesas de materiais eram insignificantes, dispondo êle, como dispunha, de madeiras, pedras, areia, barro de telha, etc.

Havia verdadeiro progresso naquêle lugar.

Com uma coisa, porém, preocupava-se Braz Pires, com ela tornando-se dia a dia mais apreensivo: era a teimosia de grande número de indígenas não aceitando trabalho e moradia na fazenda, recusando assim o conforto e a segurança que dêsse modo lhes eram alí oferecidos, e preferindo sua antiga vida de incertezas, perigos e miséria. Relativamente à população indígena da região e da época, raros eram os índios que trabalhavam efetivamente na fazenda, raríssimos os alí domiciliados efetivamente, — pois em 110 habitantes, que a colônia contava no fim do oitavo mês de sua formação, número que variava aliás frequentemente, calculava-se em dois terços o coeficiente indígena, 70 a 80.

Expulsos da região os caiapós, da raça tapuia, e os chonins, das tribos botocudas, pelos primeiros bandeirantes, aproximaram-se da mesma região, e ocuparam-na mesmo em parte, índios menos selvagens, e alguns mansos, pacíficos, que viviam em boa harmonia entre si e com os portuguêses, mestiços e pretos.

Entre êsses havia numerosas famílias de goianazes, da grande nação goiá, e dos puris, que, fatigadas pelas longas guerras aos croatos, e perseguidas pelos goitaca-

zes e pelos caramonãs, assim procuravam segurança entre os civilizados.

Pouquíssimos, porém, firmavam-se no local. Em geral apareciam na fazenda inesperadamente, aos pequenos grupos, e pediam roupas e comida, e algumas vêzes ferramentas agrícolas, e alí ficavam trabalhando por algum tempo; mas desapareciam à noite, pouco tempo depois, sem se saber para onde se dirigiam, e levando as ferramentas. Outros já possuíam ferramentas, e apenas pediam roupa e sustento, com um pequeno salário.

Desconfiados em extremo, os indígenas julgavam ver traições em tôdas as ofertas, e davam mais pela sua vida livre, embora sujeitos a tôda espécie de privações e perigos, e embora definhando na mais triste miséria, do que pela vida ativa e laboriosa, honrada e promissora, que levavam os colonos em diversos núcleos e que seguiam, com desusada animação, os companheiros de Braz Pires na florescente fazenda às margens do Chopotó.

Na vida trabalhosa dos agricultores viam êles uma quebra da sua dignidade de senhores destas regiões, um atentado contra os seus direitos à indolência, a tudo esperar dos seus deuses e da natureza.

Uns seis meses depois de estabelecida a colônia, observaram Braz Pires e seus poucos companheiros, — então menos de 60, — que a uma légua dêsse lugar detinham-se algumas famílias de selvícolas que à noite ou pela madrugada costumavam visitar a fazenda. levando, às escondidas, alguns produtos de suas hortas, ou criações, e debalde eram convidados a residirem e trabalharem na fazenda. Êsses desvios pouco prejuizo causavam aos ativos auxiliares do fazendeiro, pois já possuíam muita criação, e as suas plantações prometiam fartíssima colheita.

Eram justamente êsses os selvicolas que Braz Pires mais desejava atrair à fazenda. Conquanto muito desconfiados e ariscos, eram entretanto os de índole mais pacífica, e levavam para seu uso, às escuras da noite, uma pequena parte dos produtos alheios, porque ignoravam ser o roubo um crime tão censurável. Essas propostas eram feitos por Gregório, na sua língua, e a êle eram dadas, como resposta, promessas que não se cumpriam jamais. A Braz Pires e outros portuguêses êsses índios não eram

visíveis, e não houve propostas que os resolvessem a acompanhar Gregório à presença do fazendeiro.

Mais algumas semanas se escoaram, e continuavam as visitas noturnas.

Germinou então na mente de Braz Pires o plano de aprisionar alguns dêsses índios em uma original armadilha.

Notando que tinham êles, às escondidas, arrancado certa porção de amendoim em uma vasta planície onde amadurecia abundantemente essa apreciada planta, em recinto cercado, visto ser anexo aos terrenos das pastagens, fêz Braz Pires levantar uma coberta de folhas de indaiá, e sob essa coberta, com uma só entrada, alguns empregados amontoaram não pequena quantidade de amendoim, anteriormente arrancado e limpo. À frente da entrada para êsse depósito improvizado, fêz abrir, em um só dia, um fosso de dois côvados de largura e três de comprimento, com as quatro paredes revestidas de tábuas, seguras em travessões junto ao solo e na bôca da escavação, e com o fundo coberto por macia camada de capim que amortecêsse a queda. Em seguida disfarçou a tampa do fosso, cujo fundo fazia-o acima da altura comum de um homem, sendo a referida tampa constituida por alguns pranchões sòlidamente pregados uns aos outros, com uma saliência quase no centro de cada uma das faces menores, o que permitia à mesma tampa girar ràpidamente, na direção do comprimento, e voltar de novo à posição anterior, assim atirando dentro do fosso qualquer corpo pesado que sôbre ela passasse ou fôsse depositado, fazendo pressão do lado maior e mais pesado.

Com intuito de não infundir suspeitas, mandou Braz Pires espalhar nas proximidades da armadilha diversas peças de madeira, e muitas tábuas, como se alí pretendesse edificar alguma casa à pressa.

Assim ficou pronta a armadilha, e, como ficava próxima à residência de um dos serradores, foi fácil efetuar-se o transporte de madeiras e concluir-se a armadilha em um só dia, sem que o caso despertasse a atenção de algum índio da fazenda que, — caso aliás improvável, — tivesse conhecimento e relações com os ariscos e desconfiados indígenas visinhos.

Ao anoitecer, todos os moradores da colônia, como de costume, recolheram-se às suas respectivas casas, que fecharam como medida de precaução, pois ainda havia receio, devido a algumas onças mais ousadas, algumas vêzes vistas no lugar, quase sempre à noite.

Algumas horas mais tarde o silêncio descia sôbre a colônia. Todos dormiam calmamente, à exceção do serrador. Êste ficaria parte da noite em vigia à armadilha, conservando-se às escuras na sala de sua residência.

O silêncio e a solidão dominavam o local e os arredores, mas de repente fêz-se ouvir um ruído, ouvido distintamente pelo serrador.

Era a armadilha, que se desarmava e voltava à posição primitiva.

O serrador abriu a janela, e disparou para o ar o tiro convencionado. Em seguida, tornando a fechar a janela, esperou cêrca de dois minutos e abriu a porta, reunindo-se a diversos homens que acorriam ao chamado.

Reunidos, dirigiram-se para o cercado dos amendoins, certos de que algum animal ou algum ser humano estava aprisionado.

Os primeiros a comparecer asseveraram ter visto ao longe uns vultos em fuga.

Silenciosos, pisando cautelosos o solo, aproximaram-se da armadilha, fazendo os esforços possíveis para que seus passos não fôssem ouvidos, e alí uma surprêsa os aguardava: de dentro do fosso partiam vozes numa língua desconhecida!

Isso provava que havia mais de um prisioneiro.

As vozes eram infantis, de dois timbres diferentes, mas nenhum dos homens compreendia o que falavam os dois prisioneiros.

Após alguns minutos, durante os quais os homens se conservaram em silêncio, a tampa do fosso começou a mover-se lentamente, e pela abertura começou a subir uma indiazinha, que aos homens, à luz da lua, pareceu uma jovenzinha entre 10 a 12 anos de idade. A cabeça, com longos cabelos lisos, fôra plenamente iluminada pela lua, e todo o busto era já visível, quando de súbito, notando a prisioneira a presença dos que ela reputava

seus inimigos, assustou-se, e caíu novamente dentro do fosso, cuja tampa tornou a fechar-se com um ruido surdo.

Os colonos adiantaram-se então alguns passos e começaram a discutir de que modo atacariam a armadilha sem ferir os prisioneiros, quando a tampa começou a mover-se novamente.

Redobram os colonos a sua atenção. Compreendiam que um dos prisioneiros sustentava o pêso do outro, e que o primeiro, uma vez escapo, introduziria na armadilha alguma madeira ou corda, com o auxílio da qual o segundo prisioneiro subiria.

Um só prisioneiro não poderia escapar-se.

Da segunda vez, porém, não surgia o busto da menina, mas o de um rapazelho, um pouco maior e mais robusto, que com um joelho segurava, em baixo, a tampa da armadilha, e com as mãos tateava, na sombra, um objeto que os colonos não viam. Êstes, porém preparavam-se já para o cêrco, em atitude pacífica, quando uma seta partiu da abertura da armadilha, e passou pela frente do serrador, roçando-lhe o peito e perdendo-se no espaço, sem ferir a ninguém. Logo em seguida uma nova seta era embebida no arco, então visível, e partiria sem demora, certamente ferindo a algum dos sitiantes, se êstes, com Braz Pires à frente, não saltassem sem demora para o atirador ousado que assim, a sós, enfrentava uma dezena de homens robustos e bem dispostos.

A luta foi breve, mau grado a agilidade e robustez do jovem indígena, que foi agarrado, o mesmo sucedendo à menina.

Eram dois irmãos, muito semelhantes um ao outro, parecendo ter o rapazelho uns 14 anos e a menina 12.

Conduzidos para a casa do fazendeiro, alí foram tratados com o maior carinho, fazendo-lhes ver Gregório que alí seriam muito felizes, e que para alí esperavam que êles próprios, um pouco mais tarde, conduziriam sua família e os outros membros da tribo foragida.

Acolhidos assim com tantas demonstrações de simpatia, e tão bem tratados pelos portuguêses e por Gregório e sua mulher, os dois jovens indígenas já andavam livremente, poucos dias depois, por tôdas as dependências da colônia, assistindo a todos os trabalhos, e em alguns prestando auxílio, conquanto vigiados de perto.

Estranhavam de certo a mudança de gênero de vida, mas no fim de uma semana afaziam-se aos novos hábitos, e demonstravam inteligência muito aproveitável. Finda a primeira quinzena de vida civilizada, já os dois jovens indigenas falavam algumas frases de nossa língua, e entendiam bastante de quanto diziam as pessoas da casa. Foi-lhes então facultado regressarem a seus parentes, tendo êles entretanto voltado, dois dias depois, para a fazenda, trazendo consigo algumas curiosidades da sua tribo, que foram repartidas entre Braz Pires, Domingos, Fernando e Gregório.

Deve-se a êsses dois jovens indígenas o rápido aumento da população da fazenda, pois seus pais e irmãos alí se contrataram poucos dias depois, e após essa família diversas outras fizeram o mesmo, elevando-se o número de habitantes dentro de poucos dias.

A menina, de gênio dócil e inteligência não comum, tornou-se muito estimada na fazenda e adjacências, e foi mais tarde uma boa espôsa e mãe dedicada, consorciada com um moço português, protegido e talvez parente de Braz Pires.

O rapazito crescia também quanto ao corpo e quanto à inteligência, compreendendo com facilidade quanto lhe era explicado, e tornando-se cada vez mais estimado e necessário na novel fazenda. Diz a tradição, porém, ter êle falecido aproximadamente com 20 anos de idade, vitimado por enfermidade que a tradição não sabe definir.

O indiozinho faleceu, portanto, em plena juventude, mas depois de prestar numerosos serviços. Do fim da vida de sua irmã não há notícias. O que entretanto é certo é que ambos, José e Margarida, foram dois grandes amigos daquêle núcleo de trabalho criado por Braz Pires, e daquêle pugilo de homens empreendedores e unidos. Concorreram muitíssimo para que centenares de goianazes, goitacazes, puris, carijós e outros indígenas, deixando a sua vida de perigos e de miséria, acorressem a localizar-se na fazenda de Braz Pires, e nos sítios formados e bem dirigidos nos seus vastos terrenos, onde para todos havia trabalho bem remunerado, havendo para todos alguma segurança e algum confôrto.

XIV

UM POUCO MAIS TARDE

Tinham firmado sua residência na fazenda, então em plena prosperidade, até mesmo alguns "caramonãs", cujos redutos principiais, onde hoje estão os municípios de Cataguazes e Leopoldina, tinham sido atacados pelos "botocudos" até a "Serra dos Carmonos", nos distritos de Porto de Santo Antônio (*) e Itamarati, no primeiro daquêles municípios.

Além dêsses caramonãs, que acorriam ao trabalho honrado na fazenda, também fizeram o mesmo, um pouco mais tarde, diversos indivíduos das hordas selvagens dos "arripiados", que tanto terror inspiravam pela sua ferocidade no ataque, e pelo seu aspeto medonho, com os seus longos cabelos, pretos e duros, amarrados no alto da cabeça, em forma de trunfa. Deixavam êles as suas *malocas,* nas terras onde estão hoje, no município de Viçosa, os distritos da cidade, de Pedra do Anta e Araponga, e firmavam-se na fazenda de Braz Pires, e nas suas proximidades, trocando a sua vida de aventuras, de privações sem conta, pelo trabalho contínuo e metódico e pelo conforto relativo do lar.

E' de lastimar-se que tôda a tribo não tivesse idêntica resolução, e sòmente o tivessem feito indivíduos isolados.

Dois anos tinham decorrido a contar do dia em que naquêle lugar desembarcaram Braz Pires, seu sobrinho Domingos, seu amigo Fernando e seus dois dedicados servos João e Manoel.

Estava em franca prosperidade a fazenda pròpriamente dita, isto é, a casa central, com a lavoura, o engenho, os moinhos e as casinhas próximas, que abrigavam, todos os empregados da lavoura, os operários e os escravos da mesma fazenda; mas também prosperavam os

(*) — Presentemente: Cidade de Astolfo Dutra, onde viveu uns 40 anos e morreu o Autor. — *Nota do Editor.*

"sítios" formados por Braz Pires dentro das cinco sesmarias que lhe tinham sido concedidas.

Fernando transformara-se em administrador geral dos trabalhos agrícolas e pastoris, e percebia uma percentagem nos lucros, e Domingos, então com 20 anos completos, tendo também percentagem nos lucros, era o chefe de 8 operários que alí tinham firmado sua residência, e superentendia o movimento de importação, que diminuia, e o de exportação que aumentava, e também o comércio local, representado por um armazem de gêneros alimentícios e venda de fazendas grossas e artigos mais necessários ao lugal e à época.

Durante êsses dois anos tinham-se concluido as obras mais urgentes, e os operários, em número de algumas dezenas, tinham já regressado às suas respectivas residências, em Guarapiranga, Calambau, São José e outras pequenas povoações visinhas, ficando apenas oito, achando-se portanto a fazenda entregue sòmente aos seus moradores efetivos, à sua vida normal. Os poucos operários alí conservados destinavam-se aos reparos das obras feitas e às construções menos urgentes. Alguns dêsses operários eram também pequenos lavradores, possuindo cada um uma pequena cultura que dirigiam, e onde êles próprios trabalhariam no caso de minguarem os serviços de suas artes.

Fernando tinha desposado uma jovem simpática e ativa, filha de portuguêses que eram proprietários de um sítio recentemente criado à margem da estrada de Guarapiranga, e habitava uma casinha próxima à de Braz Pires, e Domingos, noivo de uma prima, muito jovem ainda, filha duma irmã de Braz Pires que residia em Vila Rica, pretendia casar-se alguns meses depois, e continuar a residir com seu tio.

Normalizados os trabalhos, Domingos constatou que havia na fazenda mais de 230 habitantes, sendo 20 portuguêses e descendentes de portuguêses, 45 africanos e pretos oriundos de africanos, e cêrca de 35 mestiços, com o restante da população constituida por indígenas de diferentes raças.

Uma estatística perfeita não poderia aliás ser levantada, pois os indígenas, em sua maioria, não se estabilizavam em lugar algum. Pouco afeitos ao trabalho, e sem-

pre acostumados à vida de aventuras e guerras, sem morada definida, aspiravam ainda à indolência e à liberdade ilimitada de nômades. Entravam na fazenda com facilidade, e com a mesma facilidade saíam, contratando-se frequentemente por tempo ilimitado e retirando-se às vêzes poucos dias depois, quase sempre às caladas da noite, sem o menor aviso. E mgeral os indigenas, quando chefes de família, mostravam-se mais constantes no trabalho e mais certos em seus contratos, o mesmo sucedendo aos mais jovens que ainda viviam à sombra dos pais.

Com o intuito de firmá-los no local, e de inspirar-lhes amor ao trabalho e àquêle solo generoso, e de fazê-los honrar seus compromissos, o proprietário do lugar, presidindo as reuniões, quase sempre compostas por êle próprio, Domingos, Fernando, Gregório e mais umas duas ou três pessoas, tinha proposto várias vêzes a discussão dos meios a se empregarem a fim de conseguir-se o casamento de diversos mocinhos indígenas. Sonhava êle com diversos, numerosos consórcios, dos quais esperava resultar a estabilidade dos agricultores, e, portanto, o progresso constante daquela zona. Para isso não faltavam moças, no lugar e nas imediações. Êles e elas seriam atraídos à fazenda sob pretexto de uma festa religiosa, e de improviso seriam feitas as propostas, acompanhadas por alguns compromissos de auxílio, e, sendo possível, efetuar-se-iam sem demora os casamentos.

A assembléia discutia o projeto, e na sessão seguinte tornava a discutí-lo, examinando o caso das acomodações, falando sôbre as prováveis consequências sociais e morais de tais uniões, e... continuavam as coisas como dantes.

E assim ia passando o tempo, e os índios solteiros, em sua maioria, e alguns casados iam aparecendo e desaparecendo, quase nada fazendo, quase nada produzindo em benefício próprio ou da coletividade, nada progredindo, enfim.

— A realização dêsse projeto fica para o próximo ano, — deliberara afinal a assembléia.

Todavia, ou porque a catequese influisse sôbre os aborígenes, ou porque o desejo constante de Braz Pires e seus amigos atuasse sôbre o ânimo dos moços indígenas,

ou porque invejassem afinal a vida pacífica e ativa dos chefes de família nas terras de cultura, muitos casamentos foram efetuados por ocasião da primeira modesta festinha religiosa realizada por Braz Pires, e assim muitos outros empregados efetivos a fazenda passou a contar, várias casinhas foram ainda construidas, e diversas famílias novas ficaram assim constituídas no local.

Se não foi, pois, resolvido pela reunião em casa de Braz Pires o caso do combate à instabilidade dos índios, foi êsse caso, em parte, resolvido por si mesmo.

Notava-se verdadeira concórdia em todos os moradores daquêle local, e em todos os rostos se havia estampado a alegria oriunda da confiança, base principal da prosperidade.

Uma notícia, porém, caíu de chofre sôbre aquêles homens do trabalho, cobrindo o ambiente por uma nuvem de tristeza e receio: Braz Pires, o fundador daquêle núcleo de empreendedores e ativos obreiros, o protetor de tantas famílias, o exemplo vivo do cumprimento do dever, estava prestes a partir para uma longa viagem de destino ignorado.

Alguns indígenas, homens práticos em viagens e aventuras pelo interior do país, e chefes de famílias domiciliadas na fazenda, quiseram ouvir do próprio fazendeiro os planos da excursão, e, sabedores dêstes, ofereciam-se para companheiros ou guias. A todos êle agradecia comovido mas recusava os serviços, declarando que entre os seus companheiros estaria Gregório, e que desejava que nenhum dos chefes de famílias se arredasse do seu posto, mas ficassem todos a envidar esforços pela prosperidade da emprêsa agrícola e pela própria independência particular, declarando mais que a excursão seria apenas de quatro pessoas.

* * *

Para onde se dirigiam êsses homens? — perguntavam uns aos outros os habitantes da fazenda. Por quanto tempo estariam êles ausentes? Com que fim seria feita essa viagem inesperada?

Eram perguntas sem resposta.

* * *

Braz Pires era um espírito empreendedor e aventureiro. Não compreendia a vida sem trabalhos acurados, sem mutações rápidas, e mesmo sem alguns riscos ou perigos. Durante o tempo de casado perdera o hábito de viagens e aventuras, porque sua companheira fizera-lhe feliz o lar. Viuvo, dedicara-se ao filho, conservando-se em casa. Enviado o filho para o reino, empreendeu Braz Pires algumas viagens, a última das quais, a única fluvial, conduzira-o às terras de sua fazenda futura, de onde não se havia retirado, durante dois anos, senão em excursões venatórias ou de estudos, a menos de meia légua da casa central, certo de que a sua presença era constantemente necessária ao desenvolvimento de sua emprêsa.

Mas ùltimamente ia-se-lhe tornando a vida um tanto monótona, pois a sua atividade já não era tão necessária, visto que Fernando e Domingos tudo dirigirem com proficiência.

Em sua casa faltava-lhe o filho, que durante alguns anos constituira os encantos do lar, e faltava ao seu lado uma mulher dedicada e amorosa, que soubesse tornar atraente aquela casa de trabalho, onde, durante longos meses, passava êle noites e noites de insônia, ora receiando, menos por si do que pelos seus, algum ataque de indígenas, ora pensando no melhor meio de assegurar a união de seus auxiliares e a prosperidade da emprêsa, ora calculando sôbre o numerário necessário às edificações, e nas possibilidades de obtê-lo com a própria renda ou pequenos adiantamentos.

Quase moço ainda, pois não completara 40 anos de idade, tinha a barba e os cabelos pretos, era robusto e sadio, e de energia não vulgar.

Confiado em Fernando, sabia poder deixar a emprêsa, por alguns meses, sem prejuizo desta, e partir por essas terras incultas e mal conhecidas até então, em busca de qualquer coisa que lhe agradasse ao gênio aventureiro, e de alguma forma concorresse a beneficiar a alguém, ou a algum recanto dêste país que êle amava como sua segunda pátria.

Atraía-o com certeza a esperança de com essa viagem ser útil a alguém, pois quanto pudesse efetuar de utilidade a alguém, fazia-o com prazer. Principalmente

quanto ao gentio, agia sempre com dedicação e carinho, mòrmente quando êsses primitivos proprietários do solo sofriam ou eram ameaçados de sofrer quaisquer injustiças.

Fascinava-o afinal o desejo de conhecer mais alguns trechos dêste imenso país, com os seus rios longos e caudalosos, onde se ocultavam peixes enormes e possantes anfíbios, e as suas florestas misteriosas, onde ainda tribos bárbaras faziam perigosas correrias, e feras carniceiras e traiçoeiros ofídios espreitavam o viajor incauto, mas onde também havia algo que, em benefício da humanidade e da civilização, devia ser visto e estudado.

XV

PELAS FLORESTAS

Aos primeiros clarões do dia, em uma segunda-feira de abril, em companhia de Domingos, do indígena Gregório e do preto João partiu Braz Pires de sua fazenda para a anunciada viagem.

Iam todos a pé, e levavam consigo quanto seria necessário ao sustento por muitos dias, e quanto preciso à sua acomodação para o repouso noturno.

Os quatro sacos pendentes de seus ombros estavam cheios de objetos necessários à excursão, e eram feitos de tal forma que podiam, unidos por pequenos grampos metálicos, formar uma barraca que os resguardasse da chuva ou do sereno. Também levavam os quatro viajantes o preciso numerário, para a aquisição de animais de sela e de carga, quando, seguindo para sueste, encontrassem, como esperavam, terras cultivadas e estradas regulares.

As provisões que conduziam não necessitavam de lume, e por isso a marcha não seria detida por muito tempo, nos primeiros dias, para preparar refeições. Levavam apetrechos de caça e de pesca, e armas para sua defesa, aparelhados, pois, para não sofrer necessidades nessas regiões desconhecidas que iam percorrer.

Gregório rompia a marcha, Braz Pires seguia-o, sendo por sua vez seguido por Domingos, e João terminava o séquito. O indígena era o guia natural dos outros viajores.

Terminada a marcha pelas estradas da fazenda, e ainda pelos trilhos abertos pelos operários que escolhiam madeiras, e por alí as arrastavam à fôrça de bois, os viajantes começaram a andar sob grandes florestas, seguindo veredas imperceptiveis a outros olhos além dos de um filho das selvas.

No fim de algumas horas de marcha, detida bastas vêzes para observação do local e das produções, chegaram os viajores à beira de um riacho, que Gregório declarava ter sido visto pelos catequistas da Companhia de Jesus, que o denominaram ribeirão de São Pedro. Atravessaram-no a vau, para a margem direita, e durante algum tempo seguiram-lhe o curso, algumas horas depois abandonando-o, e chegaram mais tarde ao primeiro campo cultivado que encontravam, propriedade de algumas famílias de goianazes, os quais receberam os viajantes com o maior agrado.

Eram índios cristãos, conhecidos e amigos de Gregório. Andavam vestidos, eram de costumes amenos, e viviam pacificamente na lavoura. Alguns eram conhecidos também de Braz Pires, em cuja fazenda já tinham trabalhado.

Falavam sua língua natal, mas entendiam quanto lhes era dito em português, quase nada falando em nosso idioma, porque o sacerdote que os instruira, à imitação de Nóbrega e Anchieta, falava com facilidade a língua daquelas tribos, assim dirigindo numerosos catecúmenos.

As habitações eram de madeira e de barro, cobertas de sapé. Eram umas 9 ou 10 moradas, semelhantes umas às outras, e quase tôdas das mesmas dimensões, formando o conjunto uma espécie de pequena praça circular, ponto de reunião geral à luz de uma fogueira, a qual, na noite da chegada dos viajantes, foi alimentada até bastante tarde.

Os hóspedes foram recebidos com demonstrações de verdadeira alegria. O sol acabava de desaparecer no poente, e todos os moradores da aldeia acabavam de reunir-se.

À noite, junto à fogueira, foi servida aos hóspedes uma refeição, à qual, faltando o luxuoso aparato das casas ricas, sobejavam entretanto fartura e cordialidade.

Em uma das casas foram armadas quatro rêdes, — tecido de perfeição admirável, — onde os viajantes passaram a noite em sono tão calmo, que foram necessários uns raios do sol, coados pelos interstícios deixados entre as paredes e o teto, para que despertassem na manhã seguinte.

E' demasiado conhecida a hospitalidade entre os índios, para que eu me detenha a descrevê-la. Essa virtude êles a usavam mesmo quando o hóspede era inteiramente desconhecido, mesmo quando era um inimigo, cuja tribo estivesse em guerra com a tribo que o recebia. Não deve por isso admirar a facilidade com que foram acolhidos Braz Pires e seus três companheiros. Sê-lo-iam mesmo sem a apresentação de Gregório, e mesmo que fôsse o guia de uma raça inimiga.

O hóspede de qualquer taba estava em maior segurança do que os próprios habitantes da mesma taba, pois era para os indígenas uma pessoa sagrada.

Embora desconfiados em geral, e não raro propensos à carnificina, e algumas vêzes a injustiça e traições, os indígenas acolhiam como amigos, cercando-os de tôdas as atenções e cuidados, a quantos lhes pediam asilo, chegando o seu cavalheirismo a ponto de, ao retirar-se o hóspede, fornecer-lhe um guia para a jornada seguinte, até mesmo, quando necessário fôsse, uma escolta que o procurasse livrar de algum perigo.

Encontrando nas florestas ou pelos caminhos qualquer forasteiro, os indígenas, em estado selvagem, julgavam ter o dever imprescindível de o aprisionar e conduzir para a taba, e, oportunamente, matá-lo e devorá-lo. Com quaisquer viajantes assim encontrados, sem distinção de raças, procediam dêsse modo os selvagens, que consideravam malfeitores ou espiões os indivíduos assim aprisionados, e que acreditavam cumprir dêsse modo o desejo de seus deuses, que assim lhes permitiam apoderar-se dos inimigos. Qualquer que fôsse o numero dos prisioneiros, não havia em geral remissão para nenhum, e iam sucumbindo, um a um, à proporção que iam os seus dominadores podendo devorá-los, em banquetes de

verdadeiros canibais. Quando os índios eram poucos, isto é, quando o número de forasteiros era superior, igual ou pouco inferior ao dos selvagens da região, eram por êstes atacados a flechas, partidas do centro do mato, ou do alto das árvores de espêssa folhagem, insidiosamente, sendo os vencidos que ficassem vivos conservados para os costumados banquetes da antropofagia.

Os mesmos forasteiros, porém, que seriam mortos se encontrados pelas estradas, ou pelos rios, ou pelas florestas, eram respeitados, acolhidos com agrado e protegidos, se, em vez de se apresentarem como inimigos, ou serem caturados, pedissem hospitalidade aos gentios da região, nas tabas ou fora delas.

Braz Pires e seus companheiros foram acolhidos entretanto com maior prazer do que os hóspedes comuns, porque eram conhecidos e amigos de diversos daquêles selvícolas, e Gregório, embora de outra tribo, falava-lhes perfeitamente a língua.

* * *

Deixando essa aldeia, que, segundo informações verossímeis, era situada no local onde hoje existe a sede do distrito de Conceição do Turvo, seguiram os viajantes em direção a outra aldeia, maior do que a primeira, situada, conforme me informaram algumas pessoas antigas, no alto da Serra Grande, próximo ao local onde existe atualmente a sede do distrito de Rodeiro de Ubá.

Recebidos com o mesmo agrado, ceiaram com os seus hospedeiros, junto à clássica fogueira da praça, foram conduzidos à melhor habitação da aldeia, onde quatro alvas redes os esperavam para o sono reparador daquela clara noite de abril.

Pela mesma forma foram recebidos os viajantes, após o terceiro dia de viagem, em uma aldeia que a tradição coloca no local onde hoje se estende a cidade de Uba, a três léguas da raiz da Serra Grande, como os antigos chamavam a longa cordilheira que separa a zona do campo, na atualidade, da zona da mata, de que Ubá é o início.

Essa aldeia, de puris, bastante populosa e animada, tinha um aspeto diferente das tabas comuns dos selvícolas. As moradas eram mais espaçosas e firmes, e mesmo mais cômodas, obedecendo mais aos costumes europeus do que aos dos selvagens, isto é, dos ex-selvagens, pois os habitantes dessa aldeia eram cristãos, viviam em paz com todos, e constantemente recebiam hóspedes civilizados, cujos conselhos eram acatados.

Não conserva a tradição os nomes de nenhuma dessas aldeias, e nem registou, quanto às duas anteriores, a raça dos moradores.

Nesse terceiro pouso falharam os viajantes um dia, que aproveitaram fazendo reconhecimentos nas circunvisinhanças, e informando-se sôbre o roteiro a seguir.

Partindo, ao romper do dia seguinte ao do descanso, isto é, na sexta-feira, foram acompanhados por um guia que devia apresentar os seus amigos à aldeia visinha, a cêrca de quatro léguas, nas margens do rio Pomba, onde floresce atualmente a cidade de Guarani, antigo arraial do Cemitério.

Foi êsse o último ponto em que tiveram agasalho em habitações indígenas. Desde essa última aldeia, o quarto pouso onde encontraram índios localizados e habitações permanentes, os viajantes sòmente encontraram, não muitas vêzes, índios nômades, ou que viajavam para pontos determinados, e a todos êles, por intermédio de Gregório, chegaram à fala, dêles obtendo informações úteis quanto aos terrenos ocupados e cultivados na zona, e quanto à espécie e aos costumes de habitantes de diversas paragens.

Braz Pires, optando por acompanharem o curso do rio Pomba, deixou, com certo pesar de Domingos, de seguir pela estrada que ligava a povoação onde pernoitaram à estrada que de Vila Rica ia ao Rio de Janeiro, cidade onde pouco antes tinha sido inaugurado o governo central das capitanias do sul.

Braz Pires desejava percorrer terras ainda não cultivadas, ou, se possível, ainda não pisadas por seus conterrâneos.

Desde que desceram a serra, cujo nome indigena a tradição não conserva, mas foi posteriormente denominada Serra do Presídio, Serra de Santa Rita, Serra de

Paulo Candido

São Geraldo, as terras eram em geral menos povoadas, conquanto as aldeias se tornassem mais populosas e desenvolvidas. E' que os habitantes das zonas baixas concentravam-se de preferência em tais núcleos, procurando o amparo da união, a fôrça da associação, e nas zonas altas, mais retiradas da via Minas-Rio, eram menos importantes êsses núcleos, mas encontravam-se mais índios nômades. Do pé da serra em diante parecia aos viajantes terem as florestas um aspeto mais bravio, como por muitos anos foi ainda observado em tôda a região a sueste da capitania de Minas Gerais.

Seguindo o curso do rio Pomba, pela margem esquerda, passaram os excursionistas, nas primeiras horas do dia, por mais algumas aldeias indígenas, tôdas pobres, pouco povoadas, quase sem lavouras, em tôdas encontrando entretanto boa vontade, devida à presença de Gregório, e principalmente aos conhecimentos que êste tinha em tôdas elas.

A tarde dêsse dia, e ainda no dia seguinte, passaram por pequeninas aldeias ainda mais pobres, miseráveis mesmo, com os seus habitantes semi-nús, desanimados, desprovidos de todo confôrto, e pela maior parte inválidos para o trabalho. E' que os homens robustos dessas pobres famílias eram ainda escravos, mau grado o decreto real que declarava livres todos os indígenas do Brasil, pois eram forçados aos trabalhos nos engenhos e nas plantações dos grandes proprietários, recebendo como pagamento do seu salário, ao regressarem à tardinha ou aos sábados às suas míseras moradas, apenas o suficiente para a aquisição de um pouco de aguardente e um pouco de tabaco, com o que se tornavam mais fracos, perdendo dêsse modo a energia e a saúde.

Foram êsses, — o alcool e o fumo, — os dois venenos lentos com que a ambição dos dominadores, dos conquistadores de então, inutilizava uma população briosa e forte, a qual, sem êsses dois tóxicos, teria sido um dos fatores da grandeza do Brasil.

Mas o temperamento dos índios era impressionável em excesso, e aceitava de olhos fechados quanto proporcionasse a êsses infelizes espoliados alguns momentos de prazer, e lhes fizesse olvidar temporàriamente a perdida liberdade.

Embora fortes, valentes e ágeis, os índios eram em geral inclinados à indolência, e êsses dois vícios, que por si próprios produzem sensível abatimento na energia e no desejo de progredir, para com os índios vieram agravar êsse pendor à indolência.

Êles não conheciam o fumo nem o alcool. As suas bebidas fermentadas não constituíam pròpriamente um vício, e os efeitos dessas bebidas eram incomparàvelmente menos nocivos do que os do alcool. O seu *cachimbo da paz* era composto de ervas aromáticas em que a nicotina não tinha guarida. Os conquistadores deitaram-lhes aguardente de cana à bôca sequiosa, não lhes explicando que a aguardente prejudica a saúde, estimula aos crimes, e predispõe o indivíduo, com o enfraquecimento físico e moral, para uma vida de misérias e uma morte prematura. E os conquistadores encheram-lhes de tabaco os bornais, sem ter declarado aos pobres indígenas inocentes, que o fumo, principalmente com abuso com que essa raça o aceitava, era o digno auxiliar do alcool na obra nefasta do depauperamento físico, moral e intelectual dos indivíduos, e ainda da prole infeliz que de tais troncos surgisse.

Bem mais felizes seríamos nós hoje, e bem mais forte e rico seria o Brasil, se os conquistadores destas terras não tivessem assim explorado, para com os pobres indígenas, o natural pendor para o alcoolismo e o tabagismo, e se desde o começo da catequese houvessem procurado escoimar de tais vícios as sociedades do futuro, as sociedades que se iam formando neste imenso país.

Como todos os vícios, entregues à marcha natural, tendem ao aumento, o alcool e o fumo, há já muitos anos, tornaram-se em nossa terra uma necessidade imperiosa, principalmente em relação aos africanos e aos índios, e mais tarde aos seus descendentes.

Negava-se às vêzes, ou frequentemente, uma velha e pobre manta com que se abrigasse do frio o mísero escravo preto, a quem bastas vêzes faltavam alimentos sãos, e medicamentos, e casa que o preservasse das intempéries, e não lhe era negado o tabaco para o seu bornal, nem lhe faltava, em certas horas, a aguardente que o enfraquecia física e moralmente, que o aviltava ainda mais, que lhe arrebatava quaisquer pensamentos de progresso

que em seu cérebro pudessem surgir, quaisquer idéias de altruismo que em sua alma pudessem germinar.

Os índios, teòricamente livres, irrisòriamente livres, eram ainda mais explorados pelos fomentadores de vícios.

Vastos campos eram cobertos de *canas de açucar*, como chamavam a essa planta, que mais pròpriamente deveriam chamar "cana de aguardente", pois raros eram os engenhos onde um alambique não funcionasse, existindo numerosos alambiques em propriedades onde não se fabricava açucar, e por tôda a parte onde havia europeus fabricava-se o fumo, sendo êsses dois tóxicos, êsses dois prejudicialíssimos produtos — o alcool e fumo, — vendidos aos índios por preços tão elevados, relativamente ao mísero salário percebido, que, para a aquisição da cachaça e do fumo despendiam êles a metade ou mais da metade do seu salário.

Fomentaram-se assim êsses dois vícios, o alcoolismo e o tabagismo, que concorreram muitíssimo para o enfraquecimento da colônia africana entre nós, para depauperamento geral das raças indígenas, para a extinção completa de numerosas e fortes tribos, e para empecer o progresso do Brasil durante muitíssimos anos.

Sem êsses dois vícios, isto é, sem com êles terem sido explorados os primitivos trabalhadores rurais, teríamos feito em pouco mais de um quarto de século, quase tanto quanto constituía o nosso progresso ao dealbar o regime republicano, e muito mais cedo, como a grande república americana do norte, teríamos sido um povo livre.

E até a atualidade, infelizmente, a nossa sociedade sofre as consequência dêsses êrros do passado. Ainda em nossos dias o alcoolismo e o tabagismo corroem as mais belas energias de uma grande parte do povo.

Muitos talentos se perdem ao embate dêsses terríveis inimigos. A numerosos moços arredam êles da carreira das letras. A um sem número de indivíduos desviam êles do cumprimento do dever.

Algumas pessoas dirão, lendo estas linhas, que eu sou injusto ou exagerado assim equiparando o alcool e o fumo como produtos prejudiciais, imaginando essas pessoas que o tabagismo nem sequer deve ser considerado vício quando comparado ao alcoolismo. E' que essas pessoas não dedicaram anos e anos, como eu o fiz, ao traba-

lho de educar a mocidade. E' que não conviveram intimamente, durante anos e anos, com meninos e rapazes, dos campos e das cidades, em escolas isoladas e em colégios diversos, como eu o fiz, exercendo o magistério. Por isso não conhecem essas pessoas as dificuldades de compreensão e assimilação por parte dos alunos fumantes.

Os estudantes que fumam, principalmente tendo adquirido êsse vício na infância, antes dos 12 anos, são impacientes e nervosos, não raro desobedientes, e por motivos pouco dignos de nota abandonam às vêzes o estudo.

Sei entretanto, e jamais o negarei, que a embriaguez é muitíssimo mais prejudicial do que o vício do fumo, porque as suas consequências são mais desastrosas, e os seus efeitos mais rápidos e visíveis. Isso não prova, porém, a inocuidade do fumo, cujo uso é prejudicial, e cujo abuso é prejudicialíssimo, principalmente na infância.

Penso constituir um dever de quantos têm amor ao progresso, ao bem, à humanidade, à pátria, concorrer, cada um na esfera de suas fôrças, para o combate ao alcoolismo e ao tabagismo, principalmente em menores.

Dêsse amálgama que ainda se não fêz bem homogêneo, de opressores e oprimidos, de invasores e vencidos, os vencedores a tudo dispostos, e os pretos e os primitivos proprietários do solo desunidos, humilhados, espoliados, reduzidos a miséria mais triste do que a anterior, e ainda aceitando como uma necessidade imprescindível o alcool e o fumo, formou-se a nossa nacionalidade, em grande parte assolada, ainda hoje, pelos mesmos males que êsses dois tóxicos produzem no indivíduo, e no recesso dos lares, e no seio da própria sociedade.

E para maior entravamento do nosso evoluir, para que muito mais se retarde ainda o tempo de nossa sonhada independência financeira, os dois citados tóxicos encontraram um terrível comparsa, — o jogo, — verdadeiro flagelo social, que desvia do estudo inúmeras inteligências, que arreda do caminho do dever numerosas capacidades, que a muitíssimos menores e moços, e homens de responsabilidade, e pais de família, atrai, fascina, engana, inutiliza para tudo quanto é nobre, arrebata o próprio amor à família, arranca os mais arraigados sentimentos da dignidade e do dever.

Que me perdoem os jogadores inveterados, que me honram com a sua amizade, o conceito em que eu tenho quantos por êsse vício horrendo se deixam dominar: é idêntico ao que dêsses infelizes faz geralmente a sociedade não corroida por êsse vício. E' que a sociedade, temendo molestar êsses vencidos, censura-os com reserva, cada grupo na sua intimidade; e eu, que nada receio perder, porque nada possuo além da minha pena e do meu amor à liberdade, tenho-os censurado de viva voz, entre êles próprios, e muitas vêzes pela imprensa periódica, como o faço ainda nestas linhas dêste humilde livro.

E com estas linhas não abandonarei o assunto.

Cristão que sou, mas crendo da felicidade futura por meio das obras e não simplesmente pela fé, tenho estado sempre em desacôrdo com os partidários da "reforma" de Lutero. Estou inteiramente com êles, porém, quanto à guerra por êles movida contra o fumo e alcool. Tem sido uma campanha sem tréguas, que muito honra a *Sociedade Bíblica Americana*. Com a difusão dos Evangelhos em quase tôdas as línguas do globo, e com a publicação de livros, revistas, folhetos e jornais, mas principalmente com a sua revista "Os Sinais dos Tempos", têm os metodistas prestado assinalados serviços à humanidade nesse acirrado combate à embriaguez e ao tabagismo. Urge que os govêrnos e as outras religiões saiam em auxílio dos evangelistas nessa honrosa campanha, pois para a conquista do bem geral da humanidade as seitas religiosas e os partidos políticos, em todos os tempos e em todos os países, honrar-se-ão irmanando seus mais decedidos esforços.

* * *

Não há muito, foram profusamente espalhados no país, pelas revistas e jornais cariocas, fotografias representando mesas, e me tôrno delas paredros da política dominante, que se reuniam para a escolha dos dois candidatos à suprema magistratura da república, isto é, do presidente e seu substituto legal. Sôbre essas mesas, onde eu desejara ver mapas, projetos de vias-férreas, traçados de estradas de rodagem, esboços de tratados e contratos,

e ofícios, telegramas, livros e fotografias de portos e edifícios, de navios etc., viam-se garrafas em abundância, e uma profusão de copos e taças...

Mas fechemos êstes comentários, que o leitor, condescendente, me desculpará, e prossigamos a nossa narrativa, voltando aos quatro viajantes que víamos, há cêrca de 190 anos, (*) acompanhando o curso do rio Pomba, margem esquerda, em atentas observações sôbre a fauna admirável e a opulenta flora dêsse trecho de nossa terra.

XVI

AS MARGENS DO POMBA

Os viajantes continuaram, pois, a sua marcha, seguindo de perto o curso do rio Pomba, e apenas se afastando quando a isso forçados pela conformação dos terrenos, e procurando aproximar-se novamente sempre que o podiam fazer. Assim percorreram um trecho não pequeno de terras cobertas de luxuriante vegetação, por tôda parte observando as admiráveis riquezas naturais dêsse torrão privilegiado.

A margem esquerda é a menos acidentada, não havendo por isso grandes obstáculos a vencer. Nenhum rio nem riacho tiveram a atravessar nos três primeiros dias de viagem, a contar do dia em que saíram da última aldeia regular (Guarani), e sòmente no quarto dia de jornada, muito cedo ainda, encontraram o rio Chopotó — não o rio Chopotó, a cujas margens, dois anos antes, construira Braz Pires a sua fazenda, na zona alta, mas outro rio, bastante menor do que aquêle, na zona quente, e afluente do rio Pomba em sua margem esquerda, ao passo que o seu homônimo, o Chopotó da zona mais elevada, é tributário do rio Piranga, pela margem direita, o qual toma o nome de rio Doce cêrca de oito léguas

(*) — Lembrar que o livro está escrito há mais de vinte anos. — *O Editor*.

abaixo da cidade atual de Ponte Nova, ao receber as águas do riacho denominado Carmo.

Duas semanas tinham decorrido a contar do dia da partida, e durante êsse tempo os viajantes sòmente tinham descansado um dia, e sòmente nas cinco primeiras noites tinham encontrado abrigo em casas regulares, permanentes, tendo passado as outras noites abrigados em sua pequena barraca, formada pelos seus sacos de viagem, providos de colchetes apropriados. Nessa pequena barraca, em que o leito único era formado pelas próprias roupas, estendidas sôbre capim, ficava sempre de vigia um dos homens, enquanto dormiam os outros três.

Abandonando por dois dias o Pomba, e mudando a sua excursão para a margem direita do Chopotó, regressaram os viajantes pela margem esquerda do referido rio, e, chegados novamente à beira do Pomba, junto a êle, sempre à margem esquerda, prosseguiram a sua viagem, até que, completando os seus 16 dias de marcha, chegaram às proximidades do local onde, segundo se supõe, existe hoje a cidade de Cataguazes.

Tinham andado sempre a pé, às vêzes por veredas mal delineadas, e mais frequentemente sob as florestas seculares, mais de 30 léguas, conquanto da antiga fazenda de Braz Pires à atual cidade de Cataguazes, pelos caminhos de agora, não haja a distância de mais de 18 léguas. (*) Mas os nossos viajantes estudavam as produções de alguns trechos, seguiam diversos rumos, faziam observações sôbre quanto viam, e não se apressavam em sua marcha. Em raros trechos encontraram caminhos regulares.

Demoravam-lhes a marcha, frequentes vêzes, as sinuosidades do terreno, e outras detinham-se com indígenas conhecidos de Gregório, dos quais obtinham informações.

Quanto às informações que pediam sôbre a existência de minas de ouro, e sôbre a probabilidade da existência de pedras preciosas, nada obtiveram em confirmação

(*) — Já fiz essa viagem a cavalo em dois dias. Hoje faz-se de automóvel numas três horas, porque as estradas não são muito boas. De avião poder-se-ia fazer em poucos minutos. — *O Editor*.

das notícias dos antigos bandeirantes que tinham passado por alguns dêsses trechos.

Nenhum vestígio de tais minas.

Debalde o índio Gregório, a sós, penetrava às vêzes pelas florestas, e examinava os terrenos, e, por meio de gritos em sua língua, prevenia de sua chegada a algumas pequeninas agremiações de índios que, vencidos e perseguidos por seus inimigos, achavam-se refugiados em lugares ocultos aos bandeirantes que passassem, em montanhas afastadas dos pontos mais concorridos, ou em vales profundos onde êles tinham levantado suas míseras casinhas de palmitos e folhas de indaiá.

A êsses indígenas disseminados Gregório pedia informações, que lhe não podiam ser dadas, acerca de tais minas, sucedendo-lhe também, algumas vêzes, encontrar sòmente os vestígios dêsses seus antigos conhecidos, que poucos anos antes tinham por alí suas cabanas, e por alí perambulavam, as mais das vêzes pelas margens do rio Pomba e dos riachos tributários dêste.

Alguns índios encontrados por Gregório foram por êste apresentados a Braz Pires, ao qual apenas informavam saberem que, por diversas vêzes, foram achadas palhetas de ouro, demonstrando a existência de veios auríferos não explorados, na extensa serra ainda hoje denominada Serra da Onça, e o mesmo diziam quanto à margem direita do Pomba, em serras que fazem parte atualmente dos distritos de Porto de Santo Antonio e Descoberto.

A população indígena, que muitos asseveram subir a um milhão e quinhentos mil na época do descobrimento, na ocasião desta nossa narrativa estava já reduzida à quarta parte, no interior, e a menos de um décimo, no litoral e suas proximidades, em comparação com o povoamento anterior. Conceituados historiadores e geógrafos calculam que existiam na capitania de Minas Gerais, na época em que começa esta narrativa, uns 60.000 indígenas, em 250.000 habitantes, e uns 400.000 indígenas nas outras capitanias.

Tinham sido perseguidos como feras, depois de terem sido enganados e explorados. Recolhendo-se para o interior, mais ou menos unidos, tentaram êles repetidas vêzes a resistência contra o invasor, mas eram então perseguidos, atacados, morrendo em enorme quantidade os homens válidos e guerreiros, e sendo então destruidas numerosíssimas aldeias e tribos inteiras.

De tal forma ficara, pois, despovoado o trecho que Braz Pires e seus companheiros percorriam. Embora viajando três a quatro léguas por dia, passavam dias sem o encontro de indígenas, principalmente entre a última aldeia em que pernoitaram e o local fronteiro à foz do rio Novo.

Eram poucos êsses índios, aliás mansos, e nada sabiam de positivo quanto à provavel existência de ouro e pedras preciosas na região.

A Braz Pires, porém, era a excursão de grande proveito, pois estudava cuidadosamente a fauna e a flora da zona, com a possibilidade de por alí se estabelecerem grandes fazendas ou belos povoados e, alguns anos mais tarde, florescentes cidades.

Ora atravessavam belas planícies onde poderia construir-se uma cidade, ora desciam a vales amenos por onde serpeavam regatos de águas puras, ora subiam belas montanhas onde a temperatura, menos quente, amenizada pela viração constante, convidava à meditação e ao descanso. E por tôda parte, nas planícies, nos vales, nas serras, a vegetação sempre luxuriante, as mesmas árvores gigantescas, com raras clareiras naturais, e outras formadas pelos índios, em tempos idos, quando ainda êsses troncos robustos eram atacados e vencidos com um machado de pedra, ao qual um pedaço de madeira, aberto em uma das extremidades, servia de cabo, entrelaçado fortemente na fenda por estiras flexíveis e fortes de taquara.

Viam aqui o ipê majestoso, alí o gigantesco jequitibá, além a formosa sapucaia, acolá o colossal jacarandá, e o pau ferro, o cedro, a peroba, as diversas e elegantes palmeiras, o esguio pinheiro, uma infinidade enfim de árvores enormes e frondosas, que por si sòmente constituíam admirável riqueza.

O guia quís mostrar aos companheiros uma árvore notável, rara nas regiões do interior. Chamaram-na a "barriguda", pois é uma palmeira que se eleva a uma altura de uns 20 metros do solo, sem galhos nem folhas, e sòmente aí se abre em um leque gigantesco, mas o seu

tronco se torna muito volumoso, a certa altura do solo, para tornar-se novamente fino um pouco mais acima, formando assim uma espécie de barriga que algumas vêzes atinge o diâmetro de três metros, com 7 metros desde o comêço até o fim dêsse interessante bojo.

Onças grandes, não menos ferozes do que tigres do velho continente, acoitavam-se na região, dando caça aos animais menos fortes, e atacando até bois e cavalos, não trepidando mesmo em atacar o homem, principalmente quando êste estava isolado.

Nesse trecho avistaram os viajantes algumas onças, mas à distância, e algumas vêzes do lado oposto do rio. O alarma era sempre dado por Gregório, que, antes de qualquer indício ser notado pelos companheiros, exclamava: Suçuarana! Conguçú! Jaguar! Bracaiá! — conforme era a espécie do traiçoeiro felino, pois conhecia tôdas elas.

Na ausência do guia, perguntou certa ocasião Domingos a seu tio, porque o índio Gregório, que tanto ânimo e tanta disposição demonstrava sempre, em tôdas as emprêsas, assustava-se e tremia de tal modo à vista duma onça.

— E' que a onça suçuarana, — respondeu Braz Pires, — tem uma predileção especial pela raça indígena, pelos "peles vermelhas" da América. Estando ela com fome, e encontrando diversos tipos de pessoas entre as quais possa escolher uma para seu repasto, passa pelo branco da Europa, pelo amarelo da Ásia, pelos pretos da África, e pelos descendentes dêles, e vai atacar e devorar um índio, um dos legítimos representantes da população primitiva do Brasil. Patriotismo talvez...

— E é talvez por isso, — ponderou Domingos, — que, em qualquer desavença ou discussão em que se empenhe algum índio contra pessoas de outras raças, o insulto maior que o adversário dirige ao indígena é êste: "Petisco de onça! Petisco de onça!..."

— E em geral os indígenas perseguem e matam as onças, — disse Braz Pires, — embora lhes causem elas tanto horror.

* * *

Prosseguindo a viagem, pela margem esquerda do Pomba, já aumentado com as águas do Chopotó, do Jacaré, do Passa-Cinco e diversos córregos mais ou menos volumosos, os nossos viajantes continuavam a admirar a extraordinária variedade de animais de nossas matas.

Guaribas enormes fugiam saltando de árvore em árvore, e paranaçús, também grandes, olhavam detidamente os viajantes, e escondiam-se em seguida nas ramagens espêssas.

Às vêzes os pequeninos e brincadores saguís, do cimo das altas árvores, arrancavam dos galhos pequeninos frutos duros, e os atiravam sôbre os viajantes, ou faziam-lhes mímicas, à pressa, e escondiam-se novamente no emaranhado das árvores.

Um caraguaçú, também chamado cachorro do mato, que farejava, à noite, pelas imediações da barraca, foi morto por Domingos com certeiro tiro de mosquete. Os outros viajantes, despertos pelo estampido do tiro, foram ver o animal abatido.

— Do tamanho de um grande lobo da Europa, — asseverou Braz Pires.

— E é muito feroz, — disse o índio. — Quando está em matilha, ataca os homens, e mata e come, se não encontra resistência grande.

João, em um reconhecimento à beira do rio, matou, com um tiro sòmente, duas lontras que de uma pedra, no meio do rio, atiravam-se à água, e levou-as a Domingos como uma raridade, como uma curiosidade digna de nota.

São animais esbeltos, cuja pele, muito delicada, tem um pêlo belíssimo, e cuja carne é bastante apreciada. Aproveitaram a carne como alimento, e as duas peles, cuidadosamente conservadas, os viajantes as acondicionaram em seus sacos de viagem como uma lembrança do rio Pomba.

Um grande barbado, espécie de quadrúmanos mais semelhantes ao homem, foi visto pelos viajantes quando estava numa situação angustiosa. Achando-se no alto duma árvore isolada, de onde não poderia fugir, gemia e encolhia-se, tendo nos braços o filho, que mostrava aos homens, como se para êsse rebento pedisse compaixão. Mas os homens, que nenhum mal desejavam aos pobres

quadrúmanos, passaram sem demora junto à árvore, lá os deixando, no alto do velho jequitibá isolado.

Na região abundavam antas e queixadas, não havendo entretanto nenhum encontro.

A anta, ou tapir, é o mais possante dos mamíferos brasileiros, embora não seja carnívoro, resiste, em sua defesa, a quaisquer animais, matando-os às vêzes, e matando o próprio homem que se lhe aproxime. E' provida de uma crina parecida com a do cavalo, e tem uma tromba semelhante à do elefante. Também os porcos selvagens, ou queixadas, são verdadeiras feras, quando perseguidos, pois andam em manadas, constituindo, mesmo por isso, um grande perigo para o caçador imprudente. São menores do que as antas, e não são carnívoros, mas reduzem às vêzes a frangalhos o caçador ou os cães, quando são êstes encontrados em sua passagem.

A anta é, porém, maior e muito mais forte do que a queixada.

Um autor francês, cujo nome não me ocorre, narra o extraordinário combate entre a giboia, o enorme ofídio de que há abundância no norte da América Meridional, com a anta, de que há grandes especimes na Guiana Francesa.

A giboia espreita, à espera do animal que lhe deve servir de alimento, e pretende devorá-lo, inteiro, depois de lhe quebrar todos os ossos, em seus possantes músculos, enroscando-se ao redor de sua prêsa. Se esta prêsa é uma anta fêmea, a giboia a devora pela mesma forma que qualquer outra prêsa, sem encontrar resistência apreciável. Sucede algumas vêzes, porém, que essa prêsa da giboia é uma anta macho, bastante mais musculosa do que sua companheira. Enlaçada pela gigantesca serpente, não pode fugir, mas tem tática, e deixa-se enrolar. Quando, porém, inteiramente rodeada pela possante espiral formada pelo corpo da serpente, e tendo-se anteriormente encolhido quanto possível, tendo diminuido quanto possível o volume do próprio corpo, e vê-se fortemente apertada, distende de improviso todos os seus músculos, e estende com tôdas as fôrças os seus fortes membros, dando-se então o inverso do que era esperado, pois os ossos da serpente são assim fragorosamente quebrados, e, murchando dessa forma todo o arcabouço, e os ossos que-

brados oprimindo e ferindo os órgãos essenciais da vida, há como resultado a morte quase estantânea da giboia, reduzida a uma espécie de massa mole e gelatinosa, e saindo a anta sem ferimento algum.

* * *

Ainda dois animais dignos de observação tiveram os viajantes a oportunidade de ver naquela ousada viagem, e ambos causaram admiração a Domingos, que pela primeira vez os via: um tamanduá-bandeira, grande e forte, com uma grande cauda de longos e duros cabelos, e uma preguiça, animal não pequeno, de pelos longos, de grandes e aguçadas unhas, mas tão demorado em seus movimentos que em uma hora de marcha não avança às vêzes nem dois metros.

Ambos êsses animais têm um aspecto feroz, sendo entretanto inofensivos a quem se lhes não aproxime demasiado, pois o tamanduá é um simples caçador de formigas, de que se nutre, e que apanha introduzindo nos formigueiros a sua comprida língua, e a preguiça nutre-se de preferência das partes mais tenras de algumas árvores, mas principalmente da embaúba, em cujo cimo conservava-se dias seguidos, sem sequer descer à procura dágua...

* * *

De observação em observação, de surprêsa em surprêsa, Braz Pires e Domingos, acompanhados pelo escravo João, a quem uma parte dessas maravilhas da terra americana já era um pouco conhecida, e guiados pelo índio Gregório, para quem parecia não haver segredos nas opulentas florestas e nos rios caudalosos de nossa terra, chegaram, no fim de quase duas semanas de viagem, às proximidades da foz do rio Novo, a poucos quilômetros do local onde hoje se estende a bela cidade de Cataguazes. Estavam, entretanto, à margem esquerda do rio Pomba, ao passo que a confluência do rio Novo é à margem direita.

XVII

A SABEDORIA DO ÍNDIO

Partindo da fazenda, os nossos viajantes conduziam quatro sacos de viagem, do formato denominado picuá, mas munidos de grampos metálicos que permitiam distender-se cada saco e unirem-se todos uns aos outros, assim formando a coberta da barraca da noite, barraca que era fechada lateralmente por quatro colchas de algodão conduzidas especialmente para êsse fim. Assim resguardar-se-iam de qualquer chuva, e mesmo do sereno e do frio.

Nas primeiras noites dormiram sob teto hospitaleiro de aldeias indígenas, em artísticas e asseiadas rêdes. Nas outras noites foram abrigados pela sua casinha de pano, dormindo três homens e ficando um de vigia, com as armas nas mãos, assentado sôbre um banquinho que improvisavam de ramos e folhas, dentro da pequena barraca.

Nesses sacos de viagem, e na escolha dos objetos estritamente necessários ou indispensáveis, havia, nessa emprêsa, a primeira prova da inteligência e da habilidade de Gregório. Mas em numerosas outras coisas, durante essa estranha aventura, ficou em foco a sabedoria indígena na pessoa do dedicado auxiliar de Braz Pires.

Além de conhecer como mestre as árvores que fornecem as melhores madeiras de construção, e as árvores, arbustos, trepadeiras e quaisquer musgos úteis à arte culinária, à medicina e à tinturaria, — e os mais notáveis especimes êle os mostrava aos companheiros, — Gregório provou por vêzes saber unir a prática à teoria.

Caçava todos os dias, fornecendo ao rancho deliciosa carne fresca. Confecionando pequenos mas bons aparelhos de pesca, ensinava a João de que modo poderia êste abastecer de peixe o repasto, diàriamente, de peixes excelentes, que o dedicado rapaz aprendia com o índio a guisar de vários sistemas. Frequentemente aumentava Gregório as iguarias da refeição, fazendo com que João preparasse um prato de ervas, ou de mamão do mato, ou de palmitos diversos, com ovos que sòmente um filho das selvas sabe achar por entre o emaranhado das árvores seculares, no labirinto natural das grandes florestas, e quase sempre fazia a sobremesa, ora com papas de milho ou de batatas silvestres e o delicioso mel da jatí, ora com frutas diversas, raras naquela estação do ano.

Da palmeira denominada muriti, estraía Gregório excelente bebida para as horas mais quentes do dia. Na parasita em forma de cacto encontrava e colhia a excelente fruta que os portuguêses denominaram "saborosa".

Querendo atravessar o rio, em menos de uma hora improvisava um barco com troncos leves, amarrados com cipós, e dirigia-o com rara habilidade.

De Domingos e de João fêz dois exímios nadadores durante a viagem, de modo a atravessarem com facilidade o Pomba nos pontos de maior largura.

Para o descanso de cada noite, obtinha, enquanto João preparava a refeição da tarde, vegetais sêcos e macios que muitas vêzes ia buscar no píncaro de árvores altíssimas, em cujos troncos subia com presteza notável, exercício em que também João se ia tornando hábil, por imitação e esfôrço, e com êsses vegetais preparava fàcilmente a cama comum de cada noite.

Fazia lume com facilidade sem o auxílio da pederneira, fazendo girar, por meio de uma corda, um pau bastante consistente, com ponto sôbre um pedaço de madeira leve e porosa, assim inflamando detritos de palha ou de capim.

Com uma pequena enxada que conduziam, e à qual em cada pausa adaptava um cabo, abria no chão um buraco, aquecia-o, forrava de ervas aromáticas, sôbre estas estendia a carne a assar, depois de lhe preparar os usados condimentos, e, sôbre a carne espalhando outras ervas, e cobrindo novamente o buraco com terra, acendia o fogo onde seriam feitas as outras refeições. Concluídas estas, abria novamente o buraco, onde a carne estava perfeitamente, saborosamente assada.

De folhas, obtidas com rapidez, improvisava copos e pratos, quando não houvesse bambú ou taquaruçú, que melhores copos e xícaras forneciam.

Com admirável agilidade subia às altas palmeiras a fim de colher cocos, ou examinar as circunvisinhanças.

Atirava bem com o mosquete, mas era-lhe indispensável o arco, que manejava como mestre, e do qual se servia em suas caçadas a fim de poupar a pólvora e o chumbo, e para fazer menos ruido.

Certo dia em que, devido à ameaça de chuva, acamparam demasiado cedo, Gregório e João construiram uma tosca embarcação, pequena e simples, mas firme, e sôbre ela lançaram-se ao rio Pomba, águas acima, e algum tempo depois Braz Pires e seu sobrinho, na barraca, ouviram um tiro longínquo, que atribuiram ao encontro de algum animal de vulto não pequeno. Esperaram mais algum tempo, uma hora talvez, e viram então chegar a pequena jangada, com Gregório e João nas duas varas, rebocando um enorme jacaré, de mais de duas braças de comprimento, e mais de três palmos de largura na região do peito, o que equivale a mais de oito palmos de circunferência no peito.

Êsse anfíbio tinha sido morto com um único tiro, dirigido hàbilmente a um dos poucos pontos vulneráveis desses possantes e ferozes animais, — próximo a uma das patas dianteiras. Nesse dia e no seguinte comeram os viajantes a parte mais saborosa da carne dêsse animal, o maior habitante dos rios do centro de Minas Gerais.

Também tiveram ocasião de conhecer os ovos do jacaré, pois Gregório tinha encontrado o "ninho" do temível anfíbio, ovos que ao cabo de mais dois dias davam outros pequeninos jacarés, que o índio matou.

Os ovos são grandes e ásperos, e, à semelhança da pele do animal que os produz, com os ressaltos voltados sòmente para um lado. Em cada ninho encontram-se de 10 a 14 ovos, e é em lugares êrmos que tais ninhos são encontrados, sôbre a areia, à beira de um rio. Junto aos ovos fica o casal de jacarés, ou ao menos um dêsses, em constante vigia, sempre prontos para a defesa do ninho contra quaisquer sêres vivos, ou dispostos a remover seus ovos no caso de enchente, ou pressurosos em arredar de junto dêles os detritos trazidos pelas chuvas ou desprendidos das árvores. No fim de alguns dias, pela fôrça expansiva do interior, exercida pelo próprio animal em formação, parte-se a casca do ôvo, e surge o pequeno jacaré.

E' dessa vigia cuidadosa dêsses anfíbios que se origina a crença, muito comum entre o povo, de que *o jacaré choca os ovos com os olhos.*

* * *

Em muitos outros casos reconheceram os outros viajantes a inteligência, a habilidade, a calma e a destreza do índio Gregório, cuja dedicação era extraordinária.

Êle e o preto João eram quase inseparáveis. Êste sentia-se bem ao lado de um homem de tanto tino e tanta prática.

Certo dia disse João ao chefe do pequeno grupo:

— Eu bem queria que esta viagem durasse meses e meses, porque muita coisa já aprendi com o Gregório, e muita coisa posso ainda aprender.

— Não sei quanto tempo andaremos ainda, — respondeu Braz Pires, — mas é possível viajarmos ainda mais de um mês ou dois, não contando a volta à fazenda. Estou gostando muito destas nossas observações, e está me agradando quanto tenho visto, e por isso é meu desejo prosseguirmos. E meu sobrinho pensa pela mesma forma. E' provável que, seguindo sempre o curso do Pomba, no fim de um mês chegaremos a terras civilizadas, nas proximidades do Rio de Janeiro, e, assim acontecendo, deveremos regressar à fazenda pela estrada real, a cavalo, passando por Vila Rica, ou então iremos até Paraíba do Sul, voltando, em qualquer dos casos, pela estrada real.

— A mim também a viagem muito me tem agradado, e junto de Gregório tudo se torna fácil, — disse Domingos.

— Para a frente, portanto! — declarou Braz Pires.

— Para a frente, sim, — concluiu o índio, que tudo ouviu sem ter até então opinado.

XVIII

O HÔMEM PÕE...

Como já ficou demonstrado, estavam os nossos viajantes seguindo o curso do rio Pomba, e achavam-se a pequena distância da embocadura do rio Novo, embora à margem oposta à da confluência dêste, não muito distante do local onde existe hoje a cidade de Cataguazes.

De uma pequena elevação, onde se achavam, à encosta duma bela montanha coberta de espêssa floresta, os viajantes avistaram ao longe, dum e doutro lado, as sinuosidades do rio Pomba, cujas margens em alguns trechos eram cobertas de pedras e de areias, e viam um pequeno trecho do seu volumoso afluente, cujas águas, claras como quase sempre o são nos dias frios de maio, desciam calmamente, num murmúrio suave, a confundir-se com o Pomba, com êste descendo majestosamente em direção às capitanias do litoral.

No lugar onde se achava a barraca, e em seus arredores, não se erguiam grandes árvores, ou devido à natureza do terreno, ou porque os indígenas que alí tinham habitado, dominando tôda a região, tinham, com os seus machados de pedra, abatido aquêles gigantes da terra americana, fazendo com que, talvez desde séculos antes, alı germinassem a restinga, a grama, os musgos diversos que cobriam as fraldas da verdejante montanha.

Acabava de raiar o dia, um dia claro e alegre, aliás pouco comum naquela época do ano, na qual as manhãs são comumente brumosas e frias. Braz Pires, dando ordem a João para os preparativos do almoço, saiu com seu sobrinho e Gregório, para um reconhecimento pelas imediações.

Depois de terem descido para a margem do rio, em cujas águas mansas refletiam-se os raios brilhantes do sol, surgindo então sôbre o píncaro das verdejantes montanhas do nascente, seguiam silenciosos para a direita, isto é, em direção inversa à das águas, tudo observando, tudo examinando atentamente, curiosamente.

Cêrca de uma milha teriam percorrido, e estavam a pequena distância de um grupo de árvores copadas, quando Gregório, observando algo de notável sôbre umas pedras que ficavam entre essas árvores e o rio, fêz sinal de se deterem, a Braz Pires e Domingos, e avançou a sós, cauteloso, sem o mais leve ruído, sondando as imediações, curvando-se às vêzes, escutando atentamente sempre, até que os companheiros o perderam de vista por entre os troncos seculares.

Avançando ligeiro, mas sempre sem ruído, para o ponto onde algo de anormal lhe excitara a curiosidade, e com o ouvido atento e a respiração como que suspensa, como êle próprio narrou mais tarde, o índio se deteve sùbitamente, ocultando-se cauteloso no meio da restinga, onde permaneceu alguns minutos na mais atenta observação.

Além do murmúrio doce das águas, e do alegre trinar dos pássaros, nada mais se ouvia, pois tudo mais era quietação e silêncio.

E o índio continuava a observar com a mesma atenção, o mesmo silêncio, a mesma imobilidade.

E' que de pé, sôbre uma das pedras, com a frente voltada para o rio, e fartamente iluminada pelo sol nascente, estava uma indiazinha, uma inocente menina que não teria seis anos de idade, olhando com certo prazer as águas claras do rio.

Talvez estivesse desde muito tempo antes naquela posição, talvez cismando sôbre coisas que não saberia definir, e talvez por bastante tempo ficasse ainda alí se Gregório não dissesse algumas palavras.

Ouvindo aquêle som inesperado, a indiazinha estremeceu violentamente, voltou-se com grande presteza e, saltando de pedra em pedra, quis fugir. Reconheceu, porém, não lhe ser isso possível, nem mesmo a nado, pois em Gregório vislumbrava um adversário mais ágil. Fitou-o tremendo, sem entretanto, nada ver nele de agressivo. Êle olhava-a, sorrindo, braços cruzados sôbre o peito, na atitude da mais franca simpatia.

Passaram assim alguns momentos, meio minuto talvez. Dir-se-ia que os dois selvícoias examinavam-se, estudavam-se mùtuamente.

O rio continuava a murmurar suavemente, e os pássaros continuavam a trinar. Nenhum outro ruído se ouvia então.

Alguns momentos de rápido exame sôbre o local a descoberto, tinham bastado a Gregório para que reconhecesse não haver tribo alguma nas visinhanças.

Fitaram-se ainda, e os lábios da indiazinha descerraram num ligeiro sorriso, e, ou porque compreendesse que aquêle homem cortar-lhe-ia a retirada, ou porque visse nele um indivíduo de raça semelhante à sua. o que compreendia pela côr, pelo formato do rosto, pelos cabelos, pelas palavras proferidas, pelo próprio instinto natural enfim, a menina deu alguns passos em direção a Gregório, e estendia-lhe as mãosinhas, como a pedir apoio e proteção. O índio respondeu-lhe com doçura, chamando-a para junto de si.

A menina deu mais alguns passos, vacilando um pouco, e afinal aproximou-se de Gregório que a tomou carinhosamente nos braços, atravessou a espêssa macega, e colocou-a no chão à sombra das primeiras árvores. Em seguida a um pequeno diálogo, o índio tomou a criança pela mão, e com ela seguiu para o local onde Braz Pires e Domingos ainda se achavam, assentados sôbre um velho tronco que talvez tivesse sido derribado, muitos anos antes, aos golpes do tosco machado de pedra, usado, em tempos idos, pelo povo bárbaro que habitava aquelas regiões.

Aproximando-se de Braz Pires e Domingos, disse o índio, indicando a menina:

— O meu achado! Estava em uma floresta ao lado oposto a esta serra, quando os restos da tribo fugiram, perseguidos pelos brancos e pelos tamoios. Não é filha desta zona, mas veio de longe, com os pais e irmãos, seguindo os companheiros, perseguidos todos pelo ódio do tamoio e pela ambição do estrangeiro. Estavam acampados na encosta contrária a esta, quando foram atacados pelos inimigos. Não tiveram tempo de reunir-se para a partida, e por isso a menina ficou alí, esquecida, pois estava um pouco arredada na ocasião.

"Vendo-se a sós, — continuou Gregório a narrar o que ouvira da pequena, — depois de ter visto partirem os inimigos em perseguição dos restos fugitivos da tribo,

escondeu-se mais pelo meio da floresta, e sòmente alguns dias depois voltou ao mesmo lugar. Não encontrou pessoa alguma, e veio para êste lado do morro, para ficar mais perto do rio. Aqui podia ver "igaras" conhecidas.

— De onde veio ela? — perguntou Braz Pires contemplando comovido a menina.

— De longe, de muito longe, — respondeu o índio, servindo de intérprete, e depois de ter confabulado com a pequena. — De umas montanhas altas de onde se avista o mar.

— E quanto tempo há que está assim abandonada?

— Três vêzes já a lua cresceu e tornou a diminuir, — respondeu Gregório depois de ouvir a menina.

— E ninguém a procurou durante êsses meses?!

— Em todo êsse tempo não viu ninguém da tribo, e tem-se sustentado de frutas, raizes e ovos.

"E' provável que tenha sido procurada, e bastante procurada, pelos parentes, não sendo encontrada porque já não estava no lugar onde tinha sido abandonada.

"Tem visto, ao longe, diversos grupos de índios, e dois grupos de índios e de brancos passaram a pequena distância da árvore onde ela estava escondida, mas por ninguém foi vista, e de todos procurou esconder-se ainda mais. Viu mesmo alguns indígenas isolados, a distância não grande. De todos teve medo, pois nenhum dêsses indivíduos era da raça da menina. Via todos de longe, tinha medo e desaparecia na ramagem das árvores. Diz ela que desceu da árvore onde fica a maior parte do dia, e ficou por algum tempo à beira do rio, porque o lugar é descampado, e nem sabe como pôde ser descoberta por mim. Se ela nos tivesse visto de longe, teria fugido.

"Ela dormia no alto das árvores, em redes feitas por ela mesma de ramo a ramo, desfarçadas de dia com folhagens. Para não cair da rede dormindo, amarrava as ourelas da rede com embiras macias, formando assim uma espécie de saco deitado".

— E os animais ferozes? — perguntou Braz Pires.

— Ela não tem medo da onça nem do jacaré, — respondeu o guia depois de conversar com a rapariguita. — porque sobe com facilidade aos troncos, passa de uma a outra árvore, e, quando é preciso, fica nos galhos mais finos, onde uma onça não pode subir.

Diversas outras perguntas foram dirigidas à pequena indígena, e por ela respondidas por intermédio de Gregório, e enquanto assim conversavam venciam o espaço que os separava da barraca, onde João os esperava, apreensivo, pela longa demora dos três homens.

Em poucas palavras satisfez o índio a curiosidade de João, cuja surprêsa, ao avistar a menina, subira ao cúmulo.

Tão grande, porém, foi a admiração do dedicado servo, que êste, ouvindo a comovente narração, sôbre a pobre menina abandonada, não se lembrou, senão um quarto de hora depois, de avisar que o almôço estava pronto e à espera. Aos viajantes, porém, a comoção não tinha arrebatado o apetite, e todos comeram bem, enaltecendo as habilidades culinárias do jovem escravo. Também a menina, que começava a sentir-se feliz entre aquêles novos e inesperados protetores, comeu de quantas iguarias a serviram, com a alegria e a confiança próprias da sua tenra idade, como próprias de qualquer pessoa que dum momento para outro vê a felicidade em substituição da mais negra desdita.

* * *

O aparecimento da pequena filha das selvas vinha trazer àqueles ousados viajantes mudança radical de rota. Era um acontecimento importante para a expedição. Todos o sentiam. Todos o pensavam.

Findo o repasto, um longo silêncio caíu sôbre o acampamento. O chefe da expedição, à entrada da barraquinha, olhava para as águas, levemente murmurantes do Pomba, e guardava absoluto silêncio. Domingos refletia e esperava, e Gregório contemplava a linda menina e sorria, enquanto esta, de olhos baixos e assentada sôbre um molhe de ervas sêcas, parecia entregue a profundas cogitações. João, finalmente, depois de alguns minutos de profundo silêncio, iniciou os preparativos para o acondicionamento do vasilhame, como se devessem partir sem demora.

Rompendo afinal o longo silêncio, Braz Pires, dando dois passos no interior da pequena barraca, aproximou-se

da menina, curvou-se um pouco, e, apoiando-lhe a dextra sôbre a cabeça, disse:

— Os teus parentes desapareceram, há já meses, e é quase certo não procurarem mais por ti, supondo-te perdida para sempre. Eu serei teu pai, meu sobrinho Domingos será teu irmão mais velho, e todos de minha casa serão teus protetores, e todos de minha fazenda serão teus amigos.

Braz Pires falava vagarosamente, comovido, como se prestasse um compromisso sagrado, e fazia uma pausa em cada trecho, para que Gregório, o ativo intérprete, repetisse o mesmo trecho em tupi-guarani.

Dirigindo-se depois a Domingos, a Gregório e ao servo, disse Braz Pires:

— Está terminada esta nossa excursão. Chegou ao fim esta nossa viagem. Durante estas semanas de viagens e de experiências, por meio destas florestas imensas e majestosas, muito vi e muito aprendi; mas desisto por enquanto de prosseguir, nem tenho em projetos outras incursões, mas apenas, para o futuro, explorações, a poucas léguas em tôrno da fazenda. A Providência Divina, que nos fêz tomar êste rumo, queria certamente entregar-nos êste legado. Tornemo-nos dignos da missão de que ela nos incumbiu, principiando a nossa tarefa não permitindo que esta pequena se associe a nós quanto aos perigos da continuação da viagem.

— Preparemo-nos, portanto, para a volta. — concluiu Domingos.

A indiazinha, seguindo com o maior interêsse a pequena exposição acima, olhava com curiosidade para Braz Pires, e algumas vêzes para Gregório, como se quisesse penetrar o sentido exato das palavras daquêle. Vendo afinal que o chefe terminara quanto tinha a expor, e ouvindo a conclusão do jovem Domingos, contemplou-os com simpatia, e repetiu, vagarosamente, claramente, com meiguice infantil, duas palavras ouvidas ao índio, às quais dera a precisa versão em tupi-guarani:

"Pai!..." "Irmão!..."

Eram as primeiras palavras que pronunciava em português.

* * *

Uma hora depois, sacos às costas, partiam todos de regresso à fazenda. Na frente caminhava o índio, tendo à cinta uma faca de mato, na mão um pau ferrado; era seguido por Domingos, que levava ao ombro um mosquete, e pela menina que quis conduzir também alguns objetos dos viajantes; após a menina caminhava o chefe da expedição, e o séquito era fechado por João, armado também com um mosquete.

Quatro dias depois era a menina apresentada à aldeia amiga, onde hoje existe a cidade de Guarani, e nos dias seguintes recolheram-se os viajantes ao teto hospitaleiro de outras três aldeias amigas, situadas, respectivamente, nos lugares onde hoje existem a cidade de Ubá e as sedes dos distritos de Divino de Ubá e Conceição do Turvo.

Os índios dessas quatro aldeias declararam, sem relutância, que a menina pertencia à sua raça, sendo-lhes estranha a tribo. Todos os nomes de chefes, de velhos e de guerreiros, pronunciados pela ìndiazinha, eram-lhes desconhecidos.

* * *

No fim de sete dias, sem nenhum incidente digno de nota, entraram os excursionistas na fazenda, com geral contentamento dos seus habitantes.

A viagem tomara 18 dias, e dela resultaram belas aquisições para a fazenda. Os viajantes tinham adquirido diversas sementes de vegetais de grande utilidade, — árvores frutíferas, batatas diversas, plantas medicinais e de adôrno, — e também diversas amostras de metais e de pedras.

O que conduziam à colônia, porém, de mais importante e precioso, era a pequena índia, que, ao chegar, conhecia já uma quantidade não pequena de palavras e expressões em nossa língua.

XIX

A MENINA

Decorreram alguns meses.

Um padre católico, chamado à sede da colônia, para atos de seu ministério, tinha batisado a pequena selvícola, — único sistema de se dar então um nome fixo ao indivíduo em nossa terra, — tendo a menina recebido o nome de Sebastiana Cardosa.

Assim ficara chamando a encantadora menina recolhida por Braz Pires, a pequenina indígena que o restante de uma tribo perseguida tinha um dia abandonado, sem o querer, numa floresta vastíssima, nas proximidades do local onde mais tarde houve o povoado de Meia Pataca, e onde evolve hoje a boa cidade de Cataguazes.

A menina chamou-se, pois, Sebastiana Cardosa.

Porque teriam escolhido êsse nome? De onde se originava êle?

Não o sabemos. Não o sei eu, nem o sabiam os meus informantes. Os descendentes dêstes não o sabem.

E' provável ter sido chamada, primeiramente, Sebastiana, e ter-se-lhe aumentado, como um patronímico, o segundo nome, talvez em atenção a algum dos seus parentes que posteriormente tivesse chegado à colônia.

O que todos sabemos, porém, é que êsse nome foi querido, foi venerado por gerações inteiras de brancos, de mestiços, de portuguêses, de índios e de pretos, durante a vida bastante longa de Sebastiana Cardosa, e ainda muitíssimos anos depois. Ainda hoje, quase 190 anos depois dos sucessos que venho resumidíssimamente narrando, êsse nome é venerado por quantos conhecemos uma parte da história da inteligente menina que foi levada à colônia pela feliz excursão de Braz Pires.

* * *

Morena, o rosto oval, os cabelos longos e negros, os olhos pretos e ternos, os pés e as mãos de notável pequenez, e o conjunto atraente e harmonioso, Sebastiana, mais tarde, era alvo de tôdas as atenções, e quantos tinham ensejo de vê-la e tratar com ela, consagravam-lhe verdadeira estima.

Vestiu-se melhor, na viagem, quando pernoitou entre os indios da aldeia que primeiro encontraram no regresso, ou seja a última que tinham os quatro viajantes deixado na descida pela margem do Pomba. Nessas aldeias a vestimenta era já uma necessidade, a meio, como estavam os seus habitantes, da decisão de adotarem todos os usos e costumes dos portuguêses. Eram panos grosseiros, de algodão, em côres geralmente escuras, quando tintos, ou então inteiramente brancos, da côr natural do algodão alvejado à água e ao sol. Alguns teares toscos já se encontravam nos povoados maiores, de onde com facilidade havia aquisição, nas aldeias, mediante a troca por produtos naturais das florestas, ou produtos da caça, ou serviços diversos.

Na fazenda, a menina recebeu melhores roupas, e foi iniciada nos misteres da vida civilizada. Deram-lhe um quartinho, onde o seu generoso bemfeitor acumulou, durante alguns meses, tudo quanto era necessário naquela época ao conforto de uma jovem.

Inteligente e ativa, e possuindo uma alegria comunicativa e contínua, Sebastiana transformara inteiramente a casa de Braz Pires, dela expulsando a conhecida austeridade, e nela introduzindo a mais franca alegria com seu riso argentino e franco, com a sua graça infantil pouco comum, e com o seu papaguear constante no aprendizado da língua, em que fazia rápido progresso.

À noite, ao redor da grande mesa das refeições, e à luz de dois candieiros de azeite, cada um dos quais apresentava três focos, reunia Domingos alguns empregados, entre os quais o índio Gregório, para as lições de leitura e contabilidade, e a êsses estudantes reunia-se a menina, espontâneamente, e tanta inteligência e dedicação demonstrou, que no fim de quatro meses, ou pouco mais, ocupava um dos primeiros lugares da aula.

Oito meses depois de sua chegada à fazenda, Sebastiana falava correntemente o português, e já lia e escrevia sofrivelmente, cavalgava com firmeza, e aprendia diversos trabalhos domésticos compatíveis com a sua idade.

Aprendera a cavalgar, porque iria a Vila Rica, a fim de assistir ao consórcio de Domingos, e para isso deveria vencer uma distância de 14 léguas.

Sentia-se feliz entre os seus protetores aquela pequena e formosa menina que os goitacazes tinham esquecido, quando em fuga, a pouca distância da margem esquerda do rio Pomba, por onde rastejavam possantes jacarés, e ladravam como cães ferozes as ariranhas, e à sombra duma floresta virgem, por onde deslisavam traiçoeiros maracajás, e corvejavam grandes aves carniceiras, de bico adunco e forte, e longas e aguçadas garras.

* * *

Não nos explica a tradição se estabeleceram na fazenda ou pelo menos se alí estiveram os parentes de Sebastiana, mas é presumível, ou quase certo mesmo, que êles, ou pelo menos alguns dêles, fixaram residência alí, pois desde essa época tornou-se maior a aglomeração de índios na fazenda, atraídos talvez pelas notícias espalhadas pelos parentes de Sebastiana, ou seus companheiros de tribo, ao verificarem a afeição e o carinho com que fôra alí acolhida a menina, como anteriormente o tinham sido os dois meninos aprisionados na armadilha.

Sebastiana não tinha, entretanto, sido abandonada voluntàriamente pela tribo, mas apenas devido ao seu próprio descuido, à sua confiança infantil, pois ficara arredada dos companheiros por demasia de espaço e tempo, e êles, na sua fuga precipitada para as montanhas desconhecidas do interior, não supunham de certo que uma criança estivesse ausente do grupo, pois a todos julgavam dominados pelo mesmo terror aos inimigos comuns, e empenhados igualmente em interpor grande distância entre si e êsses terríveis perseguidores. Assim pensando, e pensando ainda os da frente que a menina seguia com os da retaguarda, e êstes talvez calculando ter ela seguido com os primeiros, foi a pobre menina esquecida, no alto

de enorme jequitibá, de onde mais tarde declarou ter assistido ao assalto dos inimigos, — brancos e indígenas, — e à fuga dos seus.

A sós, e dominada então pelo medo, internara-se mais pelos matos, assim desorientando os parentes que houvessem depois voltado em sua procura.

Supõe-se mesmo que os restos da tribo, reconhecendo mais tarde ter cessado a perseguição, devem ter voltado para a zona abandonada, por aqui aceitando paulatinamente os costumes dos civilizados, e assim devem ter encontrado, após precisas notícias, a pequena indígena paternalmente recolhida e amparada por Braz Pires.

Antes de deixarmos a pequena índia, e de passarmos, fechando êste capítulo, a outro assunto e outro cenário, seja-me permitido fazer uma observação de não pequena importância.

E' que a menina, ao ser batisada, deveria naturalmente ter como padrinho a Braz Pires, o seu protetor, o proprietário da fazenda, o fundador da colônia, o chefe da expedição que a recolhera e conduzira à fazenda, e entretanto assim não sucedeu, embora Braz Pires assim o desejasse e para isso estivesse pronto.

O índio Gregório, sempre tão obediente, delicado e submisso, mostrou-se no caso de uma intransigência inesperada, e quis, com sua mulher, paraninfar o ato, embora com uma desatenção bem frisante para com Braz Pires.

Porque assim alegou Gregório com tanto empenho seus direitos?

Não o compreendeu ninguém.

XX

NO VELHO MUNDO

Não tinha ainda D. José subido ao trono português, e por isso não pesara ainda sôbre os jesuitas a mão de ferro do Marquês de Pombal.

Na guerra poucos anos depois movida contra os filhos de Inácio de Loiola, pelo poderoso ministro de D. José de

Portugal, não houve entretanto ódio algum ao cristianismo nem à igreja católica, pois a maioria do povo português conservava então, e ainda hoje o conserva, entranhado amor ao culto católico, do qual não era desafeto o célebre ministro. Para êsse povo é essa crença uma velha tradição de seus ancestrais.

O Marquês de Pombal combatia o espírito dominador da Ordem, e não essa mesma Ordem como associação religiosa. Rica, poderosa, soberana, rígida em sua disciplina, e dominando pela obediência absoluta, pela astúcia, pela persuasão, pelo mistério, a associação jesuítica tornara-se um como reino dentro do outro reino, mas um reino menor que dominaria completamente o maior, tornando-se uma ameaça para a tranqüilidade pública e a paz do Estado.

A própria renúncia pessoal de todos os seus membros, e o próprio desprendimento de todos os seus mais ilustres associados, cuja pobreza voluntária era um fato, concorriam a tornar a Ordem suspeita ao trono e ao povo.

Tanta importância conquistara a Companhia de Jesus, não sòmente em Portugal como em todo o mundo católico, que os seus colégios eram preferidos para a educação em geral da mocidade, e para professarem os moços que se quisessem dedicar à carreira eclesiástica, predileção em que aliás não deixava de haver alguma justiça, pois eram bastante conhecidos o preparo, a prática e a dedicação de numerosos professores dessas casas de ensino.

Um único fato é suficiente como prova da importância e do valor da Companhia de Jesus: o do Padre Antônio Vieira. Consagrou o erudito, o inimitável orador, tão intenso amor à Ordem dos Jesuitas, que, em sua velhice, enfrentando os graves sucessos e circunstâncias da ocasião, em obediência aos quais devia êle deixar a casa dos jesuitas, recorreu ao Poder de Roma, como supremo recurso, com todo o ardor da sua eloquência, com todo o arroubo de verdadeiro gênio que era, e obteve afinal um despacho favorável contra a decisão com que pretendiam fulminá-lo. "Deitar-se-ia anteriormente sôbre o patamar, — dizia êle, — e de qualquer forma morreria à sombra daquela casa".

Mas devido mesmo à grande preponderância da Ordem Jesuítica na igreja romana, isto é, de ter-se tornado um como Estado dentro do Estado, e sôbre êste indiretamente dominando, contra ela devia em breve erguer-se o braço fortíssimo do Marquês de Pombal, no governo português, como deviam surgir-lhe inimigos poderosos por tôda a parte, se não sôbre o sólio pontifício, de onde devia partir um decreto que abolia a própria Ordem.

Dizia-se que o Geral dos Jesuitas, em Roma, era o papa de verdade, pois a sua influência eclipsava a do Vaticano.

Mas o fato a que nos referimos é anterior à reação contra a Ordem dos Jesuitas, à qual o Brasil, mau grado queixas amargas, devia grandes trabalhos efetuados por jesuitas ilustres, à frente dos quais admiramos ainda hoje a dedicação extraordinária de Nóbrega e de Anchieta, verdadeiros apóstolos do novo mundo entre os naturais e habitantes dêste imenso país.

* * *

Era, pois, a época do predomínio dos jesuitas.

O vasto edifício onde funcionavam, em Lisboa, o seu colégio e seminário maior, enchia-se de visitantes. De espaço a espaço parava em frente à portaria uma elegante sege, ou uma vistosa carruagem a dois cavalos, descendo senhoras ou cavalheiros, ou formosas jovens, que desapareciam além do reposteiro de damasco que guarnecia a entrada do parlatório para o corredor central, voltando o carro a ocupar um lugar em alguma das fileiras de carros que estacionavam ao longo das partes laterais da praça, e frequentemente também chegavam a pé, vindo de diversos pontos, senhoras elegantemente vestidas, e homens em trajes civis ou militares, que entravam igualmente na casa dos jesuitas.

E' que nesse dia deveriam receber as últimas ordens eclesiásticas os moços de uma das turmas da casa. Era uma cena comovente, à qual em geral assistiam as famílias mais nobres e pessoas de mais elevada posição no

governo, na hierarquia hereditária, nas ciências, na fortuna, nas armas, nas artes etc.

Na flor da idade e cheios de saúde, de fôrça e de esperanças, êsses homens fugiam aos prazeres e às alegrias da vida, e se recolhiam à vida religiosa, cobertos pelo negro burel das vestes sacerdotais.

Uns seriam professores, ou oradores sacros, ou escritores; outros seriam simples párocos ou curas, e outros seriam missionários em países onde a civilização os protegeria; mas alguns dêles deveriam ir para terras então incultas e cheias de perigos da América e da Oceania, ou para as inóspitas paragens da África, ou aventurar-se-iam, entre a incredulidade de uns e o fanatismo de outros, nas velhas mas estacionadas regiões da Ásia, onde idéias retrógradas perseguiam as idéias novas, e o fanatismo sectário tomava armas em defesa de seus credos.

Êsses moços deixavam assim todos os atrativos da vida de família e de sociedade, pela triste cela de padre regular, e talvez todos os gozos das sociedades civilizadas, pelos sofrimentos em regiões estranhas, habitadas por povos sem crença e sem leis, onde poderiam encontrar afinal o martírio.

Era, pois, comovente o quadro que apresentavam; comovente como o é o da partida de entes caros, doloroso como o é o dos sofrimentos das pessoas queridas, tétrico e cheio de mistérios como o é a morte.

* * *

O templo estava repleto. No púlpito, à direita, falava o pregador, o mais eloquente dos oradores sacros da Ordem naquela época. No fundo, o altar-mor, acêsos os círios, e à esquerda do mesmo, assentados em poltronas luxuosas, e em vestes de gala, o celebrante e seus acólitos tonsurados, e à direita do altar, sôbre um estrado atapetado e encimado por vistoso dossel de seda violeta, o provincial dos jesuitas, paramentado com as suas insígnias episcopais, e assentado em uma poltrona escura, que mais realçava o fundo de branco e ouro do seu trono de bispo. Ao longo do templo, no centro, um extenso tapête

Também Sebastiana já não se assemelhava à menina que fôra encontrada, nove anos antes, à margem esquerda do rio Pomba, onde estava a sós, abandonada, exposta a mil perigos. Já não se assemelhava àquela pobre indiazinha, de cêrca de seis anos de idade, que a expedição recolhera. No decorrer dêsses nove anos transformara-se Sebastiana em uma jovem ativa, inteligente e formosa. Em pleno desenvolvimento, parecia ter dezoito anos, tendo entretanto uns quize sòmente, graças à educação física que recebera a par de instrução intelectual e moral.

Conservava a mesma alegria da infância, modificada pelo recato de moça.

De altura mediana, o rosto perfeitamente oval, os olhos vivos e ternos, e a fronte larga, amoldurada pelos cabelos negros, tratados com desvêlo, Sebastiana apenas demonstrava pertencer à raça aborígene do Brasil pela sua côr, fortemente morena, e certa aspereza dos cabelos negros e lisos.

Vestia-se sem ostentação, mas sempre com gôsto, gôsto que se comunicara às jovens que se lhe aproximavam, às quais ensinava a costurar, arte na qual se ia aperfeiçoando com as explicações de D. Alzira, espôsa de Domingos, — pois casara-se êste jovem em Vila Rica oito anos antes, e residia com Braz Pires.

De educação aprimorada em relação à época e ao local, Sebastiana lia e escrevia com facilidade e rapidez, cantava com sentimento e arte, e sabia fazer com perfeição todos os trabalhos domésticos então em uso, desde o assado comum ao mais fino doce, desde a costura grosseira de uma veste de trabalho à mais delicada renda de bilro.

Tinha amor ao trabalho, e conservava a seu cargo, espontâneamente, diversos serviços da casa, entre os quais a limpeza dos móveis, a inspeção das roupas, a conservação do vasilhame etc.

De conversação agradável e trato ameno, tornara mais atraente aquela casa, onde se reuniam frequentemente, à noite, visitas de pessoas da fazenda e dos arredores, e ainda de viajantes que não raro pernoitavam no povoado, — pois na fazenda tantas moradas tinham sido construidas, e o foram com tanto método, principalmente

à margem direita do Chopotó, que era já considerada um povoado, uma futura sede de distrito e de freguesia.

Do povoado, em comunicação com diversos pequenos lugarejos novos, circunvisinhos, tinham-se aberto boas estradas, havendo algum comércio, e franca prosperidade, com os núcleos que alguns anos mais tarde seriam conhecidos com os nomes de Conceição do Turvo, Dores do Turvo, Calambau, Oliveira do Piranga, Lamim, Espera, Catas Altas de Noruega, Carrapicho e outros, e principalmente com a povoação já importante de Guarapiranga, onde vemos hoje a cidade do Piranga, à margem do rio do mesmo nome, que vinte léguas mais abaixo toma o nome de rio Doce, e desce, caudaloso, a desaparecer, no Estado do Espírito Santo, nas águas do Atlântico.

Todos êsses lugares, ou quase todos, foram em seu início outras tantas aldeias de índios, cujos usos e costumes tinham sido anteriormente amenizados pela catequese.

Os viajantes que passavam por alí, quando não eram habitantes dos povoados visinhos ou de aldeias próximas, eram pessoas de núcleos longínquos, que tinham negócios a tratar em Vila Rica, pois a estrada que por aí passava, e seguia para Lamim, tornara-se conhecida como a que mais diretamente ligava a capital da capitania à zona serra-abaixo, conhecida hoje por zona da mata. Êsses viajantes pernoitavam quase sempre na casa de Braz Pires, fato que muito concorria para ligar mais estreitamente o novel povoado com os centros maiores, fundados anteriormente mais nas proximidades do litoral.

A casa de residência do fazendeiro já não era a primitiva, mas uma vasta e cômoda vivenda de dois pavimentos, provida do necessário ao desejado confôrto duma família abastada.

Durante os primeiros meses de sua permanência na fazenda, Sebastiana estivera sob a direção pessoal de Braz Pires, auxiliado eficazmente por Gregório e pela mulher dêste. Com o casamento de Domingos, efetuado alguns meses depois, a casa passou a ser dirigida por êste e sua jovem espôsa, ambos sobrinhos do fazendeiro, e então começou para a menina uma era de maior aproveitamento, pois D. Alzira, mais velha alguns anos apenas do que a interessante indiazinha, deixou-se prender a ela

por uma afeição quase fraterna, que mais se solidificou quando, dois anos após o casamento, a Sebastiana e Braz Pires coube o prazer de levarem à capela, como padrinhos, o primogênito de Domingos e D. Alzira.

Tinha então Sebastiana cêrca de nove anos. Na época de que nos ocupamos, porém, tinha ela atingido a idade de moça, cêrca de quinze anos, como demonstrado nas linhas acima.

Entre a afeição paternal de Braz Pires, a afetuosa dedicação de Gregório e sua mulher, a amizade inalterável de Domingos e D. Alzira, e o carinho de quantos com ela tratavam, passou Sebastiana a sua segunda infância, descuidada quanto às agruras da vida e confiada na firme afeição dos seus protetores, na mesma alegria comunicativa e franca, a todos encantando com a sua inteligência vivaz e seu riso infantil e argentino.

Ao fazer-se moça, porém, notaram os mais íntimos que uma pequena modificação se operava nos hábitos de Sebastiana: deixava, a pouco e pouco, de ter para com Braz Pires aquêle ingênuo convívio de filha para com o pai, aquela descuidada e doce confiança de criança obediente ao pai amoroso e dedicado, e ao mesmo tempo aproximava-se mais e mais do índio Gregório, seu padrinho, parecendo passar a êle, insensìvelmente, paulatinamente, a afeição filial que era devida ao fazendeiro.

Não quer isso dizer que a sua amizade a Braz Pires houvesse diminuído: modificou-se apenas. Deixava de ter as pequenas exigências de criança amimada, para ser mais atenta e cerimoniosa.

Porque essa modificação que o fazendeiro parecia aliás não reprovar?

* * *

Sebastiana Cardosa transformara-se, pois, numa jovem formosa, ativa e bem educada, que constituía as esperanças côr de rosa de diversos moços, e entre êsses seus adoradores não havia índio algum, pois os pobres filhos das selvas, cuja modéstia foi sempre proverbial, não ousavam elevar seus olhos a tal altura...

Os moços dominados pela formosura e pela bondade de Sebastiana, sem fazerem segrêdo dos seus sentimentos, eram alguns portuguêses e alguns mestiços, e todos eram agricultores e proprietários. Havendo também dois descendentes de castelhanos, que se dedicavam ao comércio e à indústria de transportes.

A todos êles a moça tratava com a mesma consideração, o mesmo agrado, sem a nenhum mostrar predileção.

Seria insensível ao amor aquela jovem? Ou não teria ainda aparecido aquêle que lhe devia conquistar o coração?

* * *

Nesse dia estava Sebastiana vestida com certo apuro que não excluía a austeridade, e tôda a casa assumia uns ares festivos não habituais.

A jovem, auxiliada por Fernando e sua espôsa, ambos vestidos quase com luxo, dava os últimos retoques nos enfeites do salão, para onde começavam a entrar algumas senhoras e moças bem vestidas. O próprio Gregório, espécie de mordomo da casa, apresentava-se nesse dia irrepreensìvelmente *encadernado* em preto, de sapatos e gravata.

Pelos caminhos, a terminar nas portas de entrada da capela e da casa, viam-se folhas e flores esparsas, e alguns arcos se elevavam em diversos pontos, sinais evidentes de festividade local.

E' que nesse dia chegava ao povoado, a fim de cantar na capela local a sua primeira missa, o novel sacerdote Luís Pires de Farinho, filho único do fazendeiro Braz Pires. Quinze dias antes desembarcara êle no pôrto do Rio de Janeiro, em companhia de Domingos, da espôsa e dos filhinhos dêstes, vindos de Lisboa, onde o padre Luís recebera, dois meses antes, as suas últimas ordens sacras, e onde Domingos e D. Alzira tinham estado, a fim de assistir à comovente cerimônia e acompanhar ao Brasil o novo sacerdote.

Com êles tinham também partido para o Brasil dois irmãos de Domingos, ambos ainda na infância, que vinham trabalhar ao lado dos seus parentes aqui domiciliados, e

tôda a comitiva chegara na noite anterior a Guarapiranga.

Dos últimos "pousos" tinham sido enviados portadores rápidos ao fazendeiro, e êste, no dia anterior, havia partido com diversos amigos para Guarapiranga.

Havia regosijo geral.

Alguns minutos antes das quatro horas da tarde, três morteiros, colocados sôbre o morro que domina a estrada por onde deviam chegar os viajantes, detonaram ruìdosamente em três tiros seguidos, e os sinos da capela começaram a encher os ares de sons festivos.

Eram os sinais. Abriram-se as portas de tôdas as casas, sôbre os peitoris das janelas estenderam-se colchas e toalhas vistosas, alguns foguetes subiram estrepitosamente aos ares, e pouco depois a espécie de praça da frente da capela estava repleta de pessoas de tôdas as idades, tôdas trajadas *em festa,* conquanto algumas modestamente.

Meia hora depois dos morteiros divisou-se a comitiva a entrar na praça.

Vinham mais de quarenta cavaleiros, seguidos por duas liteiras conduzindo algumas senhoras e crianças.

Apeiando-se em frente às primeiras casas do povoado, dirigiram-se os recém-chegados, a pé, para a casa de Braz Pires, onde êste, que caminhava à frente em companhia do Padre Luís e de Domingos, a todos fêz subir as escadas de sua cômoda vivenda, entrando a vanguarda no salão sob uma chuva de flores atiradas por meninas vestidas de branco.

O fazendeiro, que durante onze anos não tinha voltado ao povoado de Guarapiranga, sua antiga residência, senão no dia anterior, a fim de esperar o filho, tomando êste pelo braço, logo que penetraram no salão, dirigiu-se a Sebastiana, a quem apresentou o Padre Luís simplesmente nestes termos: "Meu filho..." E indicando depois a moça, disse ao jovem padre: "A menina de quem já te falei diversas vêzes, em cartas e pessoalmente, e a quem todos prezamos muito".

Em seguida, tomando Sebastiana pelo braço, fêz-lhe outras apresentações, concluidas num canto do salão onde estavam três homens apresentados nestas palavras:

"Meus amigos em Guarapiranga"... E citou-lhes os nomes.

— Temos o maior prazer em conhecê-la, menina, — disse um dêsses homens, como a responder pelos outros dois e por si, — como temos imenso prazer em conhecer êste povoado e visitar esta casa. Nós três fomos a causa, aliás involuntária, de ter o nosso velho amigo Sr. Braz Pires abandonado as suas propriedades, retirando-se sem destino, entre os perigos dessas florestas e dêsses rios. Digo causa *involuntária,* porque essa desavença era oriunda de exploradores e intrigantes, que nós supúnhamos pessoas dignas, tendo por isso contra o Sr. Braz Pires queixas que hoje verificamos sem base, infundadas, e até exageradas pelos mesmos exploradores. Para consolidar afinal uma verdadeira amizade, eu, o meu irmão João Torres e o nosso amigo Luís Piratininga, — e indicava os dois companheiros, — aqui estaremos hoje e amanhã".

— Com grande honra para nós, Sr. Antônio Torres, — asseverou a jovem.

— Com imenso prazer nosso, — declarou João Torres.

Desde o começo dessa pequena palestra, ou, melhor, dessas apresentações, seguidas pelas explicações dadas por Antônio Torres, o Padre Luís tinha-se aproximado do grupo, sem dizer uma palavra, e foi sòmente depois que os três ex-inimigos de Braz Pires apertaram cordialmente a mão de Sebastiana Cardosa, que o novel sacerdote, colocando uma das mãos sôbre o ombro de um dêsses homens, disse à moça: "Apresento-lhe meu avô..."

A jovem estendeu novamente a dextra a Luís Piratininga, sorrindo ambos com satisfação e trocando palavras de novos cumprimentos.

Era um indígena de fisionomia simpática e expressiva, estatura abaixo de mediana, rosto escanhoado e longos cabelos fartos, já grisalhos, e estava vestido sem ostentação, mas decentemente, de acôrdo com a solenidade do ato a que vinha assistir. Demonstrava ter idade um pouco superior a sessenta anos. Era um homem industrioso e ativo, bem conceituado pela sua seriedade, e tinha sido um dos primeiros de sua tribo a aceitar os usos e costumes dos portugueses, com os quais fizera aliança, e entre os quais vivia na mais perfeita paz, sendo-lhe por isso um grande alívio desembaraçar-se do enrêdo que em relação

a Braz Pires, seu ex-genro, tinha sido urdido tantos anos antes.

—Unidos seremos fortes, — concluiu Braz Pires, — e unidos faremos prosperar a terra generosa que nos abriga.

XXII

* * *

A conversação do final do capítulo anterior tinha empolgado tôdas as atenções, e em breve tornou-se quase geral.

Todos os habitantes da fazenda, e mesmo os de fora, regosijavam-se com aquêle acontecimento, havia muito desejado e pouco esperado, vendo alí com prazer os três ex-inimigos de Paz Pires, causa, embora involuntária, como êles o diziam, da partida do mesmo, de Guarapiranga, em busca de um asilo de paz e de trabalho no centro daquelas florestas então desconhecidas.

Ao jantar, servido no pátio interior, onde fôra armada uma enorme mesa provisória, ergueram-se diversos brindes, e entre êsses foi feito um belo brinde à paz, do qual conserva a tradição alguns trechos, reproduzidos nas linhas abaixo. Foi orador um moço cujo nome a tradição não conservou, sabendo-se apenas ser português, e ocupar o cargo de ouvidor em Vila Rica.

Não apresentam as linhas abaixo as expressões exatas do discurso, ou de parte do discurso, mas as idéias expendidas, a síntese apenas, com alguns trechos aproximadamente semelhantes aos proferidos, conservados, com algumas modificações talvez, pela tradição verbal no decorrer de tão numerosos anos.

Passemos ao discurso.

"...Cumpria-me, — disse o orador, — saudar, em nome de todos nós, o novo sacerdote da igreja católica romana. Cabia-me saudá-lo e, também em nome de todos nós, dizer a êle quanto de amor e de esperanças, pela sua sagração, e pela sua chegada a esta terra, existe em nossos corações. Eu me incumbi também de lhe descrever algo da alegria intensa, do justo contentamento que nos

inunda a alma. Dessa missão, senhores, acabo de me desempenhar. Se não disse ao Padre Luís quanto desejara dizer; se lhe não descrevi com exatidão os nossos sentimentos; se lhe não falei expressivamente do nosso afeto e do nosso respeito para com êle; se lhe não relatei, com as vivas côres que desejara, a comoção de seu pai amoroso ao vê-lo finalmente entre nós, e investido de funções que tanto o podem honrar e dignificar, se, por fim, não abri para com êle os nossos corações em uma exposição eloquente e clara de nossos sentimentos, é porque para isso faltou-me competência, pois escasso é o meu traquejo de falar a uma coletividade.

"Sofrìvelmente ou mal, porém, o que é certo é que terminei a minha missão, fazendo quanto me foi possível para desempenhá-la menos mal. Outros poderiam ter dito melhor; ninguém o teria feito mais sinceramente; ninguém, para fazê-lo, teria arrancado as palavras mais do íntimo do coração.

"Resta-me agora dar parabens ao Sr. Braz Pires, o que faço em nome de tôdas as pessoas presentes, de quem tenho permissão especial, e saudar, em nome do Sr. Braz Pires, do Padre Luís, da Jovem Sebastiana, e de Domingos e família, aos nossos amigos Antônio Torres, João Torres e Luís Piratininga, que pela primeira vez transpuseram o limiar desta casa. Eu os saúdo também em nome da amizade, em nome da verdade, em nome da franqueza, em nome da união, em nome do progresso, em nome da paz!

"Nós dizemos — paz! paz! — sem deter o nosso pensamento sôbre o significado desta palavra, tão pequena quanto à sua estrutura, quão grande quanto à sua função, quanto à beleza divinal do papel que representa entre os humanos.

"Para apreciarmos devidamente a paz, e a amarmos de todo o coração, com tôda a alma, é necessário vermos a paz depois da guerra, mas imediatamente depois.

"Em pleno campo de batalha, quando a fanfarra de guerra ressoa ao longe, muito ao longe, mas em tôrno de nós dominam a destruição e a morte; quando vemos os nossos companheiros caindo, aqui e alí, banhados em sangue, sem vida, e os canhões já emudeceram, mas a arma branca, mais terrível ainda, fere, trucida e abate

homens moços e fortes; quando, finalmente, nessas horas horríveis, nós nos sentimos dominados pelo furor, pelo ódio, pelo terror, e já não lobrigamos em nossa frente uma única esperança, e pisamos poças de sangue, e tropeçamos em cadáveres, e nós próprios nos sentimos feridos, ensanguentados, com as vestes em farrapos, — ah! senhores! — nós invejamos então os irracionais de nossas selvas, cobiçamos a sorte do bruto que em nossas herdades pacíficas tira uma carroça, ou circula um engenho, pois êle é muito mais feliz do que nós outros!...

"E porque fazem guerra os homens?! Porque se armam êles uns contra os outros?!

"Para a conquista é inteiramente inútil, pois o mundo é grande e está vazio, inexplorado. Para a rapina é também inútil a guerra, porque os combatentes escapos à morte, as carnes dilaceradas, a saúde combalida, a alma cheia de horror, voltam mais pobres aos seus lares desmantelados do que quando dali saíram.

"Para engrandecimento da fortuna pública é igualmente inútil ou prejudicial a guerra, pois nos paises vencedores há em geral mais miséria do que antes da guarra, e os ódios acumulados recaem, mais cedo ou mais tarde, sôbre a própria nação vencedora, trazendo-lhe medonho cortejo de males, entre os quais a retribuição de quanto, durante ou após as hostilidades, fôra arrebatado aos adversários.

"Para os reis, porém, é útil a guerra, como o é para os potentados, para os áulicos, para os grandes e eternos exploradores do poder; pois a guerra enfraquece os povos, e é mais fácil tripudiar sôbre um povo acovardado, ao qual arrebataram a flor da mocidade, do que sôbre uma nação que conserva em seu seio tôda a energia viril dos homens moços, dos homens válidos, cujo trabalho enriquece o país, e cuja inteligência, cheia de esperanças, se embala em sonhos de progresso e de liberdade.

"E quais são os homens que vão à guerra, nela sacrificando a sua liberdade, abandonando por ela as suas famílias, aventurando nela a sua vida, e dela voltam, quando não morrem, bastas vêzes mutilados ou enfermos, futuros mendigos que em breve cairão exânimes pelas sarjetas das ruas, ou sôbre os desvãos das estradas?

"Quem são êsses homens?

"São os pobres. São os desprotegidos. São os humildes. São aquêles a quem falta um título hereditário de nobreza. São aquêles para quem não existe o amparo direto dos potentados.

"Para os outros, quando vão à guerra, há o estado maior, a retaguarda, a reserva, as fortificações sem perigo, as posições à sombra.

"Os pobres, os desprotegidos, os plebeus, os humildes, — êsses constituem a massa amorfa que na guerra se deixa trucidar sem ao menos conhecer os motivos e fins da matança e das perseguições.

"E alguns séculos passarão ainda, infelizmente, sem que o povo compreenda que não deve aceitar a guerra... Não haverá guerra alguma quando o povo estiver instruido, pois a instrução autorizá-lo-á a negar a êsse monstro os dois alimentos de que êle se nutre: a fôrça e o ouro. A fôrça, concedida pela mocidade sadia, entusiasta, alegre, valente, mas inexperiente e iludida, vilmente enganada; e o ouro, torpemente arrebatado das classes produtoras, dos homens do trabalho mais árduo, e acumulado com usura nos cofres dos potentados: são êsses os alimentos do monstro denominado guerra. Quando êsse ouro, mais honrado, negar o seu concurso aos governos sedentos de sangue e quando êsses homens moços do futuro, mais instruidos, se negarem à horrível carnificina com que sonham os govêrnos enegrecidos por ódio e ambições, a guerra tornar-se-á impossível. Mas para chegarmos a êsse resultado será necessário difundir-se, progressivamente, ininterruptamente, a luz benéfica da instrução.

"O homem instruido será livre, o homem livre será crente, o homem crente amará a paz.

"Sòmente a instrução, disseminada por tôdas as classes sociais, banirá a guerra da face da Terra. Mas êsse dia vem ainda longe, e alguns séculos, muitos séculos talvez, hão de ainda passar antes do advento dêsses tempos felizes.

"Mas falemos da paz.

"Algumas vêzes, senhores, no mais renhido da batalha, quando mais terríveis são a embriaguez do sangue e o furor dos combatentes, um bálsamo consolador sói derramar-se sôbre aquela imensa desgraça. E' quando, no meio dos guerreiros, uma bandeira branca surge, e se

eleva sôbre tôdas as cabeças de infantes e cavaleiros, sintetizando tôdas as esperanças daquêles infelizes, e de inúmeras mães e espôsas, e irmãs, e filhas, que lá ao longe elevam as suas orações ao verdadeiro Deus, ao Deus de amor e de bondade que não abençoa armas nem justifica morticínios.

"Aquela bandeira branca, senhores, é a paz! E' a esperança, o perdão, o confôrto, a vida!...

"Vós vos encheis de amor e alegria, amigos meus, vendo tremular o pavilhão querido da Pátria, julgando-o de beleza incomparável. Se vísseis, porém, como eu vi, a paz, personificada naquela bandeira branca, descer, qual anjo de Deus, ao campo de batalha, verieis, como eu vi, que num trapo branco, erguido à pressa, no cimo da haste duma lança partida, há muito maior beleza, há muito mais poesia, há muito mais amor, há muito mais sublimidade, do que nos símbolos de tôdas as pátrias, do que nas bandeiras, reunidas, de todos os povos do globo!

"Aquêle trapo branco representa a paz, e a paz é uma emanação da própria Divindade, um como dom do Deus de verdade.

....

"Faço hoje esta espécie de saudação à paz em geral, senhores, porque neste recinto festejamos hoje um belíssimo fato, o da aproximação de homens honrados, homens do trabalho e do dever, anteriormente separados por motivos injustificáveis. Êsses motivos acabam de extinguir-se ao embate da razão e da verdade. E' a paz, em tôda a sua pujante beleza, que acaba de descer dos páramos celestes a honrar a nossa festa íntima".

* * *

Reza a tradição ter dito o orador, concluindo o seu discurso, mais algumas palavras, e que ninguém as ouviu, pois um frêmito de comoção, de alegria ruidosa, de verdadeiro entusiasmo, perpassou pelos numerosos assistentes, que abafaram as últimas frases do orador com uma extraordinária salva de brados e palmas.

XXIII

O FILHO DA ÍNDIA

Terminara o banquete, mas os vinhos continuavam a ser servidos aos numerosos visitantes, reunidos no mesmo pátio interno, artìsticamente ornamentado e fartamente iluminado a velas de cêra e lanterninhas de azeite com a luz coada em papeis de côres.

Também a lua prestava o seu concurso àquela iluminação, confundindo com as outras a sua luz de prata.

E embora terminado o repasto, conservavam-se os comensais em seus respectivos lugares. Tinham tomado parte no banquete sòmente as pessoas da casa e as mais íntimas, e as pessoas que tinham vindo de lugares distantes para assistirem à festa da "missa nova".

Os serventes tinham retirado todo o serviço do jantar, mas algumas botijas de vinho e muitos copos metálicos estavam ainda esparsos sôbre a enorme mesa provisória, em uma de cujas extremidades estava Braz Pires que tinha à sua direita a jovem Sebastiana, e logo em seguida Domingos e senhora, e Fernando e senhora, e tinha à sua esquerda o jovem padre, e logo em seguida o orador, espécie de orador oficial da reunião, e dois sacerdotes que de Vila Rica e da sede do bispado recem-criado, Mariana, tinham vindo à solenidade e iam ser os acólitos do celebrante, ao qual em seguida, em nome do bispo, dariam posse do cargo de cura do novo povoado.

Além dessas pessoas, assentavam-se junto à mesa muitos outros convivas, talvez uns cinqüenta, e em diversos bancos e cadeiras, ao longo do pátio, de um e outro lado da mesa, achavam-se numerosos outros visitantes, e ainda nas janelas inferiores e superiores do prédio, — portuguêses, mestiços, indígenas, pretos, africanos, — aos quais os serventes tratavam, indistintamente, com afabilidade e consideração.

Dominava um sussurro confuso de vozes. Grupos, aqui e alí, falavam sôbre assuntos diversos, comentando alguns o discurso do capítulo anterior. De espaço a espaço

erguiam copos de vinho, que se tocavam em brinde silencioso, ou serviam-se bilhas dágua às pessoas a quem o calor produzia sêde.

Inesperadamente tôdas as atenções voltaram-se para o padre Luis. Êste, levantando-se, fizera um sinal de que desejava falar, e um silêncio absoluto empolgou o ambiente.

* * *

O novo sacerdote começou agradecendo as saudações do orador, e agradecendo, do íntimo de sua alma, a tôdas as pessoas que com êle se regosijavam pela seu regresso à Pátria, e que comulavam-no de amabilidades, vendo-o sagrado sacerdote da religião católica. Dirigindo-se aos dois colegas que se achavam a seu lado, agradeceu-lhes o comparecimento àquela solenidade, asseverando-lhes a sua gratidão inextinguível. A seus primos Domingos e D. Alzira, asseverou o grande prazer que lhe enchia a alma vendo-os assistir, em Lisboa, à sua ordenação, e tendo-os como companheiros para almejada volta à terra natal, após tantos anos de ausência. A seu pai, agradecendo os esforços extraordinários, feitos pela sua instrução, asseverando o seu amor filial, e assegurando seguir-lhe os exemplos de honradez e de trabalho.

Falava com facilidade e correção, em palavras simples e cheias da eloquência da sinceridade.

Depois de ter assim tocado os principais pontos do programa por êle próprio traçado mentalmente, o Padre Luís fêz uma pequena pausa, percorreu a vista pelo auditório, e continuou nestes termos:

"A sua excelência reverendíssima, D. Frei Manoel da Cruz, digno bispo de Mariana, cumpre dispôr de mim. Mas eu lhe rogarei a mercê de conservar-me sempre aqui, ou, pelo menos, de entregar-me qualquer curato ou freguesia não distante dêste povoado, de modo a poder vir frequentemente ver-vos, meus bons amigos, e entre vós exercer o meu ministério.

"Penso entretanto poder ficar sempre aqui, amanhã cura, e mais tarde vigário, e sempre empenhando o meu

valor quase nulo em minorar um pouquinho as condições de cada um dos nossos irmãos sofredores.

"Amo esta terra. Ela acolheu meu pai, meus primos, meus amigos, e vai acolher-me, também a mim, e brevemente acolherá meu avô, que aqui se estabelecerá. Ela é próxima de Guarapiranga, terra onde nasci, onde dei os primeiros passos, onde aprendi os primeiros rudimentos de instrução, onde ensinaram-me a amar a Deus e ao próximo. Filho de um português e uma índia, eu sou..."

Nesse momento, Braz Pires, levantando-se inopinadamente, e pondo a dextra sôbre um ombro do jovem padre, disse alto, em tom de censura:

— Meu filho! Nunca deverias dizer que tua mãe era uma índia! De teu pai podes dizer o que pensares, mas dizeres que tua mãe era uma índia...

— Meu pai, — interrompeu o moço, — não me passou jamais pelo pensamento desrespeitar a memória de minha boa mãe.

— Pois todos nós, — continuou Braz Pires, — devemos respeitar e proteger os representantes dessa raça infeliz, por nós, os portuguêses, esbulhada dos seus direitos de possuidora única dêste imenso país. Os índios são bons e generosos, e apenas a luz lhes faltava para entrarem no convívio das nações. Mas em vez de serem instruidos metódica e dedicadamente, têm sido perseguidos e escravizados, e em grande parte mortos, com tribos inteiras extintas. Nunca uma palavra de desprêzo deverá ser por nós pronunciada contra os índios.

— Jamais eu a pronunciarei, meu pai, — replicou o Padre Luís. — Nunca uma palavra de desprêzo perpassou nem há de perpassar por meus lábios àcêrca dos indígenas, que eu considero e estimo como irmãos nossos que são perante Deus, como antecessores da civilização européia nas terras virgens do novo mundo, como nossos auxiliares poderosos na colonização do Brasil, e como, em grande parte, ancestrais da raça laboriosa e forte que em alguns decênios mais há de apresentar ao mundo um país civilizado e vasto, digno do respeito de todo o mundo culto.

"Minha mãe foi sempre cuidadosa e terna para comigo, e eu, embora infante, compreendi, meu pai, a

mágua profunda que lhe deixou ela na alma ao partir para o mundo de além, e compreendi, quando ela partiu, o vácuo imenso que em nossa casa deixava.

"Quando eu disse — *filho de um português e uma india,* — eu queria dizer que êsses predicados asseveravam-me poder eu cumprir a minha missão sem grande dificuldade; pois eu, tendo aqui nascido, e tendo vivido mais de nove anos nesta terra querida, passei mais de treze anos no velho reino, e, tendo por pai um português, tive como mãe uma índia, devendo por isto reunir a energia e a tenacidade do lusitano com a calma e o desinterêsse do indígena, assim podendo sem sacrifícios exercer o meu ministério sem o estacionamento do aborígene e sem a nostalgia do europeu, e sem as apreensões ambiciosas dêste como sem o indiferentismo sistemático daquêle. Amenizarei as exigências do colono ante o desprendimento do natural do país, e arrefecerei os desejos do forasteiro ante o amor à terra natal por parte do brasileiro".

— Muito bem, meu filho, muito bem, — disse o fazendeiro.

E o padre continuou o seu discurso, que a todos agradou.

XXIV

A MISSA NOVA

O dia seguinte aos fatos narrados no capítulo anterior era um domingo.

Desde o surgir do sol tangiam os dois sinos da capela, e festivamente, alegremente, convidavam a população para a primeira e a segunda missas, celebradas pelos dois sacerdotes visitantes, ambas bastante concorridas.

Para a terceira missa, ou a "missa nova", que seria cantada pelo Padre Luís Pires de Farinho, e seria começada às dez horas e meia, chegavam ainda cavaleiros, vindos de lugares afastados, e pedestres, famílias inteiras, residentes nas diversas casas novas da fazenda, e nos sítios e fazendas recentemente fundados não longe do povoado.

Às dez e meia horas, um vultoso grupo de pessoas de tôdas as classes estava em frente à casa de Braz Pires, à espera do novo sacerdote, quando êste, ladeado por seu pai e Domingos, assomou à porta, saudado por estrepitosa salva de palmas, e foi pouco depois conduzido à capela, que era nessa ocasião um templo pequeno, mas decente, com capacidade para umas seiscentas ou setecentas pessoas.

Junto à porta fôra construida uma espécie de coreto, com peitoril de grade, para a pequena orquestra, e junto à mesma porta, mas fora da capela, à direita, um púlpito de madeira, onde seria feito o principal sermão.

Falaria em primeiro lugar o pároco de Vila Rica, e, em seguida à missa, o Padre Luís, pregando ambos de um estrado à direita do altar, dentro do pequeno templo, e à tarde, após a procissão e o *Te Deum Laudamus,* pregaria o padre-mestre de Mariana, no púlpito erguido à porta da capela, com o que estaria terminada a festa.

O largo estava cuidadosamente ornamentado, e as estradas visinhas relativamente niveladas, vendo-se diversos arcos, artìsticamente construidos de vegetais, até os pontos em que era do programa percorrer a procissão.

Seria inútil e fastidioso descrever tôdas as solenidades dêsse dia, pois festas semelhantes são conhecidíssimas no Brasil inteiro. Naquele tempo, e ainda mais dum século depois, a religião católica romana era a da quase totalidade dos habitantes do Brasil, não contando os índios ainda selvagens e alguns estrangeiros e seus descendentes, e ainda hoje é a religião da maioria, a religião popular e quase oficial, sendo as suas cerimônias conhecidíssimas por quase todos, embora a muitos falte a fé em seus dogmas e faleça obediência às suas regras.

De quantas religiões tem o mundo conhecido nos tempos históricos, é o Catolicismo a que mais belas e empolgantes solenidades apresenta, devendo a isso ter contado, entre os indígenas de tôda a América, um grande número de catecúmenos. O metodismo não conseguiria o mesmo resultado, como relativamente não o conseguiu entre os povos simples da Oceania, pois a severidade bíblica dos discípulos de Lutero e Calvino não tem o poder de atrair tanto a atenção, de tanto empolgar a imaginação.

As pomposas cerimônias do ritual romano foram bastante mais empolgantes do que o são atualmente, conquanto sejam ainda muito belas, e a elas assistiam e assistem não sòmente as pessoas animadas por uma crença viva, mas também por quantos amam a música, por quantos sabem como agrada o canto-chão bem interpretado, ou o estilo pesado, sóbrio, solene e clássico da velha música sacra.

Nos últimos anos essa música tem-se entretanto contaminado pelo estilo profano e frívolo das modernas músicas de salão, dos próprios tangos, em cujo bamboleio se divertem os jovens pares ao som de qualquer *jazz-band*...

No interior já não são executadas senão raramente algumas daquelas belíssimas missas a quatro vozes, com grande orquestra, como as missas de Pinto, de José Felipe, de Maurício, ou aquelas grandes ladaínhas de orquestra, semelhantes às de João do Couto ou Miguel Cardoso.

Os músicos modernos, mòrmente no interior, levam às igrejas, atualmente, músicas demasiado alegres, em geral pequenas quanto à extensão e grandes quanto ao preço, diferentemente do que sucedia algumas dezenas de anos antes, pois então as composições eram maiores, mais religiosas, mais belas, e os executantes, em geral amadores, como o foi o autor destas linhas, nada ganhavam, honrando dêste modo a música sacra.

As novenas pelo interior, algumas dezenas de anos antes, compunham-se de duas partes: uma dentro do templo, muito mais longa, — a religiosa e artística, — e outra fora do templo, de menor duração, — a dos leilões de prendas. Nos nossos tempos a primiera é menor e menos edificante, a segunda mais longa e mais concorrida...

Mas voltemos à *missa nova* do filho de Braz Pires.

Tinha sido organizada uma pequena orquestra, de músicos de lugares visinhos, sob a regência dum dedicado musicista que do Rio de Janeiro viera, dias antes, expressamente para as festas, tendo com antecedência ensaiado as composições escolhidas.

Êsse conjunto de amadores da música, bem como as quatro vozes que a êles se uniram, desempenharam-se de

modo satisfatório em sua missão, tendo sido muito apreciados.

Braz Pires e Vasco Moreira, como pai e padrinho do padre Luís, desempenharam com satisfação o papel que na liturgia católica lhes é prescrito, do beija-mão recíproco, e da apresentação da água e da toalha junto ao altar. Na procissão tomaram as varas anteriores do *pallium,* e ouviram junto do altar o *Ecce Sacerdos.*

Seria ocioso e inútil, como já foi declarado, descrever essas cerimônias, tão conhecidas eram e são em nossa terra, e por isto limito-me a estas poucas notícias, ansioso pela continuação da narrativa e conclusão do livro, que se vai tornando bem maior do que desejava e supunha.

Terminemos declarando que os três sermões impressionaram agradàvelmente a todo o auditório, a música agradou a todos, e a festa em geral deixou saudosa e grata recordação.

À noite fêz a orquestra uma visita aos hóspedes do fazendeiro, em cujo salão executou diversos e escolhidos trechos de música, tendo Braz Pires oferecido doces e vinho a tôdas as pessoas presentes, numerosas, e aos ouvintes que, vendo não ser a casa tão grande que os coubesse a todos, se contentavam em ouvir a música e acompanhar os brindes da praça, onde o vinho e os doces lhes eram fartamente distribuidos.

Sòmente no dia seguinte, segunda-feira, voltou o povoado ao seu estado normal, abandonado então pelos visitantes, que regressaram às suas respectivas residências, e pelos roceiros, que voltaram às suas ocupações cotidianas.

Após o almoço de segunda-feira, recaía, pois, a fazenda em sua vida costumeira, tendo apenas em seu seio quatro habitantes mais: o Padre Luís Pires de Farinho, cura do recem-criado curato do Rosário, na casa de seu pai Braz Pires; residindo na mesma casa, dois irmãos de Domingos Corrêa da Cunha, e em tôdas as casas e em todos os corações, a mais sincera alegria.

XXV

DOUTRINANDO

Em um domingo, na "estação da missa", cheia a capela de assistentes, moradores da fazenda e circunvisinhanças, o Padre Luís subia pensativo os três degraus do estrado onde fôra improvisado um púlpito, à direita do altar, e pouco depois revelava as qualidades não comuns de pregador e doutrinador.

Falava sôbre a caridade, isto é, sôbre o dever que nos assiste de nos socorrermos mùtuamente, em tôdas as ocasiões, e da obrigação de ampararmos os mais necessitados, de sairmos em auxílio dos nossos irmãos a quem a miséria oprime, ou que, abatidos pelas enfermidades do corpo e da alma, mais precisam de nosso amparo físico e moral.

O jovem sacerdote citou trechos dos Evangelhos e de São Paulo, provando ser a caridade a mais bela, a mais sublime das virtudes sem a qual veremos vedadas para nós a tranquilidade na terra e a felicidade no céu.

Desenvolveu pacientemente êsses versículos, dêles deduzindo explicações práticas, teorias simples, mas de lógica irrefutável.

E' de lastimar-se não haver dados seguros para um resumo aproximado da bela preleção; mas dela há notícias que autorizam a crer ter sido uma peça digna de ser lembrada.

Referiu-se o pregador à pobreza extrema de uma parte de alguns povos da Europa, e às instituições que para socorro dos mais necessitados já se fundavam no velho continente. Falou sôbre o espírito cristão que devia dirigir tais instituições, e sôbre o principal dever dos sacerdotes, que devia ser, praticar e aconselhar o bem em tôdas as suas manifestações, mas representado mais cristãmente pela caridade. Disse que da caridade se origina a fé, a fé traz a esperança, a esperança gera a alegria, e a alegria concorre grandemente para a saúde do corpo e da alma.

Falou sôbre a impossibilidade de, na ocasião, fundarem-se casas de caridade no interior do Brasil, e que essa impossibilidade era mais um motivo de tornar-se a caridade mais conhecida, — dizia êle, — não é sòmente atirar uma pequenina moeda de cobre ao mendigo que de porta em porta, pelas ruas das cidades e povoados, e pelas estradas pouco habitadas dos campos, nos estende a mão mirrada. Também não é ùnicamente mitigar a fome e fornecer alguns vestidos ao faminto esfarrapado que nos procura.

"Fazendo-o, cumprimos com o nosso dever. Mas é pouco. E' muito pouco.

"Devemos fazê-lo, mas devemos ampliar muito mais o nosso amor ao próximo: devemos ir levar o nosso auxílio à pobreza vexada, à miséria oculta, que às vêzes uma pobre palhoça mal cobre contra os ardores do sol, ou mal abriga contra os rigores da chuva.

"Mas devemos fazer o bem sem ostentação. Ninguém deve ver os alheios atos de caridade, e todos devem esquecer ou procurar esquecer os próprios. Se tivemos um dia oportunidade de ser úteis aos nossos irmãos na terra, procuremos não enaltecer o nosso ato nem perante nosso fôro íntimo, pois quanto sucedeu foi sòmente termos tido a felicidade de cumprir com o nosso dever.

"Quem dá uma esmola, deve fazê-lo com modéstia, e até mesmo, quando possível, sem que o beneficiado saiba que recebe uma esmola.

"A esmola humilha, abate, deprime, desanima, vexa.

"Sempre que for possível, fazei o bem sem humilhar a quem o recebe. Pode-se algumas vêzes encobrir a esmola sob a forma dum pagamento, dum adiantamento, dum empréstimo".

Em seguida falou o orador sôbre a divisão de castas nos países europeus; e teve surtos de eloquência descrevendo a injustiça e o orgulho dos nobres, e provando ser a humilhação dos plebeus oriunda da falta de cultura, falta que torna impossível a união das classes opressas, e atribuía, em parte, a separação dos homens em castas, desde épocas remotas, à ausência dum sentimento religioso bem interpretado, e, consequentemente, à falta de caridade.

Passando a referir-se ao Brasil, atirou seu veemente protesto contra a escravidão, qualificando-a de injusta e desumana, e declarando-a uma negação do mais sagrado dos direitos da humanidade, e demonstrando ser a sua existência a prova mais robusta da falta absoluta de caridade entre as classes mais favorecidas pela fortuna.

Depois duma pequena pausa, continuou o orador:

"Mas eu vos concito, pobres servos da gleba que me ouvis, a serdes sempre humildes e pacientes. Muito arraigado está entre nós o orgulho dos dominadores, como ainda insaciável a cobiça dos prepotentes, para que a escravidão em nossos dias deixe de existir. Mas vossos filhos serão livres. A vós, meus humildes irmãos, cabe ver a ventura na liberdade, no futuro, nas pessoas de vossos filhos, e aceitar a humilhação presente como alguns degraus galgados para o dia de felicidade perfeita, que é a da vida eterna.

"Falemos mais diretamente, porém, da caridade em geral, a virtude pela qual mais nos aproximamos de Deus.

"Disse Jesus não serem aquêles que clamam — Senhor! Senhor! — os que se salvam, mas aquêles que cumprem a vontade de Deus.

"Jesus, citando as palavras do Decálogo, disse ao doutor da lei: — Amarás ao Senhor teu Deus sôbre tudo quanto existe, e amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

"Mas o mestre de Israel queria saber quem é o nosso próximo, e Jesus respondeu-lhe na interessante alegoria do bom samaritano.

— "Um homem, — disse o Divino Mestre, — descia de Jerusalém a Jericó e foi atacado por ladrões que o espancaram e roubaram, deixando-o semi-morto à beira da estrada. Por alí passou um sacerdote, viu o pobre ferido e seguiu seu caminho. Em seguida passou um levita, e fêz o mesmo. Um samaritano, porém, passando por último, viu o ferido, comoveu-se profundamente, e, aproximando-se, socorreu-o, pensou-lhe os ferimentos, colocou-o sôbre a alimária, e levou-o para uma hospedaria, onde

pagou tôdas as despesas do sustento e do tratamento do pobre ferido.

"E o Divino Mestre, concluindo a alegoria, disse: — Vai, e procede como o samaritano".

Estendeu-se ainda o pregador sôbre o assunto, citando e explicando versículos do Novo Testamento, e terminou assim o seu sermão:

"A caridade deve ser simples e humilde. Filhos do mesmo pai, que é Deus, nós nos devemos considerar irmãos, e por isso cumprimos o nosso dever auxiliando-nos uns aos outros. E nós o devemos cumprir simplesmente, modestamente, fraternalmente.

"Se dermos esmolas ao som de trombetas, ou subscrevendo papeis que arautos devam proclamar pelas ruas e praças, tais esmolas não representarão, perante Deus, senão a nossa vaidade.

"A caridade é indulgente, é doce, é modesta, é humilde, é bondosa. E' a negação do egoismo, da ambição, da dureza e do orgulho.

— "Se eu falasse tôdas as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria o bronze que sôa, o sino que tine; e se eu tivesse o dom da profecia, penetrasse todo mistério, e conhecesse tôdas as coisas, e ainda possuísse a fé que transporta montanhas, sem a caridade nada eu seria. E se eu distribuísse os meus bens pela pobreza, e entregasse o meu próprio corpo para ser queimado, nada valeria e nada conseguiria sem a caridade. A caridade é paciente, é benigna, é benfazeja. Não é invejosa, não é temerária, não se insufla de orgulho. Não busca interêsses, não desdenha, não suspeita mal, não irrita, nem folga com a injustiça, mas ama a verdade. Das três virtudes principais, a caridade é a mais excelente".

E assim foi feito pelo novel sacerdote o seu sermão doutrinário e edificante, e assim fêz muitas outras preleções, como a tradição o declara, difundindo a doutrina do Cristo do Senhor, e concitando os seus ouvintes à prática da caridade, e terminando quase sempre os seus sermões com uma peroração, sempre muito apreciada, em que sintetisava tôda a lei divina do amor a Deus e ao próximo.

XXVI

PROJETOS

Estamos em outro domingo, sete dias após o do sermão.

Não havia missa, pois o cura tinha ido celebrá-la em outra capela, a algumas léguas, como era seu dever fazê-lo, de mês em mês, visto acharem-se a seu cargo quatro curatos. A fazenda e povoado estavam mergulhados em quietação e silêncio, como se observava em tais dias nos pequenos povoados do interior.

Os homens livres da lavoura descansavam em suas residências, e alguns caçavam em lugares longínquos, e os escravos, dispensados em dias santos e domingos de todo o trabalho obrigatório, agiam por conta própria, geralmente em recantos por êles escolhidos, onde faziam pequenas roças, exclusivamente suas, de cujos produtos acumulavam às vêzes, no decorrer de alguns anos, quantia não pequena, com a qual compravam não raro a própria alforria, ou de pessoa querida, ou amenisavam de qualquer modo as agruras da sua condição.

No trabalho, na caça, na pesca ou em descanso absoluto, os habitantes do povoado não eram visíveis, nêsses domingos sem missa, junto à casa central nem nos arredores, senão à noite, conservando-se o lugar envôlto em um doce silêncio e perfeita tranquilidade durante quase todo o dia.

Na vasta sala das refeições da casa de Braz Pires, — ou na *sala de dentro* da casa central, como diziam, terminara o almôço, mas ao redor da mesa conservavam-se, em seus respectivos lugares, todos os comensais, exceto as crianças, os filhos de Domingos, chefe da casa, e de Fernando, que tinha o dever de vir, com seus dois filhos mais velhos, almoçar e alí passar a metade do dia em todos os domingos. As crianças tinham saído para seus folguedos.

Braz Pires ocupava a cabeceira da mesa, em frente à porta da entrada, e à direita achavam-se assentadas

Sebastiana e D. Alzira, e à esquerda estavam colocados Domingos, Fernando e Gregório.

Conservavam-se todos em absoluto silêncio, absorvidos talvez por pensamentos diversos, quando Braz Pires, atraindo tôdas as atenções, começou a falar nestes termos:

"Meus amigos, há já um mês que eu estou secessitando de falar-lhes, e tem-me faltado oportunidade. Aproveitemos, pois, a ocasião que hoje se me depara, embora meu filho não esteja presente. A êle falarei logo que chegue.

"Como sabem, há quase doze anos que chegamos a êste lugar, eu e os meus companheiros de aventuras Domingos, Fernando, João e Manoel, tendo-se reunido a nós, poucos dias depois, o nosso bom amigo Gregório, todos aqui presentes. A luta dos primeiros tempos foi insana, mas os resultados têm superado minha espectativa.

"Transformamos a mata bruta em vasta e rendosa lavoura, e os terrenos menos aptos à agricultura em grandes e ricas pastagens. Extinguimos ou expulsamos as feras da região, e substituímos as pequenas pirogas dos índios por grandes canoas e boas barcas, em diversos pontos, e aqui na fazenda por uma ponte regular. Já construímos numerosas casas, onde, se não existe luxo, não falta confôrto, e abrimos estradas que nos ligam aos povoados visinhos, e elevamos uma capela onde se reunem os fieis daqui e dos arredores, e temos educado os indígenas na sociedade e no trabalho, e animado o comércio, formando afinal uma região de progresso, uma zona de alegria, e de trabalho, destas terras onde poucos anos antes havia miséria e desolação, onde vagavam índios nômades e bravios, onde se acoitavam numerosos animais ferozes.

"O jaguar desapareceu da região, e as maracajás, aliás pouco numerosas, não inspiram receio senão pelo prejuizo que causam nas aves domésticas. O próprio tapir, de que têm tanto horror os naturais, embora seja êle inofensivo quando não atacado, vai-se tornando raro por aqui. Também temos feito tão acirrada guerra às cobras mais possantes e venenosas que a nossa região tem-se tornado muitíssimo menos infestada por êsses perigosos ofidios.

"Temos entretanto caça em espantosa abundância, pelas vastas florestas da fazenda e dos arredores, e temos peixes, em enormes cardumes, nos dois rios e alguns regatos que banham êstes lugares.

"Na fazenda temos já uma desenvolvida criação de gado vacum, lanígero, cavalar, muar e caprino, e aves e ovos com abundância.

"Deus permitiu afinal que tivéssemos, como temos, abundância de tudo quanto é necessário à alimentação, e já possuímos bastante algodão, e lã em quantidade regular, podendo as fiandeiras da fazenda, com êsses produtos, apresentar bons tecidos para vestuário e camas.

"Além de tudo isso, algumas coisas temos ainda, mais preciosas do que todo êsse progresso: há a paz; há a tranquilidade; há a ausência de ambições extremadas; há a confiança recíproca de todos os habitantes.

"E' que nós nos entregamos ao cultivo das terras, e dedicámo-nos às criações diversas, apropriadas ao clima e às necessidades do lugar, e trabalhos e profissões tais não provocam ambições, o que não sucede para com os homens que se dedicam ao grande comércio, ou se entregam à procura do ouro, diretamente, na exploração de minas, ou se aventuram nas pesquizas e descobrimentos de minas de pedras preciosas.

"Há muitos anos já, convidaram-me a ir explorar uma rica mina em Nossa Senhora do Amparo, onde Manoel Alves Maciel fundou um povo, e eu recusei os oferecimentos a mim feitos. Antônio Rodrigues Anzão fêz cunhar, na capitania do Espírito Santo, duas medalhas de ouro encontrado nesta zona, e Duarte Lopes descobriu e tirou ouro em Ituverava, próximo desta fazenda, como também Bartolomeu Dias extraíu grande quantidade de ouro em Ribeirão do Carmo, Vila Rica e Pitanguí. Para tôdas essas emprêsas tive propostas vantajosas, que não aceitei nem aceito, pois acho muito melhor a vida pacífica da lavoura, sem grandes surprêsas, mas também sem tristes desenganos, do que os trabalhos aventurosos da exploração do sub-solo.

"A fazenda já está transformada em um povoado, com o terreno cedido ao povo com pleno direito de construção, e de certo será, alguns anos mais tarde, a séde dum distrito em franco progresso, e duma paróquia, cujo

primeiro vigário será meu filho Luís, que é um sacerdote dedicado ao seu ministério.

"A lavoura e a criação progridem sob a direção de Fernando; o armazem tem deixado algum lucro, sendo de utilidade geral, e o serviço de transportes e de construções tem caminhado com regularidade, sob a administração de Domingos; os índios obedecem, com certo carinho, à orientação de Gregório, e o ensino religioso e moral tem estado ùltimamente sob a dedicada gestão do padre Luís. Assim tudo caminha para um futuro de franca prosperidade, graças a Deus.

"Creio, pois, que a minha presença aqui já não é necessária, ou pelo menos não o é tanto como foi, e eu sinto a necessidade de algum descanso, de uns dois anos talvez, e para isso alimento o desejo de rever minha terra natal, de visitar o velho reino, onde tantos parentes e amigos tenho ainda, e onde tantas recordações me aguardam.

"Não é a nostalgia dum exilado o inspirador dêsse meu projeto, mas a precisão de algum repouso, e o anseio de rever algumas terras e alguns entes queridos, e o desejo imenso de contemplar o mar, com todos os seus perigos e mistérios, com as suas noites de receios e os seus dias cheios de esperanças e de alegria.

"E é também muito justo desejar eu rever a pátria onde nasci, e as velhas cidades que conheci em minha infância, nebulosas e frias, e despidas de folhas e de pássaros, quando mais elevada é a temperatura destas terras do novo mundo, e cheias de luz, e de sol, e do chilrear dos pássaros, e do ciciar das folhas, quando por aqui as águas gelam ao frio intenso de junho.

"E' provável que, decorridos uns dois anos, possa eu estar novamente aqui, nesta terra que eu estimo de todo o coração, onde devo e desejo terminar os meus dias, os meus breves dias de peregrinação sôbre êste mundo de incertezas, tendo as pálpebras cerradas pelos bons companheiros e amigos dos tempos da adversidade. Tenho amor a esta terra, a nova pátria por mim escolhida; mas desejo visitar a velha pátria que abandonei quase trinta anos antes, quando não tinha ainda atingido os dezoito anos.

"Partirei com a alma cheia de afetos e saudades, mas a mente despovoada de fantasias e ambições".

XXVII

O ESCOLHIDO

O fazendeiro tinha falado com um entusiasmo, em que alguma coisa havia de fictício. Falava com ardor, demonstrando até mesmo um pouquinho de alegria.

Fernando e Domingos fitavam-no, acabrunhados, e D. Alzira e Sebastiana, impressionadas desagradàvelmente pela comunicação, procuravam esconder as lágrimas. Gregório, com a cabeça baixa, sorria discretamente, e, aproveitando uns momentos de pausa, disse, sem deixar de sorrir, mas de modo a ser ouvido apenas pelos dois moços: — Veremos...

Sem parecer notar a tristeza dos sobrinhos, e de Sebastiana e Fernando, e procurando esconder a própria tristeza, Braz Pires continuou nestes termos a sua comunicação:

"Um problema tem entretanto que ser resolvido antes de minha partida. Refiro-me à nossa querida menina; refiro-me à Sebastiana.

"Há quase dez anos que habita esta casa, onde encontrou em todos nós muita afeição e carinho. Entre nós não lhe faltariam jamais protetores. Mas eu estou próximo dos quarenta e oito anos, e Gregório, seu padrinho, é pouco mais moço do que eu. Domingos, que hoje conta trinta anos, poderia, no futuro ser um bom protetor de Sebastiana; mas é pai de diversos filhos, e outros virão ainda aumentar-lhe a prole, e por isso não poderia dispensar à nossa querida menina todos os cuidados de que ela necessitará. E' necessário, portanto, darmos a ela um novo protetor.

"Sebastiana deve ter atualmente quase dezesseis anos de idade, e por isso podemos pensar sèriamente no seu casamento e efetuá-lo antes de minha viagem. Em minha ausência ela não escolheria marido, e isso poderia retardar demasiado o seu enlace. Eu penso poder regressar no fim de dois anos, mas... podem surgir motivos imperiosos que me privem de voltar no fim dêsse prazo.

"Não faltam pretendentes à mão de Sebastiana, e alguns merecem ser discutidos. Estamos em família, e eu vou expôr as cinco propostas mais aceitáveis, e sôbre todos êsses pretendentes fornecerei as informações exatas, aceitando como noivo de Sebastiana, em cujo discernimento muito confio, qualquer, entre êsses cinco pretendentes, que por ela for escolhido".

Dizendo isto, Braz Pires tirou do bolso interno do casaco duas cartas volumosas, de papel grosso, dobrado na forma dos envelopes hoje usados, e dispunha-se a desdobrar uma dessas cartas quando a moça, colocando a mão direita sôbre o peito ofegante, e a esquerda sôbre as cartas ainda dobradas, disse com firmeza:

"E' inútil ler as cartas, como também é inútil citar os nomes dêsses e de outros pretendentes, pois eu já fiz a minha escolha, e, ou nunca me casarei, ou hei de casar-me com o homem que escolhi para marido".

— Mas o noivo escolhido pode ser, ou é certamente um dêsses cinco, — respondeu Braz Pires. — São bons moços, dignos de consideração, e estão bem colocados...

— Não, — replicou a jovem; — não é nenhum dêsses, pois êle não lhe veic falar, e não lhe escreveu carta alguma.

— Será analfabeto? — interrogou Domingos.

— Não, — respondeu a moça; — sabe ler e escrever melhor do que eu. Mas eu tenho certeza de que não escreveu carta alguma nesse sentido, nem fêz pedido verbal.

— E tem você a certeza de que êle merece ser seu marido? Se êle não é nenhum dêsses cinco que meu tio acha dignos...

Estas palavras foram ditas por D. Alzira, na suposição de uma escolha infeliz. Sebastiana envolveu-a num olhar de doce amizade, e apressou-se a responder:

— Merece-o mais do que todos.

E a jovem, levantando-se, tôda trêmula, ainda com os olhos marejados de pranto, e as faces carminadas pelo rubor do pejo, concluiu firmemente:

— O meu escolhido chama-se Braz Pires de Farinho!

E deixou-se caír sôbre a cadeira, baixando o rosto úmido e rubro sôbre as mãos espalmadas.

Ao fazendeiro, se lhe tivessem dito haver êle sido nomeado vice-rei do Brasil, ou chefe do governo da metrópole, não o aturdiriam mais.

— Mas eu tenho o triplo da tua idade, — dizia Braz Pires, maravilhado de tal confissão. — Caminho para uma velhice próxima, pois estou perto dos quarenta e oito anos. Brevemente aparecerão em minha fronte as primeiras cãs, que já estão tardando.

— Mas eu sou moça, e a minha mocidade há de contrabalançar a sua velhice, e entre as duas idades haverá alegria.

— No fim de mais uns doze anos serei um velho, e daqui a uns vinte ou trinta anos, se Deus me permitir vida tão longa, talvez esteja eu abatido, cheio de achaques, decrépito...

— Mas eu nessa ocasião estarei ainda forte, se Deus o permitir, pois sou bastante mais nova, mais de trinta anos mais moça, e então serei feliz podendo ampará-lo na sua velhice. Com isso cumprirei apenas com o meu dever, pois serei o arrimo moral à velhice de quem foi o anjo bom da minha infância.

— Mas eu terei remorsos de unir a tua mocidade, cheia de beleza, de alegria, de vigor e de esperanças, a esta minha quase velhice, repleta de desenganos, de desgostos, de sofrimentos morais...

— Não poderá sentir remorsos, pois a proposta é feita por mim, e eu faço questão absoluta de realizar êsse consórcio ou de ficar solteira. Além disso, eu não compreendo a beleza de que fala, êsse vigor e essa mocidade eu os desejo dedicar ao amparo da velhice do meu protetor, e nesse projeto resumo as minhas esperanças e a minha alegria, isto é, a minha felicidade.

— E assim sacrificas a tua mocidade, os teus dezesseis anos?...

— Não é um sacrifício. Unirei a minha mocidade à sua quase velhice, porque eu assim o desejo realizar, porque é êsse o meu sonho de felicidade desde o dia em que compreendi ter deixado de ser menina. E' a minha única ambição.

— E se eu me recusasse? -- perguntou Braz Pires depois de uns momentos de reflexão. — Se eu não quisesse efetuar êsse casamento?

— No caso de uma recusa de sua parte, eu continuaria a ser a sua filha adotiva, conservando-me nessa posição, sempre solteira, até o dia em que um de nós fôsse chamado por Deus. Durante a sua ausência ficaria com Alzira e Domingos, ou iria também para Portugal, mas em caso algum consentiria em um casamento. Nenhum outro enlace me serviria.

— Mas é um paraiso na terra êsse, cuja porta acaba de me ser aberta. — exclamou Braz Pires, radiante, dirigindo-se às outras pessoas presentes.

Falando, fitava ora Sebastiana, ora os outros comensais, e afinal ergueu o olhar ao céu, como se nesse olhar dirigisse a Deus uma prece, muda, mas eloquente em sua comovedora mudez, e cheia de reconhecimento e amor.

Após alguns minutos de religioso silêncio, disse Domingos a seu tio:

— Resta-lhe aceitar êsse paraíso da terra, enquanto espera o do futuro, que bem merece.

— Há anos que eu prevejo êsse final, — disse D. Alzira. — O coração da mulher tem segrêdos sutis, tem mistérios não comuns; mas o coração de outra mulher sabe sondar êsses segrêdos. e às vêzes o faz sem sacrifício e sem o procurar.

Um silêncio de alguns minutos pairou na sala, interrompido afinal por Gregório:

— Eu pedi licença para ser o padrinho da menina Sebastiana, e não é de uso pedir afilhados. Eu disse ter direitos para isso, e quem tinha direitos era o Sr. Braz Pires. E' que eu tive uma idéia do futuro, e imaginei que aquela menina podia vir a ser a nossa protetora, e eu sei que a religião não casa padrinho com afilhada...

"Mais tarde, quando a menina cresceu, eu vi nos olhos dela que o meu pensamento tinha sido justo. Também compreendi, há bastante tempo, que o amor do Sr. Braz Pires à nossa menina já não era um amor de pai: era o de um homem sem esperança, que vai fugir para sempre. Se êle fôsse para o reino, nunca mais voltava...

"Os filhos das matas estudam as plantas, e conhecem os rios, os montes e os vales da terra, e os bichos das matas e das águas, e as aves do ar, mas êles estudam também o coração dos homens.

"Há mais de três anos que as coisas mudaram nesta casa: o amor do Sr. Braz Pires e o amor da menina mudaram muito.

"Eu sabia de tudo isso".

Ninguém comentou as palavras do índio, mas todos refletiam, aprovando com o silêncio. O fazendeiro, profundamente comovido, tinha os olhos voltados para a mesa, e a moça, com a face apoiada sôbre as mãos, parecia meditar profundamente. Os outros interlocutores, aos quais viera reunir-se a mulher de Gregório, sorriam discretamente.

A mulher de Domingos ergueu-se, e momentos depois depunha sôbre a mesa uma botija de vinho e alguns copos de metal.

* * *

— Meu tio, — perguntou Domingos, levando aos lábios, com a delicadeza que lhe era reconhecida, um pequeno copo de vinho, — é ainda seu projeto partir para o reino?

— Mais do que nunca, — respondeu Braz Pires; — é plano irrevogável. Mas irei daqui a uns seis meses, e a minha ausência daqui não será superior ao decurso de um ano. Quero, se Deus o consentir, cumprir uma promessa secreta que eu fiz, há cêrca de três anos, de construir aqui um templo melhor, e para isso preciso ir à Europa, de onde trarei operários, molduras prontas, materiais de pintura e douração, e alfaias diversas.

— Mas... partindo daqui a seis meses, como diz, — perguntou a mulher de Domingos, — partirá a sós?

— Não, — respondeu Braz Pires; — irei com minha mulher.

XXVIII

A SERENATA

Fôra noticiado oficialmente, aos visinhos e amigos, o contrato de casamento de Braz Pires de Farinho e Sebastiana Cardosa.

À tarde receberam os noivos numerosas visitas, da fazenda e das circunvisinhanças, pois a notícia tinha corrido célere durante a semana, e êsses amigos, como se em combinação tácita, vinham, na tarde dêsse outro domingo, trazer-lhes parabens. Algumas dessas visitas tinham chegado a pé, e outras em canoas, e algumas tinham chegado cavalgando, pois nessa época já se aventuravam os moradores da região a pequenas viagens à noite, por serem muito menores os perigos das estradas, visto não se encontrarem feras naquelas cercanias e serem raros os índios bárbaros.

O salão estava cheio de visitantes, e a todos anunciara-se o consórcio para o fim do mês seguinte, ocasião em que devia passar pelo povoado, em sua primeira visita pastoral, o primeiro bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz, que vinha conhecer tôdas as capelas daquela zona.

Os dois noivos ocupavam o fundo do salão, assentados em um amplo sofá de madeira preta. Em Sebastiana, a alegria trêfega da juventude; no noivo, a imensa satisfação do homem ponderado e prático, experiente das dificuldades e trabalhos da vida, ao ver realizar-se o sonho por tanto tempo antes afagado em sua alma.

Os visitantes falavam-se aos grupos, em diversos assuntos, mas pela maior parte referentes ao futuro da fazenda e da povoação, e ao próximo casamento, e à esperada vinda do bispo. Os noivos falavam apenas entre si, e falavam pouco; mas o que não diziam era expresso pelo fulgor dos olhos, pelos sorrisos discretos, pela atitude prazenteira.

Braz Pires parecia dez anos mais moço do que na semana anterior. Ninguém o suporia além dos trinta e oito anos. O cabelo, ainda negro, estava cuidadosamente tratado, e em seu modo de vestir havia mais gôsto, mais apuro.

A tristeza continuada deforma e envelhece o indivíduo, porque lhe ataca os órgãos mais essenciais à vida; a alegria torna o indivíduo mais sadio, mais forte, mais belo. A tristeza corróe os órgãos mais importantes do corpo humano; a alegria conserva-os, fortalece-os, vivifica-os. A tristeza envelhece; a alegria remoça.

Casos há, e numerosíssimos, de desaparecer uma doença ante um fato agradável e inesperado, ou uma boa notícia recebida de improviso.

Lembremos rápida e resumidíssimamente uns fatos constatados pelo autor destas linhas.

* * *

Um moço sofria periòdicamente de uma espécie de gripe que o detinha no leito por dois a três dias, e ainda se lhe agarrava ao corpo por muitos dias mais.

Em certa ocasião viu-se êsse jovem com os primeiros sintomas da moléstia, e mandou preparar os medicamentos que comumente usava. Quando chegaram êsses medicamentos estava o enfêrmo bastante atacado, e acabava de preparar o leito e arrancar o calçado, ia despir-se para se recolher à cama, quando ouviu, na sala próxima, o ruído de pessoas que chegavam. Tomou à pressa as chinelas e abriu a porta de seu quarto, a fim de receber os visitantes, embora com a cabeça ardendo em febre, pois nesse momento se achava a sós em casa. Chegando à sala, verificou que os visitantes eram uma de suas irmãs e um cunhado, a quem êle muito queria e a quem não avistava desde uns dez anos antes. Vinham da terra natal comum. Recebeu-os com o maior prazer, conduziu-os para o interior da casa, e com êles passou tôda a tarde e grande parte da noite em animada palestra, tendo jantado, à tarde, à mesma mesa, e à noite tomado o chá em companhia de algumas outras visitas.

No dia seguinte, ao deixar a cama, encontrou o moço, sôbre o seu lavatório, os remédios alí depositados por êle no dia anterior, e foi então que lhe veio à memória ter estado doente...

Nada mais sentira desde o momento da chegada das inesperadas visitas.

* * *

Outro moço sentia-se também muito doente, e já estava de posse dos medicamentos que pretendia começar

a usar uns dois dias depois, quando estivesse estabelecido na sua nova residência, a quinze quilômetros do local onde se achava. Possuía uma garage de bicicletas, sendo-lhe por isso comuns essas transferências de lugar.

Efetuada a mudança, de tal forma melhoraram os seus rendimentos e aumentaram seus trabalhos, que o rapaz, durante uma semana, não se lembrou sequer dos medicamentos que trouxera... e nem de moléstias.

No fim de um mês, recebendo a visita de uns amigos, um dêstes perguntou-lhe quem tinha sido o médico que em tão curto espaço de tempo o tinha posto sadio e forte, e o moço respondeu:

— Tenho guardada a receita, e os remédios não foram abertos. Os meus prejuízos em Serrinhas cresciam dia a dia, e aqui os meus rendimentos aumentam, ultrapassando muitas vêzes a minha espectativa, e essa mudança de sorte trouxe-me alegria, e a alegria curou-me. A minha moléstia vinha da contrariedade.

* * *

Um dos seus amigos era negociante, e quase nada podia fazer, pois achava-se constantemente enfêrmo, e essa enfermidade prosperava à proporção que em sua casa comercial avolumavam-se os prejuízos. Certo dia apareceu-lhe um pretendente à aquisição da casa. Vendeu-a, comprou uma fazenda, e entregou-se aos trabalhos da lavoura, passando assim, inopinadamente, da inação aos grandes trabalhos, da apatia às custosas iniciativas, e dos prejuízos mercantis aos ótimos proventos da agricultura, em época de grande produção e grande alta do café.

Passei dois anos sem ver êsse homem que um dia, gordo, rosado, alegre, bem disposto, entrou-me inesperadamente em casa.

— E as tuas doenças? — perguntei.

— O trabalho é tanto na roça, — respondeu-me êle, — e tanto movimento há lá, e tanta atenção se torna

precisa, que eu já não tenho tempo nem gôsto para ficar doente...

* * *

A falta de trabalho e a falta de ideais trazem a tristeza, e com esta a moléstia. A saúde não pode existir onde não há trabalho e não há ideais.

Ide a uma casa onde ninguém trabalha, ou onde a luta pela vida é frouxa, por ausência de ideais e de disposição, e lá apenas ouvireis falar de enfermidades cruciantes, em sofrimentos contínuos, em dificuldades insuperáveis, em tristezas infindas, em receios terríveis.

Lembro-me, — e confesso que até hoje sinto pesar nessa recordação. — de uma família onde havia quatro moços, fortes e sadios, todos amigos meus, o último dos quais era da minha idade e visitava-me sempre; levando-me também mui frequentemente à sua casa. Eram proprietários de uma excelente situação agrícola, e era boa sua situação econômica. Mas tinham a desdita de ser pessimistas. Queixavam-se do sol a abrasar as plantas, da chuva incessante e prejudicial, do frio terrível, do calor insuportável, da carestia, das moléstias, das dificuldades de tôda espécie, de tudo enfim, e conservavam-se desanimados, tristes, apreensivos, com o espírito cheio de coisas negras. Assim eu os conheci durante alguns anos. Dois dêsses rapazes faleceram antes dos trinta anos, sem moléstia grave aparente, e os outros dois vivem ainda, mas pobres, desanimados, vencidos, sem a antiga propriedade.

Nas terras pobres, de pequena população, onde a indolência forma como que um estado doentio geral, a conversação recai constantemente sôbre doenças, misérias, dificuldades de tôda espécie, mortes e temores; nos lugares onde mais intensa é a luta pela vida, e caminha o progresso a passos rápidos, o trabalho e a certeza nos sucessos não dão lugar às idéias lúgubres, aos pensamentos mórbidos, e por isso a saúde habita êsses lugares, e com a saúde a alegria, e com a alegria a beleza. Entretanto, não raro, nos lugares pobres, de pequena população, o clima é mais ameno, as águas são mais puras, os

terrenos são mais férteis... Falta-lhes, porém, uma atração mais forte ao evoluir; faltam-lhes as novidades diárias, que arranquem a sua população aos pensamentos mórbidos, às idéias lúgubres; faltam-lhes o movimento, a variedade, a própria ambição, a confiança quanto ao êxito, a esperança bem fundada quanto ao porvir. Falta-lhes afinal a alegria, pois a alegria é a vida e a beleza, e a tristeza é a esterilidade, o marasmo, a fealdade, a apatia física e moral.

Mas voltemos, sem digressão, ao feliz noivo, que nessa noite parecia remoçado em dez anos.

Perdera Braz Pires aquela atitude de tristeza íntima demonstrada desde o comêço dos sucessos aqui narrados, tendo-lhe desaparecido do semblante aquêle ar de intensa dor moral que, mau grado seu, acabrunhava-o, atribuido por alguns, erradamente, a um amor mal correspondido, quando eram diversas suas causas. Saudoso ainda da espôsa que cedo lhe fôra arrebatada, e não podendo rever a própria mocidade em sua descendência, pois esta não passaria da pessoa de seu filho, a quem o celibato clerical vedava descendentes, sentia Braz Pires por isso não pequeno desgôsto, pois teria grande prazer deixando a filhos e netos, como testemunho do seu amor, o fruto dos seus longos anos de trabalho. A êsse pesar aglomeravam-se outros motivos de tristeza, como a ingratidão de alguns indivíduos, a insubmissão de muitos índios, os boatos que corriam sôbre queixas que por alguns índios lhe iriam ser feitas, e as dificuldades naturais da fazenda lhe iriam ser feitas, e as dificuldades naturais da época e do lugar, aumentado, ainda por seu amor a Sebastiana, amor que não supunha pudesse ser correspondido, e ao qual, ainda uma semana antes, pretendia fugir, indo esconder em Portugal os seus desgôstos.

Êsse amor, porém, era correspondido, sem que êle o soubesse, e correspondido com tôda a veemência de um coração virgem que amava pela primeira e única vez, e com todo o ardor da raça e todo o ardor do reconhecimento.

Todo o pesar desaparecera, em ambos os noivos era de tal forma comunicativa a alegria, que em todos da reunião vibrava o mesmo contentamento.

Sòmente então compreendia Braz Pires a previdência do índio impedindo, no batismo, que entre o fazendeiro

e a menina a igreja criasse um parentesco espiritual, e sòmente depois de contratado o enlace compreendia a mudança operada em Sebastiana, para com êle, desde a encantadora idade que divide a infância da juventude, pois Sebastiana, a pouco e pouco, e sem mesmo o sentir ela própria, começara a tratar o seu protetor com algo de cerimonioso, perdendo aos poucos, aquela inocente intimidade de filha que para com Gregório e Domingos continuara a existir, e o que supunha Braz Pires ser excesso de respeito, era o desabrochar do amor naquela alma juvenil da formosa filha das selvas, tendo por alvo o homem generoso e empreendedor que a tinha ido arrancar à solidão das matas.

* * *

Chegara a noite, e iluminara-se o salão com diversas velas de cera, em aparadores de metal, prêsos aos portais, e a alegria continuava a reinar na vasta e cômoda vivenda.

Quando mais animada ia a palestra, e mais enlevados se achavam os noivos, um sucesso imprevisto veio aumentar a alegria da reunião: ouviam-se os sons de uma serenata.

Nem todo leitor poderá fazer uma idéia bem aproximada de quanto é comovente, nos pequenos povoados, uma serenata, mormente quando a lua nos traz o concurso da sua luz suavíssima de prata, e quando o silêncio dos arredores concorre a tornar a música mais bela, mais encantadora. Essas ondas sonoras têm a propriedade de nos despertar amortecidas recordações, lembranças suaves, tristes em sua incompreensível alegria, alegres em sua indefinida tristeza. Trazem-nos à idéia um mundo de harmonia e de paz, de bondade e de amor, que nos enche a alma de um sentimento, mixto de tranquila tristeza e de alegria velada, que nos deleita e nos encanta.

Eram três moços da visinhança, e tinham-se retirado da reunião meia hora antes. Dois dêles tocavam instrumentos de cordas, semelhantes às guitarras de hoje, importados de Portugal, e o terceiro executava acompanhamento muito sonoro, numa espécie de grande violão,

de cordas metálicas, feito na própria fazenda por um artista de rara aptidão espontânea.

Cantavam trovas singelas da terra, algumas em duo, e assim aproximavam-se a pouco e pouco da casa, em cuja frente pararam, e, após um curto silêncio, começaram a executar, sem letra, uma valsa muito em voga na época, e, logo que a terminaram, subiram para o salão, a convite de Domingos, que desceu a recebê-los.

Depois do chá, servido às nove horas, um dos jovens artistas declarou que ia cantar uma composição sua, dedicada a Braz Pires. Fôra sua intenção cantá-la em frente à casa, mas tal havia sido a insistência de Domingos para que subissem, que o compositor e cantor era forçado a executar no salão sua cançoneta.

E entrando, com os outros dois músicos, num gracioso prelúdio, deste modo cantou, ao terminar o prelúdio:

O amor, um vento que sopra
Sem se saber de onde vem,
Toma conta de nossa alma
Sem obediência a ninguém.
Nem sabemos quando chega,
De manso que sopra então,
Mas achando resistência,
Sopra forte, é furacão!

Com êle tudo é ventura,
Sem êle é tristeza e dor,
Pois não há riqueza alguma
Que supra a falta do amor.
Feliz quem vive e quem sonha,
Num recanto sedutor,
Tendo uma casinha alegre,
E nela um ninho de amor!

Feliz quem nessa casinha,
Construída ao longe e só,
Ouvindo o doce marulho
Das águas do Chopotó,
Naquêle recanto ameno
Pelas noites de luar,

Ao som de sua viola
Seu amor pode cantar!

Infeliz é quem descansa
Do seu diurno labor,
Sem nunca ver a seu lado
O emblema do seu amor,
Pois o mundo nada vale
Com seu ouro enganador,
Faltando a felicidade
Que apenas nos dá o amor.

* * *

Ouvidas as últimas palavras do cantor, e após o *final*, executado pelos três instrumentos num *decrescendo* original e comovedor, sucedeu uma estrondosa salva de palmas que terminaram os festejos íntimos do dia da solenidade do contrato do casamento.

E os três músicos partiram, quando já estava a noite quase a meio, e desapareceram, além das últimas casinhas, executando com sentimento e arte uma interessante canção.

XXIX

A INVEJA

Faziam-se apressadamente os preparativos para o casamento, cuja notícia correra célere pelas visinhanças.

Na vasta fazenda reinava a maior satisfação, e o mesmo sucedia em quase todos os sítios e fazendas circunvisinhas, e nos povoados mais próximos, onde eram os noivos conhecidos e estimados.

Em alguns indivíduos, porém, causara a notícia má impressão, porque alguns pretendentes à mão de Sebastiana viam no fato o ruir de suas últimas esperanças. Mas quase todos souberam refrear o ímpeto de suas paixões, não deixando transparecer quanto sentiam, o que não sucedeu sòmente em relação a um jovem mestiço que

asseverava possuir o coração de Sebastiana, com quem realizaria seu consórcio, conforme igualmente asseverava, se tal impedimento não surgisse, impedimento que êle qualificava injustamente de imposição.

Chamava-se êsse moço José Marques Duarte, era filho de um português, pouco antes falecido, deixando-lhe uma pequena propriedade agrícola, e residia a quatro léguas da fazenda de Braz Pires, em companhia de sua mãe e irmãos, com alguns escravos pretos e empregados indígenas.

Recebendo alí a notícia inesperada do contrato de casamento de Sebastiana, José Marques chegara a dizer algumas inconveniências na presença de seus irmãos e fâmulos; mas alguns dias depois, arrependido de tê-las pronunciado, e sabendo estar o casamento marcado para quinze dias depois, anunciou que partia para o Rio de Janeiro, em uma viagem de cêrca de dois meses, e efetivamente partiu, acompanhado por um empregado, ambos a cavalo, passando pelo povoado, e sendo vistos por numerosos moradores das margens da estrada.

Parecia arredada a última nota dissonante.

* * *

Cinco dias faltavam para as núpcias.

Pela estrada de Guarapiranga ao novo povoado, nessa hora de luz incerta que separa a madrugada do despontar do dia, dois vultos caminhavam, a pé, embuçados e silenciosos, como se em direção à fazenda.

Observados mais atentamente, os dois pedestres pareciam malfeitores. Marchavam vagarosamente, cautelosos, descalços, perscrutando os arredores. A um quarto de légua da fazenda detiveram-se, consultaram-se em voz baixa, e deixaram a estrada, seguindo por um trilho, onde se detiveram após algumas dezenas de passos.

Abaixaram-se então, ou acocoraram-se, como é comum entre os caboclos do sertão, e entre êles entabolou-se, em voz velada, o seguinte diálogo:

— Vamos ficar aqui, — dizia um dêles, — Já tenho informações seguras sôbre o caso. O homem passa por

aqui a cavalo todos os dias, logo que acaba de amanhecer, e vai para a casa que está construindo para centro de outra fazenda, onde o sobrinho vai morar, e quando êle volta de lá é quase meio dia.

— E vem sozinho? — perguntou o outro.

— Sozinho. Daqui nós o avistaremos no momento em que êle passar a porteira do pasto, lá em baixo, e enquanto êle galga o morro nós voltamos para estrada, e vamos ao encontro dêle, indo você na frente, como está combinado.

— Dizem que tudo quanto é da fazenda vai ser levado para a tal fazenda nova, e que o povoado fica sendo um arraial, com logradouro e tudo quanto é preciso para uma freguesia.

— O projeto realmente é êsse, — respondeu o que primeiro tinha falado, e que parecia o patrão; — o projeto é êsse, mas hoje soa a última hora do homem, e com êle todos êsses planos vão para os infernos.

— E o Sr. acha poder ficar oculto o nosso trabalhozinho de hoje?

— Nada há de ser descoberto. Eu saí do meu sítio para ir ao Rio de Janeiro, com um camarada da minha inteira confiança, e chegando ao seu sítio, dois dias depois, fiz a combinação com você, que é meu amigo e companheiro velho. Como você sabe, o meu camarada seguiu para o Rio de Janeiro *como se fôsse eu,* isto é, atendendo pelo meu nome, vestindo roupas minhas, e encarregado de fazer umas compras que devem ser trazidas pela tropa, com meu nome. Na hospedaria êle dá o meu nome, procura enfardar as compras com o meu nome, mas sempre tendo o cuidado de não procurar conhecidos, e daqui a uns vinte dias êle volta para Minas, vindo até o seu sítio como se fôsse eu, e de lá para cá nós havemos de vir juntos. Você vê que ninguém há de suspeitar de mim, pois há provas, até de mais, que eu fui para o Rio de Janeiro. O camarada é da minha côr, da mesma idade, do mesmo tamanho, e é pessoa de tôda a confiança. Terminado o *serviço* de hoje, nós fugimos por êste trilho, ganhamos o mato, e, quando na clareira do Mendonça, montamos nos burros e afundamos na direção da sua casa, onde eu hei de ficar, trabalhando nos baláios, até a volta do meu camarada, e os da sua casa pensam que o camarada sou eu, e assim temos defesa por tôda parte.

— E do seu camarada, não desconfiam?

— Não, porque eu, em chegando, vou logo dizendo que do seu sítio em diante eu não precisava dêle, e que por isso êle ficou lá, esperando a minha volta e trabalhando nos baláios e esteiras, e ajudando nos serviços do paiol de tábuas. Tudo já combinei com êle, e você tudo deve confirmar assim.

— Hei de confirmar tudo, no caso de ser perguntado.

— Agora vamos regular as contas quanto ao pagamento que eu combinei com você...

— Para isso não há pressa, — concluíu o desconhecido; — e depois podemos falar...

Continuaram os dois homens, ainda por alguns minutos, a sua conversa em voz baixa, acocorados a um lado daquela tortuosa vereda, e ao dilúculo podiam-se já distinguir as suas feições. Um dêles, como se verifica em suas próprias palavras, era o mestiço José Marques Duarte, o pretendente à mão de Sebastiana, e o outro, também mestiço, assalariado pelo primeiro, era um indivíduo de 35 a 40 anos de idade, tipo pequeno, achatado, cara de poucos amigos, da côr incerta entre a traição e a covardia, e vestido de roupa semelhante, quanto à côr e à qualidade, à pele de quem a trazia, parecendo ambos, roupa e homem, próprios para a fuga pelas trevas da noite.

José Marques, mais moço, e de feições menos grosseiras, trazia sôbre si uma capa de lã, sob a qual procurava ocultar o vulto de um mosquete, e seu companheiro, que talvez ocultasse alguma arma menor, trazia bem visível uma faca-punhal, e conservava na mão direita um varapau ferrado, muito usado na época.

A poucos passos estendia-se a estrada, larga, carreira, na qual o trilho ia desaparecer, e de um e de outro lado da estrada estendiam-se duas cêrcas de rachas de baraúna, que dividiam duas pastagens, com grandes e copadas árvores, espaçadas, aí conservadas para sombra aos animais. O caminho entre as duas cêrcas era um morro, ascendente para quem se retirava do povoado, e descendente, em direção ao mesmo povoado, até uma pequena vargem limitada por uma porteira. O trilho onde se ocultavam os dois indivíduos era, ao contrário da estrada, quase inteiramente em plano, pois fôra aberto contornando a montanha, e dirigia-se a terrenos já cul-

tivados em anos anteriores, mas abandonados na ocasião a densa capoeira onde fàcilmente poder-se-iam ocultar alguns facínoras.

O local parecia apropriado ao premeditado e revoltante crime.

XXX

PREPARATIVOS

Pela segunda vez, a casa de Braz Pires, ainda residência de Domingos e sua família, era esmeradamente preparada para uma festa. Fôra-o por ocasião da chegada e missa-nova do Padre Luís Pires, e era-o para as núpcias de Braz Pires e Sebastiana.

Pedreiros, carpinteiros e pintores e auxiliares dêsses, e ainda alguns curiosos, trabalhavam ativamente na casa central, em algumas dependências da mesma, e nos arredores. Terminavam-se as pinturas das paredes e forros, reformavam-se portas e janelas, aumentavam-se os móveis, aplainavam-se os pátios, e uma iluminação melhor era projetada, para isso sendo colocados artísticos suportes.

Efetuado o casamento, Domingos e sua família passariam a residir na *fazenda nova*, casa cuja construção estava sendo terminada à pressa, ficando seu tio e sua jovem espôsa, e com êles Gregório e sua mulher, residindo na casa antiga, cuja reforma estava igualmente sendo concluída.

Braz Pires superentendia em pessoa a todos êsses trabalhos de reforma, melhoramentos e construção, e quase todos os dias, deixando no povoado as suas determinações, seguia para a *fazenda nova*, onde assistia aos trabalhos e frequentemente prestava seu concurso aos operários, e regressava à casa algumas horas depois, quando o sol estava a pino, e em casa continuava sua faina de homem infatigável que era.

* * *

Quem, do mais alto daquela montanha, espraiasse curiosamente o olhar em derredor, ficaria maravilhado contemplando o evoluir daquela região.

Vastas plantações de milho, de arroz, de mandioca, de feijão, e grande número de árvores frutíferas, e numerosos cercados com desenvolvida cultura de hortaliças, e várias pastagens onde prosperavam criações diversas Em baixo, de um e outro lado do Chopotó, muitas casas de morada, algumas espaçosas e confortáveis, e disseminadas pelos arredores diversas outras vivendas, centro cada uma delas de um novo sítio de lavoura.

Por tôda parte uma idéia de trabalho inteligente, de abundância, de paz, de união, pelos mesmos lugares onde, doze anos antes, havia matas sombrias, habitadas por feras, e percorridas por hordas de índios selvagens. No decorrer dos primeiros dêsses doze anos foram-se tornando raras essas incursões de selvagens, e aproximando-se numerosos indígenas que tinham já ouvido as primeiras palavras de catequese, e aos quais foram-se tornando menos estranhos os surtos de progresso e de civilização do novo mundo, e devia-se a êsse concurso dos naturais uma parte não pequena do êxito obtido.

Aquelas terras, com outras, e muitas outras, formariam distritos, e unir-se-iam êsses em comarcas, e essas formariam províncias, e constituiriam essas províncias, unidas num único anelo, o país independente e culto que devia entrar para o grêmio das nações independentes e cultas, já naquela época conhecidas no velho continente, constituindo um opulento e vasto império, verdadeiro padrão de glória para a raça luso, unida, identificada com a habilidade e a paciência dos filhos desta terra, e a submissão e o amor ao trabalho por parte dos filhos das terras ardentes da África, e o concurso, bem menor aliás, de diversos outros povos para aqui emigrados.

Bastava, para isso, que em tôrno do pavilhão das quinas todos os homens de boa vontade se congregassem, trabalhando todos com dedicação e com fé.

Do esfôrço de cada um em particular pelo engrandecimento de sua nova pátria, isto é, pelo desenvolvimento agrícola e industrial do trecho ocupado, surgiria em breve o esfôrço coletivo de cada povoado pela própria cultura, e a essa, dentro de pouco tempo, unir-se-iam os governos

regionais, promovendo todos êsses esforços a cultura geral da população, e com essa cultura a felicidade do país, que devia constituir o grande império do Brasil, independente e livre, pois sòmente o trabalho e a instrução podem assegurar a um povo a independência e a liberdade.

Com o trabalho inteligente e com a instrução popularizada, o Brasil, populoso e rico, separar-se-ia do govêrno da metrópole, continuando embora a ser, nas terras da América, uma extensão ou prolongamento da mesma pátria portuguêsa.

* * *

Todos êsses pensamentos perpassavam pelo cérebro de Braz Pires, o proprietário da fazenda e feliz noivo de Sebastiana.

Subia Braz Pires pela estrada que vinha do povoado, e marchava vagarosamente, refletindo sôbre êsses prováveis sucessos do futuro, e circunvagando o olhar pelos campos floridos, pelas verdejantes pastagens, e pelas numerosas construções com que a sua direção e a atividade de seus companheiros tinham dotado aquêle belo trecho de nossa terra.

Cavalgava um burro de côr clara, em arreios cômodos e fortes, e a alimária subia afinal a passo, aproveitando as cogitações do cavaleiro. Pendente do ombro esquerdo trazia um bornal, e dentro dêste alguns objetos de metal, cujas partes superiores, ultrapassando a altura do bornal, mostravam-se em frente ao braço esquerdo do cavaleiro, reluzindo às vêzes ao brilho do sol nascente.

Galgando parte do morro, sempre vagarosamente, deteve-se Braz Pires por alguns minutos, e passou a refletir sôbre o seu casamento, a realizar-se ao fim de cinco dias, e sôbre as festas para então projetadas, e a chegada do bispo de Mariana, e os preparativos ainda em execução para a visita episcopal, e os trabalhos ainda necessários para as bodas.

Engolfado nesses pensamentos, continuava Braz Pires a encetar a sua interrompida viagem, prosseguindo a

subida vagarosa, quando a alimária estacou sùbitamente, e uma voz rude disse de um lado da estrada:

— Deus lhe dê bons dias, meu amo!

— Que o mesmo lhe aconteça, meu amigo, — respondeu o fazendeiro. — Posso servir-lhe acaso em alguma coisa?

— Eu venho de longe, — tornou o desconhecido, — e não conheço ninguém aqui. O meu fim é procurar serviço, e desejo que meu amo faça o favor de me indicar quem é o dono destas lavouras, e se com êle posso achar serviço. Eu tenho prática de cultura e de criação, e entendo de carapina...

Nesse momento ressoou um tiro e a cavalgadura, espantou-se, caiu por terra, arrastando na queda o cavaleiro. Imediatamente surgiu à esquerda do caminho, lugar de onde tinha partido o tiro, o vulto de outro homem que se precipitava, de faca desembainhada, em direção ao agredido, e ao mesmo tempo o outro indivíduo, o que estivera falando com Braz Pires, atirava-se também sôbre êste, depois de ter deixado no chão o seu pesado saco de viagem, tendo a faca em uma das mãos e na outra o pau ferrado.

Mas Braz Pires não fôra ferido senão mui ligeiramente, com um único grão de chumbo que lhe roçara a pele no braço esquerdo.

Os assaltantes eram José Marques e seu assalariado comparsa. Pelo primeiro fôra desferido o tiro de mosquete, cuja carga de chumbo atravessaria o coração de Braz Pires, se o não houvessem impedido os ferros que êle conduzia no bornal pendente do ombro esquerdo. Eram, segundo diz a tradição, serrotes, formões, um compasso, um esquadro e um nível de ferro, que Braz Pires levava a um novo operário que nesse dia começava a trabalhar nas obras da fazenda nova.

O projétil, em massa quase compacta, tinha ricocheteado ao embate dêsses ferros, como soe acontecer quando apraz à Divina Providência arredar-nos de perigos que Ela não julga de acôrdo com os nossos êrros.

Perdido o tiro, os miseráveis agressores não puderam usar senão a arma branca, pois o mosquete era apenas de um cano, e carregado pela bôca.

Mas Braz Pires, que apenas tinha ficado ligeiramente ferido no braço esquerdo, onde se tornaram visíveis uns salpicos de sangue, erguera-se de um salto antes de ser atingido pelos dois malfeitores, e, encostando-se à cêrca de madeira e medindo num rápido olhar os seus inimigos, preparou-se num momento para uma defesa esforçada.

Fazendo sarilho com o cabo pesado do rebenque e armada a mão esquerda por uma faca, o fazendeiro encarava sem temor a situação, pronto para quaisquer lances que se tornassem precisos, e disposto a vender caro sua vida.

Os dois inimigos, acovardados pela atitude enérgica da vítima, consultaram-se com o olhar, separaram-se um pouco, e, colocados a poucos passos de distância do cavaleiro desmontado, cuja alimária fugira, preparavam-se para o assalto, simultâneo, de um e outro lado, enquanto Braz Pires, olhos em chama, o pesado cabo do rebenque movendo-se em sarilho, e a faca reluzente empunhada com firmeza pela mão esquerda, parecia pronto a repelir qualquer surprêsa.

Por todos os lados dêsse grupo terrível, o silêncio e a solidão. Ao longe, bem ao longe, as casas, brancas, cheias de sossêgo e de paz, onde moravam os ativos operários daquela próspera colônia. Encima, o sol da manhã, sem nuvens, brilhante, impassível, difundindo torrentes de luz.

XXXI

A INTERVENÇÃO

As cenas descritas em traços rápidos no capítulo anterior, desde o tiro ao momento em que os dois malfeitores preparavam o assalto final a Braz Pires, e êste punha-se em guarda, decidido a uma resistência heroica, sucederam em pouco mais de um minuto, espaço de tempo muito inferior ao necessário para a sua narração.

Os celerados refletiram um pouco, e fizeram um movimento para se atirarem ao mesmo tempo sôbre a vítima. Nesse momento, porém, um rumor inesperado atraíu-lhes a atenção. Olharam, cheios de pavor, para o alto da

estrada, pois esta era visível, morro acima, até uma distância de cêrca de cem passos daquêle local, e, perturbados, quiseram fugir precipitadamente pelo trilho.

Mas era tarde para a fuga. Desciam pela estrada, em vertiginosa rapidez, dezesseis homens, cada um trazendo ao ombro uma enxada. Eram trabalhadores da lavoura, e tinham terminado a capina de uma roça na encosta contrária à do povoado, vindo por isso em direção a outra plantação de milho, do lado oposto à sede da fazenda. Quando chegavam à curva, ouvindo a detonação, e vendo o fumo do tiro a elevar-se sôbre o pequeno morro que os separava do local da cena, desconfiaram de um crime, pois no local não havia caça, e nem o dia era próprio para tal, e por isso apressaram-se em direção ao local do ruído, e em menos de um minuto viram e compreenderam tudo.

Os dois criminosos correm em direção ao trilho, alguns passos abaixo do local do atentado, na esperança de chegarem à capoeira, onde com facilidade encontrariam esconderijo e conseguiriam a fuga, mas os adventícios, em número de dezesseis, todos moços ágeis e robustos, compreendeem-lhes o plano, e aumentam a velocidade da sua carreira, de tal modo desenvolvendo a perseguição, que os celerados compreendem não haver a menor esperança de fuga, e param, trêmulos, apavorados, esperando a morte, atiram ao solo as suas armas inúteis.

Os capinadores rodearam-nos, e uma duzia de enxadas estavam já erguidas sôbre os dois prisioneiros, quando Braz Pires, que chegava ao mesmo tempo, bradava:

— Não façam mal a êsses homens!

As enxadas desceram, e o silêncio dominou todo o grupo.

* * *

Devido ao inesperado do ataque, e à queda e fuga do animal de sela, não tinha Braz Pires podido ver um dos inimigos, sabendo apenas que um dêles, o indivíduo com quem estivera falando, era-lhe inteiramente estranho, devendo ser, portanto, um assalariado, e entendeu ser o

outro, o que lhe dera o tiro de mosquete, a causa motora do atentado, o eixo da questão.

Adiantou-se então para o grupo de homens que seguravam êsse indivíduo, estendido no chão, e exclamou horrorizado:

— José Marques!...

E olhava-o, num mixto de tristeza e contrariedade. Depois duma pausa, continuou:

— Em que lhe poderia favorecer a minha morte? Não o tratei eu sempre com amizade e consideração?! Com que intuito concebeu você a negra idéia de tirar-me a vida?

Talvez pensasse você que, tendo eu deixado de existir, Sebastiana consentiria em ser sua mulher... Nisso há um grande engano, pois ela recusou tôdas as propostas sem sequer cogitar de saber os nomes dêsses pretendentes, e jurou que casaria comigo ou morreria solteira. Eu não a iludi. Eu não procurei conquistar o afeto daquela moça por meio de promessas, verdadeiras ou falsas. Eu não usei meio algum de sedução, coisa imprópria do meu modo de pensar e da minha idade. Eu consentia, com grande prazer, que Sebastiana recebesse como marido qualquer dos cinco moços que a pediram em casamento, e você estava entre êsses. Ela respondeu com firmeza, sob juramento, que era eu o escolhido, e não houve razões que a convencessem do contrário. Todos da fazenda conhecem êsses fatos, e todos êstes homens aqui presentes podem ser interrogados.

O meu casamento com Sebastiana será realizado, se Deus quiser, porque ela faz nisso o maior empenho. Ela o disse na presença dos padrinhos dela, dos meus sobrinhos e de Fernando, e continua a dizer o mesmo, pois sei que aos nossos amigos e visinhos tem ela narrado o fato como foi êle sucedido.

A todos êstes homens aqui presentes dou inteira licença para me desmentirem, se faltei à verdade.

Eu faria muito gôsto que ela se unisse a um moço, e se ela o tivesse escolhido, eu lha teria dado com muito prazer, e ela continuaria a ser minha filha, e seria minha herdeira. Tudo isso eu declarei a Sebastiana e às outras pessoas da casa. Ela, na ocasião, nem quis conhecer os nomes, e sabendo-os alguns dias depois, por Gregório,

asseverou: "Êsses ou outros, pouco importa, pois a minha escolha está feita desde o dia em que pela primeira vez pensei em casamento".

* * *

O prisioneiro a quem eram dirigidas essas palavras ouvira-as assentado sôbre a relva, olhos baixos semi-cerrados, sem fazer um sinal, sem articular um monossílabo.

Arquejava de ódio e de medo.

Depois de esperar em vão alguma resposta, Braz Pires perguntou:

— Ou tem você alguma outra queixa no seu ódio contra mim? Ou julga ter êsse outro motivo? Explique...

— Não, — respondeu José Marques; — o único motivo é ela. Eu saí de casa dizendo que ia para o Rio de Janeiro, mas já com o plano feito. Fui até o sitio dêsse homem, de lá mandei o camarada com o meu nome para a cidade, e voltei com êsse homem, que contratei para me ajudar a realizar o meu projeto. Agora compreendo que o Sr. não é culpado e que eu não tive razão. Mas eu não peço que me perdoem: façam de mim o que quiserem.

Diversas enxadas se ergueram novamente, e algumas facas sairam das bainhas. Era a justiça sumária, em uso naquela época.

— Não lhe façam o menor mal, — disse Braz Pires; — é muito mais infeliz do que criminoso.

As enxadas desceram suavemente ao solo, e as armas voltaram às respectivas bainhas de couro.

E Braz Pires, voltando-se para o grupo que mantinha prêso o outro indivíduo, cujo nome e cuja residência não foram perguntados, mandou com energia:

— Soltem êsse homem. Que desapareça!

O desconhecido não esperou segundo convite. Deu alguns passos à retaguarda, ainda receioso, e desapareceu pouco depois entre a folhagem da capoeira próxima.

* * *

Uma hora depois, José Marques Duarte, já reanimado, assentado em frente de Braz Pires e Domingos Corrêa da Cunha, acabava de combinar com êste vender-lhe as suas propriedades, a fim de retirar-se para sempre daquela zona. Seguiria naquele dia para Guarapiranga, onde Domingos levar-lhe-ia, no dia seguinte, a quantia ajustada, em troca de uma procuração que autorizasse a Fernando a assinar pelo vendedor a necessária escritura que oportunamente seria lavrada em Vila Rica.

Braz Pires e Domingos comprometiam-se a conservar em seu serviço a família de José Marques, — mãe e irmãos menores, — a todos dispensando a mesma proteção que tinham até então encontrado no sítio.

Terminados todos êsses ajustes, feitos na fazenda nova, para onde Domingos fôra chamado, depois de serem os dezesseis capinadores dispensados do trabalho no restante do dia, Braz Pires e Domingos pretendiam voltar ao povoado, e José Marques levantou-se também, a fim de seguir para Guarapiranga.

— Apesar do sucedido, — disse o fazendeiro a José Marques ao descerem as escadas da fazenda nova, — eu não lhe desejo senão felicidades. Se eu lhe puder ser útil, em qualquer tempo e em qualquer lugar, terei prazer em servi-lo, e pode contar comigo.

— Muito obrigado, — respondeu o homem que acabava de ser perdoado. — Não hei de esquecer o oferecimento. Mas antes de nossa separação, talvez para sempre, eu devo fazer ao Sr. uma revelação importante.

— Qual é?

— E' a seguinte: eu até ontem não acreditava em Deus, e hoje creio.

— E porque só hoje crê em Deus?

— Porque acabo de encontrar no meu caminho uma criatura dÊle; porque o seu modo de proceder comigo é de quem crê em Deus e procede de acôrdo com as regras de Deus.

XXXII

A GREVE

A numerosíssimas pessoas não chega neste mundo o tempo feliz. Passam a vida lutando dedicadamente pelo seu quinhão de ventura, e jamais o alcançam. A outras pessoas êsse tempo feliz chega tarde, bem tarde, e a algumas outras pessoas chega essa época ditosa no fim da vida, como sucedeu ao rei do "Sino da felicidade".

Ditosos, bem ditosos, são aqueles a quem, após trabalhos insanos e inauditos perigos, como aos nautas de Vasco da Gama, cantados por Camões:

Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra, sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de pôrto e salvamento.

Outras pessoas, pelo contrário, nascem, vivem, envelhecem e terminam a sua passagem pelo mundo, sem conhecer jamais a desdita. Matisam-lhes a vida, do berço ao túmulo, o ouro, a saúde, a paz, o amor. A cada um dêsses felizes, ao abrir os olhos às harmonias da vida, luziam-lhe as guarnições douradas do seu berço pênsil, envôlto em cortinas de finíssima gase, e sorriam-lhe solícitos servidores, vestidos de seda, trescalando essências raras, e deslisando sôbre fôfos tapetes, e nesse ambiente de gôzo atravessa êsse ser, fadado para a alegria, a sua infância e a sua adolescência, encontrando em cada preceptor um servo, em cada companheiro um amigo, em cada cavalheiro um apoio, em cada dama um sorriso. E assim continuando a viver, chega afinal ao termo de sua passagem pelo mundo sem lhe sulcar a fronte a ruga de um único desgôsto.

Mas entes semelhantes não conhecem a verdadeira felicidade, a qual pode ser adquirida sòmente com o trabalho, as dificuldades, os perigos, os sofrimentos e o receio. Quem assim passou pela vida sem sofrer, não pôde

apreciar a felicidade, pois, como disse um poeta de nossa terra:

Foi um espectro de homem, não foi homem,
Pois passou pela vida e não viveu.

Apenas sabe conhecer a verdadeira felicidade quem por ela trabalhou e sofreu, durante anos, como apenas sabe conservar a fortuna o indivíduo a quem custou ela algum esfôrço.

Braz Pires era dêsses que pagam caro o seu quinhão de felicidade no mundo, em procura do qual fizera esforços, durante trinta anos, no Brasil, como trabalhador infatigável e viajor e pesquisador intemerato.

Fizera benefícios e recebera ingratidões. Quisera congregar os indivíduos de boa vontade, e não fôra compreendido.

Nos últimos anos, porém, conseguira melhores elementos, e a fazenda progredia, a zona prosperava, o comércio se desenvolvia, a exportação se aumentava, e a catequese, pelo ensino, pelo exemplo e pelo trabalho, tornava-se um fato dando resultados inteiramente opostos ao morticínio inútil e desumano dos pobres indígenas.

Parecia ter chegado, pois, à época feliz. A única nuvem negra, a embaciar a luz de sua felicidade, tinha-se desfeito com o contrato do seu casamento com Sebastiana. Contra a realização dêsse consórcio surgira um obstáculo inesperado com o atentado de José Marques, mas êsse acabava de ser destruído, como está narrado no capítulo precedente.

Mais umas horas de sofrimento, porém, deviam surgir a Braz Pires. Era mais uma taça de fel que o destino lhe apresentava a sorver.

Era uma espécie de greve entre os indígenas.

* * *

Alguns anos antes, Braz Pires, Domingos e Fernando, tendo notado a instabilidade dos índios, e principalmente dos índios moços e solteiros, tinham procurado convencer

a êstes sôbre a conveniência de casarem-se, e àqueles a necessidade de legalizarem perante a religião, que era a lei, os enlaces que não estivessem já legalizados.

Assim firmar-se-iam os indígenas mais fàcilmente no local, e com o trabalho e o aprendizado melhorariam as suas condições, pois viviam sempre na mais lamentável miséria.

Notando nos jovens índios desejos de aceitarem os reiterados conselhos, Domingos encarregou-se de construir diversas casinhas, em pontos apropriados, para a residência dos futuros casais, e convidou êsses moços à escolha das respectivas noivas.

Aceito o alvitre, em um domingo, após a missa solene, um padre, vindo expressamente de Vila Rica, abençoara aparatosamente a união de cêrca de vinte moços indígenas com outras tantas moças da mesma raça, a alguns dêsses casais sendo êsse sacramento apenas a legalização de enlaces anteriores feitos em suas respectivas aldeias.

Alguns meses depois houve outras uniões semelhantes, e êsses indígenas, como os primeiros, passaram a ser moradores efetivos da fazenda ou dos sítios visinhos.

Assim decorreram alguns anos, tudo parecia ter entrado no domínio dos fatos consumados. Os homens, em geral, trabalhavam para os proprietarios, ganhando salário, e as mulheres ocupavam-se de trabalhos domésticos; mas quase todos êsses casais tinham as suas pequenas plantações, de mandioca, de amendoim, de hortaliças e frutos diversos, ao redor de cada casinha, e aí o serviço era feito em comum por marido e mulher.

Aos domingos ou dias santificados, era belo ver-se a chegada de numerosos casais de indígenas ao povoado, quando alí havia missa. Alguns já traziam filhinhos, e andando, sistemàticamente, o marido à frente na ida, e a mulher à frente ao regressarem à casa, obedecendo dêste modo ao velho costume da raça, que determinava ir o homem na frente, ao sairem de sua residência, e voltar na retaguarda, para mais fàcilmente combater o inimigo e defender a espôsa...

Terminadas as cerimônias religiosas, as mulheres quase sempre faziam visitas, isoladamente ou em pequenos grupos, mas raríssimamente em companhia dos maridos. Êstes, ficando livres algumas horas, faziam algumas

compras, decidiam os seus pequenos negócios, visitavam por sua vêz os seus amigos, ou com êstes passeavam ou bebiam um pouco de aguardente. De bom grado continuariam as libações, e dormiriam, embriagados, ao sol ou à chuva, ou ao relento das noites frias do inverno; mas os dois vendeiros do local tinham sôbre isso ordens terminantes, e não forneciam bebidas alcoólicas além de uma certa medida, sustando o fornecimento ao notarem os primeiros sintomas de ebriedade.

Parecia assim firmada a tranquilidade e assegurado o evoluir, na fazenda e nas cercanias, quando, na manhã de um dia santo, e três dias antes do casamento de Braz Pires e Sebastiana, uma espécie de greve veio perturbar a paz e a monotonia do povoado.

Mais de trinta indivíduos, de ambos os sexos, estavam reunidos em frente à capela, e os homens, todos indígenas, discutiam e gesticulavam calorosamente, fazendo não pequeno ruído.

Como falavam em sua língua, foi mandado o índio Gregório a tomar conhecimento do fato.

Os reclamantes ameaçavam abandonar imediatamente o lugar e o trabalho se não fôssem atendidos quanto às suas queixas, o que seria um grave prejuizo para a lavoura, e exigiam nada mais nada menos do que a troca de mulheres.

Sòmente falavam os homens. As mulheres, em grupo à parte, choravam.

Reclamava *A* a necessidade de descansar de sua consorte, e unir-se religiosamente à mulher de *B*, o qual concordava, mas impondo a condição de consorciar-se à então mulher de *C*, e êste propondo receber por consorte a espôsa de *D*, e assim por diante.

Êste alegava que era mais novo tantas luas do que aquêle, e que entretanto sua mulher era mais velha do que a do outro. Aquêle outro alegava que sua consorte era pouco diligente, e que entretanto êle era mais trabalhador do que fulano, cuja mulher era muito mais ativa do que a sua...

Essas e outras queixas semelhantes foram por Gregório relatadas a Braz Pires.

O Padre Luís Pires, que ainda dormia, foi chamado à pressa, e, cientificado do caso, seguiu sem demora para a

frente da capela, acompanhado por seu pai, Domingos e Fernando.

Passaram então os indígenas a falar em português, conquanto mais dificilmente, pois entendiam com facilidade quanto lhes era dito em nossa língua, mas falavam-na com dificuldade, e por isso davam preferência, quando entre pessoas da mesma tribo, ao manejo do idioma pátrio. Alguns chegavam a intercalar expressões da mesma algaravia, fielmente interpretadas por Gregório e Domingos, — pois êste conhecia algumas línguas brasílicas.

As mulheres continuavam a formar um magote, a um canto, e algumas apreensivas e chorosas, se não tôdas.

* * *

Como é conhecido, os índios são pouco conversadores.

Desconfiados por índole, e afeitos ao silêncio das florestas e às longas viagens às caladas da noite, os índios, em geral, falam pouco, em frases curtas e concisas, com as palavras estritamente necessárias, mas ouvem e observam muitíssimo.

Nas palestras de maior importância, nas quais pode haver algum perigo de compromisso, respondem muitas vêzes a uma pergunta com outra pergunta, alienando de si quaisquer responsabilidades que lhes possam advir.

Na guerra gritavam entretanto constantemente, procurando atordoar e amedrontar o inimigo. Fora dessas ocasiões, os índios sempre gostaram do silêncio e da meditação, e ainda hoje, conversando, falam pouco e com poucos gestos.

Nesse dia, porém, reclamando *medidas de tão transcendente importância*, os indígenas falavam simultâneamente, e gritavam, protestavam e gesticulavam de tal modo, que o receio de um conflito pairava sôbre a população alarmada.

De todos os lados chegavam pessoas atraídas pelo ruído.

E as queixas continuavam a ser expostas, e as razões a ser aduzidas, falando diversos ao mesmo tempo.

— Naquela capela, — diziam êles, — tinham sido casados, e por isso era alí que desejavam desunir-se e contraír novas núpcias...

Era o primeiro arranco dado no Brasil, perante os poderes constituidos, pelo estabelecimento do divórcio.

* * *

O padre Luís, subindo a um degrau da porta do pequeno templo, ainda fechado, começou a falar aos indígenas, depois de pedir e obter religioso silêncio.

Logo que a sua voz começou a soar, pausada, calma, sonora, os indígenas de ambos os sexos, e os assistentes, que continuavam a chegar, foram-se aproximando vagarosamente do novel sacerdote, e alguns assentavam-se sôbre madeiras alí existentes, ou sôbre a grama, para assim ouvirem mais cômodamente.

Quase todos os habitantes da fazenda e dos sítios visinhos estavam então presentes.

XXXIII

O DISCURSO

A tradição não conserva textualmente as palavras do ilustre moço, mas apenas o pensamento, os conceitos emitidos, as idéias desenvolvidas, com a fama da clareza, da comovedora simplicidade, da perfeição da linguagem e da beleza doutrinária com que falava sempre aos aborígenes, conservando, além disso, alguns trechos mais ou menos perfeitos do improviso.

Êle não atemorizava os simples indígenas com o inferno, nem lhes falava nunca de um Deus iracundo e exigente. Como se falasse a amigos muito íntimos, aos pobres indígenas, êle lhes descrevia a felicidade, após a morte, de acôrdo com os atos de cada indivíduo, e falava-lhes de um Deus todo amor, bondade, e perdão, e descrevia o remorso ocasionado por más ações como o maior

castigo, neste mundo e no outro, incitando-os assim ao trabalho, à esperança de salvação, à paciência, à prática do bem em geral, mas principalmente recomendando a caridade e o amor ao próximo.

— Quando alguém te fizer algum mal, — costumava êle dizer, — pede a Deus por êsse irmão infeliz. Roga a Deus conceder a êsse teu inimigo tantos benefícios quanto de mal êle te desejar; e sòmente êsse pedido teu, feito com tôda a alma, formulado no íntimo do coração, há de amenisar os sentimentos dêsse pobre irmão nosso para contigo.

Nesse dia o padre Luís principiou a sua oração com estas palavras:

"Permitam-me, meus amigos, falar-lhes, durante alguns minutos, sôbre a vida terrena, acêrca das dificuldades e contrariedades nela encontradas, e sôbre a vida eterna, o futuro sem fim que nos aguarda, para o qual é esta vida na terra uma simples preparação".

E entrou a descrever, em côres vivas, com imagens claras, alguns dos grandes obstáculos, dos tropeços sem fim, das dificuldades sem conta desta vida, referindo-se a diversas classes de pessoas, a profissões diversas.

Lembrou os trabalhos insanos do marinheiro, atirado à inclemência das ondas, apenas abrigado por um frágil batel, ameaçado constantemente de ir encontrar a morte no fundo do oceano, ou de sucumbir à fome, vendo o barco desarvorado vagar à mercê das ondas revoltas e dos ventos ameaçadores, ou ainda em perigo de perecer pelas chamas em seu barco incendiado.

Falou das angústias sem par do mineiro, nas entranhas da terra, tendo acima de sua cabeça a ameaça horrenda de uma soterração, ou dos gases inflamáveis, ou de miasmas letais, ou do vacuo a seus pés.

Narrou, em parte, os horrores da guerra entre os povos do velho mundo, com os sofrimentos horríveis dos soldados de terra e mar.

Passou em seguida a falar das privações horríveis e dos perigos contínuos nas explorações do novo mundo, lembrando denodados bandeirantes, e os seus trabalhos e sofrimentos, durante meses e meses, embrenhando-se por florestas imensas e desconhecidas, alguns dos quais, como Pais Leme, *o caçador de esmeraldas*, marcaram

com seus ossos, o ponto até onde chegara, no país inculto, uma voz do progresso e da civilização.

Falou também sôbre os sofrimentos, inenarráveis com exatidão, dos missionários devotados à catequese dos povos da África, da América, da Oceânia, e mesmo dos países de antiga civilização da Ásia, descrevendo, em parte, as dores físicas e morais dêsses legionários do bem, inúmeros dos quais têm perecido sob o poder dos bárbaros endurecidos.

Relatou ainda as dificuldades do comércio, os perigos nas indústrias, os desgôstos dos governantes, os horrores da escravidão, as endemias em diferentes regiões do globo, o sofrimento, em geral em tôdas as camadas sociais, por tôda parte, desde o imperador ou o rei que dirige um povo culto, até ao mais humilde pescador de pérolas, que, de tantas vêzes mergulhar, termina a vida deitando sangue pela bôca, pelos ouvidos e pelas narinas, e é abandonado, morto, à margem do oceano, enquanto outros, seus companheiros de infortúnio, continuam a descer às profundezas do mar, na infame caça de pérolas, à espera de semelhante dia de repouso esvaindo-se em sangue.

Referiu-se o orador aos homens que, para muitas dessas emprêsas, deixavam longe, na terra natal, ou em outro lugar onde talvez as privações sejam mais intensas, a mãe, a espôsa, um velho pai, os irmãos, os amigos, entes enfim a quem talvez faltasse, pela ausência dêsses lutadores intemeratos, mais do que o confôrto e o carinho a que faziam jus, mas o necessário à própria subsistência.

"E porque passam êsses homens tantas privações, — perguntava o orador, — e correm tantos perigos, nas entranhas da terra, no fundo do mar, nos horrores da guerra, sôbre as ondas inconstantes, sob florestas misteriosas, por tôda parte enfim onde há dôres e sofrer, longe do lar querido, afastados, talvez para sempre, da terra onde nasceram e onde tantas afeições deixaram?

"*Buscam o pão,* — disse muito bem o erudito Padre Antônio Vieira.

"Mas eu acrescento: Seguem seu destino; cumprem o seu dever; efetuam a sua missão; dedicam-se à família, ao próximo, à pátria, à civilização, ao porvir, e, acima de tudo e de todos, dedicam-se a Deus.

"Nesses esforços hercúleos, quando não perdem a vida, sacrificam não raro a saúde. Se alcançam o fim colimado, levam ao lar a ventura; se o não conseguem, sucumbem às vêzes com êles tôdas as esperanças da família.

"Mas para nós, meus amigos, o pão não é tão caro, a subsistência não tem prêço tão elevado, o confôrto relativo não é tão difícil, os sofrimentos não são tão horríveis. Não nos torturam o coração as saudades acêrbas de entes queridos, senão dos que são levados por Deus, nem de uma pátria distante, pois estamos na terra onde nascemos.

"Para terem o pão e o confôrto, para si e suas famílias, os meus queridos amigos cultivam essa terra generosa, êsse solo ubérrimo, que lhes paga a cem por um, que retribui com prodigalidade o trabalho exigido.

"Quanto somos mais felizes do que o marinheiro, o mineiro, o soldado, o missionário entre povos bárbaros, os bandeirantes pelas imensas florestas de nossa terra, os agricultores nos terrenos estéreis das velhas nações, os miséros pescadores do mar, os habitantes das extensas regiões cobertas de gêlo, ou assoladas por vulcões, ou expostas a vendavais terríveis, ou predispostas a medonhos terremotos!

"A nossa terra tem ameno clima, águas puras, campos férteis, zonas salubérrimas, e as exuberantes vegetações nativas, e os rios fartos de peixes, e as florestas ricas de caça, podem, mesmo sem o trabalho metodizado da agricultura e da criação, preservar-nos, a todos, da fome, muito conhecida infelizmente em outros pontos do globo".

Falou depois do pouco valor da vida terrena quando comparada à eternidade, e, depois de algumas ponderações claras, assim se expressou:

"Um homem vive 70, 80 ou 90 anos: é comumente a velhice. Quer isso dizer que 70, 80 ou 90 vêzes viu o bosque cobrir-se de folhas e flores, e por tantas outras vêzes viu as árvores frutíferas oferecerem novas camadas de frutos sazonados, e outras tantas vêzes viu o frio despir as árvores, e expulsar, para outras terras, as aves que a primavera nos restitui.

"Pois tôda essa série de anos, comparada à eternidade, é um grão de areia comparado ao enorme volume do próprio mundo, é um ponto apenas, um insignificante,

um minúsculo pontinho sem dimensões, comparado à linha reta que da terra se eleve ao céu".

Por alguns minutos falou ainda o padre, demonstrando a pequenez, a insignificância do sofrimento na terra, em comparação com o descanso na eternidade, isto é, num futuro sem fim, mesmo quando êsse sofrimento cobre todo o decurso de uma vida, mesmo quando êsse sofrimento, incessante, ininterrupto, dura os 70, 80, 90 ou 100 anos de uma existência.

O orador asseverou, convenientemente, não conhecer motivos para nossas queixas, não haver razão justificativa da revolta contra os sofrimentos do mundo, relativamente pequenos, relativamente insignificantes, como no caso dos consórcios que os indígenas presentes pretendiam desfazer.

E diz:

"Se uma pessoa é acometida por grave doença que a ameaça arrebatar do número dos vivos, e se um facultativo lhe assegura a saúde mediante uma intervenção cirúrgica, não será compensada essa hora de dor com muitos anos de vida? Não convem ao doente submeter-se a essa operação, se ela lhe promete a cura?

"Se ao enfêrmo grave, em vez da intervenção cirúrgica, receitar o facultativo drogas de mau sabor, amargas como a nossa quina, ou acidas como o fruto intragável do limoeiro silvestre, não será conveniente sorver por algumas vêzes essa taça repelente, se ela lhe assegura o restabelecimento da saúde?

"Pois essas ponderações se enquadram com perfeição no caso atual dos casamentos.

"Os meus patrícios aqui presentes dizem-se infelizes, e queixam a sua desdita, porque a cada um não lhe agrada a mulher que fôra escolhida pelo próprio noivo, e por êste recebida como espôsa perante Deus e a sociedade.

"E' necessário entretanto que cada marido conserve a sua mulher, tratando-a com o maior carinho, com o mais perfeito cuidado, para assim, agradando a Deus e dando um bom exemplo à sociedade, merecer a felicidade nesta vida e na outra, o que não merecerá o marido a quem faltar a resignação para êsse sofrimento, relativamente pequeno".

Dessertou em seguida acêrca da poligamia dos antigos povos, e fêz ver que o verdadeiro estado civil do homem cristão, do homem religioso, do homem civilizado enfim, é a monogamia, pois a própria natureza ensina e prova, com a espécie humana dividida em duas partes quase iguais de homens e mulheres, que a cada homem corresponde uma mulher.

E fêz compreender, com essas explicações, que, uma vez unidos dois sêres humanos, o vínculo matrimonial não deveria e não poderia ser partido.

"Quem o pretendesse partir, — dizia o Padre Luís, — estaria em desacôrdo com os costumes das sociedades cultas, e em desacôrdo com as doutrinas da religião cristã, e em desobediência ao próprio decálogo, pois direta ou indiretamente seria isso uma infração ao 9.º mandamento".

Dedicou o orador alguns minutos aos filhos, e aos deveres e compromissos dos pais, e descreveu aos ouvintes o suplício moral do filho que vê seu pai unido a outra mulher e sua mãe casada com outro homem ,— no caso de ser possível efetuarem-se tais separações e tais uniões perante a religião e a lei, — e explicou aos presentes como deveria ser desagradável a posição do marido para com os filhos do seu antecessor no lar, e da nova mulher perante os filhos do seu marido com a consorte repudiada.

"Os filhos, — continuava a explicar, — são o vínculo sagrado que une entre si os cônjuges, mas em uma aproximação para sempre, mesmo quando entre os dois genitores não tenha existido, até então, o amor conjugal de que o matrimônio deveria ter sido o penhor.

"Que será do inocente filhinho cuja mãe foi expulsa do lar! Poderá êle, mais tarde, amar o pai que assim o cobriu de opróbrio, mòrmente se para êsse procedimento não houve motivos imperiosos?"

* * *

As palavras do novel sacerdote produziam ótima impressão. Êle próprio notava-o, afigurando-se-lhe ganha a causa.

O auditório continuava a guardar respeitoso silêncio.

Após uma pequena pausa, e depois de espraiar pela praça um olhar perscrutador, dirigiu-se nestes termos ao grupo das mulheres:

"Ouçam com dobrada atenção, filhas minhas, estas minhas palavras.

"E' a boa mulher, salvo raras e tristes excepções, quem torna bom o marido, e é a mulher indolente, descuidada, sem amor ao asseio e ao dever, sem amor ao lar e aos filhos, e sem a verdadeira fé e a meiguice própria da companheira do homem, quem faz mau o marido, quem o desvia do cumprimento do dever, quem torna o próprio lar um lugar de contrariedades e sofrimentos, daí arredando o marido, e aí implantando a discórdia.

"O marido, comerciante ou lavrador, rico ou pobre, nobre ou plebeu, cientista ou operário, ao regressar ao lar, após um dia de trabalhos às vêzes exaustivos, ou depois de um mês de ausência, tempo decorrido em viagens perigosas em busca do pão honrado, deve encontrar a casa limpa, os filhos asseiados, a mulher alegre, e todos os objetos, luxuosos, modestos ou simples, na mais perfeita ordem. Deve encontrar na espôsa a companheira sempre ativa e satisfeita, que o anime na luta incessante pela vida, que o conforte nas contrariedades inevitáveis do mundo, que o aconselhe e o ampare nos possíveis golpes da sorte, e seja sempre para com êle tolerante e amável.

"Assim sendo, e assim continuando a suceder, mesmo que da parte do marido não exista nos primeiros tempos a desejada afabilidade, êle terminará tendo amor à família, e cumprindo com dignidade o seu dever, e a paz não abandonará jamais êsse lar.

"Se a mulher, porém, é intolerante para com os defeitos relativamente pequenos do marido; se é rabugenta e faladora; se vive sempre a queixar-se das faltas do marido, do desconfôrto da casa, das vinganças dos visinhos, das travessuras dos filhos, da pobreza, dos trabalhos e das moléstias; e se, assim vivendo a lastimar-se, a mulher se descuida dos seus deveres, deixando frio o fogão, os filhinhos sujos, a casa em desordem; se, finalmente, a mulher vive desgostosa, descontente, e assim se manifesta frequentemente, nesse lar não pode haver harmonia,

e dêle foge o amor. O marido, vendo-se aí contrariado e ofendido, e sentindo-se aí isolado e triste, procura outro local onde possa passar as suas horas de ócio, local que, não raro, é um antro de perdição".

* * *

Mais algumas palavras disse ainda o moço, ouvidas com respeitosa comoção, e terminou convidando os queixosos a uma promessa solene de não proporem jamais tão absurda abjuração.

Nesse momento abriu-se a porta principal do templo, e o sino começou a repicar festivamente.

Era a hora da missa.

* * *

Neste capítulo, a quem o ler sem a devida atenção, pode, à primeira vista, parecer que exista um tanto de incoerência quanto ao meu modo de pensar, muitíssimas vêzes por mim manifestado, àcêrca do vínculo matrimonial.

Não existe entretanto nem a sombra de uma incoerência, defeito que nunca foi nem será demonstrado em nenhum dos meus escritos impressos, nos meus trinta anos completos de jornalismo no interior, (*) nem em quaisquer de minhas afirmações, verbais ou em cartas a diversos amigos. Tive sempre o hábito de ponderar demoradamente antes de afirmar ou negar, antes de aprovar ou repelir, e por isso nunca tive a desdita de me retratar

Neste capítulo é condenada a *troca de cônjuges*, e eu sempre opinei pela possibilidade de se dissolver o vínculo matrimonial.

Mas eu desejara essa possibilidade com causas justas, motivos provados e importantes, razões bem fundamentadas e legais. e ainda assim, excetuados alguns casos,

(*) — Os meus primeiros artigos em prosa, como também os meus primeiros versos, foram impressos em fins de 1898.

garantida a subsistência ou o amparo possível quanto ao cônjuge repudiado, e em quaisquer casos a garantia quanto ao amparo dos filhos menores.

Êsses motivos são: adultério provado, doença incurável e repulsiva, condenação criminal a muitos anos, longo abandono sem causa justificável, dissipação contínua no jogo, embriaguez constante, agressão ou tentativa de assassínio, e incompatibilidade absoluta de gênios. Penso que em qualquer dêstes casos o cônjuge que se julgar prejudicado, deve ter o direito, se o quiser, de requerer o divórcio, com o direito de contrair novas núpcias.

Fora dêsses casos, ou quando não são êles perfeitamente justificados, completa e perfeitamente provados, sempre fui, sou e serei contrário à dissolubilidade do casamento.

No caso citado neste capítulo, fato ocorrido cêrca de 180 anos antes, se eu existisse naquela época, mesmo possuindo os rudimentos de instrução que tenho adquirido, a minha opinião teria sido contrária à dissolução do casamento e à faculdade consequente de novas núpcias, pelos motivos seguintes:

a) Dada uma vez a permissão, se ela fôsse possível à igreja, é muito provável que novas permissões voltassem a impetrar os mesmos queixosos;

b) Pessoas da mesma raça, da mesma crença e da mesma língua, e possuindo os mesmos costumes e os mesmos vícios, entre marido e mulher não poderia haver grande diferença de hábitos e de opiniões;

c) O estado de rudimentar civilização daquela época entre os pobres indígenas, mal retirados da barbárie, e a inexistência então de diversos vícios que hoje *douram* a civilização do século vinte, não permitiriam haver grande disparidade de caráter e de vocação entre marido e mulher;

d) As razões alegadas eram afinal futilidades, mesmo em relação àquela sociedade e àquela época, e por isso os queixosos não poderiam ser atendidos pelos seus dirigentes.

* * *

Não diz a tradição ter havido mais tarde queixas semelhantes na fazenda de Braz Pires nem em nenhuma das fazendas e povoações daquela zona, onde predominara o elemento indígena, e isso significa terem sido profundamente gravadas por todos as ponderações do Padre Luís Pires de Farinho.

XXXIV

O ENLACE

A união de dois destinos é sempre um ato comovedor e solene. Mesmo em nossos tempos, em plena civilização atestada por estradas de ferro, aeroplanos, imprensa, submarinos, luz elétrica, automóveis, cinemas falados e outras belíssimas conquistas do engenho humano, e, acima de tudo, pelas maravilhas do rádio, (*) um casamento é ainda um ato impressionante. Vendo passar pelas ruas um casal de noivos, com o seu séquito, o transeunte se detém por um momento a fim de observar os novos cônjuges, e muitas janelas e portas se abrem, para que os moradores os vejam, e até os comerciantes interrompem por uns minutos os seus negócios, e o operário susta por algum tempo o seu labor.

E tal modificação se observa na vida de uma família, ou de diversas famílias, com o efetuar-se um casamento, que êsse ato tem sido sempre uma solenidade digna de atenção e respeito.

Dêle depende, frequentemente, a felicidade ou a desdita de dois sêres. O que a riqueza e a saúde bastas vêzes negam, — a felicidade, — é muitas vêzes concedido pelo casamento, isto é, pela paz doméstica, pela concórdia, pela união moral dos cônjuges, pela uniformidade de vistas, pela congregação de interêsses, pelo amor enfim. E o contrário sucede quando entre marido e mulher falta a união moral, não há uniformidade de opiniões sôbre os problemas magnos da vida, ou o amor não existe ou não é recíproco.

O consórcio, quando tem por princípio o amor, conduz à felicidade, mas o consórcio efetuado por interêsse

(*) O Autor não conheceu a televisão. — *O Editor.*

pecuniário, ou mediante quaisquer outros motivos alheios ao verdadeiro amor, traz quase sempre a desdita.

A sabedoria popular, errando aliás poucas vêzes, não foi verdadeira quando disse: — "Na casa onde há pouco pão todos brigam sem razão", pois há lares pobres onde a vida corre feliz, e onde não há queixas mesmo havendo privações, e há casas ricas de onde jamais se arreda a desdita, porque nelas falta a confiança ilimitada e recíproca entre marido e mulher, e, não havendo uniformidade de idéias, falta a concórdia, falta a paz doméstica, falta o amor, e, consequentemente, falta a felicidade.

Mas todos êstes comentários são extemporâneos. Êste capítulo foi iniciado com outro objetivo: o de noticiar, em traços rápidos, o casamento de Braz Pires de Farinho e Sebastiana Cardosa.

* * *

A casa achava-se literalmente cheia, e a enorme concorrência de convidados ou assistentes, invadindo todos os compartimentos, sobejava ainda a ocupar a parte posterior do prédio e tôda a frente.

O bispo, acompanhado pelo seu secretário e outro sacerdote, tinha chegado ao local no dia anterior, festivamente recebidos, e pelo prelado seria feito o casamento.

Tinham ido a Guarapiranga, a fim de acompanharem o bispo à fazenda, diversos cavaleiros, e à tarde do dia anterior tinha chegado o séquito, — caminhando à frente dois moços da fazenda, Braz Pires, Domingos e o Padre Luís, seguidos pela liteira do prelado e mais duas liteiras de famílias de Guarapiranga, e logo em seguida o secretário da diocese e outro sacerdote, seguidos por Fernando e diversos outros cavaleiros, quase todos da fazenda ou imediações.

Ao raiar do dia seguinte, — o dia do casamento, — o prelado, em companhia do seu secretário, do Padre Luís Pires e de Domingos, saíu modestamente a passeio, a fim de conhecer com exatidão o lugar, dirigindo-se os quatro a diversos pontos das estradas visinhas, depois de terem visto tôdas as construções do povoado. Êste continuava ornamentado como na véspera: um arco triunfal

em frente às duas primeiras casas, e outro arco semelhante em frente à capela, a praça e as estradas juncadas de flores e folhas, e à frente das casas ornamentações diversas, compostas principalmente de folhagens, de arcos de bambús, e de toalhas e colchas de côres vivas, estendidas das soleiras das janelas, como então era usado por ocasião das grandes festas.

Dom Frei Manoel da Cruz saíra entretanto, sem aparato algum, e olhava sorridente o progresso da região.

Nos mesmos lugares onde sabia existirem, poucos anos antes, a imensa floresta, e animais ferozes, e indígenas antropófagos, via boas e confortáveis vivendas, uma formosa capela, um excelente engenho de cana, e vastas plantações, e ricas pastagens, com alguma indústria, algum comércio, um começo de movimento animador de exportação e importação entre o lugar e Vila Rica e Rio de Janeiro.

— "Naquele lugar onde hoje vemos o templo, — pensava talvez o prelado, — e de onde se elevam hoje orações sinceras ao Poder Supremo, em vez de se assistir em nossos dias ao sacrifício incruento, talvez tivessem os antigos dominadores o cenário do mais horrendo canibalismo.

"A quantas vinganças horríveis terão alí sucumbido filhos do mesmo Pai! Quantos filhos do mesmo Deus de bondade, do mesmo Senhor da misericórdia infinita, cuja doutrina repousa na caridade, no perdão e no amor, terão alí encontrado a morte, com os membros despedaçados e devorados pelos algozes!"

* * *

Algumas horas depois formava-se o cortejo que devia conduzir o prelado ao templo.

Sob o pálio de seda vermelha, com franjas de ouro, cujas seis varas eram sustentadas por seis cavalheiros corretamente vestidos de preto, caminhava Dom Frei Manoel da Cruz, ladeado pelo seu secretário e pelo Padre Luís Pires. Seguiam o pálio alguns centos de pessoas de ambos os sexos. Os sinos soavam em festa.

Entrando todos no templo, alí erguido à excelsa Mãe de Jesus, sob invocação de Nossa Senhora do Rosário, para a reunião dos fieis e progresso da localidade, o prelado assentou-se, entre os dois sacerdotes, à direita do altar, e os sinos emudeceram repentinamente, surgindo então no púlpito o Padre Serafim, que em belo improviso apresentou parabens ao nascente povoado que então recebia a primeira visita pastoral do primeiro bispo de Mariana, declarou serem excelentes as impressões dos visitantes sôbre o progresso da terra, e terminou o sermão invocando, para todos, a proteção de Maria, a meiga Mãe de Jesus.

Falando, o orador estendia os braços em direção à imagem da espôsa de José, sôbre o trono, acima do bem ornamentado altar.

Bela escultura, obra primorosa para a época e o lugar, — país ainda novo e inculto, — tinha a imagem, na mão direita, a escultura que representa Jesus menino, e na mão esquerda o rosário, de onde lhe vem o nome, e que sintetisa a oração ensinada pelo Mestre em louvor ao Pai Celeste, e a saudação com que um anjo do Senhor anunciou à filha de Nazaré a vinda do Messias, saudação à qual a igreja ajuntou um pedido de intercessão, perante Deus, em benefício dos pecadores aqui atirados sôbre êste mundo de receios e incertezas.

Era sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário que os pretos daquele tempo, escravos ou livros, manifestavam a sua confiança e o seu afeto à Virgem de Nazaré, e ainda hoje os pretos e pessoas de côr têm entre nós a mesma devoção.

* * *

A casa do noivado estava elegantemente ornamentada.

Esperavam-se numerosos assistentes, tendo havido convites em diversas povoações visinhas. Para alguns dêsses convidados, como também para os sacerdotes, tinham sido preparados aposentos em casas um pouco mais afastadas da casa central, a fim de não ser o seu repouso perturbado pelos ruídos dos divertimentos durante a noite.

Chegara finalmente a hora da cerimônia do casamento.

Naquele belo sábado de julho, quando o sol, longe do ocaso, estava entretanto bastante além do zênite, a confortável vivenda de Braz Pires de Farinho enchia-se de convidados.

O noivo, cerimoniosamente vestido de calças de flanela roxa, colete de seda branca e casaca de fino estôfo preto, dirigia-se então para o templo, junto de Fernando, seu paraninfo, e acompanhado por grande número de amigos, e pouco depois a noiva, muito gentil, trajando seda creme, coberta por extenso e finíssimo véu, e coroada por uma linda grinalda de alvas flores de laranjeiras, era igualmente levada ao templo, apoiada ao braço de Domingos, seu paraninfo, e acompanhada por grande número de senhoras de tôdas as idades e diferentes côres e condições, tôdas festivamente vestidas. Três formosas crianças, fantasiadas de anjos, sustinham-lhe a cauda do longo vestido, muito em uso, obrigatòriamente, naquela época e ainda mais de um século depois, e iam tôdas três muito sérias e atentas, compenetradas de certo dos deveres da alta missão que lhes fôra confiada.

Colocados o noivo à direita e a noiva à esquerda do altar, tendo cada um junto de si seu paraninfo e algumas das pessoas mais intimas, os sinos começaram a soar festivamente, enquanto quase tôdas as outras pessoas presentes se retiravam, dirigindo-se à casa onde estavam hospedados, desde a noite anterior, o bispo e seus dois auxiliares, e imediatamente organizou-se o préstito que os devia conduzir à capela, a cuja porta esperava-os o cura do povoado.

A cruz alçada abria o préstito, vindo em seguida o pálio, sob o qual seguiam o prelado e seus dois auxiliares, seguidos por grande multidão, sempre ao som dos sinos e entre estrépitos de bombas.

Dom Frei Manoel da Cruz, que vinha fazer àquela zona a sua primeira visita pastoral, oficiaria nas cerimônias do casamento. Era uma homenagem prestada pelo prelado, espontâneamente, ao desbravador das matas daquela zona, ao civilizador dos índios daquela região, ao homem inteligente e empreendedor, dedicado ao bem

geral e ao progresso, que por felicidade viera habitar aquêle lugar.

Terminado o casamento, uma chuva de flores caíu sôbre os noivos, os paraninfos, os padres e as pessoas mais visinhas, e os recem-casados, abrindo o préstito, regressaram à sua residência, acompanhados por numerosíssimas pessoas.

XXXV

DOIS BENFEITORES

Durante o banquete, no pátio, transformado em artística e vasta casa de refeições, foram levantados diversos brindes.

O primeiro brinde, aos noivos, foi feito por um velho amigo e patrício de Braz Pires; o segundo, ao bispo de Mariana, foi erguido pelo Padre Luís Pires; o terceiro, ao clero do Brasil, e em particular aos padres da capitania de Minas Gerais, foi pronunciado, como em resposta, por Dom Frei Manoel da Cruz, que falou sôbre os extraordinários sacrifícios com que os padres, e especialmente os jesuitas, tinham já lutado e continuavam a lutar pela catequese, pela civilização, pela liberdade e pela regularização do trabalho entre os indígenas.

Em seguida a êsses e a outros de menor importância, foi erguido o mais interessante dos brindes, dirigido a Braz Pires de Farinho, não como noivo simplesmente, mas também como desbravador das matas daquela região, como o antigo bandeirante, cuja vida tantas vêzes estivera em perigo, no honroso afã de conhecer e aproveitar algumas zonas do centro dêste imenso país, e como o homem trabalhador, ativo e persistente que a todos dava o exemplo da dedicação ao trabalho, ensinando-o aos indígenas como uma necessidade imperiosa da espécie humana, e um dever para com Deus e o mundo.

O orador era o mesmo ouvidor de Vila Rica que tinha, alguns meses antes, produzido o discurso sôbre a paz.

Fêz uma rápida descrição das viagens de Braz Pires, e das dificuldades encontradas quanto à colonização dos terrenos, e falou sôbre os impedimentos que ao bom

êxito de quaisquer emprêsas constituía a falta de estradas e de operários. Falou sôbre os perigos decorrentes das feras daquela região, sôbre a arraigada inclinação dos naturais pela vida nômade e pela indolência, sôbre a falta de segurança na ocasião em que se havia Braz Pires alí estabelecido, e sôbre diversas outras dificuldades que espíritos menos fortes não poderiam nem saberiam enfrentar.

Fêz ver o orador que Braz Pires sempre usara meios brandos para com os pretos e índios, incutindo nos primeiros um certo contentamento, com algum interêsse, que neles predominava sôbre a sua natural nostalgia, e inspirando aos últimos algum amor ao trabalho, à sociabilidade, à paz e à estabilidade.

Fêz ver como se adaptavam ao mesmo meio indígenas de diferentes raças, de nações tradicionalmente inimigas, e como viviam todos em família, trabalhando e obedecendo como se afeitos tivessem sido sempre ao trabalho e à obediência, e aprendendo a agricultura, acatando a autoridade de seus superiores, aceitando a religião como uma necessidade, e os mais moços aprendendo leitura e escrita, e algumas artes mais úteis na ocasião naquele local.

Demonstrou o orador como o antigo bandeirante, português, aceitara o Brasil por sua segunda pátria, aqui contraindo núpcias por duas vêzes, com filhas desta terra representantes genuinas dos indígenas do centro do Brasil, e aqui firmando-se para sempre, construíndo prédios, estendendo pontes, abrindo estradas, desenvolvendo plantações, e unindo por uma afeição sincera quantos naquela zona trabalhavam pelo progresso desta terra.

Demonstrou afinal que Braz Pires de Farinho merecia o título de benemérito, pois eram muitos os seus serviços à causa da civilização e do progresso, e terminou a sua oração propondo à assistência que se désse o nome definitivo de "Braz Pires" àquela povoação e terrenos adjacentes, isto é, que todo o curato, como o povoado e futuro distrito e futura freguesia, tivessem o nome de "Braz Pires", em homenagem ao seu fundador e protetor.

Indescritível entusiasmo acolheu as últimas palavras. Prolongadas salvas de palmas, com inúmeros e estrepi-

tosos *vivas*, sagraram como fato consumado a proposta do orador.

Todos os convivas, de pé, sem distinção de raças ou côres, denunciavam a mais viva alegria, e de mãos alçadas davam vivas ao curato de Braz Pires, ao povoado de Braz Pires, ao futuro distrito de Braz Pires.

Sòmente os noivos não se ergueram. Assentados à cabeceira da enorme mesa, sob um arco artístico de flores naturais, testemunhavam, trêmulos de comoção, aquêle entusiasmo, aquêle contentamento, aquela estrepitosa manifestação de simpatia, sem pronunciar sequer uma palavra.

Mas Braz Pires de Farinho e Sebastiana Cardosa estavam satisfeitos, e com êles estavam contentes todos os convivas, e com êstes estavam certamente satisfeitos todos os outros habitantes de Braz Pires.

* * *

Por uma coincidência, muito digna de nota, traço estas palavras justamente no dia e na hora em que o povo desta zona, (*) agradecido, acaba de levantar um monumento à memória do Coronel Guido Thomaz Marlière, o grande amigo dos índios, que durante muitos anos se dedicou ao ensino dos indígenas, fundando centros agrícolas, abrindo estradas, edificando casas, lançando pontes, e, para a harmonia da civilização e convívio do trabalho inteligente, congregando indígenas de tôdas as raças, desde os feios *abaetés*, que dominavam uma grande zona do norte, aos perversos e aguerridos *abaíbas*, senhores das matas do centro, e aos indolentes *craikmús*, aos velozes *guanhães*, aos glutões *guarás*, aos pacíficos *cataguás*, e a quantos encontrasse dentre os indivíduos das numerosas famílias e raças de índios do Brasil, fôssem *tupis* ou *tapúias*, usassem batoque ou urucú.

(*) — Escrevo no Porto de Santo Antônio, do município de Cataguazes, a 20 quilômetros do monumento. — (Hoje cidade de Astolfo Dutra. — *O Editor*.)

1928
1828

A todos congregava Guido Marlière sob a mesma bandeira, a da paz, da união, da instrução e do trabalho, muito concorrendo para o desenvolvimento desta zona.

Por uma coincidência notável, ou por determinações transcendentes que o cultivo humano da atualidade ainda não permite desvendar, escrevo estas linhas exatamente no dia e hora em que é inaugurado, a 20 quilômetros dêste lugar, o monumento em memória de Guido Thomaz Marlière, no lugar denominado Guidoval, distrito de Sapé de Ubá, à margem esquerda do rio Chopotó, — o Chopotó da mata, — onde era situada a fazenda-colônia do dedicado militar francês, como à beira do Chopotó, — mas do Chopotó do campo, — fôra criada, tantos anos antes, a fazenda colônia de Braz Pires de Farinho, hoje distrito de paz e freguesia eclesiástica de Braz Pires.

Êste foi um dos precursores daquele. Já existia, havia muito, o povoado de Braz Pires, à margem do Chopotó *de cima*, ou da zona hoje denominada *campo*, quando Guido Thomaz Marlière começou a desenvolver a sua atividade na zona da mata, aqui fundando, à margem do Chopotó, a fazenda que foi centro de ação dêsse admirável evangelizador leigo.

Eu digo *evangelizador* sem me reportar sòmente ao ensino religioso, mas também às lições e ao exemplo sôbre as leis do trabalho, e sôbre a necessidade de evolução pela paz, pela união, pela sociabilidade, pela submissão às leis civis e aos costumes dos povos cultos.

Justamente agora, ao traçar eu estas linhas, em 14 de agosto de 1928, às 16 horas, (*) devem estar aglomeradas numerosíssimas pessoas em volta do monumento de Guido Marlière, e entre essas pessoas o presidente do Estado e seus secretários, os presidentes das câmaras municipais de Cataguazes, Ubá, Rio Branco e Pomba, e diversos

(*) — Esta página foi traçada há 23 anos; portanto, o livro nos traz pensamentos do Autor há uns 25 ou 30 anos, porque a elaboração da obra foi muito lenta e nos foram entregues os manuscritos realmente originais, isto é, sem emendas nem alterações, como saíram da pena rápida de Abel Gomes. Essa falta de burilamento da obra se nota em muitos pontos, confrontados com outros escritos do romancista e mais notadamente do poeta. Conservamos essas falhas que dão mais naturalidade à obra e aumentam seu valor como depoimento histórico. — *O Editor*.

outros dirigentes atuais da política e representantes do poder de Minas Gerais e dêsses quatro municípios.

Dentro de poucos minutos, se já não o foi, será descerrado o véu do monumento, e êste mostrado ao povo, e diversos oradores, que alí não foram ainda ouvidos, falarão ao povo, sendo a série de discursos fechada com a conferência do Dr. José Soares Filho, a cuja palavra, pela imprensa periódica, em reiterados e belos artigos, como também ao Sr. Astolfo Soares, ambos filhos do distrito de Sapé de Ubá, deve-se êsse pagamento parcial dessa dívida de gratidão para com o antigo desbravador das selvas e evangelizador dos índios.

Escrevendo aos poucos êste livro, de dias em dias, nos meus poucos minutos de lazer, chego a êste capítulo, e traço estas linhas como homenagem à memória de Guido Marlière, justamente no dia e na hora em que, como foi prèviamente anunciado, deve estar sendo inaugurada a coluna que a gratidão do povo fêz erguer, na Serra da Onça, a poucos quilômetros da sede do distrito de Sapé de Ubá, à memória do mestre e protetor dos índios.

14-8-1928.

XXXVI

O MONUMENTO

Tendo eu sido inibido, por motivos justos e imprevistos, de ir ao local do monumento no dia determinado para sua inauguração, visitei-o alguns dias depois, em companhia de alguns amigos.

Às 6 horas da manhã, entre a densa e triste fumarada das últimas "queimadas", dirigimo-nos para aquêle lugar eu, os fotógrafos Antônio Pacheco Filho e Sebastião Silveira, o artista Juvenal Ferreira Pacheco e o *chauffeur* Brum Manarim.

Após 40 minutos de marcha, ou pouco mais, por trechos das magníficas estradas que ligam Porto de Santo Antônio a Cataguazes e Dona Eusébia a Ubá, chegava o carro ao destino.

Apesar da espécie de nevoeiro da ocasião, isto é, do espêsso fumo que pairava por tôda parte, a tudo comunicando uma certa tristeza, o lugar tem uma espécie de beleza natural, de encantadora poesia que nos faz pensar no passado de trabalhos e perigos de nossos avoengos que nesse local tiveram talvez importante cenário, e no futuro de progresso e de grandeza que nos espera, quando muitos outros monumentos forem erguidos, em numerosos pontos do nosso território, cada um dêles rendendo culto à memória de um benemérito, cada um dêles lembrando uma história e resumindo preciosos ensinamentos e luminosos exemplos.

Nesse tempo as "queimadas" já não estarão assim vedando a vista do observador com a espêssa e triste fumaça, própria da época, pois novos processos de cultura do solo terão sido adotados, de modo a não se estragarem as terras com as queimadas, e não se extinguirem assim tantos especimes de vegetais preciosos de que é farta a nossa terra em estado natural.

Mesmo assim, porém, víamos as montanhas, e acima delas um céu pardacento, uniforme, indefinido, com um sol sem brilho e sem calor, quase inteiramente oculto por sôbre a imensa massa da fumarada pardacenta, uniforme e indefinida.

O local é uma bela planície onde caberia cômodamente uma das nossas cidades. A algumas dezenas de metros do monumento há duas casas de lavradores, e em uma casa mais próxima há um estabelecimento comercial.

A interessante coluna, prova irrefutável da gratidão popular para com o velho defensor, amigo e mestre dos selvícolas, está situada entre a estrada de automóveis Ubá-Dona Euzébia-Cataguazes, e a antiga estrada de cavaleiros e de veículos de tração animal, a poucos passos de cada uma, com a frente para a primeira.

E' uma construção elegante e harmoniosa, com a base em puro granito, ocupando o recinto um espaço de 16 metros quadrados, com artística e sólida grade, em quadro, construída de cimento armado. No centro eleva-se a coluna pròpriamente dita, de mármore branco, com um metro quadrado de base e cêrca de quatro metros de altura, com inscrições em tôdas as faces, e terminando em ponta aguda.

Lemos na coluna as quatro inscrições que fielmente transladei para o meu caderno de notas.

(Na frente):

À memória
de
Guido Thomaz Marlière

o desbravador das selvas e civilizador dos índios, abrindo estradas e semeando núcleos de população, — as câmaras municipais de Ubá, Cataguazes, Rio Branco e Pomba fizeram erigir êste monumento, symbolo da gratidão ao pioneiro do progresso em Minas.

Inaugurado em 1928.

(No lado esquerdo):

Na colina, em frente, existiu o cemitério dos índios, onde foi sepultado o grande patriota.

(Na parte de traz):

Transladadas para esta urna, aqui estão guardadas as suas cinzas.

(Na face direita):

Neste sitio, fazenda de Guidoval, existiu a casa de sua residência.

* * *

As letras são artìsticamente cinzeladas no mármore, as cornijas e cimalhas denotam gôsto não comum, e afinal todo o monumento, da base ao cimo, é uma prova da competência do conhecido artista Artur Muniz, estabelecido em Cataguazes e Ubá, cuja placa, em mármore escuro, está adaptada ao granito, quase junto ao solo:

Marmoraria Muniz
Rua da Estação, — Cataguazes
Rua de S. José, — Ubá.

Detivemo-nos por mais de uma hora junto ao monumento que fotografamos em duas posições diferentes, e afinal, descobrindo-nos comovidamente mais uma vez, regressamos a Dona Eusébia, de onde, após ligeira permanência, partimos para o Horto Florestal de Cataguazes, a 3 quilômetros da cidade e a 21 quilômetros de nossa residência.

Era a primeira visita que fazíamos ao Horto Florestal, instituição merecedora dos mais francos elogios, e dali seguimos para Cataguazes, a formosa cidade da Mata, onde fomos recebidos, como velhos amigos, e como se fôssemos verdadeiros colegas, pelo estimado artista do lápis e delicado poeta Bernardino Baeta da Rocha, o perfeito fotógrafo alí então estabelecido.

Ao declinar da tarde chegávamos novamente ao Porto de Santo Antônio, depois de um percurso, em automóvel, de cêrca de 80 quilômetros, sendo a mais forte das impressões do dia a produzida pela visita ao monumento de Guido Thomaz Marlière, o amigo, o mestre, o protetor dos índios.

XXXVII

DONA EUSÉBIA

Vêm a propósito algumas ligeiras referências a êsse lugar, onde estivemos, por três vêzes, no dia da excursão resumidamente narrada no capítulo antecedente.

Antes dêsse dia, como depois, visitei por diversas vêzes êsse lugar, sem os seus melhoramentos me atraírem tão longamente a atenção. Naquele dia, porém, talvez devido à série de fatos que as visitas ao monumento de Guido e ao Horto Florestal me trouxeram à mente, o progresso de Dona Eusébia tornou-se-me mais digno de nota.

E efetivamente, de quantos lugares cuja evolução tenho acompanhado, ou dos quais tenha notícias circuns-

tanciadas, à exceção dos povoados de formação oficial, é êsse o que se fêz mais ràpidamente.

Alguns anos antes não existia o povoado, ou era representado apenas pela estação da via-férrea, uma casa de comércio em frente, e dois casebres térreos à esquerda e atraz da mesma estação, com duas outras casinhas a mais de uma centena de metros, à beira da linha, — no total cinco casas pequenas.

Uma barca, prêsa a um cabo de arame, e algumas canoas, eram os meios de transporte, sôbre o rio Pomba, alí bastante largo, aos numerosos transeuntes.

Alguns homens de boa vontade, cêrca de trinta anos antes, tinham tentado a construção de uma ponte, tendo-se para isso reunido materiais; mas os govêrnos não quiseram cooperar com a iniciativa particular, e nada ficou feito.

Alguns anos antes um filho daquele lugar, José de Souza Lima Junior, entendeu que devia instalar alí um engenho de beneficiar café e um bom estabelecimento comercial, e com isso houve alí alguma animação. Veio a morte, porém, e arrebatou êsse moço trabalhador e progressista.

Surgiu então o industrial Amilcar Brandão das Neves, homem de grande atividade e tino, empreendedor e progressista.

Amilcar Neves adquiriu o engenho, construíu alguns prédios, concorreu eficazmente para ser lançada a ponte, e procurou, por quantos meios lhe eram possíveis, fomentar o progresso das proximidades da velha estação.

E assim vemos hoje, como sede do distrito, um belo e esperançoso povoado, com ruas bem traçadas, casas bem construídas, comércio bastante animado.

Em um belo prédio de estilo moderno, trabalho do construtor Mário Facchini, funciona o grupo escolar, e um formoso templo de culto católico, obra do mesmo construtor, ocupa uma eminência que domina todo o povoado.

Quase em frente à estação da via-férrea há um bom hotel, e próximo a êste, sôbre a fachada do importante engenho de beneficiar café, lê-se:

ENGENHO CENTRAL DONA EUSÉBIA

Costa Cruz & Irmãos

Pertencem atualmente êsse engenho e alguns prédios aos irmãos Manoel Olimpio Costa Cruz, Artur Martins Costa Cruz e Dr. Joaquim José Costa Cruz, filhos daquele distrito, e alí fazendeiros, capitalistas e industriais, que adquiriram êsses imóveis por compra feita a Amilcar Neves, pois êste, que muito tinha feito pelo desenvolvimento de D. Eusébia, resolvera retirar-se para a cidade de Ubá, em atenção às próprias conveniências, deixando no lugar amizades firmes.

Dos novos proprietários, homens ilustrados, práticos e probos que não poucos serviços já prestaram ao novel distrito, êste muito ainda espera. Em referência, porém, à amizade e à confiança que inspiram ao povo do distrito e dos lugares visinhos, os dois irmãos mais velhos desculparão destacar-se, nestas linhas, o nome do Dr. Joaquim José da Costa Cruz que, como médico dedicado e ilustre, tem prodigalizado tantos benefícios, principalmente entre as classes mais pobres, que o seu nome é sempre pronunciado com sincero afeto e respeito.

* * *

O povoado de D. Eusébia é bem localizado, plano, alegre, cheio de vida e de esperança.

A ponte, no volumoso rio Pomba, descansa sôbre sólidos pilares de pedras, e é a passagem forçada de quantos veículos trafegam pela estrada de automóveis entre Ubá e Cataguazes, pois aí termina a estrada aberta de Ubá, passando por Sapé de Ubá, comunicando-se com a estrada entre Cataguazes e Porto de Santo Antonio.

Entre os melhoramentos de Dona Eusébia figuram o cinema, outro engenho de café, uma balança de cana, uma banda de música, achando-se esta, desde o seu iní-

cio, a cargo do estimado musicista Aureliano Gomes Barbosa.

Nada faltaria, pois ao novo e esperançoso povoado e distrito, para se conservarem na vanguarda dos lugares que progridem, das terras que honram a zona da mata e o próprio Estado de Minas Gerais, se uma injustiça alí não existisse a ser reparada.

Refiro-me ao nome.

Entendeu algum dos dirigentes políticos do município que o distrito a ser criado devia chamar-se *Astolfo Dutra*, e que também à estação devia ser dado êsse nome...

E assim se fêz.

Contra essa injustiça muitos protestos se ergueram, entre os quais os meus, em artigos que escrevi n'*O Município* e n'*A Reação*, de Cataguazes, em *A Palavra*, do Porto de Santo Antonio, como também em cartas a Manoel Olímpio Costa Cruz, Amilcar Neves e outros amigos.

Pela imprensa do Rio de Janeiro insurgiu-se contra essa injustiça o ilustre literato Dr. Dilermando Cruz, bisneto da veneranda senhora, cujo nome foi arrebatado da velha estação, e verbalmente, ou em cartas, muitas outras pessoas têm manifestado opinião semelhante.

Entre essas pessoas, do mesmo distrito ou visinhas, eu poderia nomear uma centena, não o fazendo por não estar devidamente autorizado, limitando-me a citar os irmãos Costa Cruz, os comerciantes Gama & Cadete e o fazendeiro João Alves da Silva.

Nesse sentido foi dirigida uma importante representação ao govêrno do Estado, assinada por grande maioria da população do distrito; mas êsse pedido coletivo não foi atendido, porque em geral os nossos govêrnos, no regime de ser cada presidente mais um chefe político do que um administrador, não atendem a queixa alguma oriunda do povo, dando mais valor ao seu preposto, em cada município, do que à quase totalidade dos outros habitantes do mesmo município.

E os govêrnos têm razão, pois a falada soberania popular é ainda uma burla, e mais vale agradar a um homem que tem nas mãos um eleitorado do que agradar ao eleitorado sujeito a um homem...

O nome *Dona Eusébia*, consagrado por 55 anos de uso, devia continuar a ser o da antiga estação, e devia ser o do novo distrito. Êle representava uma homenagem, muito merecida, a D. Eusébia Joaquina de São José, viuva do antigo fazendeiro Sr. Domingos de Souza Lima, concessionário do trecho da via-férrea Leopoldina, de Cataguazes a São Geraldo, e o mais veemente propagandista dessa grandiosa obra até Ponte Nova.

Na fazenda da estimada e boa velhinha, cuja sede ficava a um quilômetro do local da estação, tinham hospedagem gratuita os engenheiros e ajudantes que faziam os estudos da estrada de ferro, como os que a construiram, e foi a mesma senhora quem forneceu, gratuitamente, o local e as madeiras para a estação e para a primeira caixa d'água.

Construida a estação, e inaugurado o trecho, o povo, em unissono, aprovou o ato da diretoria, dando à estação o nome da estimada e distinta senhora, nome que continua a ser usado por quase nove décimos da população do distrito.

Muito recentemente, achando-se em Ubá o Sr. Dr Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, ilustre presidente do Estado, ao ser-lhe apresentado o venerando coronel Manoel Henrique Justino Costa, fazendeiro, chefe político e primeiro juiz de paz nesse novo distrito, o venerando coronel Joaquim Gomes de Araujo Porto, ex-agente executivo e prestigioso chefe político em Cataguazes, disse ao Sr. Presidente Antônio Carlos: "Para nós o lugar será sempre Dona Eusébia".

Ouvindo respeitosamente a opinião de dois octogenários, o Sr. Dr. Antônio Carlos opinou: "Foi realmente uma grande injustiça essa mudança de nome"...

Essas palavras foram ouvidas por um Senador, um Deputado, um Secretário de Estado e diversas outras pessoas, entre as quais meu velho amigo Manoel Henrique da Costa, filho do Sr. Coronel Manoel Henrique Justino Costa e sobrinho do Sr. Coronel Joaquim Gomes de Araujo Porto.

Não envolvem estas linhas, nem os meus citados artigos, censura alguma ao falecido deputado Dr. Astolfo Dutra Nicácio. Visavam e visam sòmente provar que *Dona Eusébia* é um nome que tem uma história local, e repre-

senta uma homenagem justíssima à extinta possuidora dêsse nome; pois essa senhora era a proprietária antiga da fazenda, ofereceu gratuitamente os terrenos para a estação e tôdas as madeiras necessárias à mesma estação, forneceu água e local para a caixa d'água, era avó do concessionário do trecho da via-férrea, e de sua fazenda fêz hospedaria gratuita a engenheiros e adidos do estudo e da construção daquele trecho ferroviário durante mais de uma dezena de anos, ao passo que o nome *Astolfo Dutra* é absolutamente inexpressivo nas tradições locais.

Há dias apenas, falando eu a uma distinta senhora, D. Firmina de Souza Lima, sobrinha de D. Eusébia, acêrca de diversos fatos antigos desta zona, comoveu-me ouví-la falar da inauguração da estação de Pombense, hoje Sobral Pinto.

"Estava tôda a diretoria, — dizia ela, — e com êsses homens estavam uns engenheiros, e representantes das câmaras, doutores, fazendeiros, comerciantes, viajantes, famílias, mestres de obras. Lá estavam o Dr. Carlos Peixoto, o Comendador Antônio Gomes, o Dr. Basílio Furtado, e muitos outros homens muito conhecidos por aqui. Todos estavam satisfeitos com a promessa da vinda do Imperador. Muitas moças e meninas traziam salvas com flores. Havia música, fogos, muita gente, muita alegria. Quando o trem chegou, à tarde, o entusiasmo era extraordinário, e foi executado o Hino Nacional, e depois houve discursos e saudações. Depois do discurso oficial, em que o Dr. Nominato foi muito elogiado, vieram duas moças conduzindo um mimo, com um belíssimo ramilhete de flores naturais. As moças eram seguidas por uma comissão de homens vestidos de preto, e todos apertaram as mãos e abraçaram o Dr. Nominato, e então o mimo e as flores iam ser entregues a êle; mas imediatamente o Dr. Nominato determinou que tudo fôsse entregue à tia Eusébia, avó dêle, declarando que nada poderia êle ter feito sem o amparo dela. Então a velhinha recebeu, comovida, a oferta, e D. Pedro II, olhando, sorria, satisfeito".

O plano desta obra não devia ter permitido referências tão desenvolvidas sôbre o caso de D. Eusébia. Parece assunto estranho ao livro.

Justificando entretanto a inserção destas linhas, como as referentes a Guido Marlière, devo consignar:

1.º — Sempre considerei Braz Pires de Farinho um precursor do Coronel Guido Thomaz Marlière, até com a coincidência de ambos se localizarem afinal às margens de dois rios do mesmo nome, que parece terem sido sulcados pelas igaras da mesma tribo, e de se haver estabelecido o segundo, muitíssimos anos depois do primeiro, sòmente a 14 léguas de Braz Pires;

2.º — O Sr. Braz Pires de Farinho, fundador do arraial, foi avô de D. Eusébia Joaquina de São José, viuva do Sr. Domingos de Souza Lima, tia-avó de quem escreve estas linhas, e uma benfeitora do lugar que o povo continua a chamar de Dona Eusébia. (*)

Mas volvamos a Braz Pires.

XXXVIII

VINTE E UM ANOS DEPOIS

Tinham decorrido vinte e um anos, contados do dia do casamento de Braz Pires de Farinho, — vinte e um anos de paz, de tranquilidade, de trabalho honrado, de ventura enfim. Onze filhas do casal alegravam-lhe a casa, achando-se quatro em plena juventude, cheias de saúde e de beleza, e sete, meninas ainda, enchendo de ruído, de risos e de esperanças a casa paterna.

As menores dessas filhas, entregues aos brincos e garrulices da infância, achavam-se nesse dia vistosamente trajadas, e as mais crescidas, vestindo também trajes de festa, auxiliavam as senhoras e as moças nos trabalhos da casa e na recepção dos numerosos convidados que chegavam.

E' que mais uma vez a confortável vivenda abria as suas portas a amigos e visinhos para uma festa íntima.

(*) — O nome foi reposto: o lugar chama-se novamente "Dona Eusébia". — *O Editor*.

Nesse dia casava o respeitável ancião as suas duas filhas mais velhas, duas estimadas e belas jovens que se uniam a dois distintos cavalheiros muito estimados no local e nas cercanias.

Era geral o contentamento, a festa prometia ser brilhante, e o foi certamente, pois dela se recordavam saudosos os convidados, que transmitiram suas impressões aos meus informantes, entre os quais lembro agora os nomes dos Sr. Joaquim Remígio, ativo descendente dos tupiniquins, nonagenário com quem falei detidamente sôbre êsses fatos em 1896, e Zeferino José de Castro, preto inteligente, de invejável memória, ex-escravo de Dona Claudina Maria de Castro (bisneta de Braz Pires), com o qual falei por diversas vêzes, de 1893 a 1895, quando êle era quase octogenário e eu era quase menino, havendo eu pedido e obtido diversas informações sôbre êsses e outros fatos antigos.

Ambos êsses homens residiam em Conceição do Turvo, mas eram oriundos de Braz Pires, onde seus pais assistiram às núpcias das filhas de Braz Pires de Farinho. E ambos mereciam crédito, pelo respeito devido à sua ancianidade, ao seu procedimento de homens do trabalho, à inteligência que demonstravam e à precisão com que repetiam suas narrativas.

Não entraremos entretanto em minúcias que alongariam inùtilmente a narração.

Basta dizer que se casavam nesse dia as duas primeiras filhas do Sr. Braz Pires de Farinho, e que os dois noivos eram moços dignos de tôda a consideração e estima.

Unia-se a primogênita, Maria de Nazaré, ao conhecido guarda-mór João Pereira da Cunha, parente e amigo de Dom José Luiz de Menezes Abranches de Castello Branco e Noronha, conde de Valadares, o mais moço dos governadores da capitania das Minas Gerais, cargo que assumiu antes de completar vinte e quatro anos de idade. A segunda filha do Sr. Braz Pires, Felizarda, casava-se com o jovem fazendeiro Manoel José de Castro e Silva, que também exercia um cargo público de confiança, como era o de inspetor das estradas, cargo que abandonou poucos anos depois, desgostoso com o governador Antônio Carlos Furtado de Mendonça.

Êsse último governador, que aliás apenas dirigiu a capitania durante 18 meses, estranhara, ao chegar a Vila Rica, não o receberem debaixo do pálio, e pouco depois ordenou, por lei, repicarem-se os sinos tôdas as vêzes que êle saísse à rua, e que, quando estivesse à janela, todos os transeuntes fizessem alto, os brancos fazendo uma vênia, e os pretos ou de côr dobrando o joelho, mas todos de chapéu na mão.

Por êsses e outros motivos, a atitude do governador Furtado de Mendonça desagradava à maior parte do povo, e contra êle se manifestaram o Sr. Braz Pires, seus dois genros e outros parentes e amigos, e devido a essa censura, embora particular, o guarda-mór João Pereira da Cunha e o inspetor Manoel José de Castro e Silva deixaram seus respectivos cargos, passando a viver exclusivamente da lavoura.

O último fundou uma fazenda entre Braz Pires e Guarapiranga, e o primeiro criou a fazenda denominada *Fumal*, que o autor dêste livro conheceu, entre Braz Pires e Conceição do Turvo, em 1892, pertencente ao Sr. Domingos Alves da Cunha, neto do fundador da fazenda, cavalheiro muito bem conceituado e hábil dentista.

Retrocedamos, porém, à fazenda do Sr. Braz Pires de Farinho, ou, de preferência, ao povoado e curato de Braz Pires, onde se efetuavam os dois casamentos. E é tempo para isso, pois tantos saltos têm-me sido preciso dar à narração, que esta, de enfadonha que era, vai-se tornando quase de todo intolerável, fazendo-se mais confusa em vez de tornar-se mais clara, como eu quisera.

Corria o ano de 1770, ou, segundo algumas opiniões, o de 1772. (*)

(*) — Só um século mais tarde se fez o recenseamento geral do Brasil pela primeira vez e ficou registado que a população de Minas Gerais excedia a dois milhões de habitantes. Eis a população do Estado nas datas dos recenseamentos até agora realizados: Em 1.º de agôsto de 1872 tinha 2.102.689 habitantes, em 31-12-1890 3.184.099, em 31-12-1900 3.594.471, em 1-9-1920 5.888.17 , em 1-9-1940 6.736.416 e em 1-7-1950 7.839.792. A densidade da população de Minas Gerais é presentemente de 13.47 por quilômetro quadrado. — *O Editor*.

A região estava já bastante povoada. Numerosas fazendas e muitos sítios de cultura tinham sido criados nas proximidades de Braz Pires, e o próprio povoado tinha evoluído de modo admirável, possuindo muitas e confortáveis casas de morada, diversas casas de comércio e uma sólida ponte.

As estradas já eram boas, e um movimento animador de importação e exportação dava vida ao povoado e à lavoura das adjacências.

O templo tinha sido aumentado e melhorado, vendo-se nele preciosas alfaias, e obras de arte nos altares, trazidas da Europa pelo Sr. Braz Pires e sua espôsa, cuja viagem de núpcias a Portugal, vinte e um anos antes, tinha concorrido para enriquecer o povoado e as fazendas visinhas com belos produtos do velho reino.

Um arco formoso e artístico tinha sido construido em frente à casa do duplo noivado. As ruas e as próprias estradas nas proximidades do povoado estavam juncadas de flores e folhas.

Na véspera, à noite, tinham-se os convidados divertido bastante. Ardera uma fogueira no centro da praça, e ao redor desta soara por tôda a noite o "caxambú", subindo alguns balões de ar quente, construidos de papel e ostentando os nomes dos noivos em grandes caracteres coloridos.

Pouco depois de marcar o sol a metade do dia, iniciaram-se os preparativos para os casamentos, com grande concurso de assistentes. As cerimônias seriam efetuadas pelo vigário de Ribeirão do Carmo, Padre Manoel de Salles, acolitado pelo cura de Braz Pires, Padre Luis Pires de Farinho.

Concluidas as cerimônias do segundo casamento, retiraram-se da igreja os quatro noivos, seguidos pelos pais, pelos paraninfos e pelos dois sacerdotes, caminhando todos, desde a porta da igreja, sob uma espécie de túnel vivo, sob um arco longo e original, composto por centenas de cavalheiros de um lado e por centenas de senhoras ou moças, do lado oposto, elevando cada cavalheiro o braço direito, em cuja mão segurava uma ponta de vistoso lenço de seda, cuja ponta contrária, em diagonal, estava prêsa à mão esquerda da senhora ou moça que se achava em frente a êsse cavalheiro, e que alçava para êsse fim o

braço esquerdo, enquanto atirava sôbre os noivos, com a dextra, as flores que ia retirando de salvas ou de artísticas cestas de junco, a côres, sustentadas por meninas em roupas de festa. Eram incontáveis, por numerosos e movediços, os vistosos triângulos assim formados por sôbre as cabeças dos noivos e paraninfos, na vanguarda do préstito.

Mas deixemos, por inúteis, de descrever outras partes dos festejos, e passemos uma revista rápida sôbre os divertimentos da noite.

A casa, de dois pavimentos, passou a segunda noite dos festejos inteiramente iluminada. No salão principal, ao som de um grupo de musicistas amadores, era animadíssimo o baile, e no grande pátio interno, para isso aparelhado com esmero, corriam com entusiasmo as danças populares da época, ao som das violas, dos pandeiros, dos cantos e, sobressaindo a todos, ao som do caxambú.

Chamava-se *caxambú* a diversas danças africanas, embora cada uma delas tendo um nome especial. E' que em tôdas, ou quase tôdas, o instrumento dêsse nome é indispensável. Êsse instrumento *marca o passo* da dança, sendo o complemento necessário das violas, do canto vocal e dos pandeiros, e auxiliando o *urucungo* (nas pequenas reuniões) ou a *marimba* (quando maior é o concurso de dançadores).

Compõe-se o caxambú de um tubo de madeira, com quase um metro de comprimento e cêrca de trinta centimetros de diâmetro, com a parte inferior no solo, e apresentando na parte superior uma pele, bem estendida e firme, na qual o tocador, batendo com as mãos fechadas, produz um som mais grave do que o de uma caixa surda, ou de um bombo moderno, repercutindo pelo tubo sonoro da madeira e na pele da parte de baixo. E' uma espécie de grande tambor surdo, muito grave, de efeito inexplicável no canto tristonho dos africanos, em sua justa nostalgia, e ainda nas trovas tristes e comoventes dos pretos brasileiros, escravos ou libertos, cujas condições de injusta inferioridade social os faziam, mesmo nos mais ruidosos divertimentos, espargir, na música e na dança, uma parte das dôres que lhes oprimiam o coração, um pugilo dos ecúleos que lhes dilaceravam a alma.

Geralmente ocupava o caxambú o centro da praça onde se desenvolviam as danças.

O pandeiro tem o tamanho de um prato de mesa. E' de madeira ou de metal, tendo, acompanhando a circunferência, diversas séries de discos pequenos e sonoros, de metal, que se agitam com os movimentos impressos ao instrumento, que é tangido pelo tocador com a mão direita, fazendo-o bater, cadenciadamente, com a pele esticada de que é o pandeiro provido, sôbre o polegar da mão esquerda, ou escorregando por êste fortemente até a chave da mão.

O *urucungo* é hoje quase inteiramente desconhecido. Pouco sonoro, sem arte e bastante descômodo, além de falho de elegância, e era formado por uma cabaça e uma corda.

A *marimba* é um instrumento de mais arte. Apresenta uma grande semi-circunferência de madeira leve, apoiada, em seu centro, no tronco do executante que lhe sustenta o peso com o pescoço, por meio de uma corda, e o som é produzido por duas a três dúzias de cabaças, de todos os tamanhos, pendentes da semi-circunferência, com a parte aberta voltada para cima, e cobertas por outras tantas pequeninas tábuas sôbre as quais bate o executante, com ambas as mãos, servindo-se de pequenas varas terminadas, cada qual, por uma pequena convexidade. Essas pequeninas tábuas, de pinho e de cedro, formam o teclado do instrumento, e os sons são graves ou agudos se maiores ou menores as cabaças que os produzem.

As danças populares daquela época, e ainda de meio século antes, eram, em sua maioria, melodias dolentes, semelhando gemidos de dolorosa nostalgia, ou queixumes de almas escravas, sedentas de liberdade. Trazidas, algumas, pelos primitivos escravos arrebatados às ardentes terras da África, haviam sido ampliadas aqui, desenvolvidas, modificadas, e eram usadas pelos pretos e pessoas de côr, e por quase todos apreciadas.

Uma voz forte fazia o solo, com a harmonia geralmente de violas rústicas, ou feitas à imitação das guitarras portuguêsas, e outras vozes, de homens e mulheres, faziam o côro, ao som forte dos pandeiros e outros instrumentos. Outras vêzes, junto ao canto em solo, introduziam outras vozes graciosos contracantos.

Felizes nesses folguedos inocentes, passaram os escravos e outras pessoas de côr a noite que seguiu aos dois casamentos, enquanto nos salões o pessoal mais culto dançava também, ao som de guitarras e violões.

Nos divertimentos do pátio, porém, o que mais agradou a comparsas e assistentes, naquela noite de alegria, foi uma série de *desafios*, de que tradição conserva alguns fragmentos.

O *desafio* é o canto de um indivíduo respondido por outro cantor, em versos improvisados, de mais ou menos espírito, algumas vêzes corretos quanto ao pensamento, à métrica e à rima. Surge às vêzes o desafio, inesperadamente, de qualquer causa, e outras vêzes é planejado, sendo chamado um *cantador* propositadamente para o encontro, mas de qualquer forma o assunto surge na ocasião e os versos são de improviso.

Os cantadores, não raro, dizem-se mùtuamente palavras pesadas, expressões ofensivas, *amabilidades* próprias da câmara dos deputados; mas de tais desaforos não surgem questões e, se eram amigos anteriormente, a sua amizade nada sofre com isso.

A forma comum do desafio é responder um cantador, contrariando quase sempre a opinião do outro, mas improvisando uma quadra que tenha, como primeiro verso, o último verso da quadra do antecessor.

Um dos desafios da noite dos dois casamentos, em Braz Pires, do qual a tradição conserva trechos, foi o denominado *do chapéu*, e nele os dois contendores trataram-se amàvelmente.

Começado sem que ninguém o esperasse, foi seguido com entusiasmo, e terminou em paz, como era comum entre cantadores daquela zona, onde a paz foi sempre acatada.

Um dos contendores era o mestiço Benvindo, o melhor violeiro e cantador de Braz Pires e algumas léguas em volta, e o outro, também mestiço, tinha o nome de Severino, e era o mais afamado violonista de Guarapiranga, convidado com insistência por ser conhecido como grande improvisador, e que tinha comparecido com diversos dos seus companheiros e amigos.

Entre os dois não havia amizade nem inimizade. Conheciam-se apenas, e fora da dança raras vêzes tinham

tido dois dedos de prosa, nas reuniões festivas tendo tido já alguns encontros.

Nessa noite, depois de dois ou três desafios de pouca importância e pouca duração, nos quais não tinham tomado parte, encontraram-se, depois de meia noite, no inesperado desafio dos fragmentos aqui transcritos.

Dançavam o *chapéu*. E' uma dança em que tomam parte quantas pessoas o queiram fazer, formando uma grande roda giratória, de cavalheiros e damas, alternadamente, ficando no centro os instrumentos, quando os músicos não querem fazer parte da roda.

Nessa noite a música era feita por quatro violas e dois violões, e os tocadores faziam parte da roda giratória, e todos cantavam o côro no momento em que o chapéu passava de uma a outra cabeça.

Era um grande chapéu de palha, leve, artístico, forrado de seda branca, e garridamente enfeitado com fitas e flores. Um cavalheiro ou uma dama entoava uma quadra, e o côro respondia, em uníssono:

Vem cá, vem cà,
Anjo do céu,
Que estou brincando
E' de chapéu!

Ao terminar o côro, o cavalheiro que tinha na cabeça o chapéu passava-o delicadamente para a cabeça da visinha dama, e esta, ao terminar o côro seguinte, fazia o mesmo em relação ao cavalheiro que lhe ficava mais próximo, e assim em seguida.

E' provável que nessa noite a roda fôsse dupla, isto é, formassem os dançadores duas circunferências concêntricas, marchando uma em sentido contrário à outra.

Entre os violeiros sobressaía a viola afamada do Benvindo, e o violão de Severino derramava ondas de harmonia que a todos enlevava, prêso cada instrumento ao ombros do tocador por forte e vistosa fita.

Em dado momento, sem que ninguém o esperasse, estalou o desafio entre os dois êmulos.

Benvindo, fazendo um sinal aos outros violeiros, mudou repentinamente a música, e entoou esta quadra com a voz de barítono:

Desinfete êsse chapéu
Que à minha cabeça vem:
Tenho medo de apanhar
Os piolhos que êle tem.

Severino correu os olhos pela roda até o ponto onde estava o adversário, suspendeu um pouquinho a prima do violão, e, terminado o côro, respondeu na mesma música, com a sua voz pura e varonil:

Os piolhos que êle tem
Eu pago a um conto por um,
Pois nos exames que fiz
Eu não encontrei nenhum.

Nesse ponto *fechou o tempo*, como diz a gíria. Benvindo esperou o côro, tomou o último verso do adversário, e *entrou feito* na resposta em franca provocação:

Eu não encontrei nenhum,
E' cantador afinado,
Que ao som de minha viola
Não fôsse logo encostado.

Os companheiros de Benvindo estavam radiantes de satisfação ouvindo essa quadra provocadora, mas os partidários de Severino sorriam e contemplavam confiadamente o violonista, certos de que êste não ficaria mal, e efetivamente Severino fêz sucesso cantando no devido tempo:

Não fôsse logo encostado,
Mas sòmente de canceira,
De tanta trova tirar
Sem ter resposta ligeira.

O desafio foi desde então tomando mais calor, e mais entusiasmo despertando, conservando a tradição diversas quadras.

BENVINDO:

Sem ter resposta ligeira
Você nunca há de ficar,

Tendo eu a minha viola,
Com tanta gente a escutar.

SEVERINO:

Com tanta gente a escutar,
E' coisa que eu aprecio,
Na noite da lua cheia,
O correr dum desafio.

BENVINDO:

O correr dum desafio
Eu gosto de ver e ouvir,
Mas não encontro caboclo
Que me possa resistir.

SEVERINO:

Que me possa resistir,
Eu que inda não achei...
Canto no campo e na rua,
Canto na casa do rei.

BENVINDO:

Canto na casa do rei
Tambem eu, mesmo em Lisboa;
Mas eu sou cabra direito,
Você é caboclo atôa...

E assim continuavam as quadras *a chover,* de parte a parte, às vêzes insultuosas e grosseiras, mas absolutamente sem malícia, por simples divertimento, até que, cansados os dançadores, e principalmente os músicos, os dois adversários saudaram-se cortêsmente, com lealdade, em algumas quadras delicadas e bem cantadas.

Nessa ocasião tinham os serventes aberto a porta e as três janelas que davam para o salão do pavimento inferior, onde se estendia uma longa mesa coberta de variados sequilhos e de tôda espécie de bôlos e biscoitos, e ladeada por uma fileira de chávenas metálicas, que oportunamente os serventes encheriam de saboroso chá.

Era o segundo chá daquela noite, e o convite foi feito aos dançadores e assistentes que apenas esperavam terminar-se o desafio, o qual entretanto parecia estar quase no fim, como o demonstravam as quadras então ouvidas.

Ouvindo o convite, e reconhecendo ser mesmo necessário um descanso, Severino fêz um sinal aos tocadores que emudeceram num momento, e, mudando de música, para uma melodia mais alegre e saltitante, cantou mais duas quadras, alternadamente, respondidas na mesma música pelo outro.

SEVERINO:

Meus amigos e colegas,
Eu reconheço afinal,
Que a viola do Benvindo
Nas Minas não tem rival.

BENVINDO:

Nas Minas não tem rival,
Não é meu pinho, coitado!
E' o violão do Severino
E o verso nele cantado.

SEVERINO:

O verso nele cantado
Serve bem, perto do seu,
Mas separado não brilha,
Fica escuro como breu.

BENVINDO:

Fica escuro como breu
O meu verso em festa má,
Mas esta é boa, e por isso
Vamos todos para o chá!

Desfêz-se instantâneamente a roda, e as moças e senhoras correram para o interior do prédio.

Os amigos e companheiros de Severino, encantados pelo final do prélio, gritavam em unissono, espontâneamente:

— Viva o Benvindo! Viva o Benvindo!

Os companheiros e admiradores dêste, entusiasmados também pelo elogio feito espontâneamente ao seu amigo, responderam com êsse brado:

— Viva o Severino! Viva o Severino!

A viola do Benvindo e o violão do Severino foram, num instante, arrebatados pelos outros tocadores e dançadores, e pouco depois, no final da mesa do chá, junto à parede, e como se presidissem àquele repasto dos alegres convivas, uma viola e um violão estavam juntos, apoiando-se mùtuamente, com os braços cruzados em forma de um enorme X, e as longas e vistosas fitas unidas, entrelaçadas, como num longo e amistoso abraço...

* * *

Eram assim os divertimentos antigos, e ainda nos últimos anos do século passado eram assim, principalmente no interior, nos lugares afastados das grandes cidades.

A dança era uma arte conhecida por quase todos. A música era feita por amadores de verdadeira vocação. O canto tinha a originalidade do improviso.

Nos salões de mais luxo dançavam as *quadrilhas gerais*, — e todos faziam parte da dança, solteiros e casados, de qualquer idade. Se havia seleção de dançadores, e no salão estavam conhecedores da arte, dançavam as quadrilhas de *lanceiros*, em que havia mais arte, mais dificuldades. Nos intervalos, pares isolados rodavam numa *valsa* sentimental, ou saltitavam aos sons duma *polka*, à espera que os mais velhos organizassem novo *cotillon*.

Pais e filhos, matronas e meninas, rapazelhos e senhores respeitáveis, todos se divertiam no mesmo *cotillon*, ou se enlevavam ouvindo as mesmas trovas.

Nas reuniões de gente mais simples não havia quadrilhas, nem valsas, nem *schottisches*, nem *mazurkas*,

mas o caxambú, o sapateado, a roda, ou, melhor do que tudo, o desafio bem cantado.

Hoje a dança é bem diferente. As pessoas casadas, de ambos os sexos, vão-se tornando quase indesejáveis, e os moços, não conhecendo as regras de uma coleção de quadrilhas, nem tendo paciência para dançar com arte e com método, enchem o salão de ruido e de confusão ao som estridente dum *jazz-band* de esfuziote.

Cada Romeu enlaça a sua Julieta, e desde o comêço até o fim do baile roda com ela pelo salão, ou segreda, com ela num canto de sala ou no vão duma sacada, enquanto o *jazz-band*, abolindo as velhas músicas portuguêsas, francêsas ou alemãs, ou as belas barcarolas da Espanha e da Itália, vai vertiginosamente despejando o seu repertório de nomes inglêses.

E uns pares passeiavam pelo salão num *fox-trot* — como se alguém pudesse ver e imitar o verdadeiro *trote da raposa*, — ou fazem *um passo*, ou *dois passos*, aos sons de estridente *one-step* ou *two-steps*, e às vêzes alguns pares, mais ágeis, mais dispostos aos exercicios físicos, dançam um *charleston*, num verdadeiro delírio de tremelicação.

Tudo evolui...

XXXIX

EVOLUINDO

No último quartel do século 18, entre 1780 e 1785, quem chegasse ao arraial de Braz Pires sentir-se-ia em um local onde o progresso era verdadeiro e contínuo.

A agricultura tinha-se desenvolvido, nos arredores, de modo admirável, e a população crescera animadamente. Mais algumas fazendas tinham sido formadas, e diversos sítios de cultura, e retiros de pecuária, progrediam nas visinhanças. A quatro léguas de Braz Pires elevava-se já o florescente povoado de Conceição do Turvo, e a cinco e seis léguas, respectivamente, já existiam as promissoras povoações de Espera e Lamim. A três léguas começava a ser formada a povoação de Nossa Senhora de Oliveira, hoje Oliveira do Piranga, e em outros lugares visinhos formavam-se na ocasião outros povoados, onde

Alferes José Inacio Silva Araujo

estão hoje as sedes dos distritos de Dôres do Turvo e São José do Barroso, que continuam ainda a progredir.

Conceição do Turvo, povoação formada em quase duas sesmarias de terras doadas por Quintiliano de Souza Lima, Simão Pires e Pedro Pires, tornou-se sede de importante distrito onde houve, durante dezenas de anos, importantíssimas festas religiosas, e onde hoje se vê, na sua praça principal, a estátua do Padre Jacinto Teófilo Trombert, que alí foi vigário durante mais de cinqüenta anos.

Por êsse Padre foi construído o enorme templo alí existente, e foram feitos diversos melhoramentos de vulto no lugar.

Lamim é um antigo distrito que, se nos últimos anos não tem progredido, também não tem decaído, e é muito conhecido pela riquíssima biblioteca pública alí criada pelo nosso ilustre conterrâneo Napoleão Reys. Foi a terra natal do poliglota Levindo de Castro Lafaiete, do Barão de Coromandel (antigo presidente da província), do mesmo Napoleão Reys, do Dr. Antônio de Almeida (de quem ouvi bela conferência republicana em 1888), e do musicista e poeta Leôncio Francisco das Chagas.

Espera, hoje vila Rio Espera, é um lugar digno de nota pelo seu progresso ininterrupto, e sempre lembrada por Napoleão Reys em suas memórias do cônego Agostinho Rezende da Ascenção, publicadas no "Minas Gerais", pois nesse lugar viveu, como vigário, êsse sacerdote por mais de cinqüenta anos.

Nesses três lugares, Conceição do Turvo, Lamim e Espera, respectivamente a quatro, cinco e seis léguas de Braz Pires, firmaram residência, no decorrer de alguns decênios, diversos descendentes de Braz Pires de Farinho, alí fundando e dirigindo diversas fazendas e sítios de cultura, e constituindo famílias que foram a parte principal do povoamento e do progresso daquelas terras.

Também não ficam muito distantes outros povoados que começaram a ser formados com o impulso indireto do fundador de Braz Pires, como são os de Carrapicho, Catas Altas de Noruega, Itaverava, Remédios e outros.

Quase todo êsse progresso, constatado à distância de dez a vinte léguas de Vila Rica, sem concurso oficial do govêrno da capitania, era, direta ou indiretamente, oriundo

daquele pequeno grupo de bandeirantes, daquele pugilo de homens operosos e sem temor que um dia, antes de surgir o sol das brumas orientais de abril, atirou-se àquela estranha aventura, em duas toscas jangadas, pelo rio Guarapiranga abaixo, sem receio dos selvagens nem das feras, por entre aquela dupla fileira de altíssimas árvores seculares, à procura de um local onde deviam aquêles novos colonos pisar aquela terra ubérrima, e, atacando com denodo aquelas florestas virgens, erguer uma fazenda, um vasto campo de trabalho, um novo centro de indústria, de catequese, de comércio, de artes, de progresso enfim, que fizesse irradiar, em tôdas as direções, as lições e os exemplos do trabalho honrado e da inteligência aplicada ao bem.

Braz Pires de Farinho e seus companheiros tinham conseguido bem mais do que esperavam.

Deixando o Rio Guarapiranga, mais tarde denominado Piranga, como sucedeu à então povoação de Guarapiranga, atualmente cidade do Piranga, tinham os excursionistas mudado de direção, à procura de terras ainda não ocupadas, onde houvesse espaço apropriado à emprêsa projetada, e, tendo subido algumas léguas pelo rio Chopotó, tinham chegado ao local que escolheram, onde foi edificada a fazenda, mais tarde transformada em povoação, sendo pouco depois declarada esta a sede dum curato, cujo primeiro cura, o Padre Luís Pires, era o filho do fundador e protetor do povoado, era o filho de Braz Pires de Farinho.

Êsse arraial, hoje sede dum distrito no municipio do Piranga, (*) já era, entre 1780 e 1785 uma povoação animada e alegre, e a ela fôra, com muita justiça, dado o nome de Braz Pires, nome que deve ser conservado como homenagem ao seu fundador, como preito de gratidão pelos grandes trabalhos e numerosos perigos atravessados pelo seu fundador nas épocas mais dificeis, como prova de sermos nós um povo que tem uma história e respeita as próprias tradições, e afinal como um ato de deferência para com os numerosíssimos, os incontáveis descendentes do Sr. Braz Pires de Farinho, entre os quais, como seu tetra-

(*) — Passou, mais tarde, a pertencer a Senador Firmino, antiga Conceição do Turvo. — *O Editor.*

neto, está o humilde escritor destas pobres linhas, que, na impossibilidade absoluta de prestar à pátria um serviço de grande valor, dedica-lhe a homenagem dêste livro, escrito com grande sacrifício e os devotados esforços que sòmente podem ser compreendidos por um operário pobre, como o é o autor, que apenas pode consagrar à literatura, não em todos os dias, os poucos minutos que a luta pelo pão lhe deixa disponíveis.

Mas voltemos a Braz Pires ao decorrer o último quartel do século 18, abandonando mais uma vez as digressões, próprias de quem não tem o preciso traquejo para a formação dum livro, e apenas está afeito, numa prática aliás de mais de trinta anos, a escrever artigos ligeiros ou versos de pouca vida, para a imprensa periódica.

Entre 1780 e 1785, havia em Braz Pires, como em muitos estabelecimentos agrícolas da zona, vivendas bem confortáveis, bons móveis, objetos de arte, luxuosas liteiras, boa indumentária, coisas enfim que concorriam para amenisar as agruras da vida trabalhosa dos campos.

A antiga e pequena capela transformara-se em vasto templo, e a ponte provisória fôra substituída por uma ponte larga e sólida.

Vivia ainda, nessa época, o Sr. Braz Pires de Farinho, já octogenário, mas ainda forte, revendo-se em sua grande prole, e sentindo-se feliz na doce tranquilidade de sua velhice, na velhice do homem que, revendo o seu passado, nele contempla, em paz com a consciência, o rastro luminoso do cumprimento do dever. E sentia-se feliz na doce paz do lar, onde tudo era harmonia, e de sua fazenda, onde tudo progredia, dirigida então por um de seus genros.

Sua espôsa dedicada, D. Sebastiana Cardosa Pires, embora tendo mais de meio século de idade, era a mesma senhora laboriosa e ativa, que enchia de vida aquêle lar, consagrava-se com desvelado carinho às suas filhas e aos seus netos, continuando a dedicar a seu marido o mesmo respeitoso afeto de sua juventude. Muitas vêzes acompanhava-o em visitas que duravam dias, ora a uma filha, ora a outra, nas fazendas visinhas, onde a sua permanência era uma alegria contínua, principalmente para a petizada.

Onze filhas tinham nascido daquela união feliz, e sòmente três, as mais jovens, estavam ainda solteiras entre 1780 e 1785. Oito eram casadas, residindo uma no povoado, uma na fazenda, e as outras em seis fazendas não muito distantes, o que significa que um dos genros do Sr. Braz Pires era comerciante, outro era administrador e associado na fazenda antiga, e os outros seis eram fazendeiros em diversos lugares não muito distantes de Braz Pires.

Duas vêzes ao ano, — no dia do aniversário do seu casamento e por ocasião do Natal, — o Sr. Braz Pires reunia-os todos em sua casa, para as suas festas de família, sentindo-se no auge da felicidade, com sua mulher, entre as suas onze filhas, os seus oito genros e os seus numerosos netos, então em número quase de sessenta.

O Padre Luís Pires continuava sendo o cura de Braz Pires, com agrado geral. Não longe dos seus cinqüenta e quatro anos, tinha a fronte a alvejar com as primeiras cãs, e, cheio de carinho para com o rebanho que lhe fôra confiado, pensava no futuro pastor, no seu substituto, para a ocasião em que a velhice o inibisse de exercer o seu ministério. Para êsse fim recaíra sua escolha em um dos seus pequenos sobrinhos, o interessante e inteligente menor Domingos Alves da Cunha, filho da terceira filha do Sr. Braz Pires de Farinho, casada, pouco depois das duas irmãs mais velhas, conforme se vê no capítulo anterior, com José Alves da Cunha, sobrinho de Domingos Corrêa da Cunha, sobrinho e companheiro inseparável do fundador da fazenda e do povoado, desde a difícil e perigosa descida pelo Guarapiranga e ascenção pelo Chopotó nas duas toscas jangadas. O marido dessa terceira filha do Sr. Braz Pires era, pois, sobrinho neto do venerando ancião.

E efetivamente foi o Padre Domingos Alves da Cunha, alguns anos mais tarde, o sucessor do Padre Luís no curato de Braz Pires.

E' necessário ficar aqui consignado o motivo do desaparecimento do patronímico *Farinho* e da relativa raridade do patronímico *Pires*, no distrito e em tôda a zona, entre os incontáveis descendentes do Sr. Braz Pires de Farinho.

E' que o patriarca de Braz Pires, o fundador do arraial, o desbravador das florestas, o protetor dos indígenas, o homem que alí passou meio século como um exemplo vivo do trabalho, da perseverança e da honradez, apenas deixou um filho, e êste era um padre da igreja católica, sujeito consequentemente ao celibato. Os outros rebentos do seu abençoado matrimônio, do seu segundo consórcio, foram suas onze filhas, cuja descendência, como é de uso e direito, não perpetuou o nome do estimado ancião, mas atirou à posteridade os nomes dos espôsos dessas filhas do criador de Braz Pires, e dos maridos das descendentes delas.

Existem, é certo, algumas famílias usando o patronímico *Pires*, sendo entretanto da mesma descendência, mas essas famílias são oriundas de duas netas do Sr. Braz Pires com dois sobrinhos netos dêste, os quais, ao que parece, eram Pedro Pires e Simão Pires, que, com Quintiliano de Souza Lima, neto do Sr. Braz Pires e irmão de Dona Eusébia Joaquina de São José, foram os doadores de duas sesmarias de terras de cultura e pecuária onde foi criado o distrito de Conceição do Turvo.

Vemos assim, entre os descendentes do patriarca de Braz Pires, numerosas famílias com os patronímicos de Souza Lima, Ribeiro, Gomes, Alves da Cunha, Alves Cabral, Oliveira Fernandes, Vidigal, Pereira, Castro, Fernandes, Ferreira, Santos, Barroso, Cruz, Soares, Santa Ana, Carneiro, Oliveira, Pacheco, Batista, Morais e muitos outros, localizados principalmente nos municípios de Piranga, Queluz, Alto Rio Doce, Rio Espera, Ubá, Cataguazes, Rio Branco, Viçosa, Pomba, Leopoldina e Ponte Nova, havendo-os também localizados em outros municípios e fora do Estado de Minas Gerais.

Mesmo pelo motivo de não haver o nome *Farinho* na descendência do Sr. Braz Pires, e de ser relativamente raro o de *Pires*, o nome *Braz Pires* não deve ser retirado do distrito. Não deve desaparecer. Não deve ser mudado. A substituição do nome seria uma injustiça grave e uma prova de ingratidão para com os esforços dos nossos antepassados, e seria desprezar a razão, a verdade, o direito, o reconhecimento, ante enganosas conveniências de ocasião.

Cada lugar tem a sua história, e nela há bastas vêzes direitos morais adquiridos que se não podem nem devem sonegar.

O direito de Braz Pires é um dêsses. A sua história é a história do velho Braz Pires de Farinho. Mudar o nome do distrito seria sonegar, para com a memória do seu fundador, os direitos morais por êste adquiridos para com os seus coevos e os pósteros.

* * *

Não passemos a outro capítulo sem algumas observações necessárias.

Entre os nossos conhecimentos nada há completo, e entre as obras nada há perfeito.

Reporto-me aos meus escritos. Têm defeitos graves, eu o reconheço, e defeitos maiores do que a maior parte dos escritos; mas assim eu os entrego ao público, pois não os posso nem sei grafar melhor. São imperfeitos, mais imperfeitos do que em geral o são escritos sôbre assuntos semelhantes, não por incúria ou indiferença de minha parte, mas porque não me foi possível fazer melhor a obra.

Como a uma história pròpriamente dita, faltam a êste livro os nomes das outras filhas e dos outros genros do Sr. Braz Pires, a data exata de todos os fatos relatados, e mesmo a narração de diversos acontecimentos de algum vulto. Falta-lhe também o método, falta-lhe a boa disposição dos fatos, e falta-lhe o colorido, o que sòmente os escritores práticos e competentes sabem imprimir a suas obras.

Os meus informantes antigos, os três velhos a quem já fiz referências neste livro, e aos quais consigno aqui o meu preito de verdadeira gratidão e respeitosa saudade, falaram-me sôbre alguns outros acontecimentos, que aqui não são descritos, e sôbre nomes numerosos de pessoas que aqui não são mencionados. E' que muitos anos decorreram entre a época em que obtive tais informações e o tempo em que posso escrever estas linhas, tendo-se extraviado, em uma de minhas viagens, diversos apontamen-

tos sôbre o assunto e havendo fugido de minha memória diversas informações a ela confiadas.

Por essa deficiência de notícias, e devido também a trabalhos prementes de outra natureza, retardei por muitos anos, durante quase sete lustros, o início dêste livro.

Procurar quaisquer ratificações com os Srs. Francisco Nogueira, Joaquim Remígio e Zeferino José de Castro, seria impossível, pois êles, há mais de trinta anos, passaram à vida de além, tendo para nós desaparecido na mudez do túmulo.

Por uma coincidência, ou por uma dessas determinações superiores e misteriosas a que nós chamamos coincidência, um dêsses meus informantes era branco, outro era índio e o terceiro era preto, representando as três raças de que se formou a população daquela zona, — a portuguêsa, a indígena e a africana.

Muito me auxiliaram, entretanto, as informações obtidas, recentemente, do meu primo e amigo Honório Felipe de Souza Lima, a quem mais uma vez agradeço o valioso concurso.

* * *

Se a alguns dos leitores dêste livro, descendentes ou não da estirpe do Sr. Braz Pires, forem conhecidos fatos ou nomes que possam modificar ou ampliar êste livro, receberei com prazer e gratidão quaisquer comunicações que sôbre isso me fizerem, ratificando o que for possível numa segunda edição. (*)

XL

ÚLTIMAS INFORMAÇÕES

Com prazer posso asseverar a quantos lerem estas linhas que o nome do distrito e paróquia continua a ser

(*) — A morte do autor anula êste pedido. — *O Editor*.

"Braz Pires", tendo ficado sem efeito a substituição proposta e defendida até certo tempo.

E' o que me dizem honrosas cartas, recentes, do ilustre sacerdote Cônego Raimundo Otávio da Trindade, do Capitão Joaquim Vilela da Fonseca e de Honório Felipe de Souza Lima, aos quais devo outros informes que de coração agradeço.

O Sr. Cônego Raimundo Trindade é secretário da arquidiocese de Mariana, e diretor do arquivo da mesma cúria, cargos em que tem demonstrado dedicação e competência raras, e é o autor da importante obra "Arquidiocese de Mariana, ou História Religiosa de Minas", em 3 volumes com um total de 2000 páginas.

O Capitão Joaquim Vilela da Fonseca, antigo farmacêutico, é, há cêrca de 40 anos, grande fazendeiro em Braz Pires, estabelecido justamente no local onde era situada, segundo a tradição, a fazenda em que residia, nos seus últimos tempos, o Sr. Braz Pires de Farinho, falecido entre 1786 e 1790.

O terceiro missivista, Honório Felipe de Souza Lima, residiu muitos anos em Braz Pires, e era seu sogro o Sr. Augusto Vieira, a quem ouvi falar, pela primeira vez, daquele povoado, sôbre as aventuras do Sr. Braz Pires de Farinho, quando estive pela primeira vez na casa daquele amigo de meu pai, em 1887.

Nessa época, 1887-1891, percorri a povoação e suas cercanias, e conheci alí diversas famílias, vendo, ouvindo e observando com cuidado as coisas que sôbre o assunto me interessavam.

Os bugres, de origem tapuia, índios dificilmente domesticáveis, e os guarús, conhecidos pela sua excessiva voracidade, e pela sua propensão para a rapina, tinham desaparecido da região algumas dezenas de anos antes, onde também não tinham ficado botocudos pròpriamente ditos. Devido a isso, localizaram-se nas fazendas daquela zona, e mesmo no povoado e proximidades, indígenas de costumes mais brandos, que aceitavam fàcilmente os usos da sociedade civilizada.

Por felicidade, até os escravos africanos, que conheci mesmo em Braz Pires, numerosos, eram de Angola, conhecidos como fortes de saúde e no trabalho, todos ativos, fieis, pacíficos e laboriosos. Entre êles havia os denomi-

nados benguela, que em sua terra tinham o triste costume de arrancar os dentes da frente, e os *cabindas*, muito estimados pela sua docilidade e seu amor ao trabalho, e que tinham melhor conformação do que os outros africanos. Havia, também, em menor quantidade, alguns pretos de Moçambique, bastante conhecidos pela sua sobriedade e o seu costume de aproveitar os domingos e dias santos da igreja, nos quais não havia serviço forçado, para trabalhar em suas plantações particulares, assim adquirindo pecúlios relativamente importantes.

Conheciam-se na zona diversos africanos *congos*, especialistas em festas, danças e música, e todos amigos da tranquilidade e da obediência, qualidades que, com o exemplo e a palavra, transmitiam aos seus descendentes.

Os africanos conhecidos com o nome de *mandingas*, que se entregavam comumente às práticas de feitiçaria, envenenamentos e outros malifícios, tinham sido sistemàticamente arredados da região, havendo-lhes eu conhecido apenas a triste fama dos numerosos malifícios antigos. Tinham sido substituídos pelos *minas*, operários habilidosos, em geral bons ferreiros, e pelos industriosos *munjolos*, de origem árabe, dos quais veio o aparelho denominado monjolo, ainda hoje muitíssimo em uso no interior, e aplicado ao fabrico da farinha de milho, preparo da cangica (de milho), despolpamentos de arroz e café, e ainda a outros misteres.

Pelos *congos* foi estabelecida naquela região, como suplemento indispensável da festa da Senhora do Rosário, da qual eram devotos entusiastas, a dança cívico-religiosa denominada "Congado", que eu apreciava muitíssimo em minha infância, e a que gostosamente iria assistir novamente, agora, em minha idade madura, depois de tantos divertimentos modernos ter visto nas grandes cidades, se, para a realização dêsses festejos existissem ainda, na minha terra natal, aquêles velhos filhos do Congo, inteligentes, alegres, expansivos, que viviam relativamente felizes na sua humílima condição de escravos, ou de libertos pela lei dos 60 anos, e que nas danças e suas festas de tal modo se compenetravam da sua parte, e interpretavam tão perfeitamente os seus papeis, como o fazem os melhores artistas do palco a quem a fama tem celebrizado.

Mas a assistência dos pobres *congos* era tão limitada!...

E' essa, na verdade, uma das grandes saudades dos tempos já longínquos da minha infância.

* * *

Não me puderam os meus informantes fornecer dados sôbre a época exata em que passou à outra vida o Sr. Braz Pires de Farinho. Apenas sei que êle vivia em sua fazenda, satisfeito e com saúde, entre 1780 e 1785, rodeado de onze filhas e cêrca de sessenta netos. Também vivia nessa ocasião o Padre Luís Pires, mas já cursava o seminário maior o seu futuro sucessor no curato.

Não nos ficaram apontamentos sôbre o muito que eu desejava conhecer àcerca da família do Sr. Braz Pires, e principalmente de suas filhas, seus genros e seus netos.

Nessa ocasião os arquivos civis, ainda raros, referiam-se quase exclusivamente às ordens emanadas dos governos centrais, citando algumas vêzes incursões pelo interior, repressão aos selvagens, deliberações de cada capitania, sucessos enfim de mais vulto, não cogitando do desenvolvimento dêsse ou daquele local. Os arquivos religiosos, por ser enorme a extensão do território confiado a cada bispo, e pela extraordinária superfície confiada a cada vigário ou aos cuidados de cada cura, não podiam estar organizados, naquela época, a ponto de terem registrados tantos acontecimentos, fornecendo dados a quem, como eu, tenha desejos de estudar o passado, em determinados lugares e eras, a fim de transmitir essas notícias a uma centena de leitores.

Deixemos, pois o passado mais remoto, e falemos de Braz Pires nos últimos decênios e na atualidade, assim concluindo o livro.

XLI

MAIS UM BENEMÉRITO

Ao faltar a Braz Pires o seu fundador e antigo protetor, parece não ter sido a povoação abandonada ao seu evoluir natural, pois continuou a progredir, morosa mas ininterruptamente, fato antigamente pouco comum nas povoações de longe do litoral.

A Braz Pires talvez ficasse a proteção direta de algum descendente do fundador. A tradição não declara, mas os fatos o fazem crer.

Em 1880, pouco mais ou menos, era um dos povoados mais florescentes e animados daquela zona. Com a construção, porém, da Estrada de Ferro D. Pedro II até Ouro Preto, passando por Queluz, e o prolongamento da Estrada de Ferro Leopoldina, de Cataguazes em direção a São Geraldo, ficando êsses lugares de ambos os lados de Braz Pires, a algumas léguas apenas dêste povoado, sofreu êle um como que movimento de estagnação ou recuo em sua vida de evolução até então contínua.

Um êxodo de operários, de artistas, de comerciantes, de homens do trabalho, foi notado então em Braz Pires e seus arredores, e nas povoações visinhas, com o consequente despovoamento parcial dêsses lugares, e o pronunciado desânimo no comércio, e o natural empobrecimento da lavoura. Os operários, os artistas, os homens do trabalho, abandonavam, em parte, aquêles lugares, a fim de exercerem sua atividade junto à via-férrea em construção, ou nos povoados ou cidades já beneficiados por uma das duas estradas de ferro.

Maior seria, porém, o prejuizo de Braz Pires, se nessa ocasião não se fizesse mais notada a proteção dedicadíssima de um dos beneméritos daquele feliz distrito.

Refiro-me ao Sr. Coronel João Soares Ferreira Franco, grande fazendeiro e proprietário no mesmo distrito, do qual foi sempre amigo dedicado e valoroso protetor.

Homem laborioso e progressista, o Coronel João Soares, em tôda a sua vida, bastante longa, foi um exemplo

vivo de trabalho honesto e do cumprimento do dever. A êle deve o distrito importantíssimos serviços.

Religioso da velha raça de verdadeiros católicos, tomou a seu cargo a conservação e os melhoramentos da igreja de Braz Pires, desde o ano de 1865 até a época de seu falecimento, aos 92 anos de idade, em 1917.

O Coronel João Soares deixou após si a mais saudosa lembrança, não sòmente pelos inúmeros benefícios por êle espalhados, mas também pelo seu cavalheirismo, a sua dedicação como amigo, e o seu modo de proceder para com a sociedade que o estimava e respeitava muitíssimo.

Eu o conheci, em sua fazenda, em 1887, e desde então acompanhei com interêsse, quer observando-o pessoalmente, quer fazendo-o por pessoas fidedignas, a dedicação que êle tinha por Braz Pires, cujo progresso impulsionava por todos os meios ao seu alcance.

Elevado Braz Pires da categoria de curato à de paróquia, em 26 de fevereiro de 1913, e inaugurada a capela filial de Santo Antônio, no lugar denominado Ribeirão de Santo Antônio, o Coronel João Soares doou à nova paróquia um bom prédio para a residência do vigário, e pagou à cúria metropolitana de Mariana a quantia de Rs..... 6:000$000 (seis contos de réis), tendo obtido, em combinação com o arcebispo D. Silverio Gomes Pimenta, um lugar permanente, no seminário de Mariana, para um aluno filho da paróquia de Braz Pires.

Muitos anos antes da criação da paróquia, já era a igreja de Braz Pires possuidora de belas imagens, alfaias e paramentos superiores, fornecidos pelo Coronel João Soares, que afinal vendeu a sua fazenda principal, denominada São João da Fortaleza, e adquiriu com o prêço dezoito apólices da dívida pública federal, doadas por êle à matriz, para que, com os juros, possam no futuro ser feitos os trabalhos necessários à conservação do mesmo templo.

Muitos outros benefícios fêz o estimado fazendeiro ao distrito e aos lugares visinhos. Entre êsses benefícios figuram o seu amparo entusiástico à instrução da mocidade, a aquisição de instrumentos musicais, e a reconstrução do cemitério público, com uma capelinha anexa, cemitério que o vigário José Pinto Carneiro, pelas colu-

nas do "Minas Gerais" de 22 de dezembro de 1915, declara um dos melhores, se não o melhor do grande município de Piranga.

Possuindo a maior fortuna do município e daquela zona, o Coronel João Soares Ferreira Franco procurava constantemente encaminhar seus parentes e amigos para a aquisição de melhor posição pecuniária, e repartiu, entre seus parentes e protegidos, 1400 alqueires de boas terras de cultura, no distrito de Braz Pires e outros, e gastou, em diversas ocasiões, enormes somas de dinheiro com a colocação, na lavoura e no comércio, de numerosos protegidos seus, e com a educação de alguns moços pobres.

Honremos a sua memória.

XLII

NA ATUALIDADE

Havendo desaparecido de entre os vivos o Coronel João Soares, alguém, que anteriormente com êle colaborava nos melhoramentos de Braz Pires, tomou sôbre os ombros o cargo de protetor dedicado dêsse distrito: foi o Capitão Farmacêutico Joaquim Vilela da Fonseca, auxiliado eficazmente por seus filhos farmacêutico Hortêncio Soares da Fonseca, fazendeiro e juiz de paz do distrito, e Dr. João Soares da Fonseca, cirurgião dentista, vice-presidente da câmara municipal do Piranga.

Filho do visinho distrito de Conceição do Turvo, o meu velho amigo Joaquim Vilela da Fonseca, então muito moço, transportou-se para Braz Pires, como farmacêutico, em 1888, e alí casou-se com a gentilíssima filha adotiva do Coronel João Soares, Dona Elmira Soares da Fonseca, tendo continuado sempre a residir naquele distrito, que êle de coração estima, e onde é muito querido, alí exercendo ainda a sua nobre arte, e dedicando-se também à agricultura e à pecuária nos vastos terrenos que tem adquirido.

Coração propenso ao bem, e espírito entusiasta ante as grandes conquistas da civilização, Joaquim Vilela con-

tinua a ser o grande amigo de Braz Pires, que lhe deve, como sucede aos distritos visinhos, não pequenos favores.

Tendo comprado ao Coronel João Soares a fazenda de São João da Fortaleza, a menos de um quilômetro da sede do distrito, alí reside, em vasto e luxuoso prédio, no local onde existiu, cêrca de 180 anos antes do dia em que traço estas linhas, o extinto prédio da residência, em seus últimos anos de vida, do fundador de Braz Pires.

Filho extremoso que sempre foi, o Capitão Joaquim Vilela soube cercar de carinhoso desvêlo, naquele lugar, a avançada velhice de seus pais, Sr. Hortêncio Vilela da Fonseca e Dona Ana Fonseca, que alí finaram, deixando-lhe, em bênçãos, a felicidade verdadeira dêste mundo, oriundo da tranquilidade de consciência, e a confiança quanto à felicidade futura, confiança que repousa no cumprimento exato do dever para com Deus, a família e a sociedade.

* * *

No comêço do ano corrente, 1929, uma enorme enchente no rio Chopotó arrebatou a ponte da sede do distrito de Braz Pires, mas em maio dêste mesmo ano, segundo informações fidedignas, o Capitão Joaquim Vilela da Fonseca iniciava a construção de uma ponte provisória, que bons serviços presta e continuará a prestar à população, até ser construida, muito em breve, a projetada ponte de cimento armado.

Ainda um grande melhoramento está projetado para aquêle lugar: uma estrada de automóveis ligando a sede do distrito com a cidade do Piranga. Com isso ficará Braz Pires em comunicação fácil com a Estrada de Ferro Central do Brasil. Êsse projeto é do Dr. João Soares da Fonseca (filho do Capitão Joaquim Vilela), de cuja iniciativa e operosidade a população do município espera ainda outras realizações.

XLIII

EPÍLOGO

Hoje Braz Pires vive a vida tranquila dos povoados do interior, aos quais, faltando o grande movimento das cidades cortadas por vias-férreas, não faltam entretanto a paz, a calma, a segurança, a abundância de víveres, a união entre as famílias, a cooperação para o bem em geral, e uma lavoura bastante produtiva, alguma instrução, algum comércio, algum progresso

Em seis escolas públicas, sendo duas na sede do distrito e as outras nos lugares denominados Ribeirão de Santo Antônio, Fazenda do Itajurú, Fazenda do Fumal e Fazenda de São Bento, o Estado fornece gratuitamente a instrução primária aos meninos de ambos os sexos, o que é feito com bastante aproveitamento sob a inspecção do Capitão Joaquim Vilela, que não se poupa a esforços trabalhando pela instrução da mocidade e pelo bem-estar de Braz Pires.

Há no distrito uma rede telefônica pondo-o em comunicação com os centros populosos. O correio, embora ainda de quatro em quatro dias, presta relevantes serviços ao lugar, cujos habitantes, pela maior parte instruídos, acompanham, pela imprensa periódica, os acontecimentos que se relacionam com o evoluir de nossa terra e do estrangeiro, e se interessam pelos grandes problemas sociais e políticos, de cuja solução dependem a tranquilidade pública, o melhoramento das condições do proletariado, e o próprio nome do país perante o mundo culto.

A igreja matriz está inteiramente renovada, com formosas pinturas do perfeito artista José Lacerda, e é encarregado da paróquia o Padre Francisco Lopes.

* * *

São os seguintes os funcionários públicos atuais de Braz Pires:

Inspetor Escolar Capitão Farmecêutico Joaquim Vilela da Fonseca; Vereador distrital, Dr. João Soares da Fonseca, vice-presidente da Câmara do Piranga; Subdelegado de Polícia, Antônio Antão de Souza; Juizes de Paz, Farmacêutico Hortêncio Soares da Fonseca, Domingos Soares Rivelli, João Álvaro Carneiro e Antônio Nicolau Teixeira Guimarães; Escrivão de Paz e Polícia, Joaquim Cardoso Dias; Professoras, D. Corina Pinheiro Batista, D. Maria do Nascimento e Souza, D. Carlinda Tavares Monteiro, D. Maria da Conceição Quintão, D. Almerinda de Lima Lott e D. Maria Benta; Agente do Correio, D. Margarida Cardoso Nunes, Fiscal da Câmara, Antônio Gregório da Silva Fernandes.

* * *

E aí fica o meu livro.

Não é necessário dizerem-me ser êle uma insignificância. Eu o reconheço.

Não é preciso declararem que êle deveria ter sido escrito de acôrdo com a literatura moderna e que o assunto merecia melhor produção. Eu de sobra o sei.

Mas êsses fatos eram bastante conhecidos, na descendência do Sr. Braz Pires e entre outras pessoas, e entretanto, durante cêrca de 35 anos em que eu esperava oportunidade de os escrever, ninguém os encadeou, nenhuma pessoa competente os escreveu, por isso, na falta de melhor trabalho, aí fica o meu.

E eu consagro à memória de Braz Pires de Farinho, do trabalhador infatigável que tanto fêz por aquêle pedaço de nossa pátria, do amigo e defensor da liberdade, da ordem, da paz e do bem, o qual, com a palavra e o exemplo, soube congregar tantas raças, de costumes tão diversos, para o trabalho que dignifica, para a união que fortalece, para o lar, a sociedade, a civilização e a fé. E' uma homenagem à memória de Braz Pires de Farinho, a quem se deve, diretamente, a criação de Braz Pires, e indiretamente a fundação das povoações visinhas, mais

tarde sedes de distritos, que os seus descendentes, influenciados pelo seu exemplo, criaram, protegeram e engrandeceram.

Braz Pires, que hoje conta menos de uma centena de casas em sua sede, é todavia um distrito grande. Com a estrada de automóveis tornar-se-á mais animado, e mais tarde, com a esperada facilidade de comunicações, poderá ser aquêle povoado uma culta e industriosa cidade.

Os seus terrenos são ainda férteis, e muito mais o serão quando a ciência, saindo ao encontro da agricultura, ainda entregue aos meios naturais, tornar populares os processos modernos de lavoura usados nas velhas terras da Europa, e isso concorrerá para o aumento do lugar, pois a vida da cidade é a vida das suas indústrias e do seu comércio, mas fortemente incrementada pela lavoura dos terrenos circunvisinhos.

Estabelecidos os meios de exportação e importação, por estradas aperfeiçoadas e duradouras, e popularizados os novos processos agrícolas, que tornam muito mais produtivas as terras, a indústria se desenvolverá cèleremente em Braz Pires, e o seu comércio se intensificará, tornando-se assim êsse lugar um dos mais animados núcleos daquela zona.

Prometem-no a amenidade do seu clima, a sua posição topográfica, a paz inalterável da sua população, e, por parte desta, o amor ao trabalho e ao cumprimento do dever, e ainda o amor e o respeito para com a tradição, para com a memória do fundador, para com o patriarca de Braz Pires, entre cujos descendentes existem, em parte não pequena naquela zona, grandes fazendeiros, numerosos industriais, muitos comerciantes e pequenos lavradores, e não poucos intelectuais, entre os quais conheço médicos, advogados, professores, farmacêuticos, engenheiros civis, cirurgiões dentistas, poetas, jornalistas, prosadores, artistas, oradores, etc.

Entre êsses intelectuais, descendente em quarto grau do patriarca de Braz Pires, o mais humilde e obscuro é quem escreve estas linhas.

FIM

POST SCRIPTUM

A fim de pôr em dia as notícias sôbre o estado atual de progresso de Braz Pires, pedimos a um filho do lugar, lá residente, algumas informações que êle solìcitamente nos prestou na carta que segue:

Braz Pires, 31 de julho de 1951.

Prezado Amigo Sr. Ismael Gomes Braga,

Afetuosas saudações.

Chegando de viagem aqui encontrei sua estimada carta, a cujos itens com prazer respondo:

Escolas. Atualmente temos na sede do Distrito "Escolar Reunidas" com nove classes, sendo diretora Dona Judite Tavares Monteiro; professoras, Maria Silveira Rivelli, Maria da Conceição Soares, Sabina Pires da Luz (esta é descendente de Braz Pires de Farinho), Maria Auxiliadora Rivelli (tôdas normalistas); Marieta Nunes Cardoso (interina), Bernardete de Lourdes Lima, Ruth da Silva Nunes, Maria Nercy Fernandes e Olímpia das Mercês Quintão, contratadas, e Laudemira Dias Cardoso, servente. No Distrito existem escolas municipais nos seguintes lugares: Ribeirão de Santo Antônio, Fumal, Boa Vista da Cachoeira, Boa Esperança, São Domingos, Santa Amélia, Mata de S. Pedro, Malacacheta e Bela Vista, além de outras particulares subvencionadas pela Prefeitura. No povoado do Ribeirão de Santo Antônio foi criada uma escola federal, cujo prédio já se acha quase concluído.

Correio. A localidade é servida por duas linhas postais, uma diária para a sede do município, outra de dois em dois dias para a cidade do Piranga, via Calambau, sendo agente Dona Margarida Cardoso Nunes.

Telefone. Temos uma linha que comunica com a cidade de Piranga e seus distritos, e já se cogita da instalação de uma linha para Senador Firmino, atual sede de nosso município.

Vigário da Paróquia. Padre José Maria Quintão Rivelli, desta terra, filho de Domingos Soares Rivelli e Dona Maria dos Remédios Quintão Rivelli.

Autoridades e Funcionários. Inspetor escolar, José Alves Cardoso. Juizes de Paz: Vital Dias Moreira, Francisco Alves de Magalhães e Geraldo Vidigal Carneiro. Escrivão de Paz, Mozart Nunes Cardoso. Subdelegado de Polícia, José Fausto de Oliveira. Adjunto do Promotor de Justiça, — Domingos Soares Rivelli. Fiscal municipal, José Soares de Magalhães.

Vereadores: Domingos Soares Rivelli, ex-presidente da Câmara e atual vice-presidente; Martinho Pinto, presidente da Câmara, e Waldemiro Francisco da Silva, vereador, José do Patrocínio de Araújo, suplente.

Histórico. Até 1939 o Distrito de Braz Pires pertenceu ao município de Piranga. Naquele ano foi criado o município de Senador Firmino, tendo como sede o distrito da antiga Conceição do Turvo, sendo incorporados os distritos de Braz Pires e Dôres do Turvo.

Por iniciativa do então prefeito Cícero Torres Galindo, rasgou-se a rodovia Braz Pires-Senador Firmino, numa extensão de 28 quilômetros, por meio de mutirões prèviamente organizados e marcados para cada zona dos dois distritos. O dia do mutirão era um dia festivo, pois via-se ali uma verdadeira multidão de homens, cada um empunhando sua enxada, cavando a terra; os fazendeiros e suas famílias fornecendo refeições e até bebidas aos trabalhadores, e finalizando-se o dia com o espoucar de fogos e vivas ao Prefeito Cícero Galindo. Foi êste um dos maiores acontecimentos registrados em nossos dias na vida de Braz Pires.

De certo tempo a esta parte nota-se acentuado progresso em todos os setores, não só na zona urbana como na rural, graças às iniciativas do nosso pároco, aliadas à

boa vontade do povo. A vila com sua igreja, novas e modernas construções, apresenta um aspecto de lugar novo e florescente. Algumas indústrias já estão em franco desenvolvimento, enquanto se cogita de novas.

No momento em que termino estas informações, chega-nos a infausta notícia do falecimento do Sr. Domingos Soares Rivelli, ocorrido hoje no hospital de Ubá, fato êste que nos abalou profundamente.

Quanto ao meu humilde nome como informante, nada tenho a opôr, sendo até motivo de orgulho para o

seu criado e admirador,

Joaquim Cardoso Dias.

MAJOR FELÍCIO AFONSO RIVELLI

Num livro sôbre Braz Pires, publicado em 1951, não poderia ser esquecido, ainda que numa nota final como esta, um nome que vive no coração de todos os brazpirenses.

Nascido na Itália, veio com os pais para o Brasil o menino que deveria crescer como bom patriota de nossa têrra e devotado trabalhador pelo Braz Pires, deixando não só inolvidáveis serviços prestados, como se perpetuando numa descendência que lhe continuará sempre a obra de amor a Braz Pires e ao Brasil.

Os pais de Felício Afonso Rivelli, ao se instalarem em sua pátria adotiva, fixaram residência na cidade do Pomba, de onde o filho, em viagens de sua profissão de dentista, chegou um dia ao seu grande destino: ao coração de uma donzela de gloriosas tradições de virtudes austeras, Luzia Mauricia Dias, filha do fazendeiro José Cardoso Ferreira Dias e sua espôsa, Dona Firmina Maria de Jesus, ambos sobrinhos e protegidos do Coronel João Soares.

Um romance de amor, o fim da vida de viagens, o consórcio e início da vida patriarcal. Desposou-a em 1892 e fixou residência em Braz Pires, terra de sua espôsa e de seus filhos, pela qual trabalhou êle com denodo durante meio século, deixando continuadores na altura de lhe conservarem o brilho do nome.

Seu decesso foi pranteado por tôda a família brazpirense no ano de 1937, depois de haver sido êle sub-delegado de polícia, Juiz de Paz, Vereador, por muitos anos. Era presidente perpétuo da Confraria de S. Vicente de Paulo, desde a fundação dessa benemérita Irmandade em Braz Pires. Foi o conservador e remodelador das obras da Igreja Matriz e executou muitas outras obras de interêsse público.

Noutro local deste livro já nos referimos ao nome de um de seus filhos, o Sr. Domingos Soares Rivelli, desaparecido materialmente no dia 31 de julho dêste ano, mas

inesquecível pelos seus valiosos serviços prestados a Braz Pires. Outros filhos e continuadores da obra de Felício Afonso Rivelli são o farmacêutico José Colombo Rivelli, os Srs. Vicente de Paulo Rivelli, João Batista Rivelli, e três irmãs dêstes.

Era portanto avô do atual pároco de Braz Pires.

Fique, pois, nesta breve nota, nossa gratidão à ilustre e virtuosa família Rivelli, fundada em Braz Pires no século passado, e continuadora da obra de Braz Pires de Farinho, começada cento e tantos anos antes.

Note-se o paralelo existente na formação do povo brasileiro: dois europeus operosos e inteligentes, um nascido em Portugal e outro na Itália, atravessaram o Atlântico, embrenharam-se pelas Minas Gerais, e foram encontrar, como alvo supremo de suas aspirações, os laços sagrados do matrimônio com virtuosas filhas de nossa terra.

Na descendência de ambos surgiram pregadores do Evangelho que perpetuaram, em mais de duzentos anos de catequese, a mais bela doutrina que o mundo já conheceu.

Da pregação do primeiro sacerdote de Braz Pires nos dá notícia o texto deste volume. Outros historiadores um dia passarão à posteridade os ensinos que a Sabedoria Divina nos tenha enviado pelos lábios dos sucessores daquele até o Padre Rivelli.

I. G. B.

ÍNDICE

Notas, correções, emendas para futuras ediçõ

prio lar, onde se locomovia numa cadeira provida de rodas.

Viveu paralítico durante os últimos trinta anos de sua utilíssima existência. A paralisia não o tornava menos útil nem menos feliz: prestava relevantes serviços a quantos dêle necessitavam e vivia sempre alegre, numa roda de amigos muito dedicados que lhe frequentavam a casa, para os quais êle era orientador e conselheiro paternal, resolvendo inteligentemente todos os seus problemas, pelos quais tomava o máximo interêsse.

Não cursou escola superior; foi autodidata e adquiriu precioso conhecimento só no convívio constante com os livros. Possuia bem o português, o italiano, o francês e o Esperanto. Dêste último idioma foi cultor e propagandista entusiasta.

Viveu solteiro, em companhia de uma irmã mais velha que lhe sobreviveu, e duma sobrinha, cujo marido era seu associado na alfaitaria.

Faleceu em 16 de agôsto de 1934, deixando três livros inéditos: "A Felicidade", publicado em 1940, "Pérolas Ocultas", editado em 1943, e o presente volume, além de numerosos trabalhos em prosa e versos, publicados em jornais e revistas do Brasil e de Portugal, durante mais de trinta anos."

ISMAEL GOMES BRAGA